



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



JACINAILA LOURIANA FERREIRA

***QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA
SALA DE AULA***

Sinop/MT – 2021

JACINAILA LOURIANA FERREIRA

***QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA
SALA DE AULA***

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – Proletras – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientador: Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho

Sinop/MT – 2021

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

F383q Ferreira, Jacinaila Louriana.

Quarto de despejo: temáticas atemporais para sala de aula / Jacinaila Louriana Ferreira. – Sinop, 2021.

322 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Profissional) Proletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

Orientador: Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho.

I. Carolina Maria de Jesus. 2. Leitura. 3. Fotografia. 4. Letramento Literário. 5. Literatura. I. Sobrinho, G. R., Dr. II. Título. III. Título: temáticas atemporais para sala de aula.

CDU 82.0

JACINAILA LOURIANA FERREIRA

QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho
Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT – Sinop
(Presidente)

TITULARES:

Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani
Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT – Sinop

Profa. Dra. Érica Antunes Pereira
Universidade de São Paulo – USP – São Paulo

SUPLENTES:

Profa. Dra. Rosana Rodrigues da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT – Sinop

Profa. Dra. Julilana Primi Braga
Universidade de São Paulo – USP – São Paulo

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão é em primeiro lugar à força divina que me impulsionou até aqui, Deus!

Meus amados filhos, meus dois corações, Maria Fernanda e Fábio Henrique por toda ajuda e por aceitarem a minha ausência na hora da série preferida e até talvez, minha falta de atenção em tudo que costumava fazer. Esposo amado, Nivaldo Elias, pelo companheirismo, paciência, apoio e força desde a graduação.

Professora bióloga aposentada, exemplo de vida, de profissão, de DNA que gritou e nos colocou no mesmo caminho, comida gostosa, roupa lavada e cheirosa, obrigada por tudo mãe, Dejanira Louriana Ferreira.

Mãe-vó Palmira, querida, dedicada, contribuiu muito na minha criação e educação, sou grata a Deus por sua vida mãe, a melhor mãe da mãe, da filha e claro, dos meus filhos.

Minha vida é permeada de cuidados e, nessa equipe de mãe, tenho a terceira, minha sogrinha querida, Ana Petronilha Elias, se preocupa, cuida, abençoa e torce por mim em todos os momentos, obrigada.

Somos uma grande roda e agora Carolina nos motiva ainda mais na luta por nossos ideais e na defesa da palavra que alimenta nossos filhos. Tem uma pessoa que não está aqui, mas sonhou em ter uma filha “letrada”, meu pai-vô, o único que conheci, um baiano de Vitória da Conquista, filho de negros e italianos, Paulo Ângelo Ferreira, meu pai esse trabalho também é seu.

Agradeço aos meus irmãos, em especial, minha irmã Jucielly pelo companheirismo durante esse percurso, tios e tias por todo apoio e exemplo durante a minha jornada e criação, também estendo meus agradecimentos aos primos, primas, enfim, a toda a família *Louriano Ferreira*.

Minha amiga que esteve sempre por perto, Professora Clara, obrigada por me mostrar uma nova irmã.

Deixo aqui meu carinho à pesquisadora de Carolina, Profa. Dra. Raffaella Fernandez, por toda dedicação e contribuições durante a aplicação do projeto de intervenção. Meu agradecimento com muito carinho e gratidão aos estudiosos de Carolina, que abraçaram a causa e contribuíram muito, Vanessa Poteriko, Maicon Dias, Dayse Lins, Flávio, Helenice Faria.

Obrigada à artista Paty Wolff pelas contribuições na conferência e por nos presentear com a linda capa do livro, produto final do mestrado, uma obra de arte perfeita em homenagem a nossa amada Carolina Maria de Jesus.

Agradeço também à Maria Fernanda Ferreira, por se dispor e contribuir com os alunos em uma *live* sobre *marketing* digital. Meus agradecimentos ao fotógrafo Jefferson, por aproximar os alunos da fotografia, com dicas riquíssimas durante uma *live* com a turma.

Agradeço aos alunos-escritores, uma turma de nono ano, sem os quais esse projeto nunca seria possível.

Agradeço e dedico essa pesquisa à filha de Carolina Maria de Jesus, Vera Eunice de Jesus Lima, por me emocionar ao aceitar o convite para participar de um encontro, obrigada por nos proporcionar conhecer você e sua mãe, além das escritas. Gratidão por disponibilizar o livro *@alunosescritores: diário de uma turma nota 10*, no Instituto Moreira Salles, onde estão manuscritos da grande escritora, Carolina Maria de Jesus, motivo do nosso trabalho e da nossa pequena contribuição na luta por romper todas as formas de exclusão, por meio de uma ação que poderá desencadear outras.

Concluo com aqueles que fizeram tudo isso ser possível, meus colegas de curso, em especial, as minhas colegas que se tornaram amigas, Neiva Guarienti Pagno, Angela Maria de Jesus Sena e ao programa de mestrado PROFLETRAS.

Meus agradecimentos permeados por muita gratidão, carinho, respeito e admiração a todos os meus professores, em nome do meu orientador, que não mediu esforços para cumprir a missão da docência e tornar possível a realização desse trabalho, obrigada Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho, por toda ajuda proporcionada, pelas participações nas muitas conferências realizadas, por me ensinar a compreender melhor a tecnologia, por todo apoio e orientação durante o projeto.

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

O presente projeto foi desenvolvido com uma turma do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professora Zeni Vieira, localizada na cidade de Sinop/MT. A instituição funciona nos períodos diurnos e trabalha com alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, conta atualmente com um público de mais de mil estudantes, vindos de bairros e chácaras, distribuídos nos dois períodos. Objetivou-se trabalhar temas da literatura, considerando aspectos sociais e do cotidiano do alunado. Para isso, foi trabalhada a obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, como referência para a construção de sentidos na produção textual e valorização do contexto em que cada aluno se insere. Alguns dos referenciais teóricos usados no embasamento foram Thiollent (2011), Cosson (2016), Rojo (2009), Coscarelli (2012), Jesus (1994), Solé (1998), Fernandez (2018), entre outros. Considerou-se como essencial para a realização da pesquisa, o contexto atual em que se valoriza a imagem, propõe-se então, um trabalho com fotografias do dia a dia dos alunos, para mostrar aspectos dos textos não verbais na construção dos significados, a partir de temáticas atemporais presentes no livro, entre elas temos, preconceitos, desigualdade social, fome, miséria, denúncia social, relacionamentos, a importância da água, a visão da natureza, os sentimentos demonstrados, leitura e escrita, pobreza, custo de vida e religiosidade. Assim como o texto verbal, a imagem constitui-se em discurso. Mostra-se ainda o que prevê os documentos oficiais sobre o ensino da literatura afro-brasileira nas escolas. A pesquisa pauta-se nos documentos que preconizam habilidades e competências referentes ao ensino, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (BRASIL, 2017) e Documentos de Referência Curricular do estado de Mato Grosso (DRC/MT), (MATO GROSSO, 2018). Para referência teórica, além dos autores citados, tomou-se como base os pressupostos teóricos dos pesquisadores Tzvetan Todorov (2009), Cosson (2014), Candido (2011), Jouve (2012), Colomer (2007), Vieira (2009), entre outros. A escolha desta temática se deu pela necessidade de se trabalhar a leitura literária nas escolas de forma mais abrangente e centralizada. A abrangência se dá de forma concreta na produção do produto final desta pesquisa com a publicação de um livro de autoria dos alunos, de leitores a escritores e protagonistas de suas histórias e aprendizado. Pode-se compreender que o ensino da literatura deve ser centralizado como forma de transformação social e de apreensão das demais áreas de conhecimento, uma vez que, por meio do contato com a cultura acontece um despertar para os contextos presentes no cotidiano da comunidade escolar, considera-se como parte essencial da pesquisa despertar o hábito de ler e promover o letramento literário por meio da leitura e da interpretação aliada ao gênero diário em uma perspectiva verbal e imagética.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Leitura. Fotografia. Letramento literário.

ABSTRACT

This project was developed with a class from the ninth grade of Elementary School at the State School Professor Zeni Vieira, located in the city of Sinop/MT. The institution operates during the day and works with students from the sixth to the ninth year of elementary school, currently has an audience of over a thousand students, coming from neighborhoods and farms, distributed in both periods. The objective was to work on themes from the literature, considering social and daily aspects of the students. For this purpose, the work *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, by Carolina Maria de Jesus, was worked as a reference for the construction of meanings in textual production and appreciation of the context in which each student is inserted. Some of the theoretical references used in the foundation were Thiollent (2011), Cosson (2016), Rojo (2009), Coscarelli (2012), Jesus (1994), Solé (1998), Fernandez (2018), among others. The current context in which the image is valued was considered essential for the accomplishment of the research. Therefore, it is proposed to work with photographs of the students' daily lives, to show aspects of non-verbal texts in the construction of meanings, from timeless themes present in the book, among them we have prejudices, social inequality, hunger, misery, social denunciation, relationships, the importance of water, the view of nature, the feelings shown, reading and writing, poverty, cost of living and religiosity. Like the verbal text, the image is a discourse. It also shows what the official documents on the teaching of Afro-Brazilian literature in schools provide. The research is based on documents that recommend skills and competences related to teaching, Common National Base (BNCC), (BRASIL, 2017) and Curricular Reference Documents of the state of Mato Grosso (DRC / MT), (MATO GROSSO, 2018). For theoretical reference, in addition to the authors mentioned, the theoretical assumptions of the researchers Tzvetan Todorov (2009), Cosson (2014), Candido (2011), Jouve (2012), Colomer (2007), Vieira (2009) were based on among others. The choice of this theme was due to the need to work on literary reading in schools in a more comprehensive and centralized way. It can be understood that the teaching of literature should be centralized as a way of social transformation and apprehension of the other areas of knowledge, since, through contact with culture, an awakening to the contexts present in the daily life of the school community happens, it is considered as an essential part of the research to awaken the habit of reading and promote literary literacy through reading and interpretation combined with the daily genre in a verbal and imaginary perspective.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Reading. Photography. Literary literacy.

SUMÁRIO

| | | |
|---|--|----|
| 1 | UM EMBARQUE COM LEITURAS E REGISTROS: INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 | ESPECIFICAÇÕES DA PASSAGEM | 15 |
| | 2.1 Apontamentos gerais sobre a pesquisa | 15 |
| | 2.2 Outros olhares sobre o texto | 16 |
| | 2.3 Pressupostos e considerações acerca do diário de leitura | 18 |
| 3 | RÁPIDO DESEMBARQUE NA FAVELA DO CANINDÉ | 22 |
| | 3.1 A obra <i>Quarto de despejo: Diário de uma favelada</i> e uma breve biografia de Carolina Maria de Jesus | 22 |
| | 3.2 Breve percurso da fotografia | 27 |
| 4 | LEITURA: PARTE ESSENCIAL DO VOO | 30 |
| | 4.1 O que preveem os documentos oficiais sobre o ensino de literatura afro-brasileira nas escolas | 30 |
| | 4.2 A importância da leitura literária | 30 |
| | 4.3 Reflexões acerca da literatura afro-brasileira na educação | 33 |
| | 4.4 Preconizações da BNCC e DRC/MT sobre o ensino da literatura afro-brasileira nas escolas | 35 |
| 5 | PREPARAÇÃO DA BAGAGEM - OFICINAS <i>ON-LINE</i> DE LEITURA LITERÁRIA: AÇÕES DESENVOLVIDAS E RESULTADOS OBTIDOS .. | 39 |
| | 5.1 Apresentação da tripulação: A escola-campo e os alunos participantes do projeto | 39 |
| | 5.2 Breve apresentação – visão geral do trabalho | 40 |
| | 5.3 ANTES DA LEITURA – oficina <i>on-line</i> de leitura literária 01 | 46 |
| 6 | UM VOO NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO - DURANTE A LEITURA – DESCRIÇÃO DOS PERCURSOS | 48 |
| | 6.1 oficina <i>on-line</i> de leitura literária 02..... | 48 |
| | 6.2 “Jeferson responde a @alunosescritores” | 52 |
| | 6.3 “ <i>Marketing</i> digital e a página @alunosescritores” | 53 |
| | 6.4 “Carolina Maria de Jesus além do <i>Quarto de despejo</i> ” | 55 |
| | 6.4.1 Carolina uma artista múltipla | 61 |
| | 6.4.2 Carolina símbolo literário | 65 |
| | 6.5 “A intelectualidade de Carolina de Jesus” | 68 |
| | 6.5.1 Carolina é uma intelectual ontem, hoje e amanhã | 70 |

| | | |
|-------|--|-----|
| 6.5.2 | Carolinemos: um convite à reflexão e luta | 74 |
| 6.5.3 | Uma conclusão que requer continuidade | 79 |
| 6.6 | “Carolina Maria de Jesus: 60 anos de <i>Quarto de despejo</i> ” | 81 |
| 6.6.1 | A nova vida de Carolina Maria de Jesus | 85 |
| 6.6.2 | Nascem novas ideias: exemplo de Carolina em ações | 90 |
| 6.7 | “O que podemos falar de Carolina?” | 91 |
| 6.8 | “Carolina Maria de Jesus: Fome de Arte?” | 93 |
| 6.8.1 | Por que Carolina não me foi apresentada antes? | 96 |
| 6.8.2 | A completude do leitor | 98 |
| 6.8.3 | Um presente eternizado em um livro | 102 |
| 6.9 | “ <i>Quarto de despejo</i> : temáticas atemporais para sala de aula” | 104 |
| 6.9.1 | Retomada das temáticas de <i>Quarto de despejo</i> na atualidade | 107 |
| 7 | UM BRINDE A NOSSA DECOLAGEM: ENCONTROS E REFLEXÕES ACERCA DA LEITURA | 113 |
| 7.1 | Depois da leitura..... | 113 |
| 7.2 | “Vera Eunice de Jesus: conversa com alunos escritores” | 114 |
| 7.2.1 | A chegada de Carolina a São Paulo | 119 |
| 7.2.2 | Percurso de mudança da favela do Canindé | 124 |
| 7.2.3 | Os escritos de Carolina: memórias guardadas | 128 |
| 7.2.4 | A interação e emoção dos alunos escritores | 134 |
| 7.3 | “Novos hábitos: leitura entre jovens aumenta durante a pandemia | 137 |
| 8 | RETRATOS DE UM VOO BE-SUCEDIDO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS DE <i>QUARTO DE DESPEJO</i> E AS PRODUÇÕES | 141 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS – NOVOS VOOS, NOVAS DECOLAGENS: PESQUISADORA E ALUNOS | 159 |
| | REFERÊNCIAS | 163 |
| | ANEXOS | 166 |

1 UM EMBARQUE COM LEITURAS E REGISTROS: INTRODUÇÃO

Marias e Carolinas ¹

Sangue quente,
destino marcado,
transcrever-se no papel
É o seu legado...
amarelada de fome,
mulheres destemidas
têm nome!

Seu ofício a instruiu...
ganhando pão,
ganhou a vida!

Imaginava riquezas,
um retalho azul celeste,
salpicado de estrelas...
vestia-a com beleza!

Mas, superou a pobreza,
criou seus filhos,
se alimentou de papel,
nele transpôs seu
desejo...

Escreveu a realidade,
rompeu com o
preconceito
tornou-se grande
escritora
em um quarto de
despejo...

A presente pesquisa resultou a partir do desenvolvimento de um projeto com o Ensino Fundamental da Escola Estadual Professora Zeni Vieira, localizada na cidade de Sinop/MT. A instituição funciona nos períodos diurnos e trabalha com alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, conta atualmente com um público de mais de mil estudantes, vindos de bairros e chácaras, distribuídos nos dois períodos. Antes do início deste trabalho, o projeto foi avaliado e por atender todos os requisitos, aprovado pelo comitê de ética em pesquisa, no dia 16 de maio de 2020.

A pesquisa foi direcionada por meio da leitura que objetiva uma junção entre a leitura, o registro de imagens – fotografias – e a tradução dos momentos mediados pela escrita contínua e persistente, o que se desencadeou no aprendizado constante,

¹ Jacinaila Ferreira. “Nuances”, 2020, p. 15. Poesia baseada na obra, *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

bem como valorizou os aspectos autorais de cada indivíduo. O objetivo geral é despertar o hábito de ler, promover o letramento literário por meio da leitura e interpretação da obra: *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, com o gênero diário em uma perspectiva textual-verbal e aliado à imagem fotográfica.

O trabalho divide-se em oito capítulos. Após a parte introdutória da pesquisa, apresentamos alguns apontamentos gerais, a partir dos pressupostos teóricos de Thiollent (2011). Mostramos ainda, neste capítulo, pressupostos teóricos de Cosson (2016) e Solé (1998). Trata-se ainda sobre a importância do texto literário à luz teórica de Rojo (2009).

O segundo capítulo, intitulado “Especificações da Passagem”, para referência teórica, tomou-se também como base os pressupostos de pesquisadores Tzvetan Todorov (2009), Candido (2011), Jouve (2012), Colomer (2007) e Vieira (2009). A escolha desta temática se deu pela necessidade de se trabalhar a leitura literária nas escolas de forma mais abrangente e centralizada.

No terceiro capítulo, “Rápido Desembarque na Favela do Canindé”, mostra-se uma breve biografia da autora Carolina Maria de Jesus e uma rápida análise acerca de sua obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. A partir de trechos da obra da própria autora, Jesus (2014), amparados ainda pela leitura e pesquisa dos pressupostos apresentados por Meihy & Levine (1994), na obra *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, bem como pauta-se nos estudos apresentados por Fernandez (2018). No subitem que segue, discorre-se sobre a importância da fotografia, visto que, também, está inserida neste trabalho, como parte do registro diário, retratado na obra pesquisada.

O gênero diário traz consigo particularidades essenciais, uma vez que se trata da escrita e consiste em um texto pessoal carregado de subjetividade, relata opiniões, desejos, acontecimentos, fatos e tudo que envolve uma vida em particular. Esses fatos do cotidiano podem se transformar em aliados para o ensino e a aprendizagem, ao considerar que o aluno está completamente imerso no mundo descrito, e por ser algo que lhe pertence, demonstrará maior envolvimento, e, conseqüentemente, aprendido. Apresentamos um subitem com pressupostos e considerações acerca do diário de leitura, os referenciais para este são sob as pressuposições teóricas de Machado (1998), acerca do diário de leitura.

O quarto capítulo, “Leitura: Parte Essencial do Voo”, compõe-se das preconizações dos documentos oficiais sobre a literatura afro-brasileira. Pode-se compreender que o ensino da literatura deve ser centralizado como forma de transformação social e de apreensão das demais áreas de conhecimento, uma vez que, por meio do contato com a cultura, acontece um despertar para os contextos presentes no cotidiano da comunidade escolar.

No primeiro subitem do sexto capítulo, “Apresentação da tripulação”, fazemos um breve panorama da escola e alunos envolvidos no desenvolvimento desta pesquisa. O corpus analítico do trabalho tem suas especificações metodológicas do sexto ao oitavo capítulo, no qual propõe-se oficinas literárias on-line com a participação de pesquisadores de Carolina Maria de Jesus, e divide-se de acordo com os pressupostos de Solé (1998) com as estratégias de leitura: antes, durante e depois da leitura, não se trata de um modelo rígido, mas de passos direcionadores dessa pesquisa e a proposta a ser executada em sala de aula a partir da leitura da obra aqui já referenciada, porém com diferenciações diante de um modelo idealizado pelos propositores do trabalho como consequência do momento de pandemia, apresenta-se neste capítulo o trabalho desenvolvido antes da leitura.

Na sequência apresenta-se às “considerações finais: pesquisadora e alunos”, formada pelas conclusões da pesquisadora e imagens das conclusões de alunos participantes do projeto. Nos anexos, seguem alguns modelos de produções realizadas no âmbito da pesquisa, bem como do produto final, o livro: Diário de uma turma nota 10: @alunosescritores.

A leitura do livro, as conferências *on-line*, experiências apreendidas, entes queridos doentes e outros que partiram em meio à luta, proporcionaram momentos de reflexões e valorização de aspectos sociais e pessoais, considerando que, Carolina Maria de Jesus relata sua história de vida, os pormenores de uma luta diária na favela, com filhos para criar e vítima de preconceitos da sociedade em que se insere, mas supera e deixa não só a obra *Quarto de despejo*, mas é uma escrita múltipla acompanhada por um exemplo de vida que nos inspirou.

2 ESPECIFICAÇÕES DA PASSAGEM

2.1 Apontamentos gerais sobre a pesquisa

O trabalho com a literatura em sala de aula requer um rompimento com alguns estereótipos, como o de que a língua materna consiste apenas no ensino das regras que regem a escrita, ignorando, na maioria das vezes, o contexto de valorização da leitura no processo de aprendizagem e interiorização das próprias regras. A necessidade de formar leitores reflexivos é emergencial, no entanto, requer uma postura crítica do professor como mediador em um processo que deve ser, acima de tudo, inclusivo. Aliás, a inclusão é tema de debate nas reuniões pedagógicas desde muito tempo.

É preciso se despir das teorias que não se embasam na prática, de nada adianta falar em protagonismo quando se ignora a vida da comunidade e do aluno. É na valorização do social e na atemporalidade literária que nosso trabalho se embasa, pois ele tem raízes nos problemas com os quais nos deparamos todos os dias, e que requer reflexão, caminhos alternativos, pautados em ‘textos’ reais, emaranhados de vida e expectativas em uma escola que ensina e forma para vivências em sociedade.

A fotografia será trabalhada como um texto não verbal, capaz de retratar o dia a dia, já que ela é o retrato da realidade. Observamos, então, na contemporaneidade, que a comunicação entre os jovens se dá principalmente por meio de fotos, *selfies*, comidas, bebidas, passeios, viagens, entre outros retratos reais, fidedignos ao que ele vive ou ao que mais almeja.

Quando se chega a um lugar que é uma “reprodução” próxima ao “lar”, automaticamente a pessoa se identifica, sente-se incluída e parte deste ambiente. O presente trabalho pretende despertar, por meio da prática de leitura, o interesse do aluno e como consequência positiva, sua vontade de aprender. Portanto, o que acontece é simples, se algo lhe pertence, rapidamente se apropria e se sente em casa. Uma relação de harmonia entre o sujeito e sua língua materna, que como tal deve acolher sem preconceitos, mas com valorização.

2.2 Outros olhares sobre o texto

Nosso trabalho trilha pelas orientações da pesquisa-ação. Thiollent (2011, p. 13-14) considera que a:

Pesquisa-ação, enquanto linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva [...] é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação. [...] porque a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro.

A presente pesquisa enquadra-se como qualitativa. Thiollent (2011, p. 43) esclarece que “as hipóteses ou diretrizes qualitativas orientam, em particular, a busca de informação pertinente e as argumentações necessárias para aumentar (ou diminuir) o grau de certeza que podemos atribuir a elas”. Observamos que, a partir de uma problemática inicial, chega-se a resultados que esclarecem a visão anterior sobre algo, ou seja, “a hipótese qualitativa permite orientar o esforço de quem estiver pesquisando na direção de eventuais elementos de prova que, mesmo quando não for definitiva, pelo menos permitirá desenvolver a pesquisa” (THIOLLENT, 2011, p. 43).

São diversas as possibilidades, ao trabalhar o diário a partir de uma obra que objetiva a leitura interpretativa e a escrita como registro diário, por essa razão usaremos também, na presente pesquisa, os pressupostos teóricos de Roxane Rojo com as teorias dos multiletramentos e a multimodalidade, para abordar a importância no ensino e aprendizagem em sala de aula. Para Rojo (2009, p. 115),

Cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.

Vale ressaltar que a escolha do gênero diário vai ao encontro do que a autora assevera sobre essa potencialização do diálogo com formas textuais diferenciadas. Neste caso, a imagem fotografada, valorizando o texto em suas diversas variedades e representações contextuais. Acerca dos registros não verbais, Coscarelli (2012, p. 149) aponta que:

Com esses novos textos escritos, é preciso repensar o sentido da palavra 'texto', não como um novo conceito, mas como uma ampliação desse conceito para outras instâncias comunicativas, trazendo para ela uma concepção um pouco diferente daquela que tínhamos em mente e nas teorias da Linguística. É preciso entrar na semiótica e aceitar a música, o movimento e a imagem como parte dele.

Além do trabalho com o gênero textual diário, é importante ressaltar a importância da imagem como texto, que como tal, produz sentidos, e, conseqüentemente, conta histórias. Historicamente, quando surgiram os jornais e revistas houve uma grande revolução, desencadeando na expansão da memória individual e coletiva nos suportes visuais comunicativos. No início, a maioria das pessoas acreditava que a fotografia era apenas "ilustrativa", porém foi ao longo do tempo considerada como representações de vários níveis, como, por exemplo, retratar um período histórico ou uma fase da vida de alguém, conforme podemos constatar no que asseguram Pinto e Turazzi (2012, p. 109):

O indivíduo que não domina os processos de leitura e escrita de sua própria língua é considerado analfabeto, sendo essa uma das formas de exclusão social mais antigas e perversas. No entanto, costumamos esquecer que, a exemplo da linguagem textual, a comunicação figurada também exige do indivíduo o domínio de determinadas competências, necessárias à expressão e à leitura dos códigos visuais que integram tanto o mundo à nossa volta, como também aquele mais distante, que nos chega pelos jornais, pela tevê ou pela internet.

A linguagem não verbal é tão capaz de levar ao letramento quanto a verbalizada. Na atualidade, vivemos em um mundo em que a comunicação em redes sociais se dá mais por textos imagéticos. Usaremos, então, para contextualização desta pesquisa o termo multimodalidade. É Rojo (2017, p. 1) quem esclarece que "já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam".

Ou seja, o aluno vivencia uma realidade diferenciada e semiótica, exigindo novos padrões de leitura e ensino, que considerem o que para ele já produz sentido muito antes de ser levado para sala de aula, pois faz parte de sua luta diária. Machado (1998, p. 48) elenca alguns benefícios na utilização do diário como prática pedagógica:

A possibilidade de detecção das dificuldades individuais de cada aluno, que poderia ser ajudado de forma mais consistente.
A promoção de aprendizado autônomo, o que encorajaria os alunos a assumir responsabilidade diante de seu próprio aprendizado e a desenvolver suas próprias ideias [...].
O aumento da confiança dos alunos em sua habilidade para aprender [...].

Por meio deste trabalho, considera-se trabalhar de uma forma que valorize o novo contexto educacional exigido pela realidade. Cosson (2016, p. 278) esclarece que, “nossa capacidade de aprender vai além de qualquer estratégia ou método didático. A maior prova disso é que o propositor de uma nova metodologia aprendeu certamente dentro dos limites da metodologia anterior que ele critica”. Fazer um trabalho é, portanto, atribuir novos (re)significados às formas que também se atualizam, porém com a mesma eficácia, mas de maneira a valorizar as inferências que tratam determinado momento como singular e carregado de novos sentidos e interpretações.

2.3 Pressupostos e considerações acerca do diário de leitura

Historicamente o diário de leitura surge no século XIX devido às mudanças que ocorreram nesse período, esse fortalecimento diarista ocorre então, diante da necessidade de afirmação de princípios como a liberdade e a igualdade, ou seja, surge como uma tentativa de resolução de problemas. Machado (1998, p. 43), enfatiza que,

[...] foram se desenvolvendo duas posições educacionais antagônicas: uma que estimulava essa prática, e outra que a condenava e que apontava riscos em sua utilização. A primeira era característica do ensino laico, fornecido em casa, pela mãe ou pela instrutora, que recomendavam a escrita diário todos os dias, ou diretamente, ou através da sugestão da leitura de romances-diários, que se constituíam em modelos de conduta e de escrita. De outro lado, aparecia uma posição contraditória da igreja, ao mesmo tempo que aconselhava o exame de consciência, apontava para o perigo de os jovens caírem no narcisismo e na complacência de si.

Compreende-se desta forma, que a religião com forte influência nas decisões de todos os setores, não aprovava o ato da escrita do diário por acreditar que este poderia despertar um egocentrismo profundo, ao manter um olhar voltado apenas para si. Com o passar do tempo as coisas, aos poucos, foram se transformando, e

percebeu-se a importância desta ferramenta para o registro da leitura. Bem como, para a compreensão e reescrita, Machado (1998, p. 45), esclarece da seguinte forma,

Entretanto, a rejeição à utilização do diário para fins didáticos começa a ser questionada. Começamos a observar a emergência de uma nova posição em relação a ela. Esse novo impulso, observado sobretudo no Estados Unidos e, de certa forma, emergente na França e no Brasil, é facilmente constatável no número crescente de livros e de artigos de pesquisadores em educação em geral, e de didática de leitura e escrita em particular, nesses livros e artigos são apontados resultados positivos de experiências levadas a cabo, fazendo-se recomendação explícita da utilização desse gênero ou de semelhantes e refletindo, em geral, uma preocupação maior com a questão dos processos de produção e de leitura do que com o produto acabado.

A rejeição é enfraquecida, pois estudiosos e leitores passam a questionar e a utilizar em suas pesquisas, artigos, livros, e até a relatar as experiências bem-sucedidas com o uso do diário de leitura. Dessa forma, observa-se pelo percurso temporal uma mudança significativa. Para Machado (1998, p. 22), “é notório que assistimos uma difusão cada vez mais intensa do intimismo, da exposição do privado, em diferentes gêneros, em diferentes linguagens, através de diferentes meios de comunicação”.

Compreende-se que, na atualidade o diário tornou-se público, é comum as pessoas partilharem conhecimentos e até detalhes da vida pessoal em meios de comunicação como as redes sociais, é uma realidade cada vez mais presente e esta evidência é um dos pressupostos que nossa proposta de pesquisa e aplicação se embasou, considerando que o diário de leitura consiste em uma escrita realizada durante a leitura de um livro, visto que se trata de um diálogo entre a obra e o leitor, suas impressões e novas produções a partir dos conhecimentos proporcionados pela obra, ademais a interpretação proporciona um novo espaço, o de liberdade, e conforme afirma Machado (1998, p. 24), “começa-se, assim, a vislumbrar aqui o sentido de “liberdade”, geralmente atribuído a produção diarista”.

Essa escrita é como uma conversa com o próprio eu, transmutado em palavras, Barthes (1979, *apud* Machado, 1998, p. 24), afirma que “[...] o diário não chega a ser um texto, mas sim uma espécie de fala escrita”. É uma escrita de si, para si mesmo, já que é um momento em que não se exige cânones institucionais, mas que permite dar vazão a perspectivas de vida e visão de mundo. Lejeune (1993, *apud* Machado, 1998, p. 25), faz a seguinte definição: “O diário está no lugar da carta, e a carta no

lugar da conversação. Aos outros, falamos; quando eles não estão mais lá, escrevemos a eles: quando não se tem mais a quem escrever, escreve-se a si mesmo, e isso é diário”.

A prática diarista é considerada uma forma de tranquilizar-se, conforme descreve Canetti (1995, *apud* Machado, p. 55),

Porque o homem que conhece a intensidade de suas impressões, que sente cada detalhe de cada dia como se ele fosse seu único dia, (...) esse homem poderia explodir ou mesmo partir-se em pedaços se não se tranquilizasse num diário.

É a intensidade de impressões a partir da leitura de uma obra que constitui o diário de leitura um instrumento de fala escrita, que oferece a possibilidade de partilhar algo subjetivo, porém com objetividades diversas, como o de colocar para fora de si, sentimentos e impressões. Sobre isso Barthes (1984, *apud* Machado, 1998, p. 35) reitera que,

Uma pura leitura que não convoque uma outra escritura é, para mim, qualquer coisa de incompreensível [...] tudo, em nossa sociedade de consumo, e não de produção, sociedade do ler, do ver e do ouvir, e não sociedade do escrever, do olhar e do escutar, tudo é feito para bloquear a resposta (...). É um problema de civilização; mas, para mim, minha convicção profunda e constante é que não será jamais possível liberar a leitura se, num mesmo movimento, não liberarmos a escritura.

Compreende-se, portanto, que a leitura deve vir acompanhada do registro e esse registro se dá por meio do que se denomina diário de leitura. Pode-se depreender que, a leitura e escrita aliadas produzem um efeito de interiorização do saber, bem como oportuniza uma continuidade leitora, visto que se faz então novos livros. Machado (1998, p. 38) traz o pressuposto de que, [...] “o diário, teria a vantagem de deixar transparecer os caminhos da pesquisa, as dúvidas e os problemas do pesquisador, as relações sociais que estabelece com os participantes da pesquisa, enfim, todo o trabalho de criação”.

São dúvidas que podem ser revisitadas e até repensadas, pois no decorrer da leitura é possível buscar soluções para possíveis problemas como de interpretação e assimilação da leitura, ou ainda pode-se registrar o seu percurso de vida de acordo com as temáticas do que lê, que é o caso apresentado na presente pesquisa por meio de um diário fotográfico de momentos em comum com algumas temáticas,

apresentadas no desenvolvimento do trabalho com a obra, *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

3 RÁPIDO DESEMBARQUE NA FAVELA DO CANINDÉ

3.1 A obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* e uma breve biografia de Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira, autora da obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Nasceu em Sacramento, Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Veio de uma família de escravizados, era negra e só conseguiu frequentar a escola por dois anos. Mesmo frequentando a escola por muito pouco tempo, por um ano e meio, e em meio a tantos desafios que vivenciou, sentia-se atraída pela leitura e escrita.

Mudou-se com a família para São Paulo onde trabalhou como lavradora e empregada doméstica. Em 1948, ela se mudou para a favela do Canindé, teve três filhos João José, José Carlos e Vera Eunice.

A situação de Carolina não era fácil. Para criar os filhos e sobreviver, tornou-se catadora de papel. Porém, tudo que recolhia, ela lia e guardava livros e revistas. Carolina resolveu, então, escrever seu dia a dia em cadernos que encontrava no lixo.

Somente em 1958 a escritora suas expectativas mudaram, ao conhecer o repórter Audálio Dantas, durante uma reportagem na favela do Canindé onde morava. Conforme registram os autores Levine e Meihy (2005, p. 19), na obra *Cinderela negra*,

Em 1958, fragmentos de seu diário chamaram a atenção de um jovem jornalista, Audálio Dantas, que a ajudou a publicá-lo. Colocado comercialmente no mercado, em um curto e fulgurante espaço de tempo ela se tornou uma celebridade internacional, ocupando lugar de realce na história editorial brasileira, latino-americana e até mundial. Sem dúvida, um fenômeno. Seu sucesso editorial era o reverso da rotina que até então enfarava-se em biografias de figuras notáveis, de heróis fantásticos e mágicos viajantes alienados de uma realidade brotada da guerra fria e da aflição pelo progresso.

O jornalista, de acordo com as imagens abaixo, ao passar pelas casas, encontrou-se casualmente com Carolina e ela lhe mostrou seus escritos, deixando-o surpreso e admirado com sua história.

Desde então foram publicadas várias partes do diário, sua autobiografia, uma história que encantou o público. Em 1960, Audálio Dantas edita e publica a obra intitulada: *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*.

Imagem 1 - Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas na favela do Canindé.



Fonte: Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. Legenda da foto na obra: “Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas na favela do Canindé. São Paulo, 1961. Da coleção de Audálio Dantas”.

O sucesso foi tanto que na noite de autógrafos foram vendidos 600 exemplares da obra, iniciaram-se as viagens pelo Brasil e exterior com muitas traduções da obra, evidenciado nos registros das figuras abaixo. O retrato de um povo que estava às margens da sociedade era notável em seus registros, segundo podemos constatar no trecho citado na epígrafe desta pesquisa:

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade (JESUS, 1994, p. 29).

A autora realmente retrata o cotidiano que vive, na obra, Carolina Maria de Jesus conta de forma subjetiva sua vida no dia a dia da favela onde vive com os três filhos. Ela descreve cada momento vivido como catadora de recicláveis, retrata as dificuldades que enfrenta para criar os filhos e critica com veemência o custo de vida. Apesar das lutas, o sucesso foi grande, ela era noticiada, uma vez que em meio ao preconceito conseguiu vencer, não só pela determinação, mas pelo poder humanizador de sua palavra, a literatura. Fernandez (2018, p. 351) enfatiza que, “o processo de criação inventado por Carolina de Jesus nos ensina que o vazio, o vazio e, assim, o caos, podem estar repletos de potência de vir-a-ser”. Carolina transforma

suas vivências em conhecimento e rompe todos os estereótipos na luta contra o preconceito e a desigualdade.

Em um dos 20 diários que compõem o livro, ela conta que no aniversário da filha queria lhe dar um par de sapatos, mas como não tinha condições, pegou um do lixo, lavou-o e o levou para a menina calçar. Apesar de tudo, ela ensina com seu exemplo a importância da dignidade humana. Relata ainda a implicância da sociedade e dos vizinhos com seus filhos, principalmente, por ela ser mãe solteira, e seus escritos deixam evidentes as dificuldades que enfrenta para ganhar seu dinheiro, e que mesmo trabalhando muito não consegue comprar tudo que os filhos precisam. Mas, Carolina nunca perde a fé.

Imagem 2 – Carolina de Jesus e a filha na favela do Canindé



Fonte: Imagem disponível na página: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,carolina-maria-de-jesus-a-escritora-da-favela,12001,0.htm>. Acesso em 06/01/2021.

Em alguns trechos dos diários, fala da fome e até diz que ela tem cor, a “amarela”, segundo a autora, nada é colorido, quando se está com a barriga vazia. A linguagem é simples, foge um pouco da norma considerada “padrão”, faz parte da variação diastrática, que são os modos de falar de diferentes classes sociais, e também devido ao pouco tempo que ela conseguiu frequentar a escola. A obra está muito além de uma análise ortográfica ou sintática, uma vez que é um retrato de uma sociedade, por vezes preconceituosa, e de uma mulher, que, apesar do sofrimento, nunca desistiu de lutar e se tornou uma grande escritora.

Imagem 3 – Registros fotográficos da obra *Cinderela negra*.



Fonte: a) Da esquerda para a direita: Carolina, Audálio Dantas e Ruth de Souza na favela do Canindé, São Paulo, 1961. Foto da coleção da atriz Ruth de Souza”. Fonte: *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine.

b) “Carolina Maria de Jesus faz dedicatória para Pedro Bloch, diretor da revista Manchete. Foto do acervo APMCHCAB (Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Bruonswik), em Sacramento”. Fonte: *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine.

Com a publicação de sua obra, a vida foi transformada, conforme mostram as imagens acima. Carolina deixa a favela e compra uma casa no Alto de Santana, bairro nobre da cidade. Recebe homenagens da Academia Brasileira de Letras e logo aparecem as próximas publicações, *Casa de alvenaria: Diário de uma ex-favelada* (1961), *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1965).

Imagem 4 – Registros fotográficos da obra *Cinderela negra*.



Fonte: *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine.

Apesar do sucesso que fez, as coisas retrocedem financeiramente e, em 1969, ela se muda com os filhos para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo. Esquecida pelas editoras, volta a catar papel, falecendo aos 63 anos, em 13 de fevereiro de 1977.

Os autores abaixo, enfatizam a revolução de uma mulher guerreira, a escritora que nunca desistiu de lutar por tudo que acreditava,

Carolina foi, pode-se dizer, uma guerreira valente contra as tropas da herança racista, anti-interiorana, preconceituosa em relação às mulheres e, sobretudo uma pessoa afrontadora da marginalidade e da negligência política. Rebelava-se sozinha e por isso jamais chegou a ser revolucionária ou heroína permanente. Sequer foi musa de causas coletivas. Houve um momento em que, ainda que de maneiras contraditórias e estranhas, ela cabia em todas as frentes e, ao mesmo tempo, não servia por longo período a nenhuma. Por isso é provável que tenha sido deixada por todos (MEIHY; LEVINE, 2015, p. 21).

Em síntese, uma mulher, que rompe com todos os estereótipos sobre a sua condição social, tornando-se escritora e se utilizando da metalinguagem, pois ela retrata em sua obra, a literatura como seu porto seguro, sua esperança para mudar de vida e como um instrumento de denúncias das mazelas sociais que assolavam sua vida e sociedade em que se insere.

Imagem 5 – Registros fotográficos da obra *Cinderela negra*.



Fonte: No jornal Última Hora, no dia 23 de fevereiro de 1963, foi publicada a seguinte nota junto a essa foto: “A escritora favela Maria Carolina de Jesus confeccionou esta original fantasia de galinha carijó, para sair no Carnaval, em São Paulo, com toda animação. O traje foi idealizado e confeccionado por ela mesma, constando de um manto coberto de penas autênticas de galinha carijó, bem como de um chapéu também coberto de penas brancas e pretas.” Legenda e fotografia disponíveis em: <https://carolinaemhq.tumblr.com/post/138924214270/no-jornal-última-hora-no-dia-23-de-fevereiro-de-acesso-em-06-de-janeiro-de-2021>.

É uma obra singular, já que sua autora relata a visão que tem de dentro da favela do Canindé. Ela inicia e finaliza a obra falando das dificuldades de sua vida cotidiana, um final com sensação de recomeço, faleceu quase nas mesmas condições iniciais, porém com essa riqueza literária e temáticas atemporais, um presente e prova

do poder da palavra. Vera Eunice de Jesus Lima, filha de Carolina e responsável pelo acervo, argumenta que:

O livro 'Quarto de Despejo' está completando 60 anos, mas o problema no Brasil continua o mesmo, por isso é um livro e será atual por muito tempo. O que eu tenho visto de mudança quanto ao 'Quarto de Despejo' na literatura negra hoje é que o negro hoje é engajado, o negro é politizado, o negro é culto, o negro sabe o que quer, o negro quer atingir seus sonhos. (...) Eu tenho percebido que o negro se espelha muito na Carolina, pelo que ela passou, pela história que ela tinha, porque muitos negros tem a história da Carolina. Eu vejo várias mulheres que são mães solteiras, empregadas domésticas, com pouco estudo ou com muito estudo; eu vejo adolescentes negras querendo alcançar o sonho igual a Carolina Maria de Jesus alcançou. (BEZERRA, Lucila. Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2020/10/27/o-quarto-de-despejo-esta-ai-vivo-afirma-filha-de-carolina-maria-de-jesus> acesso em 06 de janeiro de 2020).

A produção literária de Carolina Maria de Jesus é uma riqueza imensa que ainda engrandece e nos liberta diante de tanta determinação, força e resistência. Para Fernandez (2018, p. 285),

Em certa medida, muitas vezes, os novos leitores não deixam de recriar e reinventar uma Carolina de Jesus como antes o fizeram, como necessidade de enquadrá-la em seus ideais, mas ao menos renovam-se as possibilidades de mirá-la para além de sua faceta testemunhal.

A luta que se espelha no exemplo da autora, grande escritora, cujos ideais se concretizam por meio da escrita, se perpetuam em um legado contínuo, pois Carolina nos mostra que é possível superar e principalmente não se calar diante de injustiças.

3.2. Breve percurso da fotografia

É possível observar uma época em que com o avanço de redes sociais, como *Facebook* e *Instagram*, as pessoas se comunicam mais por imagens do que verbalmente, a imagem se encarrega de transmitir uma mensagem exata e carregada de significados sobre como e onde estamos no momento. Vivemos cercados por fotos e momentos na maioria das vezes registrados pelo uso do celular, porém, ao contrário do que muitos pensam, não é recente a criação fotográfica.

Historicamente, começou quando Aristóteles, filósofo grego, observava uma sombra do reflexo do sol na terra, muito importante para o início de tudo, porém, a observação só foi resgatada no século XIV, quando pintores como Leonardo Da Vinci começaram a usar a técnica que chamaram de câmara escura. Já a primeira criação fotográfica é atribuída ao francês Joseph Niépce, no ano de 1826. Depois de muito tempo, Louis Jacques M. N. P. Daguerre cria o daguerreótipo, um tipo de câmara escura, o material era extremamente caro e não estava acessível para todos.

Foi um grande percurso que se iniciou de uma observação, foi para a pintura, até chegar à atualidade com aparelhos modernos, e a cada época, melhorados pelo avanço tecnológico. Hoje com um simples clique se tem uma foto, um registro, uma memória, um texto entrelaçado por intertextos, pretextos e contextos, e que pode ser analisado em suas várias facetas e possibilidades de interpretação. Um exemplo é o autorretrato que antes era uma pintura, agora com apenas um levantar da mão se tem uma moderníssima *selfie*.

Fotografar exige técnicas avançadas no âmbito profissional, porém diante das possibilidades contemporâneas, todos podem fazê-la de forma rápida, prática e eficaz. Portanto, a narrativa por meio de uma sequência de imagens é tão possível quanto à verbalizada, visto que se constitui em um conjunto de contextos semióticos a serem analisados.

Pinto e Turazzi (2012, p. 102) especificam que, “como o resultado de um processo cognitivo no tempo e no espaço, a visualidade de uma fotografia só se evidencia, a exemplo de outras manifestações criativas, na interação oferecida por essa troca de olhares”. Ou seja, além de técnica exige uma complementação criativa, um olhar além do que se vê, o olhar interpretativo e textual.

A leitura e a pesquisa sobre a obra de uma mulher que passou por todas as circunstâncias de empoderamento, na luta por seus ideais mesmo em meio aos desafios constantes e desumanos que vive, foram uma construção válida e enriquecedora.

Traçar metas e objetivos para trabalhar a obra da autora em sala de aula nos ofereceu diversas possibilidades, pois o alunado tem realidades semelhantes e os que não vivenciam, presenciam diariamente em seu convívio social. Portanto, sensibilizar e valorizar o contexto cotidiano do estudante é também dar voz a eles, é realmente dar-lhes o direito ao protagonismo.

Ouvir por meio do relato em diário de leitura *on-line* ilustrado com fotos de seu cotidiano mostra uma grande dose de contemporaneidade, visto que resgata o que ele vive nas redes sociais e traz essa cultura para dentro da escola. Rojo, (2013, p. 136), explica que,

Em primeiro momento, devemos pensar o conceito de multiletramentos a partir de alguns estudos recentes, bem como de suas transformações/incorporações frente às necessidades contemporâneas de ensino-aprendizagem, visando contemplar práticas que possam extrapolar o contexto escolar, ou seja, que considerem o âmbito do trabalho (diversidade produtiva), o âmbito da cidadania (pluralismo cívico) e o âmbito da vida social, levando em conta, neste último caso, as identidades multifacetadas presentes em contexto escolar.

O maior aprendizado construído aqui é a dignificação do homem. O presente trabalho nos prova as diversas possibilidades de trabalhar a literatura sem precisar fugir do contexto atual. Ainda nos favorece a leitura e a produção simultâneas e significativas. Vieira (2009, p. 105) enfatiza que:

A escola possui um papel importante na transformação da sociedade. Para que isso se torne realidade, é preciso pensar numa escola democrática, que trate os diferentes com diferença e que enfrente o desafio de implementar políticas públicas voltadas para a realização de práticas pedagógicas que superem as desigualdades sociais.

Concluimos esta etapa do trabalho com a certeza de que é, sim, papel da escola transformar e disseminar a igualdade. Por meio da literatura, é possível um trabalho que humanize, priorize os conhecimentos e prepare para a vida, isso só será possível com a aplicação de metodologias, políticas públicas e práticas voltadas à realidade tal como se apresenta na vida dos alunos e sociedade em geral.

4 LEITURA: PARTE ESSENCIAL DO VOO

4.1 O que preveem os documentos oficiais sobre o ensino de literatura afro-brasileira nas escolas

A importância da leitura literária durante as aulas tem sido assunto de muitos debates na área educacional, por isso destacamos o que afirma Cândido (2011, p. 177) “[...] A literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”. É uma arte impregnada na fala e na escrita, deve então, fazer e ser parte do todo, pois ela se constitui um elo importantíssimo na relação ensino-aprendizagem.

Evidencia-se aqui, a necessidade do estudo do texto literário em sala de aula, sabemos que, “a literatura deixou de designar [...] um “ter”, para designar uma prática e, para além disso, o conjunto das obras dela resultantes (JOUVE, 2012, p. 30). É nessa prática e nos frutos dela advindos que nosso trabalho se pautou. Enfatizou-se, nessa pesquisa, a importância da literatura, bem como as preconizações presentes em documentos oficiais.

Ressaltamos a relevância da referência em observância aos documentos que regem a educação. Para isso, destacamos neste capítulo, os postulados da Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017) e o Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso (DRC/MT/2018), no que diz respeito à leitura e ao ensino da literatura afro-brasileira nas escolas.

4.2 A importância da leitura literária

Ouvimos desde muito cedo que a leitura enriquece o vocabulário, melhora a escrita e oportuniza um contato maior com o mundo das palavras. Para Colomer (2007, p. 30), “debater sobre o ensino da literatura se superpõe assim ao da leitura, já que o que a escola deve ensinar, mais do que “literatura”, é “ler literatura”. É uma leitura edificante que vai além do simples ato de ler, mas que exige também compreensão do texto literário e não apenas estudo das características dos períodos ou excertos dos textos.

Tornar a leitura parte fundamental do cotidiano do aluno é uma tarefa que exige dedicação e compromisso de todos nos mais diversos ambientes e oportunidades, pois, conforme enfatiza Colomer (2007, p. 160), “Quanto mais ativo e inter-relacionado é o ensino que se oferece, mais fácil será que os alunos se encontrem com a literatura em qualquer espaço ou matéria... sempre que nos lembramos de pôr aí as obras é claro”.

É um ensino que se inter-relaciona, que considera a leitura literária como centro do aprendizado e a apresenta de forma atrativa para que se estabeleça o primeiro contato e conseqüentemente desperte o gosto e prazer pela leitura. Para que isso se efetive, as obras precisam fazer parte dos espaços de estudo, das aulas e da nossa prática diária, visto que, ao perceber a sua volta os livros, o aluno passará a tê-lo como parte de sua vida. Colomer (2007, p. 161) nos lembra ainda que,

Inter-relacionar os campos de aprendizagem e deixar resvalar a literatura entre as fendas é um modo de operar muito vantajoso para as crianças, tanto porque amplia seu contato com a literatura e seu convencimento de que ela faz parte do mundo, como pelo seu poder de converter as aprendizagens em algo mais vivo.

Os campos de aprendizagem não estão isolados, mas operam em conjunto. A literatura cumpre seu papel de transformação, conforme assegura a autora na citação acima, ela converte a aprendizagem em algo mais vivo, visto que se algo faz parte da vida do aluno, isto se torna então interessante e cheio de significado para ele. É a palavra que ao tornar-se real passa a humanizar por meio dos sentidos produzidos. Para Cosson (2018, p. 17),

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da própria identidade. No exercício da literatura podemos ser outro, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.

Compreende-se, portanto, que, quando algo nos pertence, apropriamo-nos com naturalidade. A literatura mostra quem fomos no passado, apresenta-nos outros lugares, costumes, experiências e culturas e ainda nos permite viver a vida do outro e

referenciar nossa própria vivência literária. É um exercício que exige uma incorporação, ou seja, permissão para viver outros momentos e saberes. Todorov (2009, p. 76) esclarece que,

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

De acordo com o que se constata na citação acima, é o poder de transformação da palavra, por meio da literatura, que transforma, edifica e ensina. Cosson (2018) reitera que, é justamente por possuir essa função de transformar que a literatura precisa manter um lugar especial nas escolas. É um lugar necessário, considerando que sem expressão, o homem simplesmente deixa de apreender.

É a literatura como arte transformadora e parte essencial da vida, visto que não é possível comunicar-se sem se expressar. Conclui-se então que quanto mais inter-relacionado o ensino, mais rápido e eficiente acontecerá o encontro deles com a arte da palavra.

Colomer (2007, p. 159) exemplifica da seguinte forma, “a leitura literária pode expandir o seu lugar na escola através de múltiplas atividades, que permeiam sua integração e conferência com outros tipos de aprendizagem”. Ou seja, todas as atividades podem estar relacionadas à leitura literária, expandindo dessa forma o saber e a apropriação da compreensão do que se lê. A autora enfatiza ainda acerca da importância do trabalho literário em conjunto com a linguística, pois a literatura funciona como uma forma de aprendizado para a comunicação, visto que a partir do livro se pode ler, falar e escrever.

É por meio da leitura literária que a prática educativa se aperfeiçoa e conseqüentemente leva ao conjunto de escrita e produções simultâneas. Para Jouve (2012, p. 30), “A literatura deixou de designar, portanto, um “ter”, para designar uma prática e, para além disso, o conjunto das obras dela resultantes”. Não se trata apenas da literatura em si, mas de um conjunto que resulta em outros textos e aprendizados significativos.

É notável a necessidade de o ser humano se envolver literariamente, pois observamos que ela proporciona a transformação social, bem como a continuidade dos textos por meio dessa fonte inesgotável que a leitura apresenta.

4.3 Reflexões acerca da literatura afro-brasileira na educação

No Brasil, percebe-se pelo percurso histórico, o sofrimento do negro diante das permissões culturais de outrora, bem como a discriminação e o racismo até a contemporaneidade. Em meados de 1854, escravizados não podiam frequentar escolas, a partir de 1878 os negros poderiam frequentar as aulas no período noturno, ou seja, para não comprometer seu rendimento escravo para seus “patrões”.

Somente após a abolição em 1888, é que o país inicia uma busca pela democracia e igualdade, porém observa-se que ainda há resquícios de preconceitos e racismos com relação aos afrodescendentes. Diante disso, cabe à escola desempenhar seu papel de transformar social e culturalmente a sociedade, por meio de uma educação inclusiva. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004, p. 8),

A educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. Nesse sentido, ao analisar os dados que apontam as desigualdades entre brancos e negros na educação, constata-se a necessidade de políticas específicas que revertam o atual quadro.

Se a educação é requisito básico para ampliar o conhecimento de um povo, é dever da escola incluir por meio da produção, leitura e inserção de todos os povos. A inclusão da literatura afro-brasileira nos currículos foi decisão do governo federal, depois de muita luta por parte do Movimento Negro, instituiu uma lei que estabelece a valorização da cultura como forma de reconhecimento à contribuição dos negros na história do Brasil. Ainda, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004, p. 8):

Nesse contexto, o governo federal sancionou, em março de 2003, a Lei nº 10.639/03-MEC, que altera a LDB (Lei Diretrizes e Bases) e

estabelece as Diretrizes Curriculares para a implementação da mesma. A 10.639 instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira.

Em março de 2003, criou-se a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Social (SEPPIR), foi a partir de então que se destacou nacionalmente a importância de políticas democráticas no tratamento da temática, que objetiva uma reversão de qualquer atitude discriminatória. Nesse sentido, a

[...] Lei 9.394/1996 provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas. A autonomia dos estabelecimentos de ensino para compor os projetos pedagógicos, no cumprimento do exigido pelo Art. 26A da Lei 9.394/1996, permite que se valham da colaboração das comunidades a que a escola serve, do apoio direto ou indireto (BRASIL, 2004, p. 8).

A educação dos negros em igualdade de condições e valorização é dever e direito legal, previsto em lei e que exige reflexões cada vez mais sérias sobre como está se efetivando realmente nas escolas, pois, segundo preconizam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004, p. 24), o Brasil precisa de organizações escolares em que todos se incluam e que aprender seja direito de todos, sem obrigar um afrodescendente a negar a si mesmo, pelo medo histórico, social e tremendamente desumano do preconceito.

A valorização da história da África e das culturas afro-brasileira e indígena (Lei nº 10.639/200349 e Lei nº 11.645/200850) ganha realce não apenas em razão do tema da escravidão, mas, especialmente, por se levar em conta a história e os saberes produzidos por essas populações ao longo de sua duração. Ao mesmo tempo, são objetos de conhecimento os processos de inclusão/exclusão dessas populações nas recém-formadas nações do Brasil e da América ao longo dos séculos XIX e XX (BRASIL, 2017, p. 418).

É a partir dessa inclusão da cultura e da leitura literária nos currículos, que se apresenta na próxima seção uma rápida imersão analítica, referenciando-se nos

documentos que trazem as competências e habilidades para o ensino da literatura afro-brasileira nas escolas.

4.4 Preconizações da BNCC e DRC/MT sobre o ensino da literatura afro-brasileira nas escolas

A inclusão da cultura e história afro-brasileira no currículo escolar é amparada legalmente, pode-se constatar por intermédio das leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 que preveem como obrigatório o tema História e Cultura Afro-brasileira nas escolas, não como vitimização do negro, mas de forma a destacar e promover a valorização de sua cultura e história para o desenvolvimento do Brasil. Trabalhar a literatura produzida pelos afrodescendentes é ressaltar a igualdade de produções e direitos.

Dessa forma:

É imprescindível que os alunos identifiquem a presença e a sociodiversidade de culturas indígenas, afro-brasileiras, quilombolas, ciganas e dos demais povos e comunidades tradicionais para compreender suas características socioculturais e suas territorialidades. Do mesmo modo, é necessário que eles diferenciem os lugares de vivência e compreendam a produção das paisagens e a inter-relação entre elas, como o campo/cidade e o urbano/rural, no que tange aos aspectos políticos, sociais, culturais, étnico-raciais e econômicos (BRASIL, 2017, p. 369).

Conforme reitera o documento, é a partir da aprendizagem de toda cultura étnico-racial, que se possibilitará a formação integral de todos os grupos sociais presentes na atual e miscigenada sociedade, considerando a presença de uma comunidade que requer um rompimento sociocultural e territorial, mas que, principalmente precisa de uma postura crítica, dialógica e consciente dos direitos do outro.

Esse processo de aprendizado abre caminhos para práticas de estudo provocadoras e desafiadoras, em situações que estimulem a curiosidade, a reflexão e o protagonismo. Pautadas na observação, nas experiências diretas, no desenvolvimento de variadas formas de expressão, registro e problematização, essas práticas envolvem, especialmente, o trabalho de campo (BRASIL, 2017, p. 370).

Essa problematização deve partir da escola, mais especificamente da sala de aula, uma vez que se considera esta como o lugar mais propício ao conhecimento, o

lugar do aprendizado e do protagonismo estudantil. Para formar um cidadão protagonista, consciente de tudo que envolve a cidadania livre do preconceito e do racismo, torna-se necessário trabalhar obras literárias que resgatem as temáticas e os conceitos culturais da literatura afro-brasileira, visto que uma das habilidades previstas é “Identificar elementos da tradição oral nas culturas e religiosidades indígenas, afro-brasileiras, ciganas, entre outras” (BRASIL, 2017, p. 452). Com efeito, identificar da tradição oral exige conhecimento literário e leitura, tendo em vista que ela se constitui na expressão humana de contar e recontar histórias.

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber (BRASIL, 2017, p. 402).

Os referenciais de produção e transmissão de conhecimento, citados acima, podem facilmente ser encontrados por meio da leitura literária de autores afro-descendentes, como forma de valorizar e cumprir a função da sociedade em compreender a igualdade de direitos e produções. Para Candido (2006, p. 48), “A função social comporta o papel que a obra desempenha no estabelecimento de relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade”. É a literatura novamente na função social de humanizar e transformar o homem e o meio em que se insere. Nessa senda, Vieira (2009, p. 68) evidencia que

[...] as discussões destinadas às relações étnico-raciais são importantes para que os alunos, futuros professores dos ensinos fundamental, médio e superior percebam e reconheçam a importância da temática e, sobretudo contribuam no combate ao preconceito, a discriminação e ao racismo, sejam em quais contextos estiverem.

Percebe-se claramente que é uma das funções do professor buscar conhecimentos teóricos e metodológicos, bem como inseri-los em sua prática, cujo

objetivo deve ser de contribuir no combate de quaisquer formas de racismo ou discriminação. Para que aconteça o reconhecimento da importância da temática para extermínio do racismo ou ao menos diminuição significativa, torna-se cada dia mais proeminente a necessidade de discussões a respeito dos temas na escola e também durante as aulas, bem como a efetivação da leitura literária de autores afrodescendentes e textos que valorizem essa cultura, pois visa cumprir a função de conscientizar e valorizar. De acordo com o Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso (2018, p. 268):

Visando, também, ao cumprimento das leis 10.639 e 11.645, vigentes desde 2003 e 2008, respectivamente, complementares à LDB de 1996, que mostram a necessidade de se ensinar sobre o Movimento de Luta, História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, é necessário incluí-las no currículo escolar, para o reconhecimento e reparação histórica e social de todas as etnias que formam a população brasileira, descentralizando a ideia eurocêntrica que se tem arraigado na sociedade, na ciência, nas relações sócio espaciais e, conseqüentemente, no pensamento e território produzido por tais relações entre os atores sociais, podendo esta relação ser representada entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem.

O documento, de acordo com o que se observa acima, preconiza e orienta sobre a inclusão das temáticas no currículo escolar e enfatiza que dessa forma se mudará o pensamento eurocêntrico, racista e conseqüentemente poderá se corrigir uma injustiça social arraigada historicamente em nosso território. Ainda segundo o documento citado:

Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil. [...]. Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas [...] das populações afrodescendentes. [...]. Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações (MATO GROSSO, 2018, p. 257).

Conforme salientado nos objetivos e habilidades acima, é de suma importância para que ocorra a transformação e superação de quaisquer atos discriminatórios, incluir temáticas da cultura afrodescendente. A partir do momento que se agir em observância aos documentos oficiais, a tendência é mudar e transformar algo que está impregnado historicamente por gerações, o preconceito contra a cor da pele.

Essa transformação diz respeito a todas as instâncias do ensino e aprendizagem desde o ensino fundamental até a formação e conscientização dos futuros professores, visto que são eles os responsáveis pela disseminação da cultura que une, sempre na perspectiva de aperfeiçoar e criar novas expectativas educacionais. Vieira (2009, p. 105) enfatiza que:

A escola possui um papel importante na transformação da sociedade. Para que isso se torne realidade, é preciso pensar numa escola democrática, que trate os diferentes com diferença e que enfrente o desafio de implementar políticas públicas voltadas para a realização de práticas pedagógicas que superem as desigualdades sociais.

É com essa reflexão que reiteramos acerca da necessidade da igualdade da comunidade escolar, visto que se a escola cumprir juntamente com toda sociedade o seu papel de educar de acordo com os pressupostos de apoio, previstos nos documentos de referência curricular e trazer para dentro de seus muros a literatura como arte pertencente a todos os grupos, certamente será efetivado o ensino da cultura, da história e da literatura afro-brasileira como forma de valorizar e incluir em suas práticas a cidadania e a igualdade transformadora.

O trabalho de pesquisa sobre o ensino da literatura afro-brasileira e os documentos de referência da educação foram de suma importância para o autoconhecimento, bem como para a referenciação da prática pedagógica em consonância com o que preveem as novas exigências educacionais. Percebemos que a educação exige reflexão, leitura, conhecimento e muita ação para a real efetivação dos pressupostos teóricos já existentes. Notamos também por meio da observação do cotidiano dos alunos, a necessidade emergencial de se inserir mais a leitura como prática cotidiana, uma vez que “[...] o texto literário é um labirinto de muitas entradas, cuja saída precisa ser construída uma vez e sempre pela leitura dele” (COSSON, 2014, p. 65).

Concluimos com a firme expectativa de que ninguém e nada se definam por meio de características físicas ou biológicas, mas pelo caráter, unidos pelo objetivo comum de educar e lutar por um ensino que preze pelos direitos humanos. Se abordarmos a história, a cultura, a produção literária afro-brasileira, estaremos contribuindo de forma positiva para agregar valores inclusivos, exterminando os ambientes de exclusão de dentro de nossas escolas.

5 PREPARAÇÃO DA BAGAGEM E CHECK-IN – OFICINAS ONLINE DE LEITURA LITERÁRIA: AÇÕES DESENVOLVIDAS E RESULTADOS OBTIDOS

5.1 Apresentação da tripulação: a escola e os alunos participantes do projeto

Os participantes do presente projeto é uma turma de nono ano, composta por 30 alunos no período matutino da Escola Estadual Professora Zeni Vieira. A escola atende alunos do 6º ao 9º ano do Ensino fundamental, uma das características é que grande parte do público estudantil mora em bairros, comunidades e sítios afastados da instituição onde estudam, por isso a maioria usa o transporte escolar.

A escola é mantida pelo governo do estado de Mato Grosso, por meio da Secretaria de Estado de Educação, SEDUC. E conta ainda com o acompanhamento da Assessoria Pedagógica. Localiza-se à Rua Augusta, s/n, Jardim Ibirapuera na cidade de Sinop/MT. de acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola surgiu para atender alunos da rede municipal e funcionou, inicialmente, como extensão da Escola Professora Maria de Fátima Gimenez Lopes no ano letivo de 2011.

Foi criada através do decreto nº 584/11 e publicada no Diário oficial nº 25616 página 01 em 05 de agosto de 2011, efetivando matrículas a partir do ano de 2012. Funcionava em um galpão de divisórias, sem ventilação refeitório, carteiras velhas, sem sala de professores e local para práticas esportivas, permaneceu neste local até julho de 2013. A mudança para um outro espaço veio com a aquisição de carteiras novas, mobiliários, ar condicionado e sala específica para os professores.

O nome da escola é uma homenagem à professora Zeni Vieira, formada em Pedagogia com habilitação em administração escolar e especialista em Didática Geral. Sua trajetória profissional se deu em maior parte na Escola Estadual Ênio Pipino, trabalhou também na Escola Estadual Nilza de Oliveira Pipino no ano de 1980, foi supervisora e na sequência diretora na instituição citada até 1986. Também foi diretora da escola Albert Sabin de 1990 a 1992, logo após a sua aposentadoria, criou a Escola Delta para atender crianças do berçário à pré-escola. Faleceu em 14/02/2007 e deixou um exemplo de luta pela educação.

Atualmente a escola possui um prédio novo composto de dois andares, infraestrutura adequada, como, salas arejadas e climatizadas, acessibilidade, quatro banheiros femininos e masculinos, quadra de esportes coberta com banheiro, cozinha e despensa amplas, refeitório com jogos de mesas e cadeiras, secretaria, almoxarifado, sala de direção, sala de professores com banheiros, sala de coordenação, bebedouros com filtros de tratamento de água, pátio amplo com praça, mesas embaixo das árvores e jardins, rádio escolar, entre outros projetos permanentes como Educarte que envolve práticas como pintura, gêneros artísticos, literários e prática de esportes.

Em 2019 por meio de um projeto desenvolvido por uma equipe de professoras, a escola foi premiada em um concurso de nível Nacional, Desafio Inova Escola, ganhou selo e certificação como uma das melhores no quesito inovação no estado de Mato Grosso e ainda certificação de mobilização da comunidade com quase dez mil votos no vídeo das ações promovidas pela equipe na escola.

A equipe de professores é formada por especialistas, mestres e mestrandos, e busca a constante formação e inovação para alcançar o aprendizado de qualidade do educando.

A escola conta com 530 alunos no período matutino e 517 no período vespertino, totalizando um público de 1047 alunos, distribuídos em turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

No que tange à diversidade e preconceitos o PPP, Projeto Político Pedagógico, da instituição instrui que, é necessário que os professores levistem as questões em sala de aula e assevera ainda a necessidade de uma abordagem constante. Esclarece que a filosofia da escola consiste na construção de um espaço harmonioso que priorize a troca de conhecimentos, experiências e valores a fim de promover práticas de aprendizagem que se embasem em princípios de igualdade e conseqüentemente traga a preparação cidadã, moral, intelectual, respeito às diferenças e protagonismo estudantil.

5.2. Breve apresentação – visão geral do trabalho: processo de produção

Iniciamos agora o momento da leitura, o objetivo primordial da leitura foi a compreensão da obra. De acordo com Lankshear e Knobel (2010, *apud* Rojo, 2013, p. 116),

nesse contexto em que os jovens estão inseridos e com o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação, configuram-se, portanto, *novas formas de significar* que se desenvolvem rapidamente.

O contexto social em que os jovens se inserem, bem como, dificuldades vivenciadas pelo estudante, professores e sociedade no momento atual, exige uma busca constante de soluções para a volta do ensino presencial. E o despertar pelo prazer da leitura e pesquisa, exige metodologias voltadas para o interesse. Combinamos um tempo de quatro semanas para a leitura do livro, visto que o momento exigia mais tempo, devido ao contato com o professor apenas por meio das mídias de comunicação. Cope e Kalantzis (2008, apud ROJO, 2013, p. 138) afirmam que:

Avaliam que as instituições escolares continuam mantendo a tradição de assimilar de maneira incompleta aquilo que lhes poderia oferecer vantagens em termos pedagógicos. Consideram que os professores devem extrapolar essa restrição, tornando-se também produtores de conhecimento a partir dessas novas ferramentas e dispositivos digitais, compartilhando com seus alunos essas novas formas de construção colaborativa, levando-os a se tornarem produtores e não apenas consumidores de conhecimento.

Conforme podemos inferir é necessário formar alunos produtores de seu próprio conhecimento, em consonância com o que exigirá sua vida. Ou seja, durante a leitura os alunos também retrataram simultaneamente suas vivências por meio de fotografias e legendas na rede social escolhida por eles, a plataforma *Instagram*. Solé (1998, p. 91) enfatiza que, “as situações de leitura mais motivadoras também são as mais reais: isto é, aquelas em que a criança lê para se libertar”. Combinamos então, alguns recortes temáticos da obra *Quarto de despejo*, para a observação no dia a dia e retratos em fotografias autorais para postagens na página criada por eles, intitulada: Diário de uma turma nota 10: @alunosescritores.

Além do que vimos até aqui, Machado (1998, p. 49), aponta alguns benefícios a partir do uso do diário de leitura em sala de aula, entre eles temos,

A possibilidade de detecção das dificuldades individuais de cada aluno (...). A promoção de aprendizado autônomo, o que encorajaria os alunos a assumir responsabilidade diante de seu próprio aprendizado

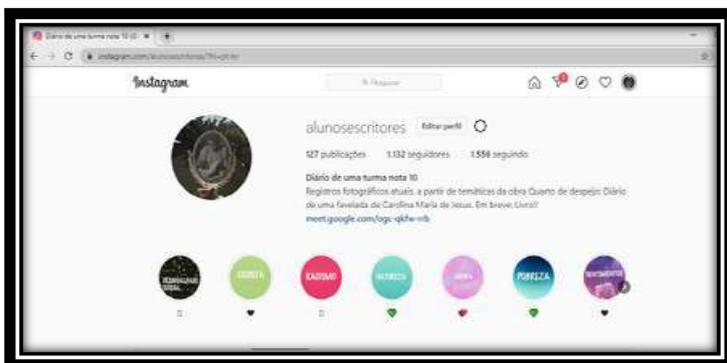
e a desenvolver suas próprias ideias, o que acabaria por promover uma avaliação crítica dos cursos. O aumento da confiança dos alunos em sua habilidade para aprender, para trabalhar com material considerado como difícil e para ter *insights* originais. A possibilidade de encorajar os estudantes a estabelecer conexões entre o conteúdo do curso e a sua própria ação. A criação de interação mais forte e mais eficiente, tanto dentro da sala como fora dela, tanto entre o professor e o aluno quanto entre os alunos entre si.

Portanto, o registro pessoal sobre o que se lê, prepara para a escrita, desperta a curiosidade e interatividade entre os componentes da sala de aula, promove o compartilhamento de ideias, passagem da teorização para a realidade do educando e ainda formar um cidadão crítico, considerando que amplia ainda sua visão de mundo e transforma sua realidade com autonomia leitora e produtora. Machado (1998, p. 49) reforça ainda mais a ideia da importância de um ensino dialógico e que preza pela ampla comunicabilidade entre os pares,

O foco no ensino de linguagem numa abordagem comunicativa, que implica o estabelecimento de um processo dialógico contínuo entre o professor e os alunos, e dos alunos entre si, e, portanto, um envolvimento maior do aluno diante de seu próprio aprendizado, o que a escrita do diário permitiria.

A abordagem comunicativa permite, dessa forma, um processo de inclusão, comunicação contínua e, conseqüentemente, um aprendizado eficaz e duradouro, pois quando trazemos aquilo que lemos para o meu círculo de aprendizagem, aprendemos. Conforme constatamos até aqui, por meio dos estudos realizados, são relatos positivos e resultados comprovados, no que diz respeito ao rendimento escolar e mais eficiência na leitura e comunicação, por meio da produção diarista, uma escrita de si, porém na atualidade, não apenas para si, mas para todos, dialogicamente em redes de comunicação social, por meio de todos os textos que permeiam esses veículos, verbais e não verbais. Um emaranhado de ideias que coloca em evidência um sujeito que não se envergonha de si mesmo, mas mostra seus ideais de vida e leituras via do registro constante.

Imagem 6 – Print da página @alunosescritores

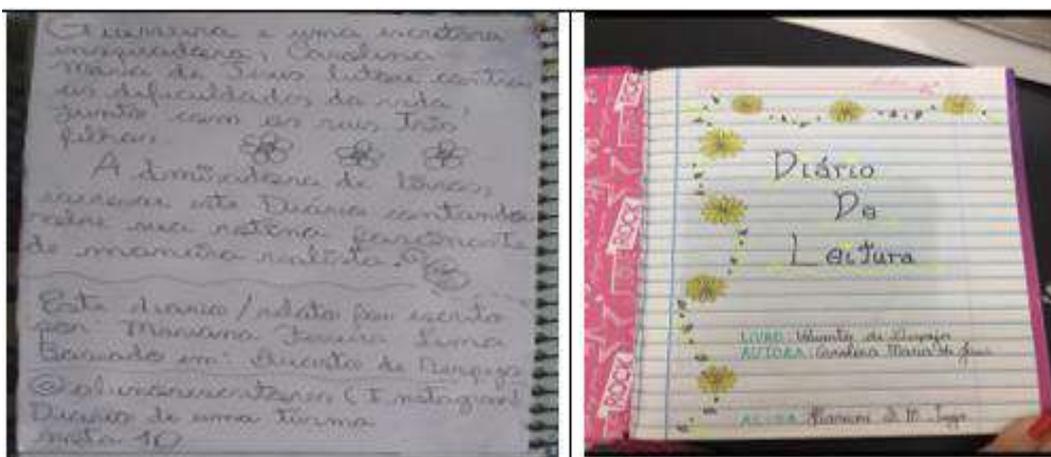


Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

Todos os alunos, conforme combinado em aula *on-line*, deveriam ter um diário de leitura, físico ou virtual, no qual anotariam, assim como no diário de Carolina Maria de Jesus, as suas vivências, seu cotidiano, bem como suas impressões durante a leitura, das aulas e produções, pois a partir desse momento seriam eles os autores de suas próprias histórias.

O processo de produção dos diários escritos aconteceu mediado pelas orientações da professora-pesquisadora via aplicativos de conversa como uma forma de trabalhar o registro como parte fundamental do aprendizado e leitura mediada pela revisão e refacção textual.

Imagem 7 – Registros fotográficos dos diários de leitura dos alunos.



Fonte: Registros fotográficos de diários de leitura dos alunos participantes. Acervo da professora-pesquisadora.

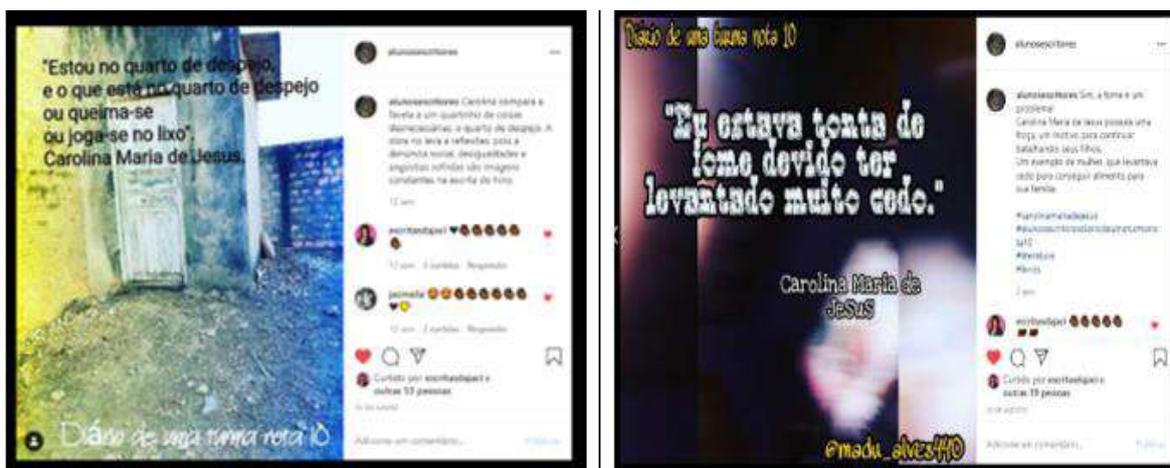
Conforme já citado anteriormente, além da leitura o alunado registrou por meio de imagens fotográficas, imagens que retratam as temáticas percebidas na obra, e

então postaram no diário *online*, alimentaram a rede social já citada com imagens e legendas de acordo com recortes de temáticas presentes na obra. Castells (2003, p. 110 *apud* ROJO, 2013, p. 114),

Observa que as novas interações organizadas em redes sociais tomam a forma de “comunidades especializadas” ou de sociabilidades construídas em torno de *interesses específicos*. Nesse contexto, os indivíduos desenvolvem “portfólios de sociabilidades”, ou seja, conjuntos de redes organizadas por *temas* que tendem a definir seus participantes perante a si próprios e a outros indivíduos.

É nesse contexto de criação, interação e sociabilização que iniciamos o trabalho, posto que os jovens demonstram grande interesse pelas redes sociais e compartilhamento de ideias, influenciando, dessa forma, outros alunos, enfim, uma abrangência interativa que não se pode calcular.

Imagem 8 – Prints da página @alunosescritores.



Fonte: Prints da página na plataforma Instagram: @alunosescritores. Acervo da professora-pesquisadora.

Cope e Kalantzis (2008, *apud* ROJO, 2013, p. 137) ressaltam “a importância da criação de contextos de aprendizagem que despertem a sensibilidade dos aprendizes para o mundo global digital”. Após a leitura da obra, tivemos mais um encontro virtual, para discussão da interpretação, impressões, aprendizados, dúvidas e tudo que cada aluno apreendeu e percebeu no processo de leitura, de contato com a escrita de Carolina, pois sabemos que, é na interpretação que o leitor retoma a leitura e os momentos vivenciados no ato de ler, associando a leitura ao seu contexto de vida social.

Imagem 9 – Print da página @alunosescritores – conferência on-line.



Fonte: a) Print da página-Instagram: @alunosescritores. Acervo da pesquisadora. Conferência com Profa. Ma. Paty Wolff.

b) Print da página-Instagram: @alunosescritores. Acervo da pesquisadora. Conferência com a Profa. Dra. Raffaella Fernandez.

Reiteramos aqui a intencionalidade do nosso trabalho de sintetizar os objetivos que visam compreender as temáticas presentes na obra: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, bem como refletir sobre os temas atemporais presentes no livro. Ainda nesse momento, promovemos um debate sobre os recortes de temas presentes na obra que foram racismo e preconceito, desigualdade e denúncia social, fome, pobreza e miséria, as cores e a natureza, sonhos e sentimentos, leitura e escrita, custo de vida e religiosidade. Nesse sentido, Castells (2003, p. 109 *apud* ROJO, 2013, p. 114) assegura que:

Na contemporaneidade, os jovens se organizam em “comunidades especializadas” e criam assim seus portfólios de sociabilização por meio dos quais constroem suas identidades e, de fato, definem-se diante de outros jovens como sujeitos e atores sociais. O que não se limita ao universo virtual, mas abrange “fontes de informação, de trabalho, de desempenho, de comunicação, de desenvolvimento cívico e de divertimento”. Tomam, muitas vezes, dimensões que transpõem o virtual. (grifo do autor).

Considerando maior engajamento dos alunos e aprendizado sobre a autora, realizamos algumas conferências *on-line* com estudiosos da autora Carolina Maria de Jesus, pela plataforma virtual *Google Meet*, logo após o convidado aceitar o convite, o *link* era gerado com antecedência. Os alunos criavam então, uma arte para a divulgação do evento na página da turma. E, dessa forma, percebemos que a turma ganhou mais de mil seguidores, apoiadores e pessoas que compartilharam e

colaboraram para o sucesso do aprendizado da turma. Descreveremos na sequência cada diálogo estabelecido no decorrer do projeto, *Quarto de Despejo*: Temáticas Atemporais para Sala de Aula.

5.3 Antes da leitura – oficina *on-line* de leitura literária 01

Para Solé (1998, p. 91), “nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que as meninas e meninos se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontram sentido”. Nesse primeiro momento, como forma de criar motivos para a ação que foi desenvolvida e também apresentar o livro e a autora, mostramos aos alunos, por meio de reunião virtual devido ao momento pandêmico vivenciado, uma prévia da obra, por meio do vídeo musical de Didi Assis, intitulado Carolina Maria de Jesus.

Enviamos uma cópia da letra e, na sequência, após falar sobre as impressões dos alunos ao ouvir a música, que retrata momentos vividos pela escritora, pedimos que fizessem seu primeiro registro, passamos então para o documentário, *Conversa com Pedro Bial na íntegra, conheça Carolina Maria de Jesus, que retrata a vida da autora da obra: Quarto de despejo: diário de uma favelada*, ambos disponíveis na plataforma *YouTube*. Por meio dos vídeos os convidamos a refletir sobre o contexto em que a obra se insere com o objetivo de impulsionar ainda mais o desejo pela leitura, os alunos fizeram os registros individuais de suas impressões sobre o que foram vivenciado durante as aulas. De acordo com Solé (1998, p. 92),

Para que uma criança se sinta envolvida na tarefa de leitura ou simplesmente para que se sinta motivada com relação a ela, precisa ter alguns indícios razoáveis de que sua atuação será eficaz, ou pelo menos, que ela não vai consistir em um desastre total. Não se pode pedir que o aluno para o qual a leitura se transformou em espelho que lhe devolve uma imagem pouco favorável de si mesmo tenha vontade ler. Só com ajuda e confiança, a leitura deixará de ser uma prática enfadonha para alguns e poderá se converter naquilo que sempre deveria ser: um desafio estimulante.

Fizemos ainda um debate em que cada participante expôs seu ponto de vista acerca do contexto e ambiente em que os fatos ocorreram, uma vez que dessa forma, percebemos que se mostraram ainda mais motivados durante o percurso de desenvolvimento dos trabalhos propostos. O tempo para esta atividade inicial foi de

quatro horas aulas. Sobre a preparação inicial para o momento de maior contato com a obra, Cosson (2016, p. 56), esclarece que,

[...] a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor. É preciso confiar mais em ambos, sobretudo quando tratamos de leitura literária. Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura. Aliás, influências sempre existem em qualquer processo de leitura.

Conforme explicitado acima, pressupôs-se, então, um momento aberto ao diálogo na preparação e motivação do leitor para o objeto de estudo, análise e reflexão sobre um caminho a ser percorrido, porém não é delimitador, apenas influencia como deve ocorrer em todo processo de leitura e produção. Solé (1998, p. 91) afirma que, “um fator que sem dúvida contribui para o interesse da leitura de um determinado material consiste em que este possa oferecer ao aluno certos desafios”.

Passamos então, para a apresentação inicial, como a vida do autor e os aspectos sociais e culturais. Apresentamos os elementos pré-textuais, leitura da capa, contracapa e da biografia da autora. Após a exposição todos os participantes se posicionaram e fizeram seus registros sobre os elementos observados, vida da escritora e elementos visuais dos textos.

No segundo momento da aula, os alunos foram convidados a assistir ao documentário: *Carolina Maria de Jesus: da miséria à fama e de volta à pobreza*. O vídeo retrata a vida de Carolina Maria de Jesus, e a partir de então, iniciamos um debate condizente com os aspectos, retratados no documentário, da vida da autora. Esta atividade teve duração de quatro aulas e o contato maior ficou para o momento da leitura e registros em seus diários individuais. Foi um momento muito rico em que percebemos que os alunos estavam realmente interessados em conhecer Carolina e a sua obra. Com efeito, Solé (1998, p. 92) pondera que “[...] motivar as crianças para a leitura não consiste em que o professor diga: “Fantástico! Vamos ler”, mas que elas mesmas o digam – ou pensem”.

6 UM VOO NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO – DURANTE A LEITURA – DESCRIÇÃO DOS PERCURSOS

6.1 Oficina *on-line* de leitura literária 02

É de suma importância lembrar as estratégias apontadas por Solé (1998), que incluem motivar as crianças, oferecendo objetivos de leitura, atualizar conhecimentos prévios e incentivo de perguntas. A este respeito, as estratégias utilizadas durante o processo de leitura, Solé (1998, p. 113) destaca que,

O fundamental é entender para que se ensinam estas estratégias, ou outras, o que leva ao seu uso racional, ao fato de elas serem vistas como meios mais que como fins e à progressiva interiorização e utilização autônoma pelos alunos. Ainda que já o tenha dito outras vezes, deixem-me insistir na necessidade de situá-las e contextualizá-las em cada situação concreta, sem considerar que se trata de uma sequência fixa, estática, que deve ser aplicada.

Ou seja, conforme observamos na citação acima, nenhuma sequência deve ser estática e seguida rigidamente, visto que os momentos são diversos e cada um exige soluções diferenciadas. A autora retrata ainda a necessidade de que o aluno seja um leitor ativo, “trata-se de que o aluno seja um leitor ativo, que constrói uma interpretação do texto à medida que o lê” (SOLÉ, 1998, p. 118). Na sequência fala sobre a importância do processo de leitura,

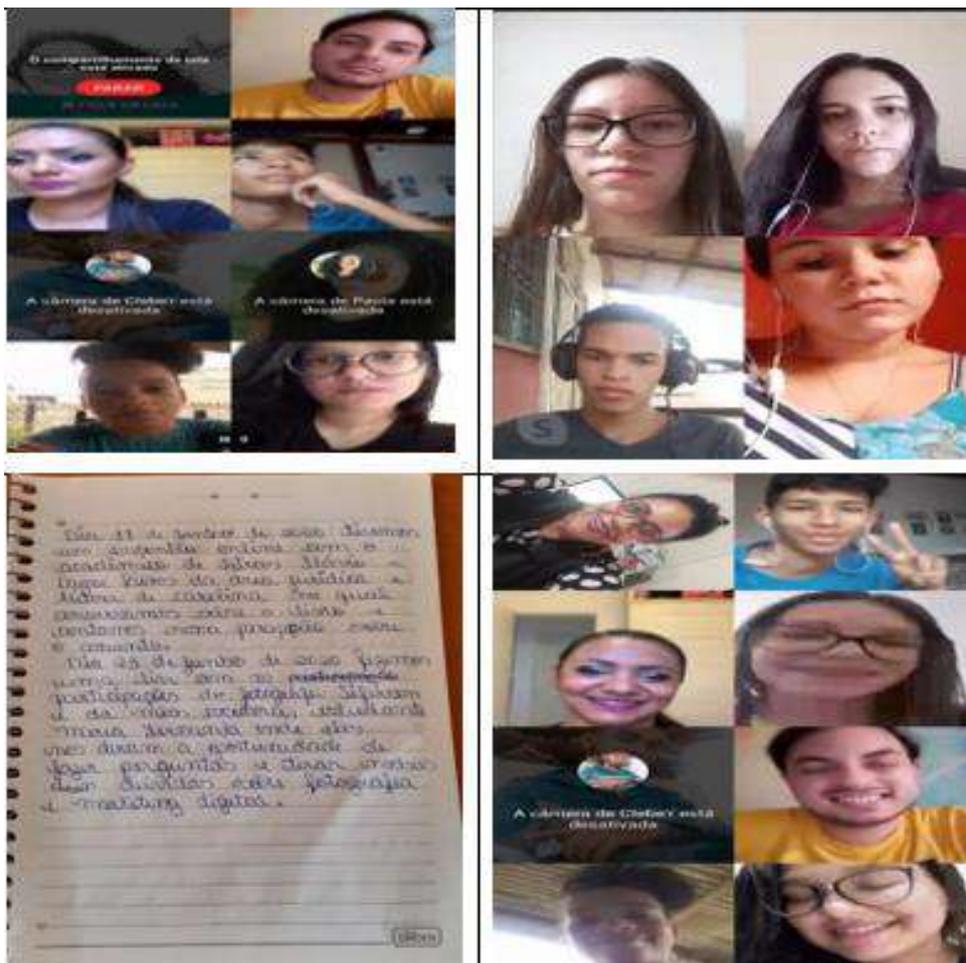
Quando lemos prevemos, erramos, interpretamos, recapitulamos, fazemos perguntas, voltamos a prever, etc., e por isso não se trata tanto de pensar em situações muito específicas, cada uma para trabalhar um aspecto – agora a previsão, agora a estratégia de “ignorar e continuar lendo” – como de saber que a leitura de verdade, a eficaz, utiliza todas estas estratégias quando é necessário e, assim, devemos articular situações de ensino da leitura em que se garanta sua aprendizagem significativa (SOLÉ, 1998, p. 131).

Após algumas aulas *on-line* com a turma e diálogos via *WhatsApp*, tivemos nosso primeiro encontro com convidados também estudiosos de Carolina Maria de Jesus. Um dos convidados é acadêmico de Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Flávio Silveiro da Costa, ele conversou com os alunos sobre a

importância da leitura de *Quarto de despejo*, falou sobre sua experiência, respondeu perguntas e interagiu com a turma durante todo o debate.

Mostramos na sequência os registros fotográficos da reunião e relatos dos alunos.

Imagem 10 – Print dos encontros on-line.



Fonte: arquivo fotográfico da professora-pesquisadora.

Flávio perguntou o que estavam achando da leitura do livro, o aluno Eduardo respondeu, “Eu achei muito interessante, porque ela ressalta o que vive com muita verdade, gostei muito do livro, pela forma como ela conta, a escrita, achei bem legal”. O palestrante perguntou, “Vocês observaram a escrita de Carolina, o que acharam?” A aluna Thainara disse, “pelo fato dela ter estudado muito pouco, ela escreve muito bem, poucos erros de português, ortografia”.

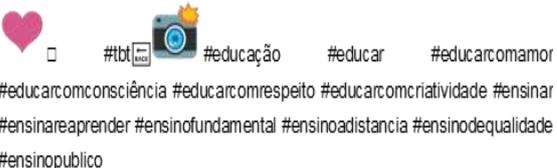
O pesquisador continuou a questionar: “o que vocês acham que isso mostra sobre a Carolina?” A aluna disse que em várias partes do livro destaca que Carolina lê e escreve, conclui e fala, “Acho que isso ajuda bastante”.

O estudioso complementou que apesar das dificuldades, Carolina busca conhecimentos e o livro *Quarto de despejo* é importante por vários motivos, entre eles as temáticas retratadas e principalmente por mostrar a importância da literatura. Flávio ressaltou a importância da leitura e da escrita na vida de Carolina e na superação das dificuldades.

Tivemos, também, ainda nessa conferência, uma convidada de Natal, no Rio Grande do Norte, formada em Direito, Dayse Lins, ela se debruça sobre as obras de Carolina e em nossa aula fez contribuições riquíssimas sobre as temáticas apontadas pelo livro. Dayse questionou os alunos sobre o que estavam lendo e ao mesmo tempo os motivou a falar sobre a nova experiência. Abaixo mostramos uma carta, escrita por ela, para a escola, bem como registros e observações sobre a aula e alunos.

Imagem 11 – *Print de mensagens recebidas @alunosescritores.*

a) REGISTRO DE UMA CONVERSA PROVEITOSA com os alunos do nono ano da Escola Estadual Professora Zeni Vieira de Sinop/MT. @alunosescritores Aceitei com alegria o convite da professora/escritora Jacinaila Ferreira e fui bater em Sinop/MT, para estimular a reflexão sobre alguns problemas sociais denunciados no livro QUARTO DE DESPEJO (Carolina Maria de Jesus). A professora @escritasdjaci Jaci honra a profissão e enobrece a comunidade escolar, desenvolvendo um bellissimo trabalho de incentivo à leitura e fomento à reflexão de problemas sociais, que impactam a vida de seus alunos. Professores como ela, fazem a diferença, pois dialogam com os s alunos e lhes abrem as portas do coração e do conhecimento. Conheci adolescentes atentos e sensíveis às dores sociais, que identificam pela sua cidade as muitas “Carolinas” que lutam diariamente contra a miséria. Jovens pensantes serão adultos conscientes de seus direitos sociais ... QUERIDOS ALUNOS sigam o exemplo da Carolina e derrubem os muros que os impede de realizar seus sonhos!!! QUERIDA PROFESSORA JACI, receba minha vigorosa salva de palmas e minha gratidão pela sua extraordinária colaboração com a educação brasileira. ... Fui até o Mato Grosso para levar um tiquinho de saber e voltei com um tantão de AFETO e aprendizado porque “SER IMPARÁVEL” é VENCER a distância e o distanciamento social e COMPARTILHAR!!! Sejamos todos IMPARÁVEIS!!! #tbt



#btbt #educação #educar #educarcomamor #educarcomconsciência #educarcomrespeito #educarcomcriatividade #ensinar #ensinareaprender #ensinofundamental #ensinoadistancia #ensinodequalidade #ensinopublico

b) Boa noite, prezado(a) Diretor(a) desta instituição de ensino. Faço uso deste instrumento para registrar minha satisfação em participar da proveitosa aula/debate no dia de hoje com a turma da professora Jacinaila, que gentilmente me convidou para conversar com seus alunos sobre o livro QUARTO DE DESPEJO, diário de uma favelada (autora: Carolina Maria de Jesus). Título que tem significado singular na minha vida pessoal e profissional, pois trabalhei por muitos anos com assistência jurídica gratuita para a população carente da minha cidade. Ou seja, conheci muitas “Carolinas” cansadas e famintas. Aceitei o convite da professora Jacinaila, pois entendo que a conversa com o público jovem tem o condão de fazê-lo refletir sobre questões socioculturais necessárias para que exerçam sua cidadania plenamente. Só pessoas conscientes podem mudar o rumo de suas vidas e do mundo. É necessário conhecer o seu direito, para então reivindicar lhe. Como bem disse uma das alunas: “o livro é antigo, mas a realidade é atual”. E por este motivo, objeto de análise igualmente atual. A fome relatada no livro ainda persiste no Brasil, lamentavelmente. Os alunos me surpreenderam ao demonstrar empatia, sensibilidade e maturidade, em suas falas. Foram formidáveis nas suas colocações. A professora Jacinaila, a quem tive a alegria de conhecer recentemente, é exemplo honroso de sua profissão. Dedicada, paciente e encorajadora, ela conduz seus alunos pelos verdes campos do saber. Realiza, pude comprovar, um bellissimo trabalho junto à esta comunidade escolar. Ela estimula seus alunos a buscar o conhecimento que está além de seus livros. Imagino que esta profissional brilhante, tenha consigo o apoio de uma equipe pedagógica bem formada. Parabênizo, na pessoa da competente professora Jacinaila, todos que fazem parte desta escola. E, por oportuno, agradeço aos demais professores da Escola Estadual Zeni Vieira pelo esforço hercúleo de abraçar a educação brasileira, especialmente sofrida nos tempos atuais. Cordiais saudações, Dayse Lins. Natal, 18 de junho de 2020.

Fonte: arquivo fotográfico da professora-pesquisadora.

Nossas reflexões acerca dos dados desse encontro foram concluídas com o relato de uma das pesquisadoras participantes deste encontro, Dayse Lins, após a conferência nos enviou os seguintes apontamentos, cuja grafia foi mantida de acordo com a originalidade da mensagem:

A conversa com os Alunos da Escola Estadual Professora Zeni Vieira acerca do Livro QUARTO DE DESPEJO nos permitiu refletir sobre a vida da escritora CAROLINA MARIA DE JESUS e a desigualdade social brasileira. À princípio os alunos falaram das passagens narradas no diário que mais lhes chamou atenção. O Aluno MATEUS mencionou que se sentiu triste quando leu que Vera Eunice (filha da Autora) adoeceu e vomitou. A dor física da menina o despertou para a falta de remédio, ocasionada pela pobreza.

Pedimos que os alunos refletissem sobre as atitudes de Carolina, como eles achavam que ela agiria se fosse viva hoje. Será que ela usaria o celular para fazer suas denúncias? Perguntei. E, ainda perguntei se eles identificavam alguma mulher “semelhante” no bairro que residem. TODOS afirmaram que sim, pois conhecem mulheres que sobrevivem com grande dificuldade financeira.

A aluna ANA disse que: “O livro é antigo e também atual”. Eu achei a percepção dessa adolescente muito madura e precisa, pois passados tantos anos a pobreza se mantém nas comunidades carentes de todo o País. A aluna LARISSA se emociona, demonstrando uma empatia incrível com o sofrimento da autora. Ela mencionou sua própria mãe, como uma mulher tão forte quanto Carolina, capaz de sacrificar-se para manter seus filhos.

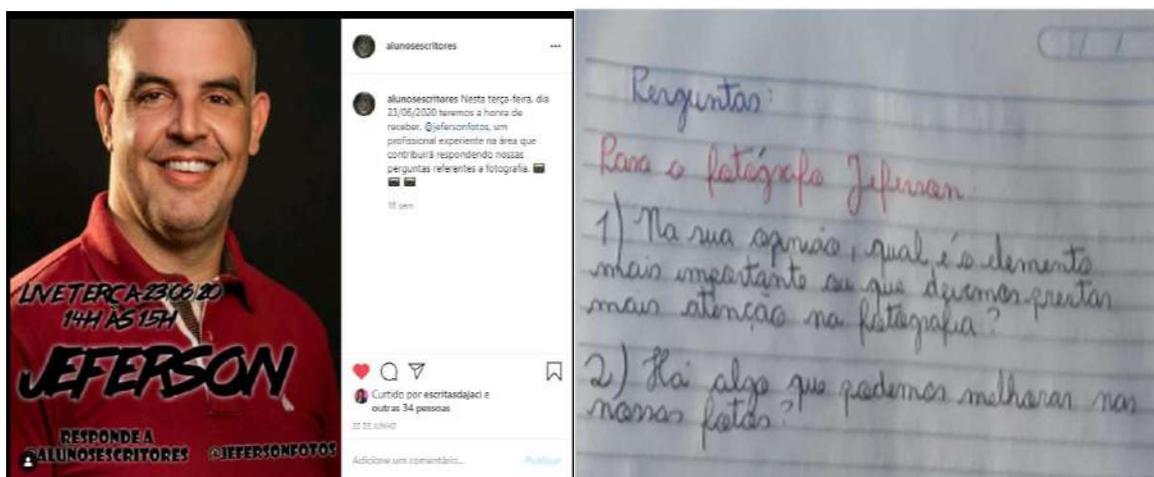
A aluna SIMONE descreve que: “Senti tristeza porque é uma verdade ainda hoje”. Se referindo à falta de arroz e feijão na mesa de Carolina.

TODOS os alunos participantes demonstraram empatia com a autora, mas também INDIGNAÇÃO pelo fato de ainda existir FOME no Brasil.

A partir da fala da pesquisadora e do posicionamento dos alunos, que ainda estavam lendo a obra *Quarto de despejo*, observou-se por meio das atitudes o quanto o diálogo estabelecido durante a aula foi motivador, dado que os alunos escritores demonstraram a partir de então, ainda mais interesse na leitura e participação nas atividades que se seguiram por meio das temáticas atemporais apresentadas no livro.

6.2 “Jeferson responde a @alunosescritores”

Imagem 12 – Print da página @alunosescritores – Live.



Fonte: arquivo fotográfico da professora-pesquisadora.

De acordo com o exposto nesse trabalho, aliado à leitura da obra *Quarto de despejo*, os alunos realizaram registros fotográficos do seu cotidiano que retomavam as temáticas observadas no livro, por isso, convidamos um fotógrafo experiente que se dispôs a ajudar e participou, no dia vinte e três de junho de 2020, de uma *live* pelo *Instagram* @alunosescritores. A mediação foi realizada pela professora-pesquisadora com a interação de todos os estudantes, que expuseram todas as dúvidas sobre o assunto e interagiram ativamente durante o diálogo. Sobre a expansão da fotografia, Manovich, (2006, s.p., *apud* ROJO, 2019, p. 82) aponta, “há bons motivos para supor que as imagens, daqui para a frente, serão fotográficas. Como um vírus, a fotografia acabou por tornar-se um código representacional extremamente resistente”. Impulsionados pelo interesse dos alunos pela imagem fotográfica que propomos então uma junção dos textos verbais e imagéticos.

A conversa, intitulada, *Jeferson responde a @alunosescritores* foi muito enriquecedora, uma vez que o profissional fez uma retomada da história e da importância da fotografia, bem como compartilhou sua história e experiência na profissão. Os alunos fizeram muitas perguntas sobre a qualidade de uma foto e Jeferson deu dicas sobre a importância da iluminação para captar o momento que se pretende registrar, já que a arte e a beleza podem ser refletidas pelas lentes de uma câmera.

Percebemos uma grande interação dos alunos e o entusiasmo de aprender um pouco mais sobre o que estavam realizando na página, por meio da interpretação de

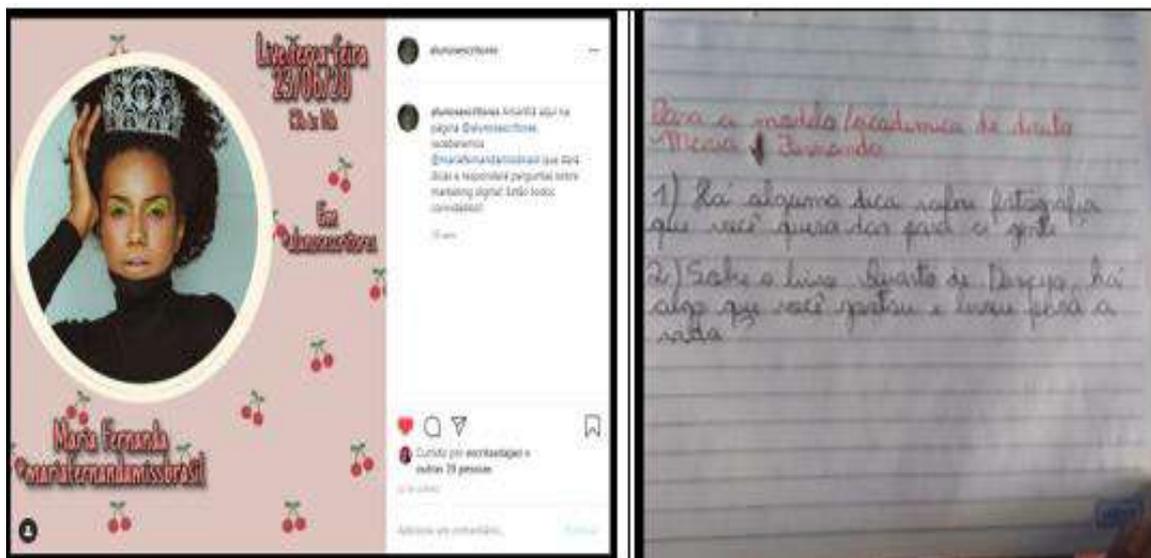
temas atemporais da obra de Carolina. Sobre a interatividade dos textos imagéticos ou verbais, Rojo (2012, p. 23) aponta que:

[...] são colaborativos; eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos (verbais ou não); eles são híbridos, fronteirços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

É nessa mestiçagem, entrelaçamento de textos que nascem as ideias, tendo em vista a importância da completude para a interpretação e produção final. Foi notável o interesse do alunado por algo que já lhe pertence, faz parte do seu dia a dia e consequentemente desperta-lhes o interesse pelo conhecimento, pela apropriação e descoberta.

6.3 “Marketing digital e a página @alunosescritores”

Imagem 13 – *Print da página @alunosescritores – Live.*



Conferência *on-line* realizada no dia 25/06/2020. Fonte: arquivo fotográfico da professora-pesquisadora.

Ainda no dia vinte e três de junho, *alunos escritores*, tiveram mais uma convidada, Maria Fernanda Ferreira, 19 anos, escritora de contos e poesia, estudante de Direito, modelo e Miss Brasil Juvenil. A jovem conta hoje com mais de dez mil

seguidores em suas redes sociais, tem domínio das plataformas digitais e por isso veio conversar com a turma sobre **Marketing Digital**².

Maria Fernanda foi muito bem recepcionada, conversou com os alunos sobre o espaço que eles utilizam para divulgação do projeto, deu dicas de postagens, legendas, horários, interação com o público, o que as redes sociais significam neste momento de pandemia, quais os meios de cuidar da sua imagem e de produzir um bom conteúdo, enfim, ela mostrou para os alunos toda amplitude do tema e tudo que envolve as novas formas interacionais do mundo digital e a importância do conhecimento a respeito das temáticas.

O tempo ainda não foi suficiente, por isso Maria Fernanda ficou por uns dois dias no grupo da turma para responder dúvidas e orientá-los sobre a melhor forma de utilizar a plataforma digital *Instagram*. Os alunos faziam postagens diárias de suas produções e após todas as participações da turma, em torno de três meses, as postagens referentes à página ficaram prontas para a produção do livro, produto final, finalizaram a leitura e registros diários com mais de mil seguidores, apoiadores que interagem na página. O que motivou e deixou os participantes do projeto felizes e gratos por todo o percurso é que ao final deste trabalho a acadêmica Maria Fernanda decidiu iniciar suas pesquisas de graduação sobre a obra *Quarto de despejo*, sobre o qual escreverá seu trabalho de conclusão de curso. De acordo com Kalantzis e Cope (2008, p. 199, *apud* Rojo, 2013, p. 208),

Se a imagem predominante da economia antiga era a de fábricas e chaminés, a imagem do que se chama “nova economia” é a de um trabalhador sentado à frente de um computador. A informação e as tecnologias da comunicação dominam esta “economia do conhecimento”.

Constatamos aqui, um exemplo prático que inclui um dos objetivos primordiais da educação, preparar para o mercado de trabalho, para as exigências de exames nacionais, para a verdadeira função literária, de humanizar e letrar para o mundo através da literatura, aliada à realidade. É na “economia do conhecimento” que o educando recorrerá aos saberes apreendidos na escola.

² O termo é utilizado aqui como um conjunto de estratégias para divulgar um trabalho educacional, bem como influenciar o maior número possível de pessoas a aderir a prática de leitura, por intermédio da organização e elaboração das postagens.

6.4 “Carolina Maria de Jesus além do *Quarto de despejo*”

Imagem 14 – Print da página @alunosescritores – Conferência.



Conferência *on-line* realizada no dia 25/06/2020. Fonte: Registro do acervo fotográfico da professora-pesquisadora.

No dia vinte e cinco de junho de 2020, reunimo-nos em uma conferência *on-line* com os *alunos escritores* e Raffaella Fernandez, a Professora Doutora é autora da obra, *A poética de resíduos*, de Carolina de Jesus, resultado de sua pesquisa de doutorado em Teoria e História da Literatura pela Universidade de Campinas (Unicamp). Organizou os três últimos livros de Carolina intitulados, *Onde estaes felicidade?* (2014), *Meu sonho é escrever* (2018) e *Clíris* (2019). Atualmente é pós-doutoranda em Estudos Culturais na UFRJ e compõe o conselho editorial da Companhia das Letras que irá publicar os manuscritos inéditos de Carolina Maria de Jesus.

A fala foi intitulada pela estudiosa como, “*Carolina Maria de Jesus: além do Quarto de despejo*”. Ela iniciou o diálogo com uma breve apresentação e contou que já trabalhou com alunos da rede pública por um período de seis anos e todas as vezes que falava de Carolina ou de escritores da literatura marginal periférica, paravam e prestavam atenção, complementou e disse que sempre iniciava suas aulas narrando para eles, como um livro mudou sua vida. Mostrou então a obra *Quarto de despejo*, para os alunos escritores. Relatou que o livro foi apresentado a ela por um amigo, quando cursava a faculdade de Ciências Sociais no ano de 1999, ele lhe disse que como ela gostava de estudar a literatura da favela ia lhe presentear com o livro que

encontrou no lixo da biblioteca da faculdade. Raffaella relatou que leu em uma noite, pois Carolina tem o poder de nos encantar e nos fazer ter cada vez mais vontade de conhecer sua obra.

Explicou que por esse motivo, desde o ano de 1999 até o momento, vasculha os manuscritos da autora, os quais vem publicando e já adiantou que mostraria alguns livros e anunciaria uma notícia que comoveria a todos, publicará juntamente com uma equipe de pesquisadoras, a obra completa de Carolina de Jesus.

Na sequência, ela falou que Carolina está além do *Quarto de despejo*, embora o livro nos encante e faça com que alunos como eles estivessem aqui naquele momento, a obra *Quarto de despejo* original daria uns cinco livros daquele que estavam lendo, mas garantiu que todos os recortes e manuscritos inéditos conheceríamos a partir da publicação das obras completas da autora.

Relatou também a dúvida de Carolina sobre seu ano de nascimento, que fica entre duas datas, 1914 e 1917 e que a escritora relata que não foi registrada desde o seu nascimento, uma mulher pobre, negra, descendente de uma geração de escravizados no Brasil e destituída do direito de ter um registro de nascimento, concluiu Raffaella.

Compartilhou ainda que durante toda sua trajetória, Carolina não teve direito a nada, foi excluída socialmente, exceto pelo momento em que foi publicado o livro *Quarto de despejo*, com seu período de muito sucesso, porém mesmo assim, foi vista apenas pelo estigma de uma mulher negra, pobre, favelada e com um lenço na cabeça que era obrigada a colocar sem gostar, para sair nas fotos e mostrar que alguém em uma favela do Brasil, pensava e escrevia.

A autora saiu da zona rural para o urbano esperando ser compreendida como escritora, mas ao chegar a São Paulo com essa utopia, deparou-se com uma distopia, pois ela não foi compreendida como escritora e foi parar em uma favela, catar lixo, fez sucesso por um curto período de tempo nos anos 1960 e infelizmente, chegou ao fim da vida catando papel novamente, finalizou a pesquisadora.

Raffaella explicou que, “é muito triste sabermos que uma mulher que não escreveu só um livro, como dizem por aí falsas biografias sobre ela ser mulher de um livro só”, Carolina escreveu muitas narrativas entre contos e crônicas, poemas, peças de teatro, composições musicais e provérbios.

Ela falou sobre o mapeamento que fez dos manuscritos de Carolina, publicados em sua tese de doutorado no livro *Poética de resíduos*. Raffaella contou que quando encontrou a autora sem os recortes do homem branco, classe média, do pensamento do colonizador que queria apenas estigmatizar uma mulher negra como uma espécie de mulher exótica, escritora e favelada.

De acordo com a pesquisadora, Carolina não gostava do título do livro, não queria publicar diários, mas sim, romances e poesias. Quando autora chegou no dia do lançamento se deparou com uma faixa onde estava grafado, escritora da favela, na vitrine tinha terra da favela junto a seu livro e ela teve que se vestir de catadora.

No livro organizado por Raffaella, *Meu sonho é escrever*, Carolina responde a todos que pensam que ela escreveu apenas diário, mas que foi uma escritora, uma literata, apesar de até hoje na academia ser entendida com subliteratura, não literatura, seus editores fizeram isso, a pesquisadora continuou e leu um trecho da obra como resposta de Carolina a essas pessoas: “Os pássaros cantam na linguagem certa, na linguagem correta e sincera que a própria mãe natureza lhes deu, falar é bonito quando se fala certo a linguagem só tem valor quando se trata de nomações estranhas, digo estranhas para vocês, mas não para nós, esquecer os dissabores é o nosso dever, pois se nós consideramos isto como uma estrada que viajamos e se estamos chegando ao local designado não vejo motivo para lembrar e comentar o trecho da estrada ruim”.

Raffaella contou ainda, que quando leu, decidiu lutar pela publicação de todos os manuscritos de Carolina, fato que será finalizado em breve por ela e um grupo de pesquisadoras da autora. Complementou dizendo que, a autora diz ser como pássaro, “sua linguagem é estranha? Estranha para quem”?

Ela explica que Carolina traz uma nova linguagem da Língua Portuguesa oculta, visto que seu avô era um griô, um contador de histórias, uma tradição que vem de Moçambique, Angola, alguns países da África. Na continuidade, mencionou que Carolina escreveu um conto no qual fala do avô e o chama de Sócrates Africano. Ela reforçou a forma como a autora se vale do clássico para valorizar o negro, na África também temos pensadores e filósofos e um deles era seu avô, reflete a pesquisadora.

Carolina cresceu ouvindo as histórias de seu avô, discussões sobre a negritude, então a sua escrita causa estranhamento, uma vez que muitos consideram uma escrita ‘errada’, porém ela frequentou a escola por apenas dois anos e carrega o

saber negro que se aprende pela oralidade e carrega o conhecimento das leituras dos livros que encontrava no lixo e lia, como os autores Camilo Castelo Branco, Edgar Allan Poe e Lima Barreto, concluiu a estudiosa.

A filha narra que em vários momentos sua mãe parava no meio da rua, pegava um papel e começava a escrever um poema sentada em uma calçada ou se via um político em um palanque subia lá e já falava um poema ali mesmo, “então a Carolina é uma mulher que congrega diversos saberes, o político, o filosófico, a ancestralidade negra, a literatura. Podemos estudá-la na história, na filosofia, na literatura, enfim”, relatou a pesquisadora.

Descreve ainda para os alunos escritores sobre a trajetória literária de Carolina, o primeiro livro foi *Quarto de despejo*, momento na favela, segundo livro, *Casa de alvenaria*, momento pós-favela, foi um livro muito recortado, o livro foi um grande sonho dela em morar em uma casa de alvenaria, conforme vemos ela relatar em *Quarto de despejo*, explicou a palestrante.

Raffaella também esclareceu que a autora não foi descoberta pelo Audálio Dantas, pois quando se afirma que ela foi descoberta por um homem branco é o mesmo que dizer que ela não era nada antes, já que precisou da tutela desse homem.

Complementou dizendo que Carolina já tinha aparecido no jornal, em uma reportagem em 1940, mostrada na tese do livro da pesquisadora, onde ela já estava enviando seus poemas para as editoras, ela mandava seus escritos para os Estados Unidos, ou seja, não foi um homem que a descobriu, ela era uma feminista orgânica, não lia teorias feministas, mas tinha uma postura feminista diante do mundo. Nunca quis se casar, foi mãe solteira de três filhos, dizia que nenhum homem haveria de viver com uma mulher que dormia com papel e caneta debaixo do travesseiro.

Ressaltou que em *Casa de alvenaria* ela vai contar como foi excluída como escritora, o racismo que sofreu, mais fora do que dentro da favela, a sociedade não a aceitava como escritora. Depois algum dinheiro chegou até ela, mas não era muito dinheiro, a filha conta que ela assinava papel em branco, ou seja, Carolina não recebeu todo o dinheiro, foi usurpada, reforçou a pesquisadora. Ela fala também sobre o posicionamento de Audálio Dantas de que ela não precisaria produzir mais nada, apenas *Quarto de despejo*.

Com o dinheiro, publicou mais dois livros, *Provérbios* e um romance que no nome original é *A Felizarda*, um nome de mulher, nos sete romances de Carolina cinco

deles traz nome de mulher só dois de homens, destaca Raffaella. Tiraram o nome, *A Felizarda* e colocaram *Pedaços da fome*, mais uma vez estigmatizando Carolina, pois para vender precisavam falar de fome. Carolina não vendeu esses livros, foi morar em um sítio e ficou cada vez mais pobre, mas nunca parou de escrever, ela reconstituiu um livro que tem várias versões, *Um Brasil para brasileiros*, uma frase muito falada de Rui Barbosa, vemos aí uma mulher que está repensando a história, frisou a pesquisadora.

Ela foi uma intérprete do Brasil, que pensou o Brasil negro, o Brasil que não está no livro de história que é lido nas escolas, reforçou Raffaella. Ela vai então, morar no sítio em Parelheiros e lá vai reescrevendo a história de sua vida, os romances, as peças de teatro e não para de escrever. Duas feministas francesas, uma brasileira, radicada na França, Clélia Pisa e Marivone Lapouge, vieram para o Brasil fazer pesquisas sobre outras escritoras, entre elas, Clarice Lispector e Carolina que neste momento era mais lida na França do que no Brasil.

A França traduziu três livros da Carolina, *Quarto de despejo*, *Casa de alvenaria*, e o livro *Um Brasil para brasileiros* que foi publicado como *Diário de Bitita*, mais uma vez o estigma no título “*Diário*”, modificaram totalmente o que ela escreveu para vender o livro para o público francês. A capa do livro traz Carolina com lenço na cabeça, algo que ela não queria. Todas as capas fazem uma apologia à favela e ao sofrimento. Elas publicaram o livro e somente quatro anos depois a família ficou sabendo, não pediram nem os direitos autorais.

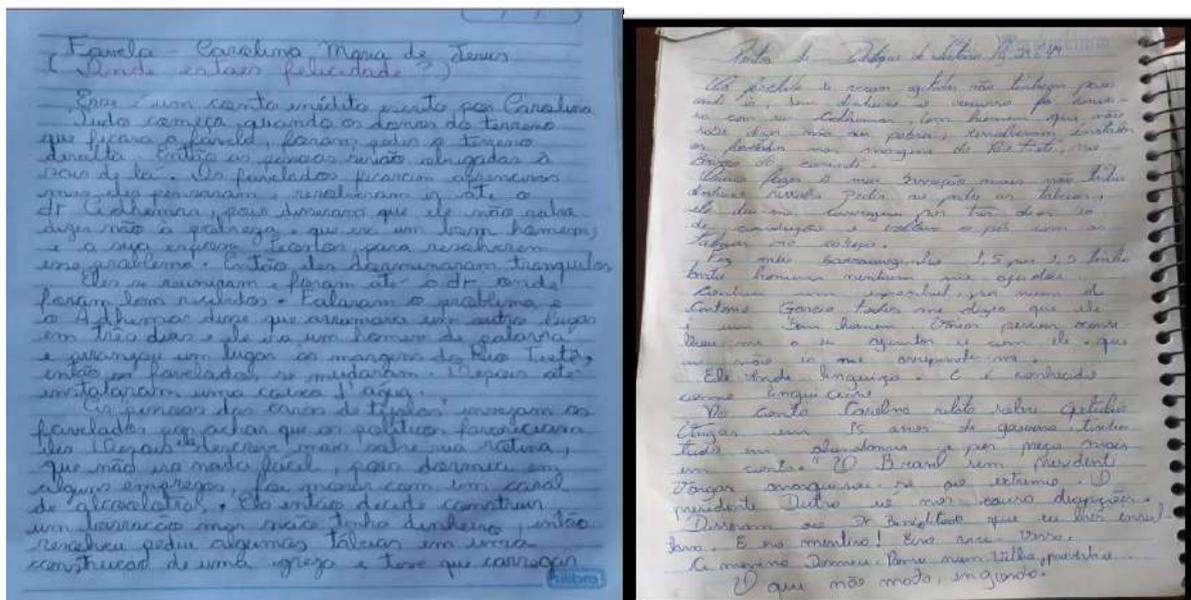
Raffaella explica que terá uma publicação original do livro *Um Brasil para os brasileiros*, e diz,

A Carolina escreve a sua história do ponto de vista do negro, do explorado e não do colonizador, como Maria Firmina dos Reis que não aparece na história da literatura brasileira, é um exemplo de como o projeto colonizador coloca de lado essas vozes que precisam ser ouvidas mais do que nunca e com menos cortes. Carolina traz nessa obra a história de negros com saberes ancestrais. Esse foi o último livro da Carolina.

Em 2014, com o advento do centenário, Raffaella publicou o livro *Onde estaes felicidade*, neste livro temos dois textos inéditos da Carolina o conto, “Onde estaes felicidade”, no qual ela cria uma espécie de paródia do romance de Camilo Castelo Branco e inverte a história. E temos também uma crônica, a pesquisadora destacou a

importância da leitura do texto que se chama “Na favela” para quem estuda *Quarto de despejo* e recomendou a leitura para os alunos escritores, uma vez que esse texto é a Carolina antes do *Quarto de despejo*, chegando à favela. Podemos constatar nas imagens abaixo, os relatos dos alunos, a partir da leitura do conto, “Na favela”, recomendado pela estudiosa.

Imagem 15 – Registros fotográficos dos diários de leitura dos alunos.



Relato dos alunos. Fonte: Registro do acervo fotográfico da professora-pesquisadora.

O livro, *Onde estaes felicidade* também foi publicado por editora negra e a Fundação Palmares. Devido à dificuldade de publicar escritoras negras, somente em 2018 saiu a obra *Meu sonho é escrever*, feito com a contribuição de um editor negro. Em 2019, *Clíris*, um livro de poesia de Carolina que já havia sido publicado como uma antologia pessoal de Carolina, só que, mais uma vez editado por um homem branco, não apareceram os poemas em que Carolina fala de cotas para negros nas universidades em 1946. Nesse momento Raffaella leu um dos poemas da autora na obra *Clíris*: “Os feijões”:

Os Feijões

- Será que entre os feijões
- Existe o preconceito
- Será que o feijão branco,
- Não gosta do feijão preto?
- Será que o feijão preto é revoltado?
- Com seu predomador

Percebe que é subjugado
O feijão branco será um ditador.
Será que existem rivalidades?
Cada um no seu lugar
O feijão branco é da alta sociedade.
Na sua casa o feijão preto não pode entrar
Será que existem desigualdades
Que deixa o feijão preto lamentar
Nas grandes universidades
O feijão preto não pode ingressar
Será que existem as seleções
Preto pra cá e branco pra lá
E nas grandes reuniões
O feijão preto é vedado entrar?
Crêio que no núcleo dos feijões
Não existem as segregações³.

Raffaella reforçou que neste poema temos uma Carolina autêntica que está trazendo a luta negra para a poesia e que foi cortada por esse editor. Ela frisou que esse foi o último livro, mas que agora tem projetos novos e novas Carolinas. Mostrou um livro, o *Dossiê: Carolina Maria de Jesus*, apresentou também, além das obras que organizou, o seu livro que é fruto de um mapeamento que fez sobre o trabalho de Carolina, *Poética de resíduos*, na obra de Raffaella Fernandez, na foto de capa, Carolina usa uma das suas fantasias de carnaval que ela mesma confeccionou, com suas próprias mãos com pena de galinha de angola.

6.4.1 Carolina: uma artista múltipla

Carolina era uma artista múltipla e tinha várias outras fantasias que ela mesma fazia, tocava violão, e também fez uma fantasia com várias lâmpadas, uma lâmpada vermelha na cabeça e várias em volta.

Nesse momento, abrimos o espaço para perguntas dos alunos e convidados presentes, a pergunta foi sobre a escolaridade de Carolina e Raffaella respondeu que ela estudou até o segundo ano primário em uma escola espírita, na época uma escola muito revolucionária, porque eles tinham projetos construtivistas e Carolina estudou pouco, mas estudou bem, eles já tinham também uma espécie de cotas para negros. Raffaella contou que Carolina tinha aulas de astronomia, ela narra que via os astros

³ Carolina Maria de Jesus. Transcrição e estabelecimento dos textos: Raffaella Andreia Fernandez.

pelo binóculo. Então, conforme lembra a pesquisadora não é à toa que ela fala tanto do astro rei em suas narrativas.

Carolina desde muito pequena, quando era a Bitita, era uma criança que falava muito, perguntava, porém, as pessoas movidas pelo preconceito achavam que ela era meio doida, mas se fosse uma criança branca, talvez seria considerada esperta. Carolina narra que ela já fazia poemas em pensamento lá em Sacramento, por isso não dá pra afirmar que ela virou escritora, ela conta que quando chegou a São Paulo escreveu imediatamente um poema sobre a turbulência da cidade agitada, contou Raffaella.

Ela estudou por dois anos, mas continuou aprendendo por meio da leitura dos livros que leu na casa dos patrões, trabalhou para o médico que fez o primeiro transplante de coração no Brasil e ele conta em entrevista que quando Carolina tinha folga ela não ia passear, pois ficava lendo na biblioteca da casa dele. Nos manuscritos, ela conta sobre os livros que encontra. Raffaella nos reforçou que com a publicação das obras, todos teremos acesso à Carolina que ela conheceu, “uma Carolina que pensa literatura, que leu e só foi quem ela foi, porque ela leu, e leu muito”, conclui a estudiosa.

A aluna Harumi perguntou, “por que você decidiu ser estudiosa dos manuscritos da Carolina?” Raffaella explicou que acredita ser escolhida por Carolina, pois seu avô era um benzedor, são muitas coisas da nossa cultura que muitas vezes a gente esquece, mas tem essa relação. Ela contou que quando leu o livro de Carolina, ela mostra *Quarto de despejo*, em um dia, ela já escrevia poesia, e por isso compreendeu na hora que se tratava de literatura. Só que durante a leitura percebe que toda vez que Carolina vai falar tem um corte e por isso, após ler a biografia *Cinderela negra* e saber dos manuscritos, decide ir atrás e conhece uma série de trabalhos da autora, romances, contos, poesia, peças de teatro, entre outros e a partir de então decide estudar a autora, no ano de 2000, ela conhece Vera Eunice, a filha de Carolina Maria de Jesus, ao ir à casa dela, percebeu que a filha também ficou surpresa com a quantidade de literatura da mãe.

Ela perguntou para a aluna Harumi de qual parte do livro de Carolina ela mais gostou. Harumi explicou que ainda estava lendo, mas apesar da vida difícil que ela levava, tenta enxergar a natureza e ver beleza mesmo diante do sofrimento. Raffaella reiterou sobre o quanto Carolina mobiliza as mulheres. Também falou e agradeceu à

equipe de professores da Universidade, escola e colegas mestrandos presentes na conferência.

O aluno Guilherme perguntou se a filha de Carolina tinha alguma escolaridade e Raffaella respondeu que ela é professora de Português e que agora estava escrevendo uma biografia, pois não concordou com a última biografia que foi publicada, a filha acredita que ela pode contar a verdadeira história de sua mãe. Raffaella contou que o filho mais velho de Carolina, comeu uma manga que foi encontrada no lixo e estava contaminada quando criança e anos depois foi diagnosticado com uma doença e faleceu anos depois em detrimento dessa história da infância.

José Carlos, Raffaella conheceu e compartilhou com os *alunos escritores* que ele era muito parecido com Carolina, tocava violão, falava poesia, mas tinha um problema com álcool e foi atropelado depois de sair de um bar há dois anos. Raffaella diz que hoje só temos Vera Eunice, a filha conta que sua mãe, em seus últimos dias, pedia para ela revisar seus textos, ela também datilografou e a filha de Vera é dentista. Outra pergunta foi se “hoje a família tem algum retorno financeiro com o estudo e todo conhecimento da atualidade?” Raffaella respondeu que sim, e que a tendência agora é melhorar cada vez mais. Ela disse que os trabalhos que estão sendo feitos agora estão dando algum retorno e acredita que só tende a aumentar.

A aluna Kettelyn perguntou: “você acha que mesmo antes de descobrir Carolina já havia uma quantidade considerável de pessoas que conheciam suas obras?” Raffaella respondeu que sim, pois Carolina ia aos jornais, conversava com jornalistas, conheceu Adoniram Barbosa, ela conhecia poetas, alguns que ela cita e hoje nem são mais conhecidos, mas na época não se importavam com ela. Conheceu muita gente e após lançamento de *Quarto de despejo* teve contato com Clarice Lispector, foi a sua casa e a lançamentos de livros, também conheceu Solano Trindade que é um grande poeta negro, mas ela tinha essa característica da solidão, disse Raffaella.

Sobre a Clarice Lispector, a estudiosa relatou que na fotografia onde aparece Clarice e Carolina juntas, o biógrafo de Clarice, um norte-americano, disse que Clarice estava com uma famosa diretora de cinema e Carolina se aproxima como uma empregada doméstica muito tímida, depois da visão preconceituosa dele na fotografia e a polêmica que isso gerou, Nélida Pinhon em uma entrevista, contou que nesse dia Clarice falou, vamos ao lançamento dessa escritora, me parece muito interessante,

essa fotografia é, a Clarice Lispector no lançamento da Carolina, explica a pesquisadora.

Imagem 16 – Clarice Lispector com Carolina no lançamento da obra *Quarto de despejo*.



Fonte: Disponível em: *Google* Imagens, site: <http://blog.cintiabarreto.com.br/?m=0> acesso em 15/12/2020.

E tem um diálogo que Carolina reproduz, em que a autora diz, “nossa, você aqui, uma grande escritora”, e Clarice olha para ela e fala, “eu posso até ser uma grande escritora, mas é você quem escreve de verdade”.

O professor Genivaldo fez uma contribuição, afirmando que a sociedade faz uma ocultação desses intelectuais, das pessoas que pensam diferente e muitas vezes há essa ocultação, citou exemplos de trabalhos sociais que eram feitos nas favelas e hoje não se ouve mais nada a respeito. Complementou dizendo que o apagamento de Carolina pode ser justamente porque ela incomodava a sociedade e por isso precisavam, de alguma forma, calar essa voz. Raffaella concordou, pois esse silenciamento se perpetua e ainda tentam colocar Carolina apenas em um lugar de escritora de um testemunho, o que de acordo com a pesquisadora não é pouca coisa, visto que *Quarto de despejo* é um clássico da literatura.

Diante de tudo que foi feito com Carolina e ainda insistem em fazer com as pessoas negras no Brasil, a aluna Ketellyn fez a seguinte pergunta: “na sua opinião, se a história dela se passasse nos anos atuais, tipo agora em 2020, você acha que seria um pouco diferente em relação ao racismo e desigualdade que ela sofria?” Raffaella respondeu:

Com certeza, retomando toda uma luta de mulheres negras norte-americanas, temos aqui a presença da mulher negra, no lugar de luta, da arte, da Cultura, de reafirmação dessa existência, não dá mais para aceitar esse tipo de situação pela qual a Carolina passou.

Ela citou o exemplo de Conceição Evaristo que depois de muitos anos foi reconhecida e falou também das pessoas que não vemos, pois não estão em evidência, certamente sofrem esse racismo constante, estrutural.

6.4.2 Carolina: símbolo literário

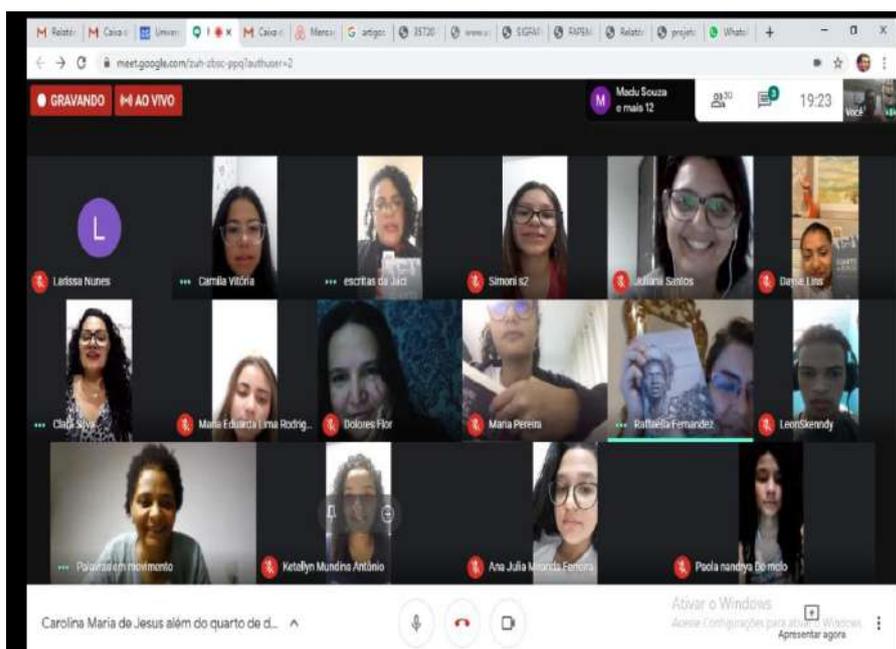
Raffaella acredita que as coisas mudaram e contou sobre uma exposição do Instituto Moreira Salles que abriga dois cadernos de Carolina que estavam na França que deram origem ao *Diário de Bitita*. Ela mencionou que estudou na França, com uma bolsa, e intermediou antes essa entrega, a devolução desse material. A pesquisadora acredita que hoje com trabalhos, como a exposição do Instituto Moreira Salles, as coisas não são como antes, citou que hoje há uma *hashtag*, **#vamostirarolençodacabeçadeCarolina**, visto que, Carolina nas fotografias particulares que tem, é raro estar com lenço, mas com cabelo solto, disse que é uma outra perspectiva, colocar a escritora naquele lugar que ela gostaria de estar.

Na continuidade, comentou que a escrita de Carolina é uma literatura que não está de acordo com o que estabelece o cânone, mas é uma literatura diversa, de diversos discursos e esse é o poder de Carolina. E hoje ela é um símbolo para se pensar a mulher negra, Raffaella concluiu a resposta à pergunta, dizendo que certamente isso não aconteceria.

A Profa. Ester Vilalva perguntou, “na sua opinião essa autorreflexão sobre a vida e obra de Carolina nos ajuda a compreender um pouco nossa história e nos permite fazer algo diferente como lutar pelos nossos direitos e lugar no mundo?” Raffaella respondeu que sim, “Carolina desperta em mim esse lado que eu já tinha, mas não tão profundamente quanto aprendi lendo-a e me acercando de tudo aquilo que ela carrega, mas é claro, Carolina pode nos ensinar muita coisa, como a desigualdade social, o sonho de escrever” ela continuou afirmando, um lugar que me aproxima muito dela, é essa vontade de escrever, de ser publicada, a consciência de que todos podem e devem continuar escrevendo. Conclui dizendo que podemos nos acercar de tudo isso, lutar por nossos direitos e por um mundo melhor.

A aluna Camila perguntou: “Quem você acha que foi a maior inspiração da Carolina pra escrever as obras dela?” Raffaella explicou que é interessante, pois Carolina fala de várias inspirações, entre elas o avô, mas tem uma inspiração principal que é o momento em que ela fala da professora, e não aparece no diário de Bitita, “ela fala que a professora dela era uma mulher preta que tinha uma letra linda, ela gostava de imitar a letra da professora, e que mostrou pra ela os livros que mudaram a vida dela, como a Jaci está fazendo com vocês, então, essa professora foi a grande inspiração que deu pra ela o livro da *Escrava Isaura*, ela leu esse livro e outros livros que a professora deu e debatia com ela e isso é muito interessante, uma mulher negra que vê na outra uma referência”. Raffaella disse que agora nos novos manuscritos que serão publicados vai aparecer. E conclui assegurando que a professora é a principal referência.

Imagem 17 – Print da conferência.



Conferência *on-line* realizada no dia 25/06/2020.
Fonte: arquivo fotográfico da professora-pesquisadora.

No final, após as despedidas, convidamos a pesquisadora para estar conosco novamente em uma outra conferência. O encontro foi produtivo, os alunos interagiram e produziram relatos em seus diários de leitura, conforme contata-se abaixo:

Imagem 18: Registros dos diários de leitura dos alunos

O dia que aconteceu no dia 25 de junho junto com a estudante dos mestrados de Carolina Maria de Jesus a Raffaella.

Foi uma experiência muito boa, tivemos algumas participações de alunos da sala, um pouco de conhecimento dela sobre a Carolina, fotos que aconteceram e o livro.

Um fato que me chamou a atenção foi que não foi só de Carolina, ela usava um lenço na cabeça e se vestia de um jeito parecido com ela e ficou eu pensei que era porque ela queria, mas Raffaella me contou que

Carolina usava o vestuário que ela usava, ela usava o lenço, ela usava a roupa de uma negra da família Raffaella.

As perguntas que eu e o resto das alunas fizemos, e não contou muito mais, mas a gente de Carolina ainda foi difícil depois da publicação do livro.

Como eu disse antes, eu quero participar dessa live, espero participar de muitas outras.

25/06 - Estudamos os mestrados de Carolina e Raffaella.

Ela contou a história de Carolina desde quando ela nasceu, ela foi muito feliz, ela sempre teve um registro da história, até quando ela estava na final da vida.

Ela contou algumas histórias, como que aconteceu o livro de "Quarto de despejo", ela se lembra a história que ela contou lá da 5ª série, que Carolina estava ali e ela usava de lenço, ela contou muitas coisas, aconteceu como Carolina usava o lenço, ela contou também a história de quando ela estava na escola, ela contou a história de quando ela estava na escola, ela contou a história de quando ela estava na escola.

Encontro com a Raffaella:

Naturalmente, como a aula, ela explicou coisas muito legais, além de ter respondido as perguntas que foram feitas, contou como era a vida de Carolina, ela contou como aconteceu com ela, ela contou como aconteceu com ela.

Registros dos diários de leitura dos alunos. Fonte: Acervo fotográfico da professora-pesquisadora.

Os alunos demonstraram satisfação com o que ouviram e declararam, conforme lemos acima, em seus relatos, o quanto aprenderam durante o diálogo com a pesquisadora. É diante de uma história tão comovente e, infelizmente, atemporal que finalizamos esse relato com uma declaração de José Carlos de Jesus, filho de Carolina,

Por isso acredito que *Quarto de despejo*, hoje, é um livro que está se tornando mais atual a cada dia. Seria melhor se a história fosse outra, mas o Brasil preferiu calar a mensagem de minha mãe, que queria abrir os olhos da gente. Agora, o que vê pela janela é um “galpão de despejo”! (LEVINE; MEIHY, 2005, p. 104).

6.5 “A intelectualidade de Carolina de Jesus”

“Carolina é uma intelectual ontem, hoje e amanhã”.
Michael Dias de Jesus

Imagem 19 – Print da página @alunosescritores.



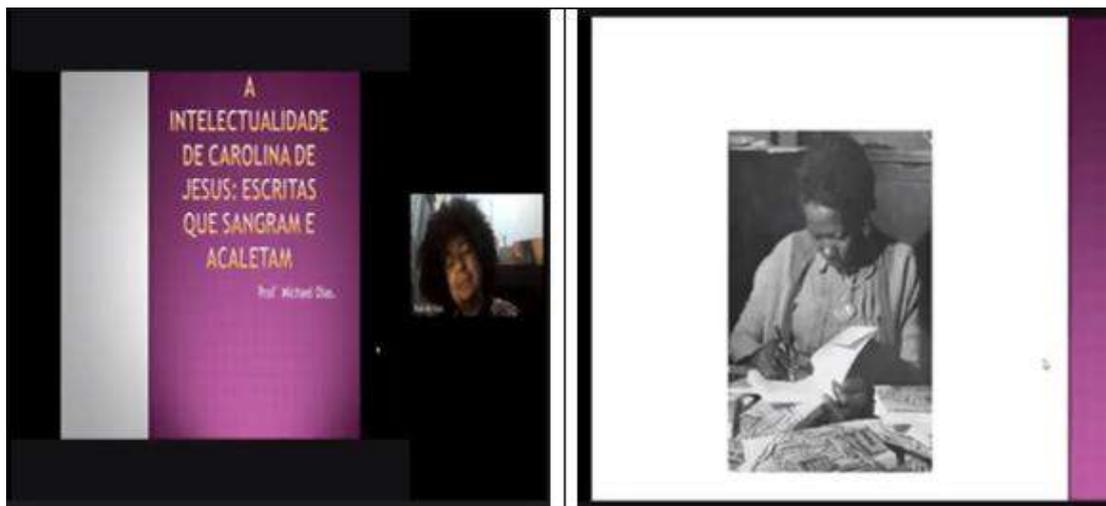
Conferência *on-line* realizada no dia 30/06/2020. Fonte: arquivo fotográfico da professora-pesquisadora.

Nessa aula do dia 30 de julho de 2020, conversamos com o professor Michael Dias de Jesus, sua fala foi intitulada, “A intelectualidade de Carolina de Jesus”. O pesquisador se apresentou e contou que é professor da rede estadual de São Paulo, iniciou sua docência aos dezenove anos, é morador da zona norte em uma periferia de São Paulo, um dos bairros mais negros da capital. Graduado em Geografia, pós-graduado em Docência do Ensino Superior e foi nessa pós-graduação que fez sua discussão sobre Carolina de Jesus, ele consegue encontrar em *Quarto de despejo* elementos para pensar a formação de professores.

O professor-pesquisador trabalha a obra, pensando no campo da filosofia da educação, percebe que durante a escrita, dá cada vez mais esse lugar de intelectual para Carolina, e afirma: “Pelas suas escritas e tudo que ela representa, ela tem que ser considerada como intelectual”. Reforçou a Carolina como filosofia, pois cada pessoa lê e tem uma reflexão diferenciada da mesma autora.

O estudioso compartilhou os slides e, pensando no processo de decolonização da escrita, pois a Carolina parte de um outro lugar para escrever, intitulou a apresentação, “*A intelectualidade de Carolina de Jesus: Escritas que sangram e acalentam*”.

Imagem 20 – Print da apresentação do pesquisador.



Conferência *on-line* realizada no dia 30/06/2020. Fonte: print de tela - arquivo fotográfico da professora-pesquisadora.

O professor Michael Dias de Jesus mostrou um breve resumo da biografia de Carolina, nasceu em Sacramento, no estado de Minas Gerais, em 1917, conforme aparece no Diário, mas não se tem certeza sobre a data, faleceu em 1967. Teve três filhos, João José, José Carlos e Vera Eunice. Viveu parte de sua vida na favela do Canindé e seu sustento era advindo de materiais recicláveis e algumas doações. Chegou a São Paulo na condição de andarilha, trabalhou em algumas casas, mas não gostava de ser mandada, controlada.

Recomendou que os alunos pesquisassem as falas de Vera Eunice, pois ela vivenciou a fala da mãe para além das escritas. Contou-nos que conhece os lugares citados por Carolina em *Quarto de despejo*, e o lugar que fez a pós-graduação que é o Instituto Federal de São Paulo é o mesmo território onde ficava a favela do Canindé e a rua da Universidade, Pedro Vicente, é citada por Carolina Maria de Jesus. A fábrica de bolachas que ela cita em *Quarto de despejo* é em frente a essa Universidade. Ela cita que só recorria a essas doações alimentícias quando não conseguia trabalho, pois tinha um trabalho que era ser catadora e também escritora e intelectual.

Mostrou fotos de Carolina e reforçou que em todas, ela está sem o lenço na cabeça, pois essa é uma Carolina produzida para o mundo editorial é importante desmitificar e mostrar que ela gostava de usar seu cabelo *Black Power*, suas roupas elegantes. Após a venda de obras, *Quarto de despejo*, começou a ganhar dinheiro, porém infelizmente morreu pobre catando papel novamente, disse o pesquisador. Reforçou também que muitas coisas foram retiradas do livro, pois sabia-se que venderia muito mais mostrando as misérias da favela e a imagem de mulher com esse estigma, do que essas outras Carolinas que existem. Ele nos contou e mostrou o quanto é fã de Carolina de Jesus, apresentando duas obras da autora de 1960.

Michael continuou e comentou sobre os livros publicados por Carolina e também lembrou que ela vendeu mais que muitos escritores aqui no Brasil, incluindo Jorge Amado. Ela estudou dois anos, mas publicou *Quarto* em 1960, *Casa de alvenaria* 1961, *Pedaços da fome*, 1963 e *Provérbios* 1963, falou também sobre o equívoco cometido por algumas pessoas ao afirmarem que a escritora escreve errado, desconsiderando todo o conhecimento da autora e a sua produção literária.

Ele cita um trecho: “O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 1960, p. 18) e explicou a importância dessa fala para nós, dado que através dos livros nos construímos, destruimos e reconstruímos novamente. Saí das trevas, conflitos, enfim, a leitura traz um processo de libertação, Carolina traz essa fala na perspectiva do quanto a leitura proporciona esse processo de amadurecimento. Ao mesmo tempo que fala que o livro é a melhor invenção do homem, ela fala de estratégias, “comemos a carne e guardei os ossos e hoje pois os ossos para ferver” (JESUS, 1960, p. 25). “Isso é uma estratégia de vida, é uma estratégia de milhões de brasileiros e brasileiras que ainda vivem à margem da fome, da miséria”, salientou que gosta muito de pensar essa Carolina estrategista que ao mesmo tempo que vivia uma realidade, pensava em como ela iria transpô-la. Imaginar essa realidade é perceber essa escrita que sangra e acalenta, quando ela diz que o livro é a melhor invenção do homem.

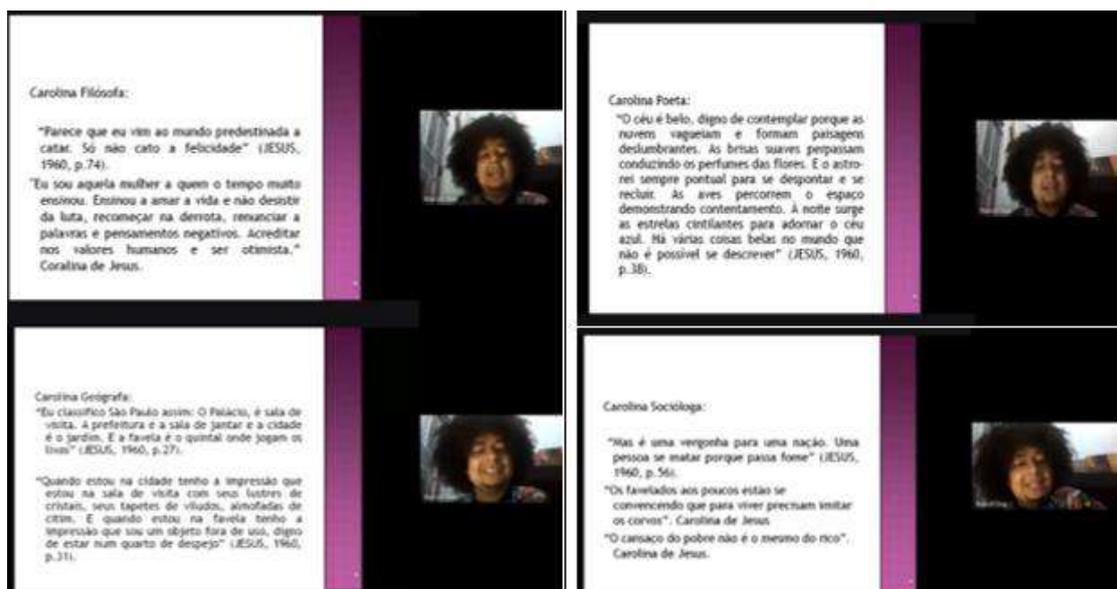
6.5.1 Carolina é uma intelectual ontem, hoje e amanhã

Michael continuou a partir do subtítulo, “Carolina é uma intelectual ontem, hoje e amanhã”. O estudioso esclareceu que ela esteve no tempo dela e também para além de seu tempo. Ele mostrou a autora com sua fantasia de carnaval e falou do gosto da

escritora por músicas. Então, explicou que a Carolina intelectual mora em um território excludente que é a favela, mas que também está para além daquele território, e analisou aquele território por várias linhas, Maicon começou apresentando a “Carolina sincera”, “Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria” (JESUS, 1960, p. 54). O pesquisador afirmou que quando Carolina diz isso, ela sabe quem ela é e do lado de quem deve ficar, do lado dos operários, mendigos, e dos que são afetados pela miséria.

Carolina sempre teve consciência do lugar que ocupava, gênero, classe e raça a qual pertencia. Ele explicou também que a autora consegue estar em diversos campos da ciência em um livro só.

Imagem 21 – *Print* da apresentação do pesquisador.



Print de algumas imagens dos eslaides. Acervo da professora-pesquisadora. Conferência com Prof. Maicon Dias de Jesus.

Na sequência, apresentou aos *alunos escritores* a “Carolina socióloga”, iniciou com citações do livro, entre elas, “mas é uma vergonha para uma nação uma pessoa se matar porque passa fome” (JESUS, 1960, p. 56). Disse que Carolina é essa socióloga porque ela faz essa análise a partir das pessoas que ela vê. Ela traz corpo para seu texto, aponta não somente a pobreza no Brasil, mas onde ela se concentra e as consequências na vida dos favelados. Maicon explicou que ela faz essa análise a partir de suas próprias vivências.

Em seguida o pesquisador apresentou, a partir de alguns trechos, a “Carolina filósofa”. “Parece que vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade” (JESUS, 1960, p. 74). Aqui Carolina faz uma distinção entre o conceito de felicidade e o de catar. Ele leu outros trechos em que Carolina nos mostra como renunciar a sentimentos negativos, pois Carolina mostra em sua escrita esse constante processo de construção.

Michael falou com os alunos sobre a “Carolina Geógrafa”. Explicou que se identifica muito com essa Carolina, posto que é professor de Geografia e uma das citações que trouxe é: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visitas. A prefeitura é a sala de jantar, e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 1960, p. 27). Esclareceu que Carolina transforma São Paulo em uma casa e faz essa comparação, os lixos no quintal são as pessoas que sofrem essa exclusão social. Se pegarmos discussões dentro da Geografia não se encontra a definição sucinta a partir da intelectualidade de Carolina, concluiu o pesquisador. Também citou nessa parte da fala o trecho que dá origem ao nome da obra, quando ela compara a favela a um quarto de despejo, ou seja, a um porão ou quartinho onde se coloca o que não se usa mais em uma casa, fazendo uma analogia ao que é feito com as pessoas que moram na favela. Ela faz essa discussão sobre quando o poder público enxergará as pessoas que estão à margem da sociedade. Mostrou mais uma foto de Carolina e destacou a importância de desconstruirmos o estigma que foi construído com a imagem de Carolina de Jesus.

Apresentou então a “Carolina economista” e trouxe o seguinte trecho: “É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganância de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados” (JESUS, 1960, p. 28). O pesquisador destacou que é uma discussão muito importante, uma vez que ela mostra uma análise econômica de quem tem acesso a essa comida de qualidade e destaca a desigualdade e a falta do acesso a uma alimentação digna.

Para falar da “Carolina Poeta”, ele mostrou o seguinte excerto:

O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo o perfume das flores. E o astro rei sempre pontual para se despontar e se recluir. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o

céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível se descrever (JESUS, 1960, p. 38).

Na sequência, afirmou que a poesia de Carolina é genial e que pesquisadores da autora se perguntam sobre o motivo dela ainda não estar no cânone da literatura. Como alguém pode ainda negar a potência intelectual que é Carolina de Jesus, refletiu o pesquisador. No próprio lançamento, houve questionamentos sobre ela realmente ter escrito a obra, ela sofre desde há muitos anos essa rejeição do cânone literário.

Ele mostrou que Carolina também faz a discussão de raça, quando diz “enfim o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com essas desorganizações” (JESUS, 1960, p. 63). Maicon explicou que Carolina enfatiza que temos uma elite que não se importa com determinadas pessoas e raças. Apresentou outros trechos referentes à temática discutida, mostrando que Carolina aponta essa desorganização existente a partir de raças. Ele também reforçou a importância de Carolina na sua aceitação para assumir seu cabelo e identidade, lembrou-se das discriminações que sofreu e até de uma pessoa que ofereceu dinheiro para ele cortar o cabelo, insinuando que não cortava por não ter dinheiro, salientou o quanto isso o dilacerou, mas encontrou forças na escrita de Carolina para seguir em frente.

Destacou também que Carolina discute o gênero, e cita uma passagem na qual ela diz que os esposos quando veem suas esposas sustentar o lar não saram nunca mais, ele citou o que ela sempre enfatiza em sua obra de que não se casava, pois, um homem não aceitaria a esposa dormir com um caderno e um lápis embaixo do travesseiro. Explicou que Carolina se refere à visão da sociedade de que a mulher deve crescer, se casar e esperar que o homem mantenha a casa e ela nega esse tipo de vivência, deixando claro em *Quarto de despejo*, porém mesmo não querendo se casar, ela teve namorados, mostrando sua humanidade, no entanto prefere viver com os filhos e sustentá-los da melhor forma possível, já que, conforme relata a escritora, tem medo que seus filhos sejam agredidos, ela abomina essa violência de gênero e diz que enquanto está ouvindo valsa no seu barraco escuta mulheres sendo agredidas e conclui que não quer isso para ela.

A discussão de classe feita por ela também é muito importante. O pesquisador esclareceu que a escritora aponta que não é só o preto que passa fome, mas dentro da favela existem pessoas brancas, ciganas, indígenas, enfim, nessa discussão de classe todos que compõem a favela são muito presentes no livro de Carolina. Ele

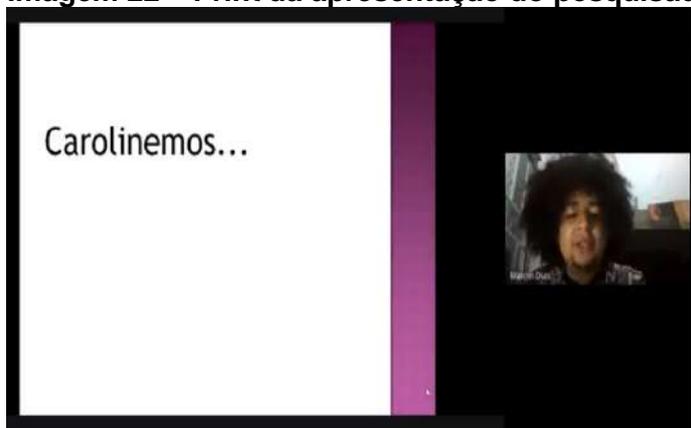
mostrou mais uma foto de Carolina de Jesus escrevendo “com seu cabelo *Black Power*”, apontou o estudioso. Nesse momento, ele apresentou uma citação de Raffaella Fernandez (2018, p. 8), em que ela aponta que,

Uma alquimia muitas vezes venenosa para crítica de linhagem mais tradicionalista, que privilegia os ditames do cânone, ou um antídoto entusiástico para as aberturas críticas, sobretudo para os estudos pós-coloniais, de gênero ou raciais. A engenhosidade de seus textos, no entanto, não é apagamento de fronteiras excluídas pelo julgamento daquilo que se encerra no gosto “hierarquizado”; em vez disso favorece o processo criativo dessa feitura híbrida, avançando as narrativas ao trazer o inusitado para dentro da sua escrita.

Explicou que podemos compreender a partir do que afirma a autora citada, essa linhagem tradicionalista em que não se pode deixar de seguir o cânone. Carolina tem uma outra forma de escrita, mas não deixa de ter qualidade em sua escrita.

6.5.2 Carolinemos: um convite à reflexão e luta

Imagem 22 – *Print* da apresentação do pesquisador.



Print de algumas imagens dos eslaides. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora. Conferência com Prof. Michael Dias de Jesus

Michael concluiu com um slide no qual trouxe uma palavra reflexiva para todos os participantes: “Carolinemos”, um convite para nos conjugarmos diante da ação e das diversas Carolinas encontradas por meio da sua escrita. Falou da importância dessa revolução para ler Carolina de Jesus, apontou a importância dos trabalhos desenvolvidos e também do nosso trabalho, pois conforme afirma Maicon, precisamos fazer justiça e não deixar que mais uma vez ela sofra com a invisibilidade e o apagamento, elogiou o trabalho desenvolvido pelos alunos e disse que além de segui-

los, compartilha suas postagens, “esse projeto é um desses braços da justiça que estamos fazendo por Carolina de Jesus, assim como o meu trabalho, da Raffaella Fernandez, enfim”. Concluiu dizendo que são trabalhos magníficos e representam braços da justiça por Carolina de Jesus.

Enfatizou a importância de não colocarmos Carolina como catadora e citou a parte em que ela diz que cata papel, mas não gosta e pensa que está sonhando, devemos pensar que em primeiro lugar ela foi essa intelectual, poeta e escritora, “precisamos muito romper com essa imagem da Carolina como favelada e catadora de papel, ela nunca se negou quanto a essas categorias, mas ela também foi outras coisas que nós precisamos dizer”. Afirma que Carolina é essa filósofa, pois você pode fazer várias reflexões a partir da escrita de suas obras. Uma das participantes da conferência, Rosemeire Silva pediu para ler um texto que escreveu sobre a autora, “Carolina Maria de Jesus foi envolvida pela representatividade da mulher negra, pobre, a qual é invisível no contexto social”. Rosemeire relatou que Carolina traz essa representatividade e que quando leu se identificou muito com sua escrita.

O pesquisador falou sobre a importância do sonho, transparecido por Carolina em sua escrita e mesmo diante de temas difíceis na sociedade que precisamos conhecer, não se pode permitir que ninguém mate o seu sonho, deixa um recado aos alunos que mesmo próximos do Ensino Médio é importante sonhar. Nesse momento, o professor Genivaldo ressaltou que, “a literatura é uma das melhores formas de sonhar, você viaja, descobre muitos outros mundos por meio da leitura, então quanto mais você ler, mais mundos você conhece, mais você se conhece e mais você reconhece o outro”, explicou que quem não tem o hábito da leitura, muitas vezes não enxerga o outro.

A aluna Camila Vitória fez a seguinte fala:

Eu já terminei de ler o livro e gostei muito, pois o livro nos mostra uma realidade diferente do nosso cotidiano que faz a gente realmente parar de olhar só para a nossa realidade, faz a gente refletir sobre as nossas ações, e também gosto que a Carolina fala sobre as dificuldades dela, ela não finge que não têm dificuldades, ela não finge só ser uma pessoa forte, tipo quando ela fala que ela tem vontade de se suicidar, mas mesmo assim ela não desiste, ela não finge que não tem dificuldades, ela é verdadeira.

A aluna Ketellyn lê um trecho e diz que anotou porque achou muito interessante, ela lê,

quem reside na favela, não tem quadra de vida, não tem infância, juventude e maturidade. Na sequência, disse:

Onde ela faz uma comparação, na verdade é um choque de realidade eu até coloquei na nossa página, é um choque de realidade que ela joga nas pessoas, porque tem muita gente que acredita que isso não existe, tem muita gente que diz: ah, eles divulgam isto, mas talvez isso não exista (...) Ela joga isso pra dizer, sim, isso realmente existe, isso está aí na sua frente, são só algumas pessoas que não querem ver, ela deixa claro que você viver na cidade e viver na favela são duas coisas muito diferentes.

Ketellyn concluiu sua reflexão dizendo que essa comparação é um choque de realidade, pois na favela é diferente e não se tem a mesma oportunidade de infância, juventude que se tem na cidade, conclui a aluna.

Michael elogiou a fala da aluna participante do projeto e concordou com o que disse, exemplificou com a quarentena, na diferença da casa e conforto nas classes sociais durante esse período de pandemia, ressaltou que a fala da participante foi muito importante e pontual.

O professor Genivaldo ponderou que essas discussões vão se contrapor ao discurso da meritocracia, pois de que forma um morador da favela vai concorrer com uma pessoa que tem acesso a todos esses bens simbólicos? Refletiu e complementou que há uma disparidade muito grande, reforçou ainda o fato de algumas pessoas dizerem que não conseguem porque não se esforçam, mas se elas estão com fome que vontade e força terão para lutar, precisamos, além do alimento físico, do alimento para alma para então interferir nessa realidade e buscar uma condição de vida melhor, concluiu.

O pesquisador concordou e disse que discute essa temática da meritocracia em seu trabalho sobre formação de professores, ele reforça que Carolina não concorda e deixa claro durante sua escrita a evidente desigualdade social, concluiu ao citar a importância dessas diferenças que devem ser respeitadas em sala de aula. Exemplificou com a fala de algumas pessoas de que “estamos no mesmo barco”, porém enquanto alguns estão em um iate, outros navegam em um barquinho a remo. Michael reforçou que são disparidades e que Carolina de Jesus desnuda um Brasil que foi moldado por uma elite, visto que ela mostra um Brasil da desigualdade, da fome, da miséria, da opressão.

A aluna Paola Nandria argumentou que

a inspiração que é Carolina, eu tenho certeza que não só pra mim como pra várias outras pessoas, pra várias outras Carolinas que existem no mundo, que são solteiras, cuidam dos filhos sozinhas, e que apesar das dificuldades não desistem, eu queria falar também que é um privilégio eu estar com 14 anos conhecendo a história de Carolina, porque é algo inexplicável, é triste saber que naquela época ela não ganhou o reconhecimento que merecia, tanto que morreu pobre, então eu realmente me sinto muito privilegiada por estar conhecendo essa obra.

Michael disse à Paola que agora nós temos a oportunidade de fazer justiça por Carolina de Jesus e de falar cada vez mais sobre ela. Ele lembrou que “Carolina não termina quando ela morre, mas se immortaliza”.

Professor Genivaldo reforçou que era

interessante ressaltar que os alunos participantes dos projetos de intervenção desenvolvidos pelos nossos mestrados, professores, são alunos diferenciados, porque os professores fazem todo um esforço para que realmente o projeto crie um impacto positivo e esses alunos se tornam diferenciados, porque eles são protagonistas da aprendizagem proposta pelos professores, então, esses alunos da professora Jacinaila, não aceitarão mais aquele ensino que não busca ou cria metodologias que possa despertá-los, tirá-los daquele marasmo, esses alunos (...) serão sempre alunos que buscarão o protagonismo, porque eles estão aprendendo com esse projeto a serem protagonistas de sua aprendizagem, a buscar.

O professor ressaltou ainda sobre tudo que tem sido ofertado aos alunos participantes do projeto, não apenas com a leitura, mas também com a produção aliada à realidade de cada um. Prosseguiu "tenho certeza que daqui vinte, trinta anos, esses alunos que estão com catorze anos hoje, vão lembrar da professora Jacinaila e dessas atividades que foram proporcionadas para eles, então temos que valorizar e fazer com que o Profletras crie essa capilaridade".

Enfatizou ainda que os profissionais que passam por esse programa de mestrado saem com arcabouço teórico-metodológico que vai impactar a sua prática como professor para o resto da vida, e com certeza a professora proponente desse projeto não ficará somente aqui, mas esse trabalho terá prosseguimento e isso fará com que outros jovens conheçam não só Carolina, mas também outros escritores que precisam ser reconhecidos.

Lembrou mais uma vez da importância da valorização dos professores que mesmo diante de dificuldades fazem o possível para que seus alunos tenham essa oportunidade de se deparar com uma autora como Carolina Maria de Jesus. Nesse momento da aula, agradei pelo crescimento que o Profletras me proporcionou e principalmente pela oportunidade de trabalhar essa autora. Falei sobre os desafios e angústias iniciais e da alegria de apresentá-la aos alunos.

A aluna Sandrielle disse que

apesar de terem se passado tantos anos, ainda existem pessoas como ela não só no Brasil, mas no mundo, porque ainda existe muito racismo, assim como foi com ela, por ser negra, por ela ser pobre, por ela não ter condições sociais, e apesar de tudo, agora nessa quarentena piorou mais ainda, pois muita gente assim como ela não tem condições, e muitas pessoas estão morrendo por não ter condições [...] e apesar de tudo as mulheres continuam sendo tratadas como nada, como ela não queria ser tratada.

A aluna continuou e afirmou que muitas mulheres são humilhadas e apanham por não terem condições de sobreviverem sozinhas, concluiu observando que Carolina partiu sem reconhecimento apenas por ser negra, “Por não ter dinheiro, apenas isso, e as pessoas são egoístas por não ajudar, preferem deixar morrer passando fome, pessoas que têm um monte, deixam estragar em casa, para não dar para pessoas que realmente precisam”. Nesse momento, emocionei-me com a profundidade compreensiva das temáticas retratadas por Carolina pela participante, mas principalmente por sentir que o objetivo primordial da literatura e da nossa pesquisa se concretizou, a humanização e transformação social por meio da palavra.

O pesquisador reiterou que a fala dos alunos resumia a última fala do professor Genivaldo sobre estudantes como protagonistas, visto que é perceptível esse despertar dos alunos para a realidade e refletiu sobre o que Carolina de Jesus escreveria nessa pandemia, que está mostrando como o Brasil é desigual e quantas pessoas ainda passam fome em nosso país, reforçando o quanto a fala dos alunos é importante, disse: “pode não parecer, mas quando eu escuto vocês eu mais aprendo do que ensino”.

Afirmou também que esse projeto rompia com aquela opinião de que ler é chato, de que não adianta ler, “e de repente você tem alunos lendo Carolina de Jesus e fazendo reflexões importantíssimas, reflexões que vão me fazer sair aqui da *live* e

ficar pensando na questão da pandemia, do racismo”, são essas reflexões que devemos fazer, visto que só assim nós conhecemos nossas histórias. Afirmou estar encantado com o projeto e que era a primeira vez que fazia essa discussão com alunos.

Os alunos ligaram seus microfones e bateram palmas, muitas palmas pela participação do professor Michael, que agradeceu e disse que queria acompanhar mais de perto o projeto e expressou seu respeito por todos os pesquisadores de Carolina que trabalham essa mulher como a grande intelectual que é, para além do seu tempo.

6.5.3. Uma conclusão que requer continuidade

Ele encerrou sua fala com uma frase de Carolina na qual ela diz que a vida é igual a um livro, só depois de ser lido é que sabemos o que encerra e nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a vida decorreu a minha até aqui tem sido preta, preta é a minha pele, preto é o lugar onde eu moro, lê Michael para concluir a sua fala. Lembrou que nessa citação é como se ela nos dissesse, “a vida é um livro, leia, viva, se der para curtir curta, se chorar, chore, mas viva, só no final, vai dar para você saber, como você viveu, e para você ter algo dessa vivência, precisa construir determinadas coisas e eu acho que a educação é um caminho”.

Ele deixa um recado para os alunos,

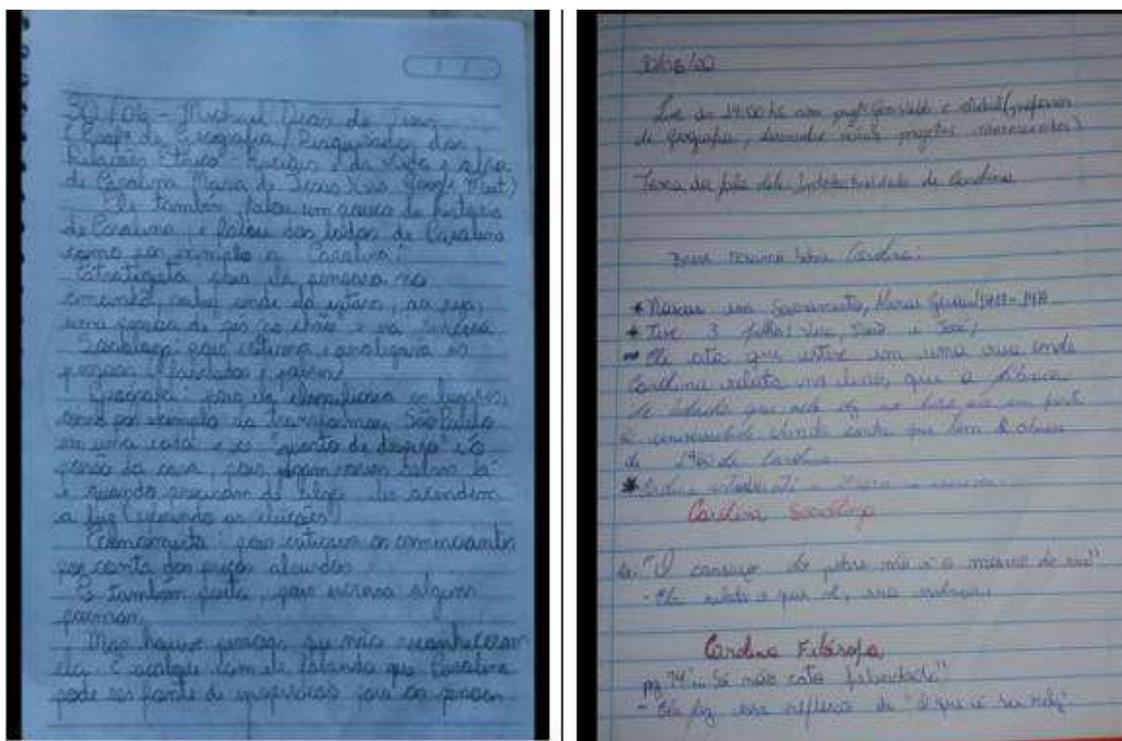
se agarrem na educação, compreendam a importância da educação, por exemplo, esse projeto que a professora está fazendo com vocês, qual é o caminho que ela chegou até vocês? Foi através da educação e, eu tenho certeza que vocês irão se tornar multiplicadores, multiplicadoras das Carolinas, das discussões, e compreendam quão importante é a educação, quão importante é ler.

Michael agradeceu pelas trocas, possibilidades e se colocou à disposição dos alunos. A reunião foi encerrada entre *prints* e muita gratidão pelo momento de união e aprendizagem por meio da literatura e do grande exemplo de Carolina Maria de Jesus. Esse momento foi de interação entre os alunos e com o palestrante, para Cosson (2018, p. 27),

Ao ler estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto.

Percebemos durante a conferência a efetivação dos sentidos apreendidos durante a leitura, considerando que é durante o diálogo, a apreensão da visão do outro, que adentramos na interpretação das entrelinhas.

Imagem 23 – Registros fotográficos dos diários dos alunos.



Registros fotográficos dos diários dos alunos. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora. Conferência com Prof. Maicon Dias de Jesus.

Sobre esse momento da aula, a imagem vinte e três comprova a realização, bem como os resultados relatados como parte da pesquisa-ação que consistiu na interação com pessoas e produto final coletivo.

6.6 “Carolina Maria de Jesus: 60 anos de *Quarto de despejo*”

A fala do dia três de julho de 2020, foi com a pesquisadora Vanessa Poteriko, intitulada, “Carolina Maria de Jesus: 60 anos de *Quarto de despejo*”. A professora mora em Colombo, região metropolitana de Curitiba, é mestre em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutoranda em Letras Literatura pela mesma instituição. O professor Genivaldo deu início com uma apresentação sobre o Profletras, na sequência me apresentei e após apresentarmos a convidada palestrante, apresentei o projeto em desenvolvimento.

Imagem 24 – Print da página @alunosescritores.



Conferência com Profa. Dra. Vanessa Poteriko.

Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

Vanessa iniciou sua fala dizendo que falar sobre Carolina quando se quer formar leitores críticos é a escritora mais acertada, porque não existe uma escritora que amou tanto a leitura e a escrita quanto ela. Sempre que lê *Quarto de despejo* fica imaginando, “eu com fome não consigo fazer nada”, Carolina fez uma revolução dentro daquilo que ela vivia, a literatura é outra dentro desta obra, podemos perceber que não é isso que querem que seja divulgado, pois conheceu *Quarto de despejo* em 2016 e se formou em Letras em 2001, conheceu a obra somente 15 anos depois. Lembrou que isso a incomodou bastante, começou a ler o livro e leu de um dia para o

outro. Não sabia quem era a escritora e quando foi pesquisar sobre o que ela escreveu e como escreveu, ficou ainda mais indignada, pois em 2014 havia sido o centenário de Carolina e muitos lugares promoveram vários eventos e ela não soube. Vanessa abordou acerca de estudos sobre Carolina na área da Sociologia, Direito, Nutrição, enfim em todas as áreas do conhecimento. A pesquisadora se questionou, uma vez que está em uma escola pública e nunca ouviu falar de Carolina antes de sua pesquisa.

Ela enfatizou que todo pesquisador de Carolina está incompleto, uma vez que, nunca consegue chegar ao total do que venha a ser Carolina Maria de Jesus. Vanessa contou que é pesquisadora da autora há quatro anos e sempre está lendo, estudando, porém a cada dia descobre mais. A pesquisadora compartilhou a tela do seu computador, destacou que em toda sua pesquisa, focalizou mais em *Quarto de despejo* e viu que Carolina tinha mais obras e por isso passou a apresentar sempre além de *Quarto de despejo*, mas ela esclareceu que tudo partiu dessa obra e são 60 anos do livro. Nesse tempo, o livro foi publicado em 14 idiomas, milhares de cópias vendidas, então muitas pessoas tiveram acesso, afirmou Vanessa.

Imagem 25 – Print da tela – Conferência on-line.



Conferência com Profa. Dranda. Vanessa Poteriko.
Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

A estudiosa mostrou o tema de sua pesquisa de doutorado que é, “A trajetória da construção da identidade da personagem-narradora-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários”, contou que sua pesquisa é sobre a trajetória de Carolina, já que em seus estudos já via que foi construído um estereótipo com respeito à imagem

dela, nesse momento ela mostra a versão de *Quarto de despejo* publicado em 2014 e indicado para leitura em vários vestibulares. Vanessa fez a leitura de um trecho na contracapa que diz,

Carolina Maria de Jesus foi catadora de papel e viveu na favela do Canindé, apaixonada por livros ela alimentava sonhos e desabafava a sua triste realidade nas folhas encardidas de seus cadernos que mais tarde tornaram-se públicas por meio dessa obra única.

Ela explicou que temos no trecho algumas qualidades como, alimentava sonhos, apaixonada por livros, mas nós temos aqui o termo “foi catadora de papel e viveu na favela do Canindé”. Vanessa chamou a atenção que em 2014 depois de tantos estudos sobre Carolina o livro dela trazer esse termo, dá ideia de que ela passou a maior parte da sua vida na favela, ela continua e diz que traduz isso como “favelada”, mas explica que é esse estereótipo que precisamos tirar de Carolina, pois a ideia de favelada é que a pessoa está sempre na favela, ou a ideia que querem construir dela, afirmou a pesquisadora.

Relatou a chegada de Carolina em São Paulo em 1937, “se ela nasceu em 1914 e chegou em São Paulo em 1937, ela não era favelada, não estava na favela”, no livro *Onde estaes felicidade*, no conto “a favela”, ela conta que chegou à favela em 1948, seu primeiro filho nasceu em 1949, até o lançamento de *Quarto de despejo*, são 12 anos, então ela morou na favela por 12 anos e esses dozes anos fizeram com que ela fosse tachada de “a favelada” sempre? Então, se em 2014 um livro traz esse estigma, significa que muita coisa ainda precisa ser estudada sobre ela. Carolina não é “a favelada”, ela morou na favela e hoje nós nem usamos mais o termo favela, são as comunidades, porém a forma como as pessoas são vistas mudou pouco.

Ela mostrou um manuscrito da monografia da pesquisadora Raffaella Fernandez, que é onde se inicia o primeiro texto de *Quarto de despejo*, é possível perceber que não se trata apenas de um diário, mas temos poesia, contos, entre outros gêneros. Vanessa mostrou também um relato da filha da autora, Vera Eunice de Jesus Lima, disponível no livro *Cinderela negra*, conforme podemos observar na imagem abaixo:

Imagem 26 – *Print* da tela – Conferência *on-line*.

Encontro de Carolina com Audálio: abril de 1958

15 de julho de 1955 a 28 de julho de 1955

02 de maio de 1958 a 01 de janeiro de 1960

Publicação em agosto de 1960

13 de agosto (1960)
[...] O reporter desemburrou os livros e deu-me um. Fiquei alegre olhando o livro e disse:
- O que eu sempre invejei nas livros foi o nome do autor. E o meu nome na capa do livro.
Carolina Maria de Jesus.
Diário de uma favelada.
QUARTO DE DESPEJO
Fiquei emocionada. O reporter sorria:
- Tudo bem, não é, Carolina?
- Oh, sim. Tudo bem.
É preciso gostar de livros para sentir o que eu senti. [...]
(Casa de Alvenaria, p.33)

quarto de despejo

Vanessa Poteriko

Fonte: *Print* de tela, trabalho da pesquisadora, Vanessa Poteriko. Arquivo da professora-pesquisadora.

Segundo Audálio Dantas, ele conheceu Carolina em abril de 1958, o caderno de Carolina começa em 15 de julho de 1955, Vanessa apresentou a primeira capa de *Quarto de despejo* e fez uma análise. É uma imagem que lembra o papelão, a imagem é de um barraco, o nome de Carolina, sonho dela ver o nome em um livro, e o nome da obra. Nessa primeira parte de *Quarto de despejo*, ela ainda não conhece Audálio Dantas, quando ela volta a escrever em dois de maio de 1958 e vai até primeiro de janeiro de 1960, não percebemos uma mudança na escrita, mas agora ela tem uma motivação, uma intenção, ele deu para ela um objetivo, “escreva, continue escrevendo que eu vou publicar o seu diário” e esse era o sonho de Carolina, que está desde há muito tempo mostrar sua escrita para o mundo, reforçou Vanessa.

Imagem 27 – *Print* da tela – Conferência *on-line*.

Relato de Vera Eunice, filha de Carolina:

Ele pediu para ler os cadernos dela, selecionou os mais legíveis entre os diários, romances, poesias, tudo escrito em folhas, alguns em papelão, outros em papel amassado, pegou alguns cadernos e levou embora para ler. Voltou depois, e disse a minha mãe que um jornal iria ajudar a publicar o diário. Só o diário, nada de romance, nem poesia. O Audálio disse para ela continuar escrevendo, contando os episódios da favela, da pobreza, das brigas, que ele se comprometia a encontrar uma editora. Minha mãe, claro, ficou entusiasmadíssima! Ela queria escrever um livro e ver seu nome na [...] 2).

Fernandez, 2018

Vanessa Poteriko

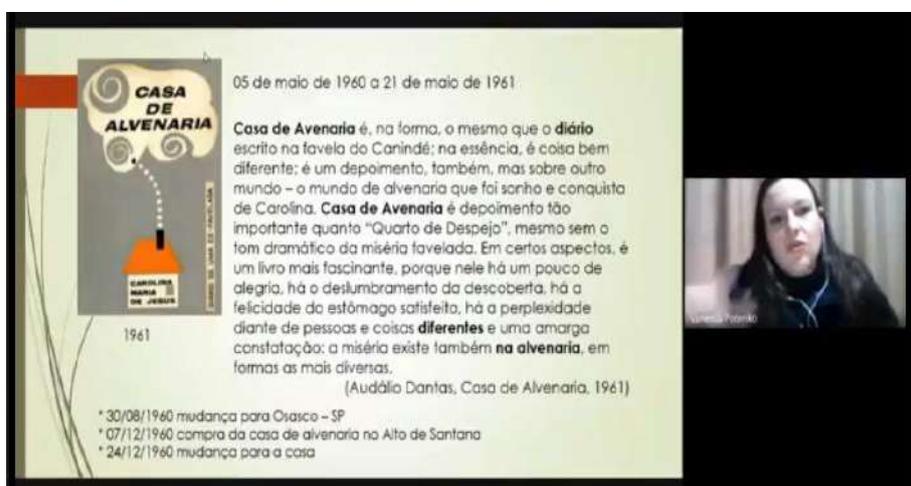
Fonte: *Print* de tela, trabalho da pesquisadora, Vanessa Poteriko.

Entre 1941 e 1942, temos um poema dela publicado em um jornal, em 1955, há outro, em homenagem ao presidente Getúlio Vargas. Nesses anos entre 1955 e 1960, a narrativa de Carolina mostra que cada vez faltam mais as coisas. Falou também de *Casa de alvenaria* que mostra a vida de Carolina além da favela. Ela narrou a parte da obra em que Carolina descreve sua alegria por não estar mais na favela. Relatou ainda que quando chega o livro *Quarto de despejo*, já é esperado por um público, um público que está sedento por essa imagem de Carolina que foi vendida, a imagem de uma mulher negra, favelada, que quase não tem estudos e que produziu um diário sobre a realidade da favela. Essa imagem desde antes da obra *Quarto de despejo* é uma imagem que a mídia continuou a promulgar, explicou Vanessa.

6.6.1 A nova vida de Carolina Maria de Jesus

Quando vem o livro *Casa de alvenaria*, já não é o tom do papelão, é o tom do cimento do concreto, a casinha e o nome de Carolina, diário de uma ex-favelada, mais uma vez o nome dela ligado à favela e ao diário, tem também uma nuvem que demonstra o sonho, o pensamento, devaneios, representando o sonho da Carolina. A narrativa de *Casa de alvenaria* vai de quatro de maio de 1960 a vinte e um de maio de 1961. Ela mostra uma fala de Audálio Dantas no início do livro, conforme vemos na imagem abaixo.

Imagem 28 – Print da tela – Conferência on-line



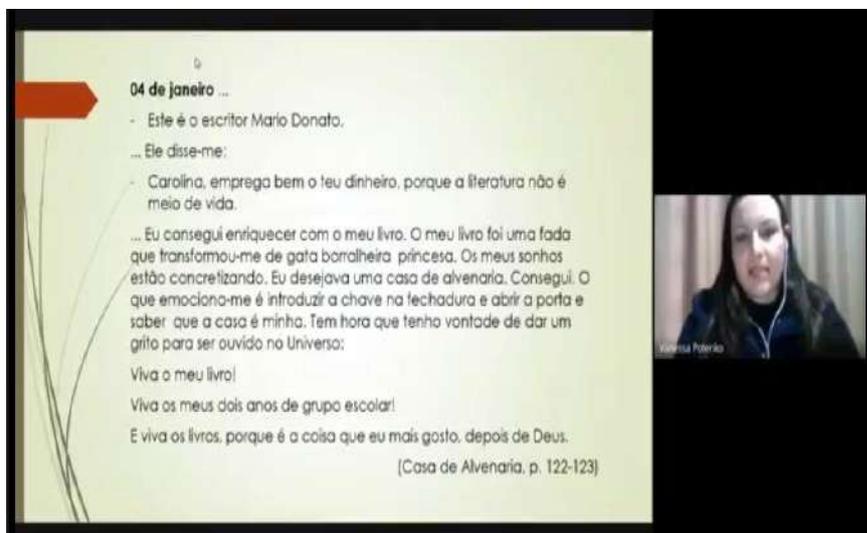
Fonte: Print de tela, trabalho da pesquisadora, Vanessa Poteriko.

Carolina escritora de *Quarto de despejo* passou a morar na casa de alvenaria, porém ela continuou sendo vista como um objeto de consumo. As pessoas iam até a casa dela para solicitar dinheiro emprestado, visto que todos alegavam que ela estava rica, então aqui em casa de alvenaria, ela já não tem a mesma paz para escrever.

No dia sete de dezembro de 1960, ela compra sua casa de alvenaria no Alto de Santana pelo valor de um milhão e quinhentos mil, em vinte e sete de dezembro de 1960, ela se muda para a casa, explicou a pesquisadora de Carolina, que relatou ainda que quando Carolina se mudou ainda morava uma família na casa, por isso foi uma mudança muito difícil, somente depois do ano novo ela passa a ter paz na sua casa.

Vanessa mostrou uma fala do escritor Mario Donato, na qual ele aconselha Carolina a empregar bem o dinheiro, pois a literatura não é meio de vida, também mostrou relatos, notícias sobre a violência policial e novamente comparou a trechos da obra da autora.

Imagem 29 – *Print da tela – Conferência on-line.*



Fonte: *Print* de tela, trabalho da pesquisadora, Vanessa Poteriko.

Apresentou também a comparação em uma notícia em que se vê a população que mora na rua. Carolina não estava na rua, pois morava na favela do Canindé, ela relatou na imagem um diálogo da Carolina com um morador de rua.

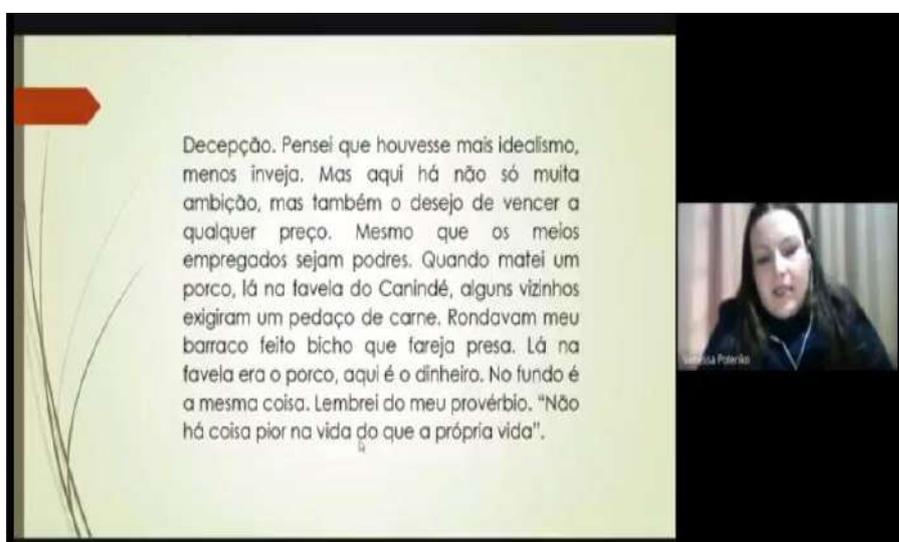
Imagem 30 – Print da tela – Conferência on-line.



Conferência com Profa. Dranda. Vanessa Poteriko. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

A pesquisadora compartilhou um trecho em que Carolina responde quando perguntam como está se sentindo fora da favela, demonstra decepção em sua resposta, já que fora da favela existe a ambição, conforme mostramos na imagem.

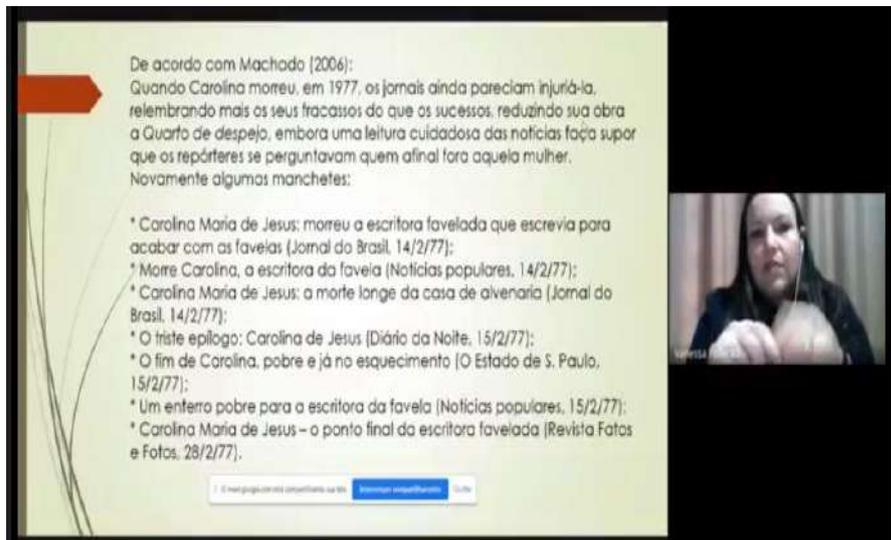
Imagem 31 – Print da tela – Conferência on-line.



Conferência com Profa. Dra. Vanessa Poteriko. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

Após a resposta de Carolina, ela mostrou um slide no qual explica o preço pago pela fama, visto que com a publicação do diário, Carolina, queria ser vista como artista, uma escritora, e, isso lhe foi negado. Ressaltou a trajetória de resistência e superação de Carolina.

Imagem 32 – Print da tela – Conferência on-line.



Conferência com Profa. Dra. Vanessa Poteriko. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

Vanessa deixou uma tarefa para a turma, exibiu o livro *Quarto de despejo*, edição de 2014, e questionou, “o que vocês escreveriam nessa contracapa depois do que eu disse? Como seria uma capa para *Quarto de despejo* que quebrasse o estereótipo, que foi construído a respeito da imagem dela?”

Ela explicou que estereótipo diz respeito a essa imagem conturbada, preconceituosa que Carolina carregou por muitos anos e que percebemos que essa contracapa ainda mantém. Ela encerrou sua fala e abriu o momento para perguntas.

Reforçamos a importância das contribuições da estudiosa Vanessa Poteriko e falei com os alunos da necessidade de recriação da capa e contracapa da obra *Quarto de despejo*. Nesse momento, Vanessa falou sobre uma parte que a marcou muito na obra *Quarto de despejo*:

Quando Carolina resolveu criar o porco na favela, então, a minha avó paterna é do interior de Minas Gerais também, veio morar no Paraná, e eu cresci com essa imagem da minha avó criando porco, alguém tendo que catar a comida do porco que é a lavagem e lavar pra esse porco, Carolina resolveu criar o porco na favela, aquilo me lembrou da época da minha avó, mas a diferença foi gritante no sentido, de que no interior quando alguém mata um porco, primeiro deixa o porco crescer bem, bastante, aquilo ali é um momento de compartilhar, são várias pessoas compartilhando e depois cada um ganha um pedacinho e é uma partilha, ali na favela não, a Carolina queria matar aquele porco, então a cena pra mim foi muito marcante, das pessoas rondando o barraco dela, todo mundo querendo aquilo ali como se fosse um pote de ouro, que era o porco, então aquilo me marcou muito,

a leitura me fez lembrar a minha infância, mas é uma infância diferente dentro de uma outra realidade, então ali não houve uma partilha voluntária, aquilo ali gerou uma violência, isso que me marcou demais.

Expressou que é um trecho que lembra a sua família. Citei um trecho que fica reverberando em minha mente todas as vezes que leio, Carolina fala sobre quando os filhos comem e perguntam se tem mais, ela relata que é muito triste para uma mãe olhar as panelas e não ter mais.

O professor Genivaldo também leu um trecho que diz, “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome, a fome também é professora, quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças” ... ele continuou afirmando que,

Ela tinha a consciência de enxergar o outro, apesar desse problema com o porquinho, quando se está numa situação de marginalidade, fraqueza por estar num espaço que é hostil, pois o tempo todo ela fala da violência que acontecia na favela, esse instinto de sobrevivência que tem que se sobressair em vários momentos que ela tem que defender os filhos, não deixar que os filhos dela sejam espancados pelos vizinhos.

O professor compartilhou conosco que morou na propriedade rural de seu avô, durante toda sua infância e realmente quando se matava um porco reuniam-se as cinco famílias que moravam na propriedade, era um momento de partilha no qual todos participavam da matança do porco e também no momento de comê-lo. Lembra que como não tinha geladeira havia todo um processo para guardar e conservar a carne por vários dias.

A aluna Maria Eduarda falou sobre a obra,

Eu estou achando o livro bem interessante, apesar de que eu não terminei ainda, tem vários trechos que me marcaram bastante, mas tem um trecho que fala assim: Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circo eles respondiam é pena você ser preta”, então, vejo nesse trecho o preconceito, que está muito retratado que eles tinham por ela ser negra, o racismo medo, que no mundo ainda está acontecendo muito isso, sempre está nos noticiários, manifestações por causa do racismo, na verdade toda essa realidade que Carolina retrata no livro ainda está presente não só no Brasil, mas também no mundo inteiro, a fome, a miséria, tudo isso... estou achando o livro muito interessante, estou na reta final do livro e é isso.

Nesse momento falamos sobre a importância de ver alunos jovens com contribuições tão ricas como da aluna Maria Eduarda, que já é escritora, começou a publicar poesias, e também é vereadora mirim, e além de tudo leitora e muito esforçada. Reforço ainda que é uma oportunidade que eu não tive na idade deles.

6.6.2 Nascem novas ideias: exemplo de Carolina em ações

Para encerrar Vanessa se coloca à disposição para outros momentos e diz, “espero que muito alunos tenham acesso a escrita de Carolina, pois eles vão se empoderar de um exemplo de vida”.

Finalizamos ao lembrar que os alunos sempre nos falam quantas Carolinas conhecem e comparam às suas mães, avós e a todas às mulheres guerreiras que conhecem, sabemos, somos apenas porta vozes dessa grandiosa autora, mas ela nos molda, nos ensina. O professor Genivaldo agradece pelas contribuições de pesquisadoras tão significativas na divulgação da escrita e do nome de Carolina, como Vanessa Poteriko e Raffaella Fernandez. Ele concluiu dizendo que espera que todo esse trabalho, reflita na vida dos estudantes e crie capilaridade no sentido da leitura desta e de mais obras da Carolina, que esse conhecimento se transforme e seja levado para mais pessoas, conclui o professor orientador do projeto e coordenador do Profletras/Sinop.

Vanessa se colocou à disposição, agradeceu, reforçou a tarefa escrita e deixou uma tarefa oral, pediu que os alunos apresentassem Carolina para suas mães, avós, explicou que são muitas “Carolinas”, elas podem ter uma outra visão, outra força a partir do relato de Carolina Maria de Jesus. Explicou que vivemos uma democracia, e todos independente de raça tem seu espaço, lugar. Exemplificou por meio da discussão de outros autores que o objetivo não é separar, mas sim, respeitar, valorizar, não para segregar, mas agrupar e discutir as relações.

O professor Genivaldo falou sobre a importância de exercitamos a empatia e citou como exemplo questionamentos sobre a cor da sua pele e olhos, concluiu ao ressaltar a importância de nos desnudarmos desses pré-conceitos e olharmos o outro como alguém que tem muita coisa para nos ensinar e nos humanizar, costumamos valorizar somente aquilo que conhecemos, mas essa busca nos transforma e sempre para melhor.

Vale ressaltar o quanto a reunião contribuiu para a compreensão e efetivação dos sentidos da leitura da obra *Quarto de despejo*, Cosson (2018, p. 27) afirma que,

O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário.

A pesquisadora continuou seu diálogo com os alunos e citou muitas escritoras negras, entre elas, Conceição Evaristo, que traz a questão da mulher, não apenas da mulher negra, mas sim, como precisamos romper barreiras na nossa sociedade, conhecer os outros lugares de fala, compartilhar, pois aí está a grandiosidade da Literatura. Despedimo-nos, entre risos, gratidão pelo aprendizado e muitos *prints* de tela, a foto do momento.

Imagem 33 – *Print* da tela – Conferência *on-line*.



Conferência com profa. Dra. Vanessa Poteriko. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

6.7 “O que podemos falar de Carolina?”

No dia onze de agosto de 2020, tivemos a honra de ter mais um encontro com a pesquisadora de Carolina, Profa. Dra. Raffaella Fernandez, autora de várias obras e uma das responsáveis pela organização das obras completas da autora. O diálogo dessa conferência foi intitulado: “O que podemos falar de Carolina?”

Imagem 34 – Print da página @alunosescritores. Conferência on-line.



Conferência do dia 11 de agosto de 2020. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

O encontro foi marcado por uma grande surpresa, pois a palestrante nos apresentou um filme que retrata a vida de Carolina Maria de Jesus na favela e os momentos vivenciados por ela. O filme foi feito em 1971, quando a autora já morava no sítio de Parelheiros, porém eles pedem para ela colocar o lenço, lembrando que a autora não gostava de usá-lo, voltar na favela e interpretar todo sofrimento novamente. O filme traz cenas marcantes que retomam sua luta diária na favela do Canindé.

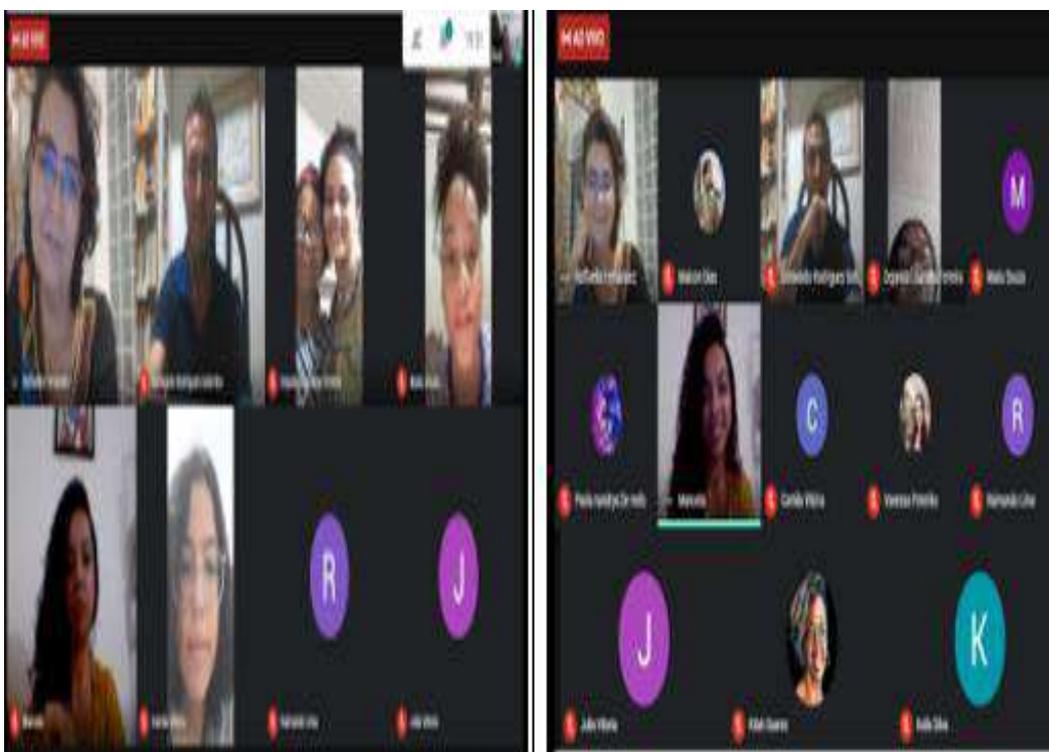
Raffaella conversou com a turma sobre o filme e também explicou que Carolina foi uma das primeiras ativistas negras em uma luta realista, a luta de sua vida. Explicou também que a autora queria muito compreender as coisas do mundo, por isso gosta de estudar e buscar respostas nos livros que lê. Ela tem como exemplo de representatividade sua professora negra e todo conhecimento oral transmitido a ela por meio do seu avô. José Carlos de Jesus nos fala sobre essa representatividade de sua mãe, quando declara:

Minha mãe era dogmática. Pelo que está escrito em seus livros dá para se imaginar como era a Carolina no dia a dia: perseverante em seus objetivos, decidida. Ela era uma lutadora numa guerra sem fim. Como Zumbi dos Palmares, o porte altivo mostrava seu sangue de

ascendência nobre: uma espécie de amazona da África, uma abelha rainha africana, protegendo seus familiares e a colmeia com todas as forças que tinha (LEVINE E MEIHY, 2005, p. 105).

A reunião foi marcante, principalmente porque pela primeira vez, juntos, tivemos a oportunidade de ver e ouvir Carolina Maria de Jesus. Foi como se tivéssemos tido a oportunidade de visitar o lugar onde viveu, sentir suas angústias e compartilhar um sentimento único e transformador dessa escritora que nos faz viajar no tempo, na palavra.

Imagem 35 – Print da tela – Conferência on-line.



Conferência do dia 11 de agosto de 2020. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

6.8 “Carolina Maria de Jesus: Fome de Arte?”

**“A pintura é uma representação da realidade,
Nossos olhos são os filtros”.**
Paty Wolff

Imagem 36: Print da arte de divulgação na página @alunosescritores



Conferência do dia 15 de julho de 2020. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

“15 de julho de 1955 Aniversário de minha filha Vera Eunice” (JESUS, 2014, p. 11). 15 de julho de 2020, sessenta e cinco anos depois, nosso bate-papo virtual foi com a Paty Wolff, artista visual, textual e mestre em Geografia (UFMT/2015). Pesquisa os atravessamentos de memórias coletivas e individuais em corpos pretos femininos. Seu processo artístico compreende pinturas em acrílica e cerâmica, inclui ainda o mundo da escrita e da literatura e possui contos publicados em antologias nacionais.

A fala foi intitulada pela convidada como, “*Carolina de Jesus: Fome de arte!*” após a apresentação, Paty nos contou que pinta desde criança, quando ia ao supermercado com sua mãe pedia caderno de desenho e lápis de cor, sempre foi ligada ao mundo dos desenhos e da pintura. Era ela quem ampliava as imagens para cartazes e trabalhos na escola. Contou ainda que quando criança nunca sonhou em ser artista, porque esse não era um sonho para uma pessoa simples, o sonho era ser advogada, entrar na aeronáutica, carreira Militar, médica, porém, conforme reforçou Paty, a vida não a levou para esse lado, precisava trabalhar de dia e estudar à noite, influenciada por um excelente professor do cursinho, ela vai cursar Geografia.

Ela lembrou que os professores sempre tiveram um papel muito importante em sua carreira. Na quinta série, teve uma professora de Português que os ensinava muito sobre questões sociais e os levava para fazer obras sociais, “ela era maravilhosa”, lembrou Paty. Então, fez Geografia e mestrado na mesma área, trabalhava com questões do campo, resistência e modos de vida em assentamentos rurais. Depois de sete anos, já no mestrado, percebeu que não era aquilo que almejava e regressou as suas memórias da Paty Wolff, menina que pintava, viu que não era apenas um *hobby*, mas que podia ser sua profissão.

Começou, então, a dar forma ao seu sonho, a fazer cursos e a preparar exposições em 2015. Comemorou com alegria os cinco anos que se dedicou puramente à arte, e confessou que gosta da sala de aula, mas seria interessante se pudesse unir a Geografia a Arte. Paty, então, se redescobriu artista, começou a ser convidada para expor suas obras. Ela ressaltou que não foram sete anos jogados fora estudando, pois ter feito Geografia foi fundamental para a forma como enxerga a arte hoje, além do mais fala muito de Geografia em seus trabalhos, questões sociais, os diálogos que consegue fazer por meio de sua arte, a criticidade, a visão da arte, são aspectos que aprendeu na faculdade e gosta muito.

Narrou que na época que pedia os cadernos de desenhos para a mãe, moravam no Pedra 90, região periférica de Cuiabá. Eram pobres, porém, disse que não sabe a cor da fome, pois não passou por essa necessidade. Por crescer na periferia de Cuiabá, ela trata dessas temáticas, reflete todas essas vivências em sua arte. Paty tem trinta anos, um bebê de 10 meses e com a maternidade veio à escrita. Lembrou que abria o *e-mail* no celular, escrevia, enquanto amamentava, e enviava para ela mesma, entre edições e reedições surgiu o livro que recebeu o prêmio revelação, contou que ficou muito feliz, uma vez que a escrita se revelou para ela, e reforçou que a arte é uma linguagem, pois expressa o que queremos falar, “eu hoje não vivo sem arte, não consigo viver, eu respiro, durmo pensando em inspirações, outras linguagens também me inspiram, a fotografia, escritos, livros, música”, explicou que a pintura é uma representação da realidade, já que tem um filtro, “o filtro são os meus olhos e de cada um de vocês”. Explicou que como ela representa esse mundo é muito do que viveu e tudo que viveu serão os filtros para como enxerga determinados assuntos.

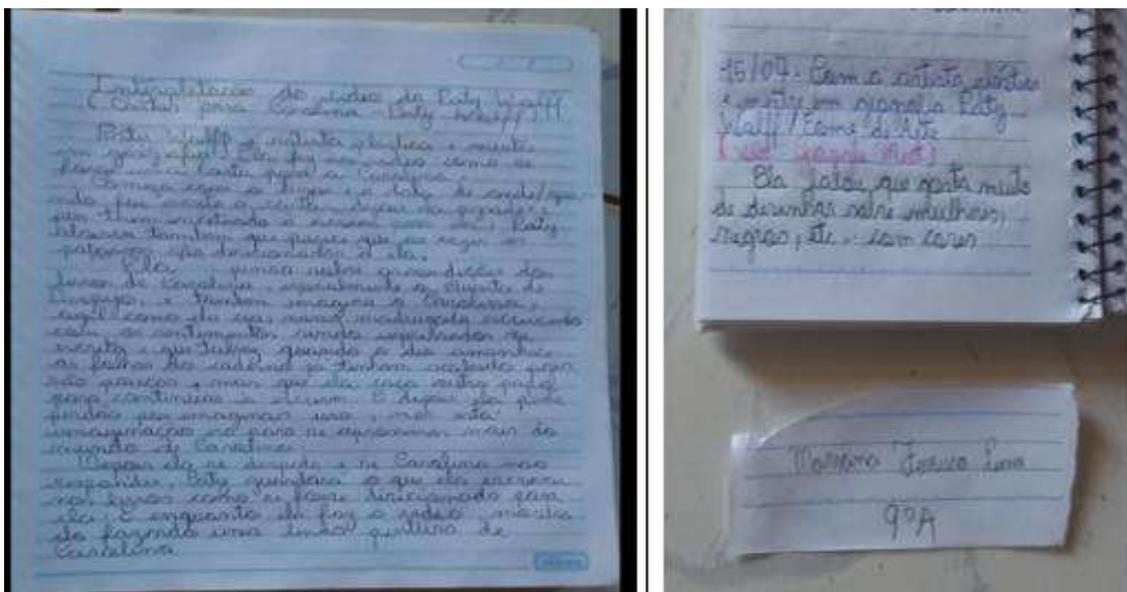
Contou-nos que trabalha muitas questões femininas, corpos negros, pretos, pessoas de um lugar social de vulnerabilidade, pois acredita que a arte também tem a função de promover, trazer à tona assuntos, para que as pessoas que vão ver esses quadros reflitam, leiam, façam leituras de mundo, “tudo que eu coloco nos meus quadros, é o que quero falar, é como se fosse um texto, mas é visual”. Compartilhou que agora está usando uma paleta de cores vibrantes, neon, para falar de trabalhos intensos como os de Carolina. Reforçou que vê seus trabalhos intensos como ela é visto que quando inicia algo leva sempre muito a sério.

6.8.1 Por que Carolina não me foi apresentada antes?

Paty se questionou por que Carolina não chegou a sua vida antes, na infância, adolescência, nem na faculdade e no ensino médio, não conhecia e não lia mulheres negras. A artista falou da visibilidade e do porquê gosta de pintar mulheres negras, pois ao longo da história se vê um padrão, mulheres brancas, loiras consideradas belas, por isso ela sempre procurou essa viabilização da mulher negra em sua arte e também resgatar elementos da ancestralidade, elementos culturais que foram perdidos com a escravidão. Lembrou que quando os negros foram trazidos para o Brasil deixaram de viver sua cultura, sendo obrigados a viver outras coisas que não consideram suas raízes. Paty disse que é também algo pessoal, esse resgate da ancestralidade, do que viveu, do que é e do que sabe. Ela falou sobre o olhar do colonizador e a importância de descolonizar esse olhar e também decolonizar o próprio pensamento de tudo que nos foi ensinado e arraigou-se em nossa mente, falamos ainda sobre as diferenças, o racismo disfarçado de gentilezas e muitas outras coisas que incomodam e perduram entre nós a interiorização do negro.

Ela reforçou que toda a sua obra é uma tentativa de descolonizar esse olhar, tirar esses estereótipos criados. Lembrou que fez o quadro “Carolina de Jesus e o *quarto de despejo*” para a leitura da carta que escreveu para Carolina, fez para representar o quarto de despejo. Antes do nosso encontro, apresentei a artista aos alunos e falei do seu trabalho sobre Carolina. Os alunos assistiram ao vídeo disponível no canal da Flup no *YouTube*, e fizeram seus relatórios. Podemos constatar nas imagens abaixo:

Imagem 37: Fotos de diários de leitura dos alunos

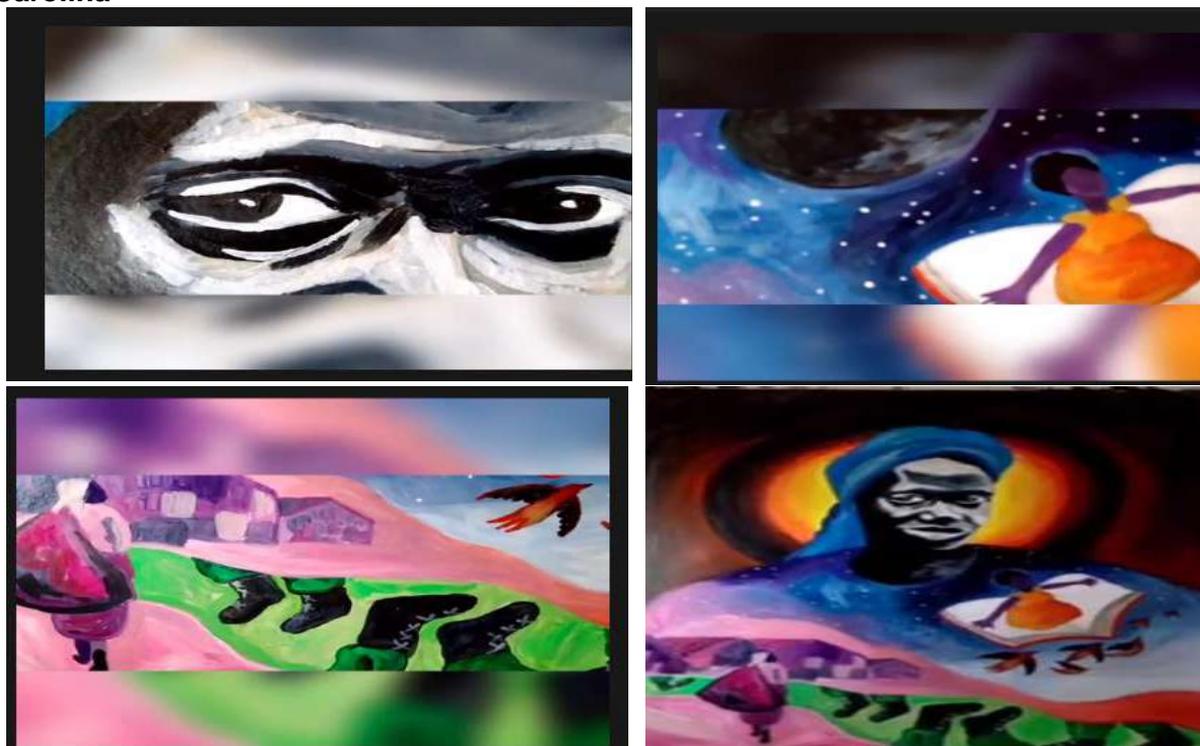


Registros dos diários de leitura dos alunos. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

Ela disse para os alunos que ainda retratará Carolina na casa de alvenaria, “aguardem”, brincou Paty. Explicou que trabalha muito na ressignificação dos corpos femininos, e neste momento compartilhou tela e mostrou algumas de suas obras para os alunos, obras de uma série intitulada “Mulheres codinome revolução” em que retrata mulheres que tiveram papel fundamental na resistência negra, na história do Brasil, no período da escravidão, mulheres que lutaram para construir quilombos, lugares para onde os escravizados fugiam para terem suas vidas, sua liberdade, manter suas famílias vivas, eram lugares de resistências. Ela explicou vários elementos em suas pinturas enquanto compartilhava tela com a turma, mostrou a releitura que fez de Tereza de Benguela, ela traz elementos como a onça simbolizando a força, o algodão que plantaram na época, botinas de militares, elemento no pescoço são de povos africanos, o pássaro representa a liberdade, todos esses elementos atravessando esses corpos femininos de luta.

Exibiu a obra que fez de Carolina e falou de cada elemento, as botas dos militares, porque o livro foi censurado por falar as verdades da favela, mostra ela catadora, ao fundo a favela, o pássaro faz uma referência a Tereza de Benguela e só tem lá em Benguela em Angola. O livro representando o voo, a liberdade que a escrita representava a Carolina. Podemos observar na imagem os elementos da análise da artista.

Imagem 38: Prints do vídeo na plataforma Youtube: Flup Digital 2020 - Cartas para Carolina



Prints do vídeo na plataforma Youtube: Flup Digital 2020 - Cartas para Carolina - Paty Wolff – Fonte: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iExHsEujtWw> Acesso em: 07 de janeiro de 2020.

Ela explicou que intitulou a fala como “*fome de arte*” para aproximar de Carolina artista que é um símbolo de luta do movimento sem teto e do movimento feminista, então Carolina é um símbolo de resistência, é uma escritora, tinha esse senso estético de como queria apresentar seus textos, apesar da obra ser um diário, ela queria publicar esses cadernos, diários.

6.8.2 A completude do leitor

Paty pediu para ouvir os alunos, que estão todos prestando atenção e com suas câmeras ligadas, motivei-os alunos a participarem. A aluna Mariana disse que tem aprendido muito sobre *Quarto de despejo*, a realidade, o preconceito, pessoas que passam fome e acrescentou que é bem triste saber que ainda existe isso no Brasil e no mundo, para ela a obra está sendo bastante interessante.

A aluna Paola Nandria disse:

Ler o livro *Quarto de despejo* está sendo muito significativo para mim, porque eu estou aprendendo muito, está mudando o meu ponto de vista em relação ao mundo, gostaria de dizer também que é muito incrível retratar Carolina em desenhos, porque como a professora falou, essa obra, esse desenho que foi feito dela, retrata a vida dela, a liberdade, querendo ou não, está retratando basicamente tudo de Carolina e eu acho incrível.

A estudante Ana Julia complementou, dizendo que apesar de não ter terminado a leitura, está achando incrível, pois é um livro que ensina “cada página que a gente lê, é um aprendizado, é uma realidade do mundo, eu amei ver as artes da Paty. É incrível, é um desenho e cada parte do desenho tem uma história atrás daquilo e é muito incrível”.

Maria Eduarda disse:

Bom, eu estou quase acabando o livro, estou achando-o muito interessante e nessa quarentena principalmente, dá pra gente vê o quanto as pessoas estão precisando de ajuda, antes acho que era meio ocultado isso, apesar de que a gente sempre soube a realidade, mas de alguma forma era meio ocultado as pessoas que passam fome, passam necessidade realmente e nessa quarentena a gente pode ver que existem muitas pessoas que precisam de ajuda. O livro está sendo incrível porque eu pude perceber várias situações de um jeito diferente e as artes da Paty são incríveis, porque no meu ponto de vista fazer desenho não é fácil, eu já comecei fazer aulas de desenhos, pintura em tela, então eu sei que realmente não é fácil, mas está de parabéns”.

Maria complementou, perguntando se as fotos que Paty mostrou foram tiradas das telas. Paty explicou que suas artes são em papel, são papéis mais grossos para aguentar a tinta que é acrílica misturada com água, uma técnica mais aguada. Ela explicou que faz muito tempo que não pinta tela, pois optou pelo papel por absorver melhor. Argumentou que as obras são grandes e não cabem em uma máquina de *scanner* comum, só quando é tamanho A4, mas sempre usa aplicativos de *scanner* do celular. Falou da dificuldade de fazer em gráfica devido ao momento da pandemia e também pelo fato de os papéis serem muito grossos, esclareceu que então tira fotos e procura o melhor horário, de manhã bem cedinho é o melhor horário por causa da luz. Maria Eduarda disse, “ficou parecendo desenhos feitos por aplicativos, desenho digital, muito legal”. Paty explicou que tenta sempre ter a melhor qualidade para enviar para pessoas verem e exposições.

O aluno Eduardo disse:

eu percebi que a obra de Carolina parece que está no presente mesmo, porque ela conta sobre a fome e com relação à política, então eu estou achando o livro bem legal, bem interessante, e ele se demonstra na atualidade também, eu achei os desenhos da Paty muito legais, não sei explicar, mas muito bonitos mesmo.

Paty pediu para ler uma passagem da obra *Quarto de despejo*, “quando eu não tinha nada o que comer em vez de xingar eu escrevia têm pessoas que quando estão nervosas xingam ou pensam na morte como solução eu escrevia meu diário”. Continuou acrescentando que quando está muito nervosa com tudo que as pessoas fazem umas às outras “eu corro para minhas tintas, para meus papéis e meus pincéis e pinto”. Contou que também trabalha com esculturas. A palestrante reforçou ao falar dessa fome de escrever, de querer se expressar por um caminho artístico que é a escrita, Carolina tem esse senso estético de como colocar as palavras, buscava em dicionários, essa busca de querer se expressar e querer que o mundo a lesse, enfatizou Paty Wolff.

Lembrou também a parte em que Carolina fala que invejava nos livros o nome do autor, do reconhecimento que almejava para que as pessoas tivessem acesso ao que ela escrevia e quando lançou a obra *Quarto*, ela ficou muito feliz e emocionada, pois agora esses escritos chegariam até o leitor, e hoje vemos a obra traduzida em vários idiomas, até na Alemanha se lê e se respeita Carolina de Jesus como escritora negra do Brasil, brasileira, destacou a artista.

Ressaltei a importância de conhecer Carolina mesmo não me sendo apresentada no Ensino Fundamental como para a minha turma de nono ano, visto que foi conhecendo Carolina que comecei a publicar meus rascunhos literários, a ressignificar e dar valor aos meus escritos e sentimentos, a aprender com ela a importância de darmos voz a nossa opinião e representar nossos ancestrais.

Tivemos a honra de receber na conferência de Paty Wolff, a pesquisadora Raffaella Fernandez que mesmo não a conhecendo, nos falou do trabalho dela no projeto da Flup, *Cartas à Carolina*, foi a pesquisadora que por meio de uma mensagem de texto disse: “ela é aí de Cuiabá no seu estado” a partir daí entramos em contato.

Paty contou de uma palestra que viu, na qual onde falam que se não fosse a virtualidade não seriam possíveis esses encontros, até com pessoas de outros estados e cidades, “será que teríamos esse encontro de Sinop com Cuiabá?” A

virtualidade aproxima. Destaquei o quanto tenho aprendido com os encontros virtuais e principalmente minha alegria em ter alunos já pesquisadores de Carolina, críticos, sabem se posicionar e relacionar as temáticas da obra com seu dia a dia. Raffaella também ficou impressionada com a obra de Carolina ao fundo do vídeo de Paty. A fala da artista e escritora trouxe um retrato de Carolina na arte, cada trecho de sua pintura traz a história de uma mulher negra. Solicitei para Raffaella fazer alguma contribuição. Ela nos lembrou que aquele era o dia, o marco, início do livro *Quarto de despejo*, “15 de julho aniversário da minha filha Vera Eunice”. E nesse dia os alunos postaram uma homenagem, conforme imagem abaixo, à Vera Eunice na página *alunos escritores*.

Imagem 39: Print da homenagem dos alunos postada na página.



Print da homenagem dos alunos postada na página. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

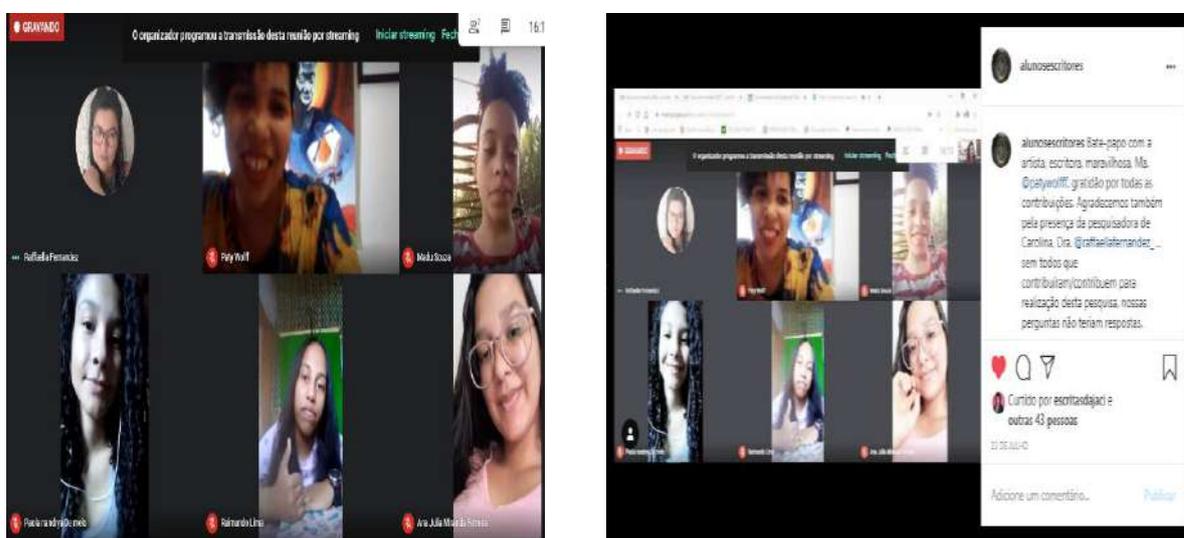
Raffaella parabenizou o trabalho de Paty na Flup e disse que veio para conhecê-la. A palestrante concluiu, dizendo que tem sido gratificante trabalhar com Carolina, ter conhecido suas obras e retratar em sua arte muitas mulheres negras, falou que depois que viu, *uma revolução chamada Carolina*, ela intitulou a série, *Mulheres Codinome Revolução*, da qual Carolina faz parte, mulheres revolucionárias na história brasileira, na escrita, revolta, liberdade. Finalizei com os agradecimentos e com a convicção de que a literatura não caminha sem a arte, uma vez que ela é arte viva, arte da escrita, lugar de luta, da palavra. Sobre essa diversidade artística de um texto literário, Jouve (2012, p. 86), faz a seguinte afirmação:

Se o característico de um texto literário é condensar saberes diversos e variados, essa riqueza cognitiva é consequência direta de seu

estatuto de obra de arte, isto é, das condições nas quais ele foi criado. Diante da pergunta: “O que é que se deve reter de um texto?”, responderíamos facilmente que tudo é importante. O interesse de um texto está justamente na multiplicidade de conteúdos que ele veicula, aqueles que ele transmite intencionalmente e aqueles que ele exprime “por acidente”.

É a característica de arte que confere ao texto literário essa multiplicidade interpretativa, conforme nos disse Paty Wolff no início da reunião, “a pintura é uma representação da realidade, nossos olhos são os filtros.

Imagem 40: *Print* da conferência com a artista Paty Wolff.



Print da conferência com a artista Paty Wolff. Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

6.8.3 Um presente eternizado em um livro

Além das contribuições durante o bate-papo *on-line* com os *alunos escritores*, Paty aceitou o convite da turma para fazer a capa do livro *@alunosescritores: Diário de uma turma nota 10*, conforme podemos observar na próxima página. A imagem é encantadora, os alunos queriam uma Carolina feliz, olhando para cima, sem lenço na cabeça, colorida como gostava de ser, com jóias e principalmente, com os cabelos soltos.

Receber esse presente é a prova de que Carolina Maria de Jesus nos une, de que a luta deve ser coletiva e todas as temáticas retradas por ela nos impulsionam na busca pela valorização do ser humano e pela literatura que nos dignifica.

Imagem 41: Obra de arte da artista mato-grossense: Paty Wolff



Fonte: Obra de arte da artista mato-grossense: Paty Wolff – Carolina Maria de Jesus – capa a obra: @alunos escritores: Diário de uma turma nota 10.

6.9 “Quarto de despejo: temáticas atemporais para sala de aula”

No dia seis de julho de 2020, participamos de uma live com a Profa. Dra. Helenice Joviano Roque de Faria, a transmissão foi pelo seu canal, *Palavras em Movimento* na plataforma digital *YouTube*.

Imagem 42: Print da página @alunosescritores



Fonte: Print da divulgação postada na página @alunosescritores. Acervo da professora-pesquisadora.

No primeiro momento, a professora. Helenice nos apresentou, a conversa foi sobre o projeto, *Quarto de despejo: Temáticas atemporais para a sala de aula*, e contou com a participação de todos os alunos, mas representando a turma, juntamente comigo ao vivo, esteve a aluna Ketellyn Mundins. A professora pediu para a aluna falar um pouco de sua vida como estudante nesses tempos de pandemia, a aluna respondeu que “a gente tenta seguir, marcar um horário para fazer as atividades, todos os dias estudo das quatro às cinco da tarde, só que não é a mesma coisa de estar na sala de aula”. A aluna disse que mudaram as formas, os jeitos de se estudar. A professora mediadora concordou e acrescentou que é normal, pois o

mundo pandêmico está nos ensinando novas formas de aprender, novas formas de ensinar, novas formas de viver e disse que gosta de pensar que esse momento vai passar, mas que devemos sair desse momento de uma maneira diferenciada, pensando de uma forma diferente de alguns meses atrás, já que estamos confinados e precisamos aprender algumas coisas.

Continuou sua fala e perguntou, “e você Jacinaila como está passando esse tempo?” Respondi que é um grande desafio, visto que é delicado tanto para os alunos, quanto para nós professores, esclareci que apesar de toda minha preocupação com o aprendizado dos alunos, diante de uma pandemia, uma doença que tem ceifado vidas, não temos muito o que fazer, além de esperarmos e dar o melhor de nós como estamos fazendo no projeto a partir da obra *Quarto de despejo*.

A professora Helenice deu as boas-vindas a toda a turma de alunos escritores presente na *live* e interagindo por meio do *chat* ao vivo. Mais uma vez ela agradeceu à aluna Ketellyn Mundins por estar representando sua turma de nono ano da Escola Estadual Professora Zeni Vieira de Sinop/MT.

Agradei pelo espaço que nos foi concedido no canal **Palavras em Movimento**, que como o próprio nome sugere, indica esse movimento de ações na educação. Falei da importância de além de ler, viver a literatura e divulgar em todos os espaços disponíveis, mostrando para a sociedade que a literatura é sim, lugar de humanização e transformação social, como no canal da professora Helenice.

Agradei em nome dos alunos, da escola, do Profletras Sinop e do orientador desse trabalho, Prof. Dr. Genivaldo Rodrigues Sobrinho. “É o nosso dever espalhar literatura, discutir literatura e principalmente aquilombar cada vez mais as pesquisas que nós temos feito” acrescentou a professora Helenice.

Nessa *live*, eu e grande parte dos alunos fizemos o cadastro no portal da UFLA (Universidade Federal de Lavras), para receber também a certificação referente à comunicação do projeto, os alunos demonstraram motivação durante o processo de inscrição, nem todos conseguiram realizar a inscrição antes, mas depois auxiliei os que apresentaram dificuldades e dúvidas.

A professora mediadora do diálogo iniciou com a seguinte pergunta: “quem é a professora Jacinaila Ferreira?” Iniciei a minha apresentação e expliquei que a Jacinaila Ferreira é mãe da Maria Fernanda e do Fábio Henrique, casada, apaixonada pela família. Como professora minha formação é em Letras aqui pela Unemat/Sinop,

ex-aluna da professora Helenice. Minha especialização é em Docência do Ensino Superior e atualmente sou mestranda do Profletras, Câmpus de Sinop. Me formei em 2009 e desde então trabalho na rede estadual de ensino, me efetivei na Escola Zeni Vieira. Falei ainda sobre a minha vocação, amor pela profissão e missão preciosa de ser professora.

Inicialmente falei sobre o objetivo do projeto que além de promover o letramento literário, de despertar o hábito de leitura e de promover o protagonismo estudantil, fazendo com que o aluno busque e construa seu aprendizado com a mediação do professor, mostra também essa relação que o aluno faz das temáticas da obra com a sua realidade e atualidade observada. A professora Helenice fez a seguinte pergunta: “Qual foi a grande interrogação que te levou ao *Quarto de despejo*, para desenvolver esse projeto que desenvolve hoje?” Respondi: “Como a obra *Quarto de despejo* retrata a realidade atual? Como essa obra retrata a nossa realidade, a de alguns alunos ou das pessoas que os cercam? Até que ponto a obra que estamos trabalhando influencia a realidade dos alunos?”.

Ela fez uma pergunta para a representante da turma na *live*, a aluna Ketellyn, “Ketellyn você como aluna do nono ano, quando teve contato com a obra *Quarto de despejo*, o que a obra provocou em você, ou como você se sentiu lendo Carolina Maria de Jesus? A estudante respondeu: “Na maioria das páginas, é um diário, ela conta por dia, eu acho que foram bem poucos os dias que eu não chorei com a obra da Carolina, porque ela trata de uma realidade que eu não conhecia, já tinha ouvido falar, mas o contato que passa para as pessoas, a realidade do jeito que ela escreve ali passa de verdade aquilo para as pessoas e eu nunca tinha tido contato, estou bem no finalzinho da obra, eu sempre me emociono com as coisas que acontecem, tudo que ela descreve, o que ela vive, as coisas que acontecem com ela, eu me emociono com a maioria delas”. A professora Helenice disse que só de ouvi-la se emociona, pois, vive a mesma situação com a leitura da obra *Quarto de despejo*, quando Carolina descreve os momentos de fome, as dificuldades.

A professora mediadora da conferência fez um depoimento e contou, “eu me vejo na minha infância, porque Carolina Maria de Jesus era mineira como eu, então muita coisa que mostra na culinária, na forma como ela fazia com os seus filhos, deixava comer para dar para os seus filhos, a preocupação em prover o sustento da casa dela, isso me toca profundamente, porque eu vejo também os meus pais, ali

preocupados comigo, e quando ela fala assim, ah eu não gosto de polenta, então quando Carolina fala que ela não gosta daquela comida, eu fico lembrando quantos mingaus de fubá eu tomei para sair para uma escola sete horas manhã, então era o fubá com água e açúcar, isso tinha que me sustentar até as nove da manhã para meu horário de intervalo que eu pedia a Deus para não enfraquecer tanto até tomar o lanche da escola. Então, assim Carolina me faz voltar a minha infância e relembrar essas situações que eu vivi”.

O professor Gasperim lembrou em um comentário: “não tinha café com pão todos os dias durante a minha infância, tomava mingau ou fubá suado”. A professora Helenice me perguntou se conhecia fubá suado, respondi que por ser criada com minha avó que é mineira, conhecia esse prato também, para quem não conhece, é uma espécie de cuscuz mais soltinho, contei que na minha infância a mãe vó fazia um bolinho de chuva, uma farofa de ovo caipira, comida requentada que sobrou da janta, lembrei com muito carinho da minha infância feliz. O Rodrigo de Itabira-MG, também comentou e disse que comeu muito fubá suado.

6.9.1 Retomada das temáticas de *Quarto de despejo* na atualidade

Nesse momento, a professora Helenice passa a palavra para que eu fale sobre a minha pesquisa. Iniciei explicando como tudo começou, a motivação por meio de vídeos, biografia da autora, entrevistas e reportagens sobre ela, expliquei que o desafio é constante, pois estávamos em um momento em que as aulas ainda não haviam sido retomadas nem da forma online, alguns alunos não têm celular, usa dos pais quando estão em casa, então para facilitar a comunicação criamos um grupo para as comunicações referentes ao projeto. Vou expor aqui de forma resumida o que expliquei e deixo também o *link* de *Palavras em Movimento* para que todos possam visualizar, contei que a comunicação é constante e que os alunos fazem a leitura da obra, escrevem suas impressões em um diário de leitura onde registram suas angústias e inferências sobre a obra, paralelo a isso criamos um perfil na plataforma digital *Instagram* que depois de decisão coletiva se intitulou *Diário de uma turma nota 10 @alunosescritores*, é como um diário virtual onde eles postam fotos autorais de seu dia a dia, relacionadas com temáticas como a fome, a miséria, a desigualdade social, entre muitas outras presentes no livro que estão lendo.

Expliquei também que antes das postagens das imagens, citações e comentários, eles me enviam para correção e se necessário devolvo para refacção até estar pronto para a postagem.

Iniciei então a fala e conforme aponte cada temática citei um trecho da obra *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus, traçando um paralelo, entre o livro lançado em 1960 e a atualidade, sessenta anos depois.

Esclareci que inicialmente as conferências aconteceram somente com os alunos, para essas conversas iniciais, motivação e apresentação das propostas, porém na sequência tivemos participações de estudiosos da obra de Carolina, incluindo o encontro no canal *Palavras em Movimento*. Continuei e falei sobre as temáticas citadas, trabalhadas e comparadas em fotografias autorais dos alunos, de acordo com recortes temáticos da obra. Após falar sobre o que significa cada tema na obra, li o texto de Carolina intitulado: “O escravo”, conforme segue abaixo.

O Escravo

Quando iniciou o trafico de negrós para o Brasil os ricos do Rio de Janeiro, fôram os primeiros que comprou negros para revender. E entre eles estava o meu bis-avô que foi revendido varias vêzes. E como quem compra é dono os pretos não tinham vontade propria.

Um preto apanhava muito resolveu fugir. Embrenhou-se na mata. Andou indeciso até encontrar uma taba de indios. Quando eles viu o preto, pensaram que era um macaco.

O preto quiz fugir. Foi atingido por uma flexa na perna e caiu gemendo. Os indios aproximaram observando-o incredulo com a sua cor preta. Cor da noite. Carregaram o preto para a taba. Ritiraram a flexa, o sangue jorrou-se.

Eles provaram o sangue. Era doce igual ao sangue dos brancos. E era vermelho igual ao sangue das feras, que eles habitiam. Falavam. E o preto não entendia. Mas o gemido do preto era igual ao das pessoas feridas. Pensaram será que este homem de pele preta da cor da noite, é melhor do que os brancos? Resolveram curar a ferida que sangrava. Puzeram uma infusão, e a dor cessou-se.

Deram ao negro carne de aves e peixe para comer, e frutas selvagens. Mas conservaram o preto amarrado com cipó e embira. O preto chorava e pensava na sua mãe que devia estar amarrada no tronco. Recordava da Africa onde ele era feliz e podia cantar ao som da cuica e da canjarra. Um dia levaram o preto as margens do rio para lava-lo. Começaram a esfregar o preto com uma pedra rustica, para clarea-lo. Dois seguravam, e outro esfregavam.

Deixaram o preto em carne viva. Ele chorava, e morreu de dor. Os indios pensaram que a sua cor preta, era sugeira.

Pobre preto que ansiava a liberdade e encontrou a morte. Ou de um jeito, ou de outro, o preto sempre encontra obstaculos na vida⁴.

⁴ Transcrição e estabelecimento dos textos: Raffaella Andréia Fernandez.

Deixei a mensagem do texto como reflexão por toda a dor causada por esse estranhamento e tentativas de enfraquecimento. A professora Helenice disse: “eu gostaria de lembrar o quanto são tão atuais os textos de Carolina, parece que ela previa os tempos que nós vivemos, eu olho para questão política, do preconceito, racismo, fome, a questão da necropolítica, tudo muito desenhado na obra de Carolina Maria de Jesus, então a relevância de ler Carolina hoje é incrível, todos deveriam ler essa obra”.

Continuei a fala com uma breve apresentação da autora, enfatizando a necessidade de divulgação e a quebra de estereótipos de que Carolina era favelada, mas a afirmação do que ela sempre foi, uma grande intelectual e escritora. Na sequência, falei sobre os temas recortados para trabalhar durante o projeto, a fome, desigualdade, denúncias, relacionamentos, miséria, a cor e o sonho, a visão da natureza e a importância da água, os sentimentos demonstrados, a pobreza, custo de vida, a religiosidade, a escrita e a leitura como aliadas na superação e construção de um sonho.

Lembrando que também se ressalta a poética, o feminismo, são alguns recortes temáticos durante a leitura feita pelos alunos, porém há uma infinidade de temas tratados por essa escritora múltipla de uma escrita híbrida, riquíssima em temáticas gritantes que ainda urgem pela luta e mudança. Apresentei trechos da obra dentro de cada temática mostrada, seguida por comentários sobre a visão de Carolina dentro de cada tema.

Falamos da parte em que a autora diz que preterir o preto é o mesmo que preferir o sol, e comentei sobre a indignação da autora diante do racismo de pessoas que se declaram civilizadas. Em outro momento, Carolina se vê diante do preconceito por catar papel e responde que cata papel e com isso está provando como vive.

Professora Helenice complementou e disse: “a gente não nasce racista, a gente aprende a ser racista, Carolina mostra isso nesse trecho, o que a mãe tinha que fazer? Corrigir a criança, conversar com a criança, mas a mãe simplesmente finge que não vê, então essa forma que muitas vezes as pessoas ainda tratam os pretos fomenta cada vez mais o racismo e o preconceito”.

Citei a parte em que ela escreve peças e apresenta aos diretores de circo e eles respondem, é pena você ser preta. Comento sobre o quanto Carolina foi desprezada e como as pessoas queriam lucrar a partir da imagem de favelada, e ela responde, esquecendo eles que eu adoro minha pele negra e meu cabelo rústico. Carolina não se abate e demonstra muito orgulho em ser preta.

A professora Helenice perguntou para a aluna como ela tem conseguido ler essas temáticas na obra de Carolina. Ketellyn respondeu que inicialmente não achou que as temáticas seriam “pesadas”. Ela citou que tem uma parte em que Carolina estava em uma venda e pergunta para a vendedora se tem peixe e a vendedora fala que não tem, mas quando entra uma outra pessoa e faz a mesma pergunta ela diz que tem... “no dia que eu li, aquilo me deu uma mistura de raiva com angústia, de saber que só pela cor da pele, que a classe social da pessoa impede ela de ter acesso às mesmas coisas”. Afirmou que ainda é muito presente nos dias de hoje e ficou muito indignada de ver que só pela diferença de tom de pele ela não consegue ter o mesmo acesso que pessoas brancas conseguem.

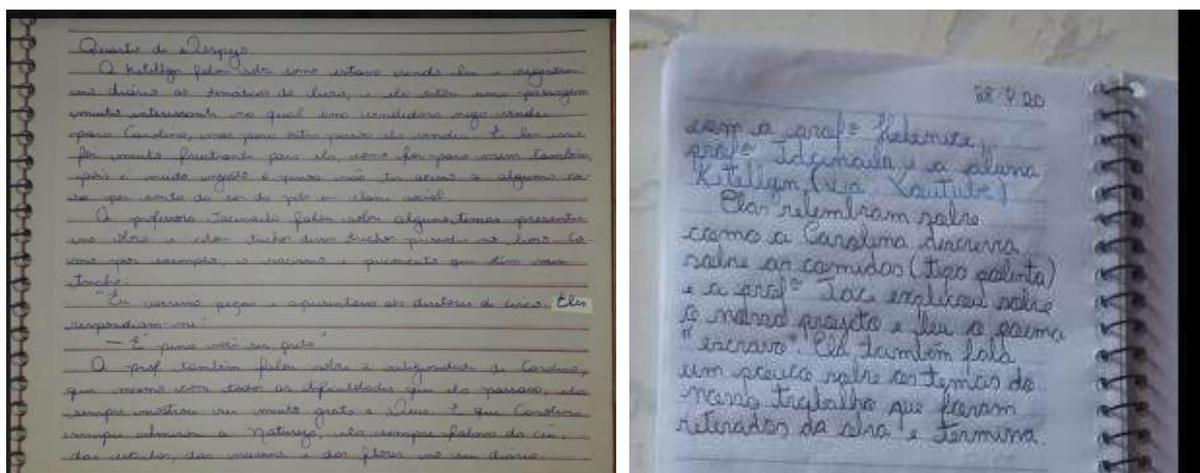
Então falei sobre a fome e a cor amarela descrita por Carolina, a professora Helenice contribuiu e disse que é muito comum em Minas Gerais alguém dizer que está amarelo de fome, ela continuou: “e quem é que fica amarelo? Negro. Conte também que por ser criada com mineiro vivo comendo um trem e amarela de fome, expliquei que por mais que você tenha conhecimento da norma padrão, essa oralidade, inclusive muito presente na obra de Carolina, é que nos faz ser autênticos. Professora Helenice confessa que ao ler *Quarto de despejo*, já estava debruçada sobre a oralidade de Carolina Maria de Jesus e disse que em breve apresentaria algo sobre essa escrita, ela nos presenteou dizendo “isso foi instigado a partir do seu projeto, a partir do momento que eu comecei a assistir ao seu trabalho com seus alunos eu pensei sobre o linguístico em Carolina Maria de Jesus, eu preciso escrever isso”.

Aproveitei e falei sobre o preconceito linguístico por parte das pessoas quando falam que Carolina escreve errado, esclareci que não se pode negar a existência da norma culta, mas que nossa língua é viva e não se pode usar esse cânone como forma de elitização, de sinônimo de poder e de desprezo à literatura múltipla da grande escritora que é Carolina. Falamos ainda sobre o custo de vida, o aniversário de Vera Eunice, sobre Carolina estar sempre lendo e escrevendo, lemos a parte que ela diz

que seu ideal é gostar de ler. Professora Helenice afirmou que quando lê esses trechos em que Carolina é questionada por ler e escrever se lembra das pessoas dizendo a ela, “porque você estuda tanto? Você não acha que está bom até onde você já foi? Eu queria fazer uma observação aqui, por um racismo estrutural as pessoas ainda acham que os negros não precisam estudar, na verdade Carolina Maria de Jesus nos deixa uma grande lição no quesito busca de conhecimento”. Ela citou que Carolina sempre estava escrevendo e tinha um conhecimento linguístico profundo, pois lia muita literatura.

Expliquei que conheci a palavra tépido lendo Carolina, “o sol está tépido” fui pesquisar várias palavras que ela usa, porque além de escritora, ela é uma grande leitora, quando falei da desigualdade social, citei a capa do livro que traz quarto de despejo como sinônimo da favela, citei a parte em que ela compara a cidade com a sala de visitas e a favela a um quarto de despejo. Falo da denúncia social e que Carolina diz para todos que se comportam de maneira errônea, “vou te colocar no meu livro”, lembramos ainda que a obra é permeada por sentimentos e sonhos, como quando ela fala, “às vezes eu ligo o rádio e danço com as crianças”, e por fim falei das cores e do quanto a obra é colorida pela natureza e pela esperança.

Imagem 43: Registros fotográficos dos relatos dos alunos



Fonte: Acervo da professora-pesquisadora.

A professora Helenice mencionou sobre os aplausos em torno do preconceito linguístico tratado por pesquisadores brancos, mas tem um pesquisador da Bahia que lançou recentemente um livro sobre o preconceito linguístico e todo mundo, porque ele é preto, olha o trabalho dele com estranheza, ela explicou que isso nos mostra que

o mundo continua racista e preconceituoso. Um professor da UFLA, participante da *live*, observou que alguns escritores são bem aceitos quando falam de preconceito linguístico, enquanto outros escritores, citou como exemplo um grande pesquisador, professor da Universidade Federal da Bahia fala de racismo linguístico muitos olham para ele com estranheza, pelo fato de ser negro.

Helenice finalizou agradecendo pelo excelente trabalho desenvolvido e que tem produzido nos alunos ressignificação para vida no Brasil e no mundo, uma vez que a literatura nos sacode, e precisamos desenvolver ações antirracistas. Reforçou que o trabalho que estamos desenvolvendo é uma atitude antirracista, concluiu parabenizando-nos pelo trabalho e finalizamos mais uma etapa com a emocionante despedida e com a certeza de que as palavras continuarão seu movimento, tocarão ainda mais pessoas que poderão transformar a sociedade, nem que seja um pouquinho, por meio da grande escritora, Carolina Maria de Jesus.

7 UM BRINDE A NOSSA DECOLAGEM - ENCONTROS E REFLEXÕES ACERCA DA LEITURA

7.1 Depois da leitura

Esse foi o momento em que criamos debates sobre tudo que foi visto, as temáticas retratadas durante a leitura e sua significância no cotidiano que nos cerca na atualidade. Solé (1998, p. 134) pontua que,

(...) não é possível estabelecer limites claros entre o que acontece antes, durante e depois da leitura. De qualquer forma, estamos falando de um leitor ativo e daquilo que pode ser feito para incentivar a compreensão durante o processo de leitura, um processo que não pode ser assimilado a uma sequência de passos rigidamente estabelecida, constituindo uma atividade cognitiva complexa guiada pela intencionalidade do leitor.

Pode-se compreender, portanto, que de acordo com os pressupostos teóricos da autora citada, o depois é uma continuidade do aprendizado e da compreensão, interpretação do que foi lido. Segundo Cosson (2016, p. 64), “a interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”. Isto quer dizer que, é nesse momento que se contextualizam os sentidos. Cosson (2016, p. 65) salienta ainda que “é o que costumamos chamar de encontro do leitor com a obra”.

Sendo assim, é na interpretação que o leitor retoma a leitura e os momentos vivenciados no ato de ler, associando a leitura ao seu contexto de vida social.

Reiteramos aqui a intencionalidade do nosso trabalho de sintetizar os objetivos que visam compreender as temáticas presentes na obra: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, bem como refletir sobre os temas atemporais presentes no diário. Nesse momento, promovemos um debate sobre os recortes de temas presentes na obra que foram: racismo, preconceitos abordados, desigualdade social, fome, miséria, denúncia social, relacionamentos, a visão da natureza, as cores, os sentimentos demonstrados, leitura e escrita, pobreza, custo de vida e religiosidade.

O tempo estimado para a execução das atividades propostas na interpretação foi de quatro horas aula. Os objetivos específicos contemplaram compreender as temáticas presentes na obra: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e refletir sobre os temas atemporais presentes no diário.

As produções realizadas durante a leitura, bem como os diários pessoais do dia a dia dos alunos foram revistos em um diálogo constante via *WhatsApp*, as postagens dos @alunosescritores na página do Instagram foram editadas com o auxílio dos alunos escritores e colocadas no livro, com mais de cento e trinta páginas. O livro traz a capa feita por uma das pesquisadoras que contribuíram durante a leitura dos alunos, a artista mato-grossense Paty Wolff. Prefaciado pela pesquisadora Raffaella Fernandes e as apresentações antes de cada temática foram feitas pela proponente deste trabalho. Para concretizar esse momento de internalização de tudo que foi estudado apresentamos as ações desenvolvidas.

7.2 “Vera Eunice de Jesus conversa com alunos escritores”

“Eu cato papel, mas não gosto.
Então eu penso:
Faz de conta que eu estou sonhando”.
Carolina Maria de Jesus

E para fechar a aplicação com a mesma emoção e realidade que nos foram proporcionadas pelas vivências da experiência de leitura da autora pesquisada pelos *alunos escritores*, nada seria mais emocionante e propício para testemunhar a obra e os escritos da mãe,

MEU NOME É VERA: Vera Eunice de Jesus Lima. Lima é o sobrenome do marido, mas às vezes, devo confessar, me esqueço disso, confundo. Essa confusão vem desde os tempos em que minha mãe era viva. Carolina Maria de Jesus!...Carolina, minha mãe! Quem viveu os anos 60 ainda se lembra dela, e para mim ela ainda representa muita coisa. Muita! (LEVINE; MEIHY, 2005, p. 19).

Sim, desta vez o encontro foi com Vera Eunice de Jesus Lima, ela aceitou o convite para a nossa décima primeira conferência e conversou com a turma. Ela é poeta, professora de Língua Portuguesa e filha, amada, conhecida por todos os leitores, da autora de *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus. Principal

responsável por manter o legado, a história, os sonhos de sua mãe, entre eles o de ter uma filha professora. Sua luta inclui não deixar morrer a memória e a literatura produzida por essa grande mulher.

Depois de criar a arte do convite, divulgaram na página com o objetivo de convocar e influenciar de forma positiva leitores da Carolina, bem como, pessoas que ainda não leram, mas que ao conhecer a história serão despertados para o letramento, divulgação de ideias transformadoras e principalmente engajamento social por meio do projeto *Quarto de despejo*.

Após a divulgação na página oficial da turma e compartilhamentos, os alunos se dedicaram à outra missão, a reflexão sobre tudo que leram, desenvolveram e sentiram, por fim, o que gostariam de perguntar para a principal personagem dos diários de Carolina. Abaixo podemos observar a arte de divulgação na página e também imagens de algumas questões pré-elaboradas por eles.

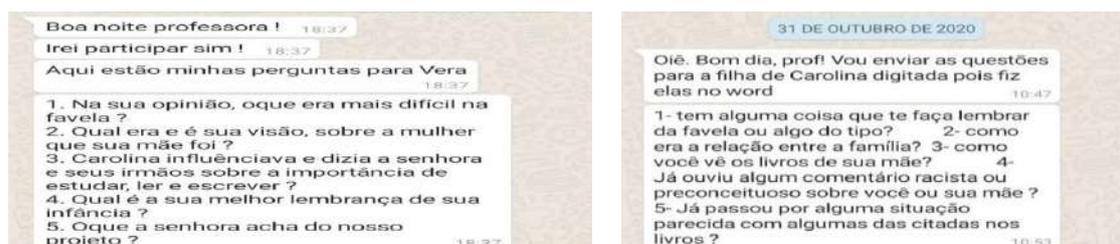
Imagem 44: Registros do encontro com Vera Eunice

a)



Conferência do dia 03/11/2020. Encerramento das atividades. Fonte: Arquivo da professora-pesquisadora.

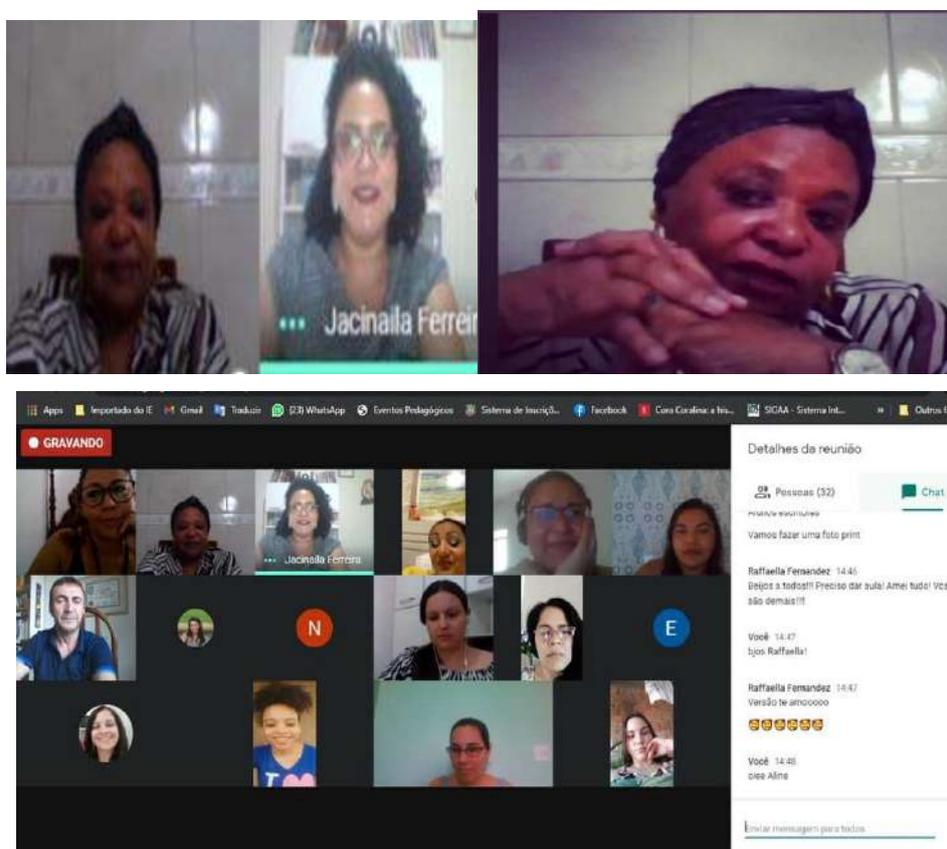
b)



Conferência do dia 03/11/2020. Encerramento das atividades. Fonte: Arquivo da professora-pesquisadora.

O encontro aconteceu no dia três de novembro de 2020, com duração de duas horas de muita história e emoção, pois ouvi-la foi como ouvir sua mãe, Vera nos mostrou a vida além das biografias de Carolina e também relatou o que não aparece nos livros. Desta vez, a conversa foi bem além de *Quarto de despejo*, contada por quem se envolveu nas tramas de um texto repleto de vida real, temas atuais e atemporais.

Imagem 45: Registros do encontro com Vera Eunice



Conferência do dia 03/11/2020. Encerramento das atividades. Fonte: Arquivo da professora-pesquisadora.

Vera Eunice iniciou citando que entramos em contato com ela antes da pandemia e estava feliz por agora ter a oportunidade de conversar com os alunos. Começou falando sobre a Carolina em primeira pessoa que é a sua mãe e a Carolina em terceira pessoa, a escritora de todos. Iniciou então a fala dizendo que a autora nasceu em Sacramento Minas Gerais, uma cidade muito pequena que tem muito gado e leite, relativamente uma cidade com posses, Carolina vem de uma posse da escravatura, visto que seu pai já nasceu com a lei do ventre livre, e ficaram morando

em Sacramento, ela nos contou que o avô era uma pessoa muito inteligente, não sabia ler nada, mas de acordo com relatos de pessoas em Sacramento era muito evoluído pelo tempo e vida que eles tiveram.

De acordo com Vera Eunice, a mãe de Carolina já tinha um filho, era casada e gostava muito de frequentar festas, em uma dessas festas ela conheceu um negro repentista, se envolveu com ele e nasceu então Carolina. Depois disso seu marido foi embora e ela ficou com dois filhos, o irmão era bem mais claro que Carolina que era “bem pretinha, retinta”.

Carolina foi crescendo com o avô e a mãe, ela era uma menina muito esperta para sua idade, tinha muita curiosidade e fazia perguntas que ninguém sabia responder. Vera relata que de acordo com a mãe, as pessoas falavam: “bate nessa negrinha, essa negrinha feia, chata, bate nessa negrinha”, a mãe dizia, deixa a minha filha.

Surgiu uma dor de cabeça em Carolina e como a cidade era em sua maioria de religião espírita, Carolina também era, a mãe a leva para Eurípedes Barsanulfo, um espírita muito renomado até os dias de hoje, quando ele olha para Carolina ele fala para mãe dela: “olha a sua filha não é chata, sua filha não é antipática, a sua filha é uma poetisa”. Segundo Vera, a sua mãe nem a avó sabiam o que era poetisa, pois a mãe de Carolina não tinha nenhum estudo.

A partir de então quando as pessoas falavam, “bate nessa negrinha chata”, a mãe respondia, não, ela não é chata, ela é uma poetisa. E Carolina se questionava, sobre o que seria poetisa, “será que é um doce, será que é uma coisa boa, será que é um coisa ruim”, e lá ninguém sabia o que era poetisa.

Vera Eunice continuou e compartilhou conosco que a mãe de Carolina trabalhava em fazendas e que mudava muito. Quando chegou a fazenda de dona Maria Leite, cuja foto continua em um museu na cidade de Sacramento, uma francesa muito generosa, falava que todo negro inteligente e com potencial, ela iria proporcionar estudos e então ela fala para mãe de Carolina, sua filha é muito inteligente, vou colocá-la na escola.

Quando vai para a escola, ela odeia a escola, tinha sete anos e mamava no peito, não suportava a escola, ela chorou muito e depois a professora disse para ela: “Você não vai voltar para casa, você vai estudar, Carolina Maria de Jesus”. Ela era conhecida e ainda é como Bitita, ela chora mais ainda, pois não gosta do nome e a

professora falou o nome dela. A mãe ficou feliz por poder tirar a “negrinha do peito” como nos contou Vera Eunice.

Então, Carolina começa a ir para a escola, a gostar da escola, já que ela começa a conhecer as primeiras letras e lê tudo que ela acha, panfletos, nomes de comércios, receitas, começa a tomar gosto pela escola, mas então sua mãe muda de fazenda, ela estudou um ano e meio e não conseguiu terminar o segundo ano. Mas Carolina já havia adquirido o gosto pela leitura e consegue então o primeiro livro emprestado, *A escrava Isaura*, ficou apaixonada pelo romance e começa a ler tudo que vê, acrescentou Vera Eunice de Jesus.

Ela iniciou então a leitura de um livro que ela contava para os filhos que era a bíblia, mas disseram que é o livro *São Cipriano* e por isso Carolina é presa por estar lendo um livro de *São Cipriano* e a acusam de bruxa, um primo arruma dinheiro e ela sai, livre ela continua suas leituras, era uma adolescente que ninguém suportava, não era uma pessoa agradável na cidade. O padre da cidade dá queixa que sumiu cem réis e acusa Carolina e ela vai presa novamente, eles batem muito nela para que confesse, mas ela resiste e diz que não foi ela, então eles dizem que se ela não falasse prenderiam sua mãe, Carolina não fala e sua mãe é presa junto com ela.

Vera relatou para os alunos escritores que sua mãe era uma mulher alta, empoderada, olhos grandes, quando chegava nos lugares chamava a atenção, já sua avó era pequena e doente, já tinha abortado e não tinha saúde nenhuma. Eles cumprem a promessa e prendem a mãe dela, e batem muito nas duas, batem tanto em Carolina que ela desmaia. E durante os espancamentos quebraram o braço da mãe dela. Mas ela insistia que não tinha pegado esse dinheiro, então eles colocam as duas para carpir em volta cadeia.

Vera Eunice conta que quando esteve em Sacramento, mostraram a cadeia que a sua mãe ficou, mas ela não quis entrar, não teve condições emocionais. Ela carpiu o pátio da cadeia quatro dias e quatro noites sem comer, sem beber água e apanhando. Surgem nas pernas de Carolina umas feridas enormes, a filha diz que ela tinha as cicatrizes, as feridas começaram a dar mau cheiro na cadeia e Carolina pede a morte. E quando ela pede a morte, de acordo com relatos de Carolina nos manuscritos, aparece um anjo com uma maleta, ele coloca as mãos nas pernas dela e diz: você ainda não vai morrer, Carolina Maria de Jesus.

Encontram o dinheiro e colocam as duas para fora da cadeia. Fora da cadeia, Carolina com as pernas cheias de feridas e a mãe com o braço quebrado, a mãe fala para ela, aqui não dá para você ficar, porque ninguém gosta de você. Vera nos contou que Carolina ia aos bailes e ninguém dançava com ela, as primas eram mais claras que ela e namoravam e ela não arrumava namorado, a mãe então diz que ela precisa sair dali as duas foram juntas, saíram andando, o caminho foi demarcado e está lá todo percurso percorrido por elas, quando chega no meio, depois de passar por várias cidades do caminho sua mãe lhe diz que não aguenta mais e vai voltar, mas pede para Carolina continuar, pois não pode ficar naquela cidade. Carolina continuou, tem as ruas que ela passou nas cidades, e algumas têm o nome dela.

7.2.1 A chegada de Carolina a São Paulo

Quando ela chega a São Paulo, se apaixona pela cidade e então, precisa arrumar um emprego, consegue trabalho na casa do doutor Euryclides Zerbini, primeiro médico que fez transplante de coração no Brasil. Ela falava para os filhos que adorava trabalhar na casa dele, era muito bem tratada e aos finais de semana era liberada pelo médico para sair, dançar, passear, mas ela falava que não ia sair, preferia ficar na biblioteca do médico e ele deixava, e ela se aprimorou. Foi lá que leu os autores que amava, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Rui Barbosa, e foi lendo tudo que ela encontrava, a filha conta que ela adquiriu cultura.

Nunca mais Carolina sentou em um banco de escola, inclusive, de acordo com a filha Vera Eunice, o banco de escola que ela sentou em Sacramento ainda está lá, mas ela também nunca mais parou de ler. Carolina engravidou e naquela época tinha a política de não poder trabalhar grávida em casa de família, ela então vai para a rua, grávida de um americano, agora está na rua e prestes a ganhar uma menina, vai até um convento e pede guarida. Uma freira a empurra e ela rola pelas escadas, a menina nasce viva, mas morre pouco tempo depois, ela colocaria o nome de Vera Eunice, mas colocou Carolina. Volta a trabalhar em casa de família e trabalha para os *Suplicy Mattarazzo*, dona Filomena Matarazzo, mãe do Suplicy, depois vai também para a casa dos *Delamana*, de acordo com a filha, a mãe só trabalhava na casa de pessoas de cultura e com isso foi se aprimorando com a leitura e a escrita, uma vez que ela sempre escreveu.

Em 1940 Carolina já sai no primeiro jornal, *O diário da noite*, que anuncia, “surge uma poetisa negra no Brasil”, com uma foto muito bonita de Carolina sorrindo. E Carolina continua com seu sonho de ser escritora, engravidada de seu irmão João José, o pai era um marinheiro português, e mais uma vez ela está na rua e prestes a ganhar o filho, precisa de um lugar para ter a criança, e viria a São Paulo um político muito famoso, Lucas Nogueira Garcez, o governador era Ademar de Barros, Carolina se dava muito bem com Ademar, ele pega todos os mendigos coloca em um caminhão e deixa na beira do rio Tietê, sem casa, sem nada, pois precisava mostrar uma cidade limpa e bonita, conta Vera Eunice.

Na sequência, relatou que ela consegue umas madeiras que dá mais ou menos uns quinze quilômetros da igreja onde conseguiu e ela carrega na cabeça, Vera disse que a mãe dizia, “a cabeça é a parte mais importante da minha vida, porque aqui eu escrevo, aqui eu carrego meu saco de papel, aqui eu carreguei as madeiras pra fazer o meu barraco”, e ela constrói um barraco pequeno, seu filho nasce e Carolina precisa trabalhar e então começa a catar papel, sempre escrevendo. Engravidada então do José Carlos, filho de um espanhol que tinha um frigorífico em São Bernardo do Campo, o pai do menino quer ficar com ele, era casado, mas não tinha filho, porém Carolina consegue ficar com o filho.

E continua catando papel, com os filhos na favela, quatro anos depois engravidada de Vera Eunice, a situação está caótica e como ela dizia, você é a verdadeira favelada. Vera disse que quando a mãe brigava com ela, a chamava de favelada, pois foi a única que não nasceu em hospital, mas no barraco. Para ela nascer, a mãe ficou vinte e dois dias na cama e os irmãos não tinham o que comer dentro de casa, os irmãos pegavam um baldinho e saíam de casa em casa e cada um colocava uma colherada de comida e eles vinham e comiam aquela comida toda misturada.

Chamam então uma parteira espanhola, dona Maria Puerta, que faz uma injeção em Carolina e nasce a filha. Com os três filhos, continua catando papel, Vera nos contou que sempre saiu com a mãe e que ela nunca a deixava na favela. Os irmãos iam para a escola e ela com a mãe. Ela lembrou que a mãe sentava na beira da calçada e vomitava e falava que a fome é amarela, porque ela vomitava a bÍlis e via tudo rodando, amarelo. E a filha ficava sentada ao lado, esperando a mãe

melhorar, quando ela melhorava, catava o primeiro papel, vendia e iam tomar uma media, pão com manteiga, dessa forma foi criando os filhos.

Carolina falava que o filho mais velho era famélico, tinha uma fome desmedida, e uma passagem que Vera lembra, pois a marcou muito é que mãe quando chegava a casa colocava o que conseguiu na mesa. Vera explicou que não era mesa, eram caixotes, panelas eram latas de goiabada e os copos de massa de tomate, então ela colocava na mesa para o jantar um pacote que recebeu, e eram ratos mortos, a mãe de Vera Eunice se desespera, pois os filhos esperavam comida e não tinha. Nervosa, ela batia nos filhos, mas se arrependia, pois sabia que eles não tinham culpa.

Vera lembrou que perto da favela tinha um lixão e que sua mãe passou e viu um homem com uma carne podre na mão, trecho relatado em *Quarto de despejo*, Carolina pede para ele não comer, ele come e morre. Seu irmão chega com uma lata de salsicha que encontrou no lixo e abre, Vera relatou que sua mãe dizia que ela tinha espírito de rica, por não querer morar na favela, queria vestidos cor de rosa, bolo de aniversário, brinquedos. Não queria comer polenta, queria comer bem. O irmão os chama para comer, a lata explode, a salsicha tinha cheiro podre e aparência ruim, os olhos do irmão conforme nos descreveu Vera, brilhavam, ela disse que o irmão quando estava muito contente chorava de alegria e quando estava triste chorava de tristeza, ela recordou a cena do irmão comendo e os olhos escorrendo lágrimas, olhos brilhando de alegria, enquanto ele comia aquela salsicha podre.

Relatou também outra parte em que está catando papel com sua mãe e uma mulher chama e pede para sua mãe pegar um cachorro podre e jogar no rio Tietê, que em troca lhe daria algo para comer. Carolina levanta a filha e a coloca em cima de um muro e ela fica olhando a mãe catar o cachorro podre e cheio de vermes e colocar em um saco, colocar nas costas e ir andando levar até o rio e jogar. Outro fato que ela lembrou muito são as enchentes. Quando o rio transbordava, ela os levava para dormir no albergue que ficava no centro de São Paulo. Vera disse que não sabe se mudou, mas não gostava do albergue, contou sobre um pesquisador que se interessou depois de uma *live* sua, em fazer um documentário sobre albergues, como eram e se mudaram.

Ela disse que os lençóis eram sujos e que as crianças faziam xixi e aquilo secava e se dormia ali novamente, cada dia dormia em uma cama, as mulheres saiam para tomar banho e saiam nuas na frente das crianças. Vera nos contou que sua mãe

não queria que eles vissem aquilo e por isso abraçava os três e colocava a mão nos rostos deles. Ficavam ali por uns dois ou três dias, lembra que a mãe era muito alta e abaixava para falar com eles, perguntava se queriam ficar ali ou ir pra rua e eles preferiam ir pra rua.

E na rua, ela relata, “ninguém merece a rua, porque as noites são longas, frias, não passam”, eles voltam então para o barraco. Ela contou que a água tinha baixado, mas não muito, a mãe amarrava um lençol no teto e eles ficavam no teto, “então, eu ficava lá no teto e via a água passando o dia inteiro, e ali passava animal morto, passava sapato, passava roupa, passava móveis, colchão, travesseiro e eu ficava olhando aquilo passando e os meninos iam para escola. Vinha um barco buscá-los até na janela e minha mãe colocava-os no barco, quando o barco não vinha ela os levava nadando até deixar no seco”. Ela contou que hoje fica pensando nela com três ou quatro anos pendurada no teto, poderia cair na água que era uma enxurrada, acontecer algo enquanto sua mãe nadava para levar os irmãos. Relembrou que depois que a água baixava tinham as minhocas e o barro que ela não suportava.

Vera recordou que na favela ninguém sabia quando ia comer, mas sua mãe cantava para eles, tocava violão, ouvia novelas e músicas no rádio, as músicas do disco dela ela cantava com eles na favela, ela falava: eu faço a primeira voz, vocês fazem a segunda.

Sempre leu muito para eles, Vera lembrou que ela tinha o livro, *As mil e uma noites* e ela sempre lia para eles as histórias do livro, ela disse que os casos que ela nos contou, eram contados em casa para eles. Às vezes, a mãe a colocava no colo, lembrou que era brava, mas tinha o lado carinhoso com os filhos. Na favela, ninguém suportava Carolina, pois ela adorava valsas vienenses. Vera contou que até hoje tem os discos dela, tocava as valsas vienenses na favela, namorava muito, mas não namorava os homens da favela, namorou o seu Manoel que era empresário, o pai de Vera que era um empresário espanhol, Vera contou que a mãe só namorava homens como jornalistas, reitores de universidade, o único da favela foi o cigano, mas de acordo com ela, ele não era favelado, estava apenas de passagem.

Vera nos contou que as pessoas questionam “por que sua mãe só namorava brancos, vocês são todos filhos de branco”, Vera disse que sua mãe falava que os negros ainda estavam engatinhando e sua mãe estava muito à frente dos negros e ela queria um homem culto. Lembrou que a mãe fazia de tudo para os filhos não se

misturarem e com ela o cuidado era ainda maior. Ela recordou da mãe arrombando barracos para onde os homens levavam a menina chamada Bernadete que tinha problemas mentais para defender a menina. Saíam para fora e xingavam sua mãe e até colocavam fogo no barraco. Vera se lembrou da mãe entrando no barraco pegando fogo para tirá-la e que não queria sair do barraco porque viu seu carrinho de boneca pegando fogo. Ela chegava à casa e os meninos estavam cheios de fezes jogadas pelas pessoas que a detestavam, e ela falava vou colocar todos no meu livro.

Ela escreveu a vida inteira, a filha recordou que enquanto andavam para catar papel, a mãe parava, colocava a mão na cabeça e dizia, “ai, eu preciso escrever, me veio umas ideias” e então catava qualquer papel que estivesse do lado dela e sempre gostou de roupa de bolso, pois ela tinha dentro do bolso um lápis, até hoje, nos conta Vera, que os manuscritos dela têm muitos papéis. O fato de Carolina sempre escrever a tornou uma *persona non grata* na favela. A polícia sempre ia buscá-la de carro e Vera disse que gostava, pois sempre gostou de andar de carro, sua mãe falava muito bem com o delegado, autoridades.

Surgiu então um parque infantil na favela e quem estava lá usando eram os adultos, Carolina foi lá e ameaçou colocar todos no livro, Audálio Dantas estava ali, de acordo com ele, foi ele quem descobriu a Carolina, mas Vera mencionou a fala de pesquisadores, a Carolina quem descobriu o Audálio Dantas, pois quando ele chegou na favela ela já escrevia poema para o Getúlio Vargas, estava sempre no palácio do governo, tanto que a madrinha de batismo de Vera era secretária do governo de São Paulo, Madre Terezinha Godinho.

Audálio Dantas diz que aquela negra alta, e que falava bem, chama sua atenção então ele fala que quer ver o livro, ela o leva até o barraco e mostra os romances, diários, poemas, provérbios, contos, letras musicais, mas ele não se interessa e pede para continuar o diário e começa a publicar nos jornais. Várias manchetes anunciam: “Surge uma escritora negra na favela, será lançado um livro”. Os favelados começam a falar um para o outro, e de acordo com Vera, a situação de sua mãe na favela ficou difícil, pois eles queriam matá-la, ela andava escondida, e Audálio não a tira da favela. Carolina fica ali em uma situação terrível, reforçou Vera Eunice.

7.2.2 Percurso de mudança da favela do Canindé

Quem os tira da favela é Antônio Soeiro Cabral, um dos acionistas do Açúcar União, ele encosta o caminhão e os tira da favela, mas eles saem com muitas pedras jogadas pelos favelados. Vera lembrou que ela estava na cabine, mas o irmão José Carlos que estava em cima do caminhão, levou uma pedrada que machucou, cortou o olho e sangrou. O outro irmão estava correndo caiu de um telhado e cortou toda a perna. Carolina pediu para ele ir sozinho para o hospital enquanto eles saíam da favela.

Vera relatou que perguntou para Audálio por que ele não os tirou da favela e ele disse que todo mundo queria se aparecer com a mãe dela, mas que ele ainda iria tirar sua mãe de lá, falou para ele que deveria ter tirado sua mãe antes, pois sua mãe ficou ali uns cinco ou seis meses ainda após o lançamento. Audálio disse: “você fala como se tivesse saindo da favela e indo para um palacete, vocês foram morar num porão”, e ela diz, “tudo bem, num porão, só que no porão ninguém estava pensando em riqueza, em conforto, nós estávamos pensando em comida, e comida tinha”. Vera lembrou do acionista enviando comida e também dele descendo as escadas, tinha camarão, lagosta, muita comida boa. O que proporcionou maior tranquilidade para a família, porém Carolina estava um pouco desgostosa, queria sair direto para sua casa de alvenaria, mas eles saem do porão e vão morar nos fundos de uma loja de móveis, os meninos corriam brincando e o dono da loja não gostava da situação.

Depois de um ano saíram de lá e Audálio comprou um sobrado para eles em Santana, sua mãe estava endeusada, não saía de casa sem escutar notícias e nem dormia sem ouvir a Hora do Brasil e na notícia eles falavam: “os dez livros mais vendidos, primeiro lugar, *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus”, Vera contou que os olhos da mãe brilhavam. O sonho dela era ser escritora e ver seu nome escrito em um livro a deixou feliz e endeusada.

Em Santana, eles moraram em sobrados geminados. Vera relatou, outro problema, Carolina recém-saída da favela, com pouco estudo, pois, conforme ressaltou a filha, de acordo com estudiosos ela não podia ser chamada de semianalfabeta, visto que viveu no letramento, a vida inteira lendo, os filhos recém-saídos da favela, ela viajando demais e os meninos ficando sozinhos. Vera lembrou que o dia já amanhecia com uma fila de pessoas pedindo, pediam caminhão,

enxovais, casa, comida, entre outras coisas e sua mãe sempre tentando arrumar. Ela contou que todos os mendigos que sua mãe encontrava na rua colocava dentro da casa. Então, tinham mendigos na cama, mendigos no sofá, mendigos na sala, na cozinha, nos quartos, em todas as partes, alguns a agradeciam, enquanto outros a roubavam.

Vera disse: “Hoje estou aqui fazendo uma *live* com vocês, cada um na sua casa, mas antigamente eles colocavam um ônibus tão grande na rua, tinha motor enorme e aquele motor fazia um barulho, infernal aquele barulho e aqueles fios, a rua inteira cheia de fios, eram muitos artistas que iam lá, era Carlos Gonzaga, ele ia muito em casa, tocava, então, pra terminar o assunto ela adorava as valsas vienenses, ela comprou uma vitrola e ela colocava as valsas vienenses e aí ela dançava sozinha dentro daquela sala e aí ela viajava, os meninos ficavam sozinhos, eles pegavam cavalos colocavam dentro da casa, porque a polícia vinha atrás, os donos vinham atrás, eles colocavam dentro da casa, a polícia entrava na casa tirava os cavalos e aí minha mãe chegava e tinha um monte de reclamação pra ela e aí ela ficava nervosa porque os filhos eram da favela e ninguém aceitava e aquele que reclamava ela pegava carvão, ela adorava escrever com carvão, ia lá no muro da pessoa, na parede da pessoa e escrevia, “eu cheguei de viagem e fizeram isso com meus filhos...”

Vera contou que nessa época sua mãe ia muito a tardes de autógrafos, em uma dessas tardes, elas foram ao lançamento do livro de Clarice Lispector. Relatou que um crítico disse que sua mãe era tida como empregada dela, mas ela esclareceu que não era verdade, pois se lembrava muito bem que sua mãe mostrava tudo para eles, e a mãe falou para olhar bem para aquela mulher e ainda contou que ela tinha uma doença, na época ela tinha câncer, Vera lembrou que ficou com dó, “olha bem pra ela, guarda bem o nome dela, ela se chama Clarice Lispector e você vai ouvir muito falar o nome dela”, Vera disse que elas tinham um bom relacionamento.

Vera falou sobre a notícia recente no *Faceboock* em que Jorge Amado tinha ciúmes de sua mãe, ela concordou, uma vez que ela se lembrava que foram à casa de Jorge Amado convidadas por ele. Ela tinha uns oito anos e ao chegar lá muito tarde no escuro, a empregada vem até a porta e fala que ele não as quer na casa dela, Carolina fica desapontada, pois chegar à noite e com uma criança, então a empregada fala que vai ficar com a menina pra ela enquanto procura um lugar e de manhã precisa buscá-la, Vera conta que entrou pé por pé e dormiu em um sofá cama

dentro do baú. Pela manhã, elas deram café para ela, chegou uma mulher na cozinha e avisou que ele estava vindo, colocaram-na embaixo de uma mesa enquanto uma ficou encostada na mesa com a cadeira e falou para ela ficar quieta, daí ele tomou o café e saiu, sua mãe foi lhe buscar. Vera afirmou que tinha certeza de que Jorge Amado não aceitou a sua mãe como escritora.

Ela também desmentiu a história de que Audálio Dantas escreveu o livro, pois ela dormia com sua mãe até os dezoito anos e sua mãe escreveu a vida inteira “e eu era suporte para ela escrever, ela punha o caderno em cima do meu corpo para escrever, escrevia deitada, acordava à noite e escrevia”. Vera continuou falando sobre Manuel Bandeira que disse que foi ela quem escreveu o livro, pois Audálio Dantas falava que com o português de sua mãe, jamais ele conseguiria escrever daquele jeito. Então, Carolina já estava desgostosa de morar lá. A Itália falava que quer fazer o filme *Quarto de despejo* e quer levar Vera e seu irmão do meio para fazer o filme, Vera não sabe o que aconteceu, mas ela pegou a entrada, não deixou as crianças irem e comprou o sítio, começa ir todo fim de semana para o sítio, começa a construir e um dia encosta um caminhão e Carolina avisa que todos irão embora para o sítio.

Chegando lá, Vera lembrou que o piso era de terra, não tinha janela, portas, não tinha luz, e o irmão mais velho adolescente, gostava de músicas e não gostou, teve sérios problemas com sua mãe não queria que namorasse mais, colocasse ninguém dentro de casa, eles brigavam bastante pela falta de conforto, foi outro tipo de problema lá, com três filhos adolescentes “na favela passar fome com três crianças era muito mais fácil do que passar fome com filhos adolescentes”. Vera recordou que era pequena ainda com uns nove anos para ela era mais tranquilo, mas o mais velho, lia muito, era culto e muito crítico. Ela lembrou que começou a faltar comida, café, óleo, açúcar, muitas coisas, então pela manhã não tinha o que comer e eles ficavam os três esperando a galinha botar o ovo.

Só comiam quando aparecia alguma coisa, iam pra escola descalço, coisa que Vera detestava, uniforme surrado, andavam cinco quilômetros para ir para a escola naquele chão de orvalho, a geada, chegavam à escola com os pés e as mãos duras. A professora colocava todos no sol e mandava fazer um leite quente, e lá pelas dez horas que começavam a escrever. Sua mãe já era *best-seller*, livros vendidos em muitos países e eles naquela situação.

Ela falava, vou sair para buscar comida e dizia que se não conseguisse iria se suicidar, a filha tinha muito medo da mãe se matar, então eles ficavam em casa, seu irmão fervia a pilha, colocava Bombril e colocava no rádio para saber se a mãe tinha se matado, já que ela falava que se jogaria do Viaduto do Chá, mas se tranquilizavam ao não ouvir notícias, pois sabiam que a mãe era famosa. Corriam então até o ponto que ficava a quase dois quilômetros para esperar até o último ônibus, e avistavam de longe sua mãe “bem pretinha” e se admiravam até com a vassoura, que era um luxo. Com a comida em casa, Carolina dizia que tinha paz interior, visto que tinha comida para os filhos, ficava feliz e escrevia, escrevia embaixo daquelas árvores, “o pé de limão que ela plantou está lá até hoje” e eles foram crescendo e trabalhavam na roça, sua mãe ficou muito doente eles achavam que ela iria morrer, seu irmão trouxe Audálio que a levou ao médico e depois disso, Vera conta que, nunca mais o viu.

Lembra também de um doutor, cônsul da Alemanha, que sempre ia lá e levava algumas coisas para eles, arroz feijão, café, e sua mãe dava para ele chuchu, abóbora. Audálio Dantas diz que ela só falava no doutor, mas ela explicou que só via ele e não Audálio. Ela contou dos bolinhos que a mãe fazia para vender, que tocava violão e as pessoas iam ver, e assim foram crescendo e ela escrevendo e a vida foi melhorando e ela falece. E tem um problema, antes de morrer ela falava que ia deixar a máquina de costura para Vera, por ser mulher, e quando ela falece e a filha vai buscar a máquina, mas seu irmão diz que não, que a máquina vai ficar com sua mulher, e ele foi pegando tudo: roupas, máquina, panela, então, Vera fica com os manuscritos, mas seu irmão também queria para entregar para Audálio Dantas, a filha da autora disse que nunca suportou Audálio e Sacramento, são duas coisas que ela não suportava.

No dia da morte dela, o irmão doente, o outro casado e ela sem dinheiro para fazer o enterro. Então ela e o irmão pedem o caixão mais barato e eles fazem fiado para depois ir pagar. A dona do bar onde estava o corpo de Carolina, que ainda é viva, arrumou um dinheiro e Vera conseguiu pagar depois. Foi velada à noite inteira, sem flores, pois não tinha dinheiro para comprar. Colocaram-na dentro da igreja, o padre fez uma missa e pediu para todos levarem flores de seus jardins. Vera disse que ficou bonito com lírios, rosas, flores do campo e as crianças todas em volta. Havia muitos jornalistas, um menino que ficou o tempo todo ao lado do caixão. Aos dezessete anos

ele morre e a mãe dele falou: “quero enterrar do lado da sua mãe”. Então está o túmulo do lado do dela.

7.2.3 Os escritos de Carolina: memórias guardadas

No outro dia, a vizinha avisou que a mãe deixou uma carta para Vera e também alguns papéis, sua mãe costumava escrever muito em pedaços de papéis, “então ela pede para eu ir atrás dos inéditos dela, tomar conta do irmão doente, tomar conta do sítio, preservar a memória dela, colocar livros no túmulo...”.

Ela escrevia cartas para Fidel Castro, tinha uma época que no Brasil não tinha açúcar e ele mandou açúcar para ela pelos Correios. Vera contou que Sacramento chamou sua mãe a vida inteira e ela nunca mais voltou. Sacramento vai fazer os 300 anos de Zumbi, eles chamam Vera e ela vai com suas duas filhas, chegando lá são muito bem tratadas, mas uma cidade racista até hoje, lá tinha e ainda tem a igreja dos pretos e dos brancos, fizeram uma procissão. Os negros e os brancos fizeram juntos e depois entraram na igreja e fizeram a missa dos negros, com os turbantes e vestimentas, negros e brancos fizeram a missa. Na hora de ir embora, ela foi para a Câmara fazer um discurso com os vereadores, deputados.

Vera então fala que não gosta de Sacramento, porque eles acabaram com sua mãe, a espancaram e então os negros começavam a chorar e os jornais falaram, a filha de Carolina não gosta de Sacramento entre outras manchetes. Eles falaram para ela que se tratava de outra época e que hoje eles têm outra cabeça, é outra geração. E Vera na época levou o acervo para Sacramento, fotos, cartas, quadros, os inéditos, tudo, mas então não sabia que precisava ter climatização e não podia pegar ar, umidade, teve solenidade dela entregando e eles disseram que iriam cuidar e fariam um museu. Ela voltou depois de uns três anos e estava lá do mesmo jeito na caixa, embaixo de uma prateleira, falou então para arrumarem um lugar, colocaram dentro da cadeia em que ela foi espancada, lá na cela em que ela foi espancada, os pesquisadores questionam, pois deveria ter feito um museu para ela.

O prefeito diz à Vera que o acervo está dentro da cadeia e bem cuidado, ela questiona o jeito que está lá dentro em prateleiras em pastas sem climatização, em lugar úmido. Então o Instituto Moreira Salles a chama e fala que querem o acervo de sua mãe e que ficará ao lado de Clarice Lispector, há cofre, climatização, tem lugar

especial, a Biblioteca Nacional também a chama e diz que vai colocar em obras raras ao lado de *Os Lusíadas*, em frente aos jesuítas, *Quarto de despejo* já está lá, pois Audálio entregou antes de falecer. Ele entregou quinze cadernos de *Quarto de despejo* lá. O Arquivo Nacional também a chamou e mais recentemente o Instituto Paulo Freire. E Vera quer tirar de Sacramento, pois se eles cuidassem seria um lugar bom, por ser a cidade onde ela nasceu, mas a cidade não faz o museu. A presidente Dilma destinou uma verba e Sérgio Barcellos pegou essa verba e colocou em umas pastas, mas já sumiram fotos, a filha de Vera encontrou livro molhado.

Elas foram fazer um programa para o *Profissão Repórter*, pois querem fazer um programa para Carolina, perguntam o que ela teria para apresentar e Vera explica que tem o acervo, tem a favela, então eles dizem que irão na favela onde ela nasceu e Vera explica que não existe mais, mas que lá tem uma escola que se chama Infante Dom Henrique, essa escola do Canindé ligou pra Vera e disse que queriam mudar o nome para o nome da mãe dela e pediram para ela entrar com eles para mudar o nome da escola. Inicialmente, ela não compreendeu a mudança, uma vez que já há muitas escolas em São Paulo com o nome de sua mãe. Então Vera vai à escola com a equipe do *Profissão Repórter* e o diretor diz que a favela ainda existe e leva a equipe da Globo e Vera Eunice. A princípio não queriam deixá-los entrar, mas permitiram após saberem que a filha de Carolina estava junto. Lá ela encontra uma senhora que relata ter conhecido sua mãe na fila da água, e conta o quanto se lembra dela e a apresenta aos demais, a Globo entra e como é noite ilumina toda a favela e faz a reportagem.

Vera disse que não mudou nada na favela do Canindé que continua com o córrego no meio. Ela os achou mais cultos, tinha muita gente cursando faculdade, muitos negros estudando com as cotas das universidades, contou que chegou uma mulher negra e falou para ela que eles querem mudar o nome da escola porque o Infante Dom Henrique separava as mães negras das crianças, por isso precisavam mudar.

Sobre os inéditos com todas as propostas que recebeu, Vera foi até Sacramento com o *Profissão Repórter* e falou com o secretário da cultura. Ele os recebeu bem, mas não gostou quando falaram do acervo, ele enlouqueceu e falou palavrões e iniciou uma briga. Disse que ninguém levaria nada de lá, pediram para ver o acervo, filmaram tudo a umidade, o pó, uma situação rudimentar, reforçou Vera

Eunice. Foram até o prefeito e explicaram que o Instituto Moreira Salles quer adquirir o acervo e que faria um museu na cidade, o prefeito então deixa apalavrado que daria o acervo para Vera Eunice, porém não cumpriu com a palavra, pois não querem entregar, tirar o acervo de lá ainda é uma luta.

Depois chamaram-na para fazer uma *live* com Lima Duarte, já que ele também é de Sacramento. Vera gostou da ideia e aceitou, ficou feliz, mas o radialista chamou Vera e disse que era o aniversário da cidade e ela não poderia falar que sua mãe foi espancada e que o acervo estava jogado. Ela deveria falar que sua mãe era uma sacramentana reconhecida. Vera disse que iria amenizar a situação, mas contaram para ela que alguém disse para ele: “A Vera vai falar”, ela ficou chateada.

Porém cinco jornalistas da cidade a chamaram para fazer uma *live* dos duzentos anos de Sacramento e ela aceitou participar, Vera destacou que não foi falar mal da cidade, mas conscientizá-los da potência da escritora que eles têm lá. Vera falou pra eles: “gente, se eu tivesse na cidade que eu nasci uma escritora como Carolina Maria de Jesus, teria um museu, eu iria cultuar a memória da escritora”, contou que fez *live* para Paris, conversou com umas meninas dos Estados Unidos, “Mulheres na escrita”, conversou com gente da Alemanha, e as meninas de Paris disseram: “Vera, quando acabar a pandemia, nós vamos visitar o museu da sua mãe em Sacramento” e ela respondeu: “Não, não venham, não vem que não tem”, e contou toda a história para elas. E agora é outra geração, são meninas de vinte e quatro, trinta, dezessete anos, que é o Coletivo Bitita e tem muitos artistas que não sabiam como estava o acervo de Carolina, querem cuidar, mas o acervo Vera diz que quer realmente tirá-lo de lá, pois o prefeito disse que a prioridade dele é a saúde e agora com a pandemia deve ser mais voltado ainda, reforçou Vera.

Ela nos contou que recebeu um *e-mail* de Curitiba e uma menina perguntou se aquela era a letra de sua mãe, ela confirmou e então ela falou que chegou um homem lá com os manuscritos que podem ser da mãe dela, mas disse que só entrega para Vera, ela falou que vai buscar, porém o homem disse que não iria mais entregar. Vera conversou até com o governador do Paraná, mas ele disse que não podia fazer nada porque o homem argumenta que recebeu de herança, mas Vera questionou, uma vez que não tem como ser, pois, ele não é nada de Carolina. Depois de uns três anos, ele resolveu entregar, hoje faz uns três meses, mas Vera disse que não é tudo, pois o que viu no que a menina mandou não veio. Outra pessoa foi lá e disse que viu uma gaveta

cheia de coisas da minha mãe, porque a minha mãe, se a pessoa chegasse e achasse bonito ela mandava levar para ler.

E com isso levavam, tanto que Carolina deixou bilhete entregue à filha após a morte dela em que ela dizia, “vai atrás dos manuscritos”. Vera afirmou que hoje esse é seu objetivo que inclui fazer uma fundação. Vera também falou de autores que lançaram biografias, prometendo fazer a fundação de sua mãe com parte da renda e outros que falam coisas irreais sobre Carolina. Tem até uma obra que diz que Carolina quando estava nervosa queimava a mão dos filhos, o que não era verdade, ela não tem e os irmãos não tinham mãos queimadas, o autor retirou isso da biografia.

Outro afirma que sua mãe bebia, também não era verdade, outro diz que ela foi casada, não é verdade. Enfim, diante da situação, Vera disse que está escrevendo a biografia de sua mãe, iniciou a escrita e recebeu de um jornal uma foto de sua mãe muito magra, ficou muito chocada, a noite quando voltou a escrever “eu cheguei numa parte em que eu saía com ela para catar papel e veio ela na minha cabeça com aquela magreza toda, e ela punha a mão no lixo e aqueles papéis higiênicos sujos e ela passava com a mão e ali ela pegava só o que dava e aí eu chorei, chorei muito, levantei e falei meu Deus, será que eu vou conseguir essa biografia, eu tenho que escrever”.

Vera relatou que falou com o *Somos Educação* sobre reeditar os livros da mãe dela, disse que tem outros livros, romances, mas não estavam interessados, estão mais interessados no filme que está para sair. Passou dois anos e a *Companhia das Letras* a procurou, nunca tinha conversado com eles, pois queria que a *Somos Educação* fizesse por já ter lá o *Quarto de despejo*, sempre foram muito corretos, porém não deram atenção. Como a *Companhia das Letras* a procurou passaram os direitos autorais de vinte e sete obras para eles, a *Somos Educação* a procurou um mês depois e ela explicou que fechou com a *Companhia das Letras*, pois não responderam antes. Lá há diários, diário do sítio, *Casa de alvenaria*, tudo que ela escreveu, há quatro diários, romances maravilhosos, ela disse que não é porque é filha, mas fala da Carolina como a crítica dela e em terceira pessoa.

Conta que foi a Sacramento para ver como está o acervo, abriu a primeira página e leu para sua filha e falou, “quantas palavras aqui você não entendeu”, continuou dizendo que sua mãe escrevia muitos clássicos e muito bem, tanto que quando sua mãe os chamava a atenção era com *soeses*, *pernósticos*, e eles foram se

habitualmente, mas às vezes eles não entendiam, relatou que Carolina falava muito bem e que ela, a filha, gostava muito de Português, teve uma época que a *Folha de São Paulo* tinha a *Folhinha de São Paulo* e ela tinha uma professora que todo mês escolhia redações das crianças e mandava, a dela todos os meses era publicada, mas não era por ser filha da Carolina, pois “enquanto as crianças colocavam lá, “o homem tira o leite da vaca, eu escrevia “o ordenador tira o leite da vaca”.

Nessa época, Carolina já queria que Vera corrigisse os manuscritos inéditos dela, o irmão de Vera já datilografava, ela nos contou que tem muito a letra dela nos inéditos, ela queria aprender, disse que a mãe escrevia açúcar com dois s, o *aonde* com a pequeno e o grande, farmácia com ph, conta que uma palestrante disse: “Vera, sua mãe escreve o pretoguês, nós os pretos viemos aprendendo desde a época da escravidão...”. São muitas obras, Vera relatou que inicialmente quem iria fazer todos os trabalhos era Raffaella Fernandez, mas era muita coisa, então resolveram com a *Companhia das Letras* pegar mais pessoas, escolheram quatro conselheiras, estão fazendo um trabalho bem feito, ressaltou Vera, ela acompanha, lê para ver como será o final, e também tem a escritora Conceição Evaristo que, de acordo com Vera, veio só para engrandecer ainda mais o trabalho, contou que Conceição tem a mesma história de sua mãe, falou de uma *live* ocorrida havia uma semana em que Conceição relatou que comeu carne com bicho, a mãe dela também catava recicláveis e escrevia, porque viu Carolina escrevendo, tem um diário, mas ela não publica, pois a mãe não quer deixar, tem noventa e oito anos, é lúcida, tem a mesma história.

Na hora de dividir, umas iriam ficar com o romance, outras com o poema, outras conto, provérbios, letras musicais, porém na hora da divisão, elas leram o diário, “todas querem o diário, aí foram ver os romances, todas querem os romances, aí foram ver os contos todas querem os contos”, então decidiram todas escreverem o diário. Vera contou que está saindo o livro *Casa de alvenaria* autêntico, aquele que Carolina escreveu, sem compilações e mudanças. Ressaltou: “Eu pedi, que se preserve a escrita da minha mãe, o açúcar vai vir com dois s”, no adendo, terão as palavras para que o professor possa explicar para crianças, exemplificar à época, etc. Vera disse que a mãe escrevia hipócrita com i, mas, às vezes, com h, ou seja, estava aperfeiçoando por meio de suas leituras.

Ela manifestou estar apaixonada pelos poemas de sua mãe, pois é uma escrita que se você leu em 1960 e ler hoje em 2020 é a mesma coisa, nós “estamos vivendo a mesma situação, não mudou nada”, ressaltou.

Vera contou que fez uma palestra em uma escola muito rica, disse que nunca tinha entrado em uma escola daquela, foi dar uma palestra para alunos de terceiro ano que se preparavam para o vestibular, explicou que o teatro era coisa de cinema, com restaurante, *shopping*, lojas, um jardim, uma cascata, a sala de aula um espetáculo, e enquanto ela fazia a palestra, eles prestavam atenção. Ao término da palestra, uma menina chega para ela e fala: “o que você achou da escola?” Vera responde que a escola é maravilhosa, e então a garota diz: “eu sei o que você achou, você achou a cara da riqueza”, diz e coloca as duas mãos no queixo, Vera concorda que ficou impressionada com a escola e a menina complementou: “então, você sabe quanto tempo não vejo a minha mãe? Tem mais de um mês que não vejo a minha mãe (...), você não, você passava fome, mas você tinha uma mãe que cantava para você, que lia para você, que vocês passavam fome juntos, que estava com vocês”. Vera afirmou que as pessoas próximas do acontecimento choraram.

Veio também um rapaz tímido para que Vera fizesse uma dedicatória para ele, ela conta que eles ficavam longe, os que têm o livro vem na fila e quem não tem fica com um pedaço de papel, cochichando “será que ela vai autografar?” e então, ela pede para entrar todos, e esse menino veio com o livro abraçadinho e logo percebe sua timidez, ele fala que é um menino infeliz, que pensa até em tirar a própria vida. Vera ficou chocada, e ele lhe diz que leu o livro de sua mãe e assistiu à palestra dela e a surpreende ao revelar que vai lutar, correr atrás de seus sonhos. Vera concluiu, mostrando nos exemplos citados a mudança que Carolina faz. Contou que foi na Flup no Rio de Janeiro fazer uma palestra com Conceição Evaristo e depois elas foram à mesa para autografar. Na fila de Vera, havia uma negra, malvestida, cabelo sem pentear, descalça, ela chega perto de Vera e fala: “sabe onde eu moro? Vera responde, aqui no Rio, né? “Eu moro no Rio, mas eu moro na cracolândia e sabe, eu ouvi sua palestra, e sabe, eu tinha o dinheiro e sabe o que fiz? Comprei o livro da sua mãe, eu vou ler o livro da sua mãe e sabe o que eu vou fazer? Eu gosto de arte, eu vou cursar Artes, vou montar uma peça teatral e quando você voltar ao Rio, vou te convidar pra assistir à peça”, Vera deu a volta e a abraçou.

Ela também contou que naquele dia, dia três de novembro, a emissora *Globo* passou uma reportagem de que as recicladoras do *ABC* estão todas escrevendo o diário delas, estudando e um professor da UFRJ orienta, todas catam recicláveis. Vera ressaltou estar contente em ver como Carolina transforma a vida das pessoas. Falou para os jovens que sua mãe venceu pela leitura e deu o mesmo conselho, lembra o quanto sua mãe queria que fosse professora, valorizava o professor, pois se não fosse pelo professor, Carolina não seria quem era “e nem eu seria”, acrescentou Vera. Ela sente pela mãe não poder ver seu sonho realizado, mas o que ela gosta hoje é ver a obra de sua mãe é conhecida no mundo inteiro. Informou com um lindo sorriso que o *Instituto Moreira Salles* vai tentar comprar o acervo de Audálio Dantas, pois fará um grande projeto em São Paulo que vai para o Rio, Belo Horizonte, São Paulo e quem sabe para o Mato Grosso.

7.2.4 A interação e emoção dos *Alunos escritores*

Durante a sua apresentação contemplou a maior parte das perguntas que os alunos haviam preparado. Mesmo assim, houve espaço para perguntas. A aluna Camila Vitória perguntou, “Depois que seu pai faleceu, você teve algum contato com ele?” Ela explicou que seu pai ia na favela para vê-la, mas só seus irmãos lembravam, recordou que aos quinze anos estava em uma agência dos Correios com a mãe, e tinha um homem conversando com ela com muitas cartas, mas até então, ela não sabia quem era, pois sua mãe conversava com todo mundo, depois que ele colocou todas as cartas e saiu, sua mãe lhe disse que era seu pai, ela tentou ir atrás, mas ele já tinha desaparecido. Contou também que aos dezenove anos queria uma máquina de tricô e sua mãe pede para ir falar com ele, ela vai até a firma, mas ele já havia falecido uma semana antes, Vera nem falou que era a filha e descobriu que ele tinha mais um filho, pianista, e uma outra filha.

Camila fez mais uma pergunta: “Você tem interesse em escrever romances como a sua mãe tinha ou coisas do tipo?” Vera atenciosamente respondeu: “Camila Vitória, hoje eu preciso escrever a biografia”, reforçou que tem a obrigação de fazer isso, colocar a verdade de sua mãe, quem ela foi e não deixar as pessoas escreverem o que querem dela, como, por exemplo, essas biografias que escreveram, não sabem

do pormenor de que não tinha flores no velório, pois não tínhamos dinheiro para comprar e que isso é algo íntimo dela. Ela exemplificou com um biógrafo que escreveu sobre sua mãe e nunca foi a Parelheiros. Reforçou: Camila Vitória, vou te falar o que Audálio Dantas disse: “não houve e nunca haverá uma Carolina Maria de Jesus, no Brasil e no mundo”, ela foi única e nem sua filha é Carolina Maria de Jesus.

Neste momento, falei das minhas ansiedades e vontade conhecer o sítio, convidei os alunos para perguntas e também para ligarem as câmeras para um registro especial, após agradecer e destacar para Vera a importância dessa conferência para todos nós e principalmente para o público alvo e deste projeto, os *alunos escritores*. Vera disse que as pessoas acham que Carolina é deles, e ela é de todos nós.

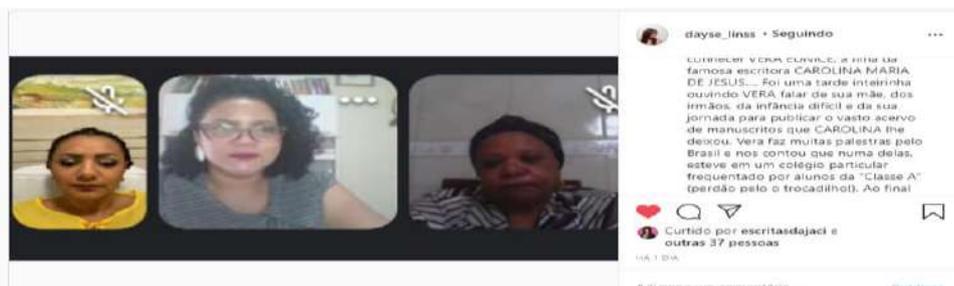
Foi um momento emocionante. Nós fechamos entre lágrimas e *prints* a última etapa de um projeto que mesmo em meio à pandemia produziu resultados surpreendentes. Conforme reitera Ende (1982, p. 418, *apud* SOLÉ, 1998, p. 176), “existem muitas portas para ir até a fantasia, rapaz. E existem ainda mais livros mágicos. Muitos não se dão conta disso. Tudo depende de quem pega um desses livros.” E a turma *alunos escritores* nos surpreenderam pelas produções, participações e principalmente engajamento em uma leitura transformadora.

Mas não acabou, Vera pediu a palavra e disse que se interessava muito pelo diário dos alunos que será publicado, solicitou para enviarmos para ela ou direto para o diretor do *Instituto Moreira Salles*, onde ficará exposto. Contou que nunca conseguiu ler o livro *Quarto de despejo*, pois se emociona muito, mas que precisa ler, assim como leu *Diário de Bitita* e outras obras de sua mãe.

O encontro foi de muita emoção e aprendizado, na verdade, como assevera Carolina na epígrafe que iniciou essa atividade, “*faz de conta que estou sonhando*”.

Finalizamos mais uma etapa com alguns relatos e comentários dos *alunos escritores* e convidados sobre a conversa com Vera Eunice.

Imagem 46: *Print* de postagem



EU, JACINAÍLA E VERA EUNICE unidas numa foto que jamais sonhei, mas permitiu o destino que eu encontrasse pelo caminho essas duas mulheres potentes, [que compartilharam suas vivências comigo. JACI me chegou primeiro. Inexplicavelmente nos encontramos no Instagram e instantaneamente construímos uma ponte entre nós, assim facilmente chego em SINOP/MT, ou ela em Natal. JACI é escritora, poetisa, educadora e tem um papel importante na sua comunidade escolar. Ela é o tipo de pessoa que a gente “quer ser igual quando crescer”, de tão incrível. Não bastasse as alegrias que já me proporcionou, ela me deu esse presente de Natal antecipado: conhecer VERA EUNICE, a filha da famosa escritora CAROLINA MARIA DE JESUS.... Foi uma tarde inteirinha ouvindo VERA falar de sua mãe, dos irmãos, da infância difícil e da sua jornada para publicar o vasto acervo de manuscritos que CAROLINA lhe deixou. Vera faz muitas palestras pelo Brasil e nos contou que numa delas, esteve em um colégio particular frequentado por alunos da “Classe A” (perdão pelo o trocadilho!). Ao final de sua fala, uma aluna do pré-ENEM lhe perguntou o que ela havia achado da escola e, antes mesmo que a Palestrante respondesse, a garota afirmou: “É a cara da riqueza, né?!” Vera concorda, lhe diz que está encantada com a estrutura da belíssima e moderna escola, mas a garota continua: “Eu passo o dia aqui, usufruindo disto, mas há mais de 30 dias eu não vejo minha mãe! A senhora era pobre, não tinha uma escola como esta, mas tinha sua mãe que lia e cantava para a senhora. Isto eu NUNCA tive” Vera lamentou profundamente ouvir aquilo, pois constatou ali que o dinheiro só compra comida, mas não AMOR.... Ouvindo a narrativa, pensei nos outros “famintos” ouvindo a garota... Vera, saciou sua fome física, mas a garota faminta não sabe quando saciará a sua fome emocional. ... Eu, faminta de conhecimento, devoro livros, bebo palestras e absorvo cada gota do saber... e certamente morrerei faminta. VERA É CAROLINA VIVA, É A VOZ E A REFLEXÃO, DE QUEM TEM FOME DE PÃO, DE CULTURA, DE AMOR OU DE PERDÃO. ... Você tem fome de quê?... @alunosescritores @escritasdjaci #tbt

Fonte: Print de postagem, @dayse_linss– acervo da professora-pesquisadora.

Imagem 47 – Relatos dos alunos

03/11/2020

Live com Vera Eunice, filha da grande escritora Carolina Maria de Jesus às 19:00 p.m.

Essa live foi incrível!

Vera Eunice, filha de Carolina Maria de Jesus, nos relatou a história de sua mãe, e especialmente que ela passou lá em Sacramento (cidade em que ela nasceu), que foi para algo que mais havia feito, além do supramento de sua mãe.

Vera ainda diz/relata a sua história, relata de quando ela viveu com Carolina para estar papel, dentre outras histórias.

A filha de Carolina nos diz que sua mãe não foi “descoberta” por Auciálio Dantas, que Carolina foi feita prazias; já escreveu para pessoas importantes com feições largas.

A live teve mais de uma hora de duração e foi maravilhosa. Por fim (para nós me entender...), Vera relata sobre o falecimento de sua mãe, que ela fez vários pedidos para ela, como: cuidar de visitas dela, colocar livros no tremulo e comemorar as aniversários dela.

Obs: São estas em uma lista que Carolina havia feito

antes de morrer.

Um relato que também foi de grande importância, é que Vera diz que o seu objetivo é construir uma fundação para sua mãe e também que está pensando a biografia de Carolina.

• Esse relato que fiz sobre a live, é um relato básico pois a live com Vera Eunice foi esplêndida, completa e incrível.

Essa bate-papo virtual, foi de grande importância para o nosso projeto e de grande experiência para mim. Quando eu soube que iria poder “me encontrar” com Vera, fiquei muito feliz e me senti honrada por isso.

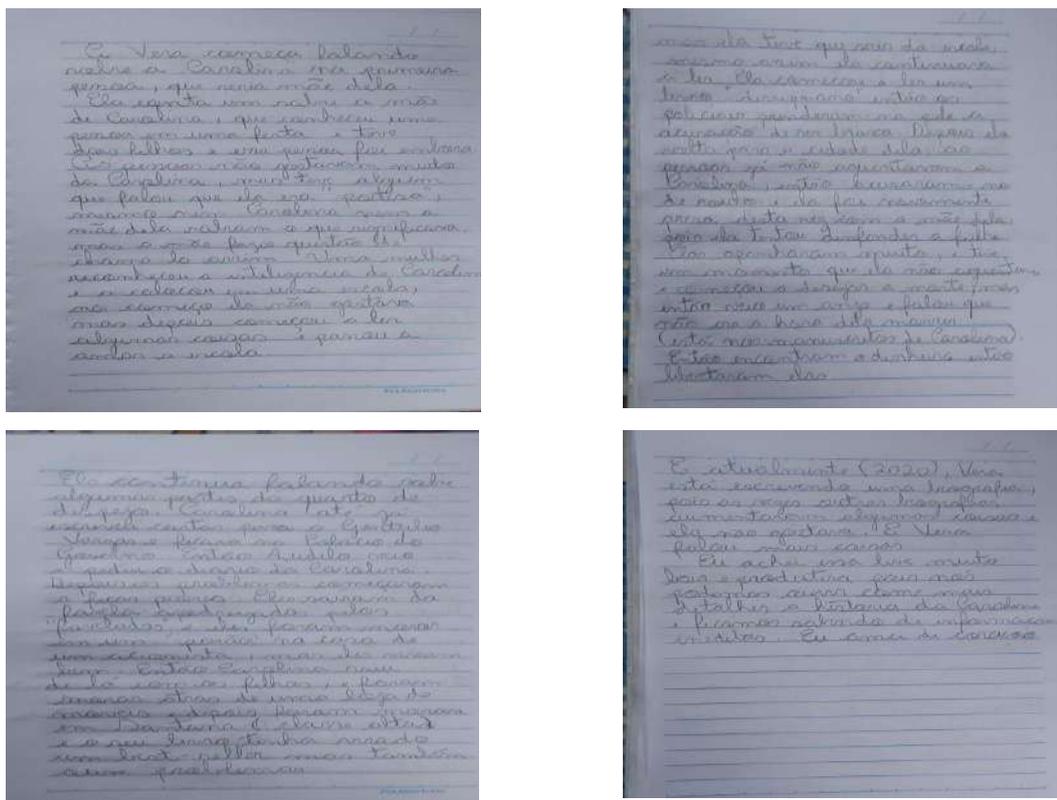
Achoi essa live show!

Um fato interessante que Vera Eunice conta é que de certa maneira ela realizou o sonho da mãe, pois Carolina queria que Vera se tornasse professora, e que ela escrigia os seus manuscritos de sua mãe.

(Outro) Outra vez, digo:
- São maravilhosa, experiência incrível que vou levar para a vida.
“Pode conversar com a filha da grande escritora Carolina Maria de Jesus!”

Relato dos alunos- Fonte: acervo da professora-pesquisadora.

Imagem 48 – Relatos dos alunos



Relato dos alunos. Fonte: acervo da professora-pesquisadora.

7.3 “Novos hábitos: Leitura entre jovens aumenta durante a pandemia”

Fomos convidados para falar sobre a obra, *quarto de projeto* em uma reportagem da emissora *Globo*, transmitido pela TV Centro América – Sinop, sobre leitura, a matéria foi ao ar no programa da apresentadora, Mel Parizzi. Logo após a *live* com a professora Vera Eunice, representamos a turma *alunos escritores* na reportagem intitulada: *Novos hábitos: Leitura entre jovens aumenta durante a pandemia*.

Imagem 49 – Prints da reportagem



Fonte: *Prints* de tela - Reportagem TV CENTRO AMÉRICA.

A repórter Lo-Hana Nunes, iniciou com a seguinte fala: “para esse grupo de alunos de uma escola estadual em Sinop a pandemia gerou curiosidade pela literatura que virou até mesmo uma página na rede social, e eu vim bater um papo com a professora e os alunos, para falar um pouco desse projeto que tem o objetivo de desenvolver o interesse dos alunos pela literatura e pelo visto deu certo, né, professora? Conseguiu gerar uma vontade de ler, inclusive de escrever...”

Comecei minha fala, respondendo que, sim, o projeto, *Quarto de despejo: temáticas atemporais para sala de aula* foi um sucesso com a minha turminha de nono ano, eles amaram a leitura, realizaram diários de leitura e me enviavam, via *e-mail* e *WhatsApp*, mesmo em meio à pandemia, no momento mais desafiador vivido pela educação nos últimos anos. Realizamos várias conferências *on-line* com alunos e pesquisadores de Carolina Maria de Jesus e estou muito feliz com os resultados, além da página criada e mantida pelos alunos na plataforma digital *Instagram*, *@alunosescritores*, onde eles postam diariamente fotografias atuais a partir de temáticas da obra: a fome, o racismo, desigualdade social, entre outros temas, presentes no livro e atuais. Abaixo alguns *prints* das imagens mostradas durante a entrevista.

Imagem 50 – Prints da reportagem



Prints de tela - Reportagem TV CENTRO AMÉRICA.

Lo-Hana Nunes continuou e disse: “para Ketellyn a pandemia inclusive desenvolveu nela a vontade de se tornar escritora”. Na sequência a aluna explicou que, “com a pandemia lendo muitos livros daí eu li o livro da Carolina e a professora me convidou para fazer parte de um livro, colocar um conto meu no livro e aí eu, digamos que eu desenvolvi uma paixão por escrever e eu gostei de escrever e agora eu estou escrevendo”.

A aluna Camila Vitória disse: “Eu comecei a ter muito mais tempo para eu ler livros e aí com muitas recomendações, tipo a professora recomendando vários livros que envolviam Carolina Maria de Jesus, além de vários livros que minha irmã e outras pessoas recomendavam para mim, então, por aumento do tempo eu comecei a ler muito mais”.

Na reportagem, esclareci que, “o produto final do nosso projeto seria a compilação de todas essas produções dos alunos na página no *Instagram*, @alunosescritores: *diário de uma turma nota 10* e o lançamento de um livro, o livro já estava quase pronto, estava sendo prefaciado por uma das pesquisadoras da Carolina, Raffaella Fernandez, e em breve eles estariam em mãos com a primeira obra, esperava que todos tivessem a oportunidade de conhecê-la”. O espaço televisivo foi uma oportunidade para o compartilhamento do aprendizado e resultados obtidos, para Rojo (2012, p. 135),

Um letramento crítico deve buscar exatamente isso: a constituição de sujeitos “éticos”, “democráticos” e “críticos”. Embora seja mais cômodo, é inadmissível ignorar as novas linguagens proliferadas no

mundo contemporâneo e as necessidades de um letramento crítico que o mundo pede aos alunos.

Na constante busca por esse letramento que se multiplica nas diversas linguagens e textos da contemporaneidade é que o nosso trabalho se embasa, uma vez que o objetivo primordial é a transformação por meio da ação, Rojo (2012, p. 212), expressa a mudança da seguinte forma:

Na contemporaneidade, a intensa e complexa circulação de comunicação e informação implica uma diversidade de mídias [impressa, analógica, digital] e de diferentes modalidades ou semioses [linguística, visual, espacial, gestual, sonora], muitas vezes, entrelaçadas umas às outras, provocando transformações nas formas de funcionamento e na configuração de discursos. Diante de mudanças tão repentinas e intensas, enquanto professores de língua materna, muitas vezes não tão familiarizados com tais modificações, afeitos à boa e “velha” mídia impressa e à tecnologia da escrita, perguntamo-nos: que enfoque adotar na formação para a linguagem? Não podemos nos esquivar do fato de que as novas formas de interação humana, propiciadas, por exemplo, pela mídia digital, são um misto de cruzamentos variados de linguagens ou de semioses na produção, circulação e recepção dos discursos, resultando em produtos culturais extremamente híbridos e ricos em novos modos de produção e compreensão dos sentidos.

São mudanças concernentes ao momento vivenciado durante a aplicação deste projeto de intervenção, pois os novos modos de produção exigem não somente um produto, mas um espaço de circulação e interação com o outro.

Para concluir, tivemos ainda outras participações e conversas virtuais, para as quais os alunos foram convidados, todas para relatar a experiência a partir da leitura da obra. Percebemos que nesta etapa, as discussões enriqueceram ainda mais a compreensão dos participantes sobre o trabalho desenvolvido, bem como a relevância social do trabalho feito por eles, uma equipe de adolescentes que se descobrem por meio da leitura e levam para a vida, as lições da escritora, eternizada em palavras e na belíssima homenagem realizada em um livro, feito de sonhos e principalmente de realidade.

8 RETRATOS DE UM VOO BEM-SUCEDIDO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS DE *QUARTO DE DESPEJO* E AS PRODUÇÕES

Conforme explicitado na apresentação da aplicação do projeto, os recortes temáticos foram explorados durante a leitura e associados ao dia a dia de cada aluno participante. Fazemos aqui uma apresentação das temáticas apresentadas e também mostramos um paralelo ao que a autora diz a respeito de cada tema, os trabalhos realizados pelos alunos que chamamos *@alunosescritores*. Sobre as temáticas expressas na escrita de Carolina, Fernandes (2018, p. 350), enfatiza que,

Suas narrativas são nascidas de cada instante fugaz, cuja intensidade gera capturas discursivas, temáticas e alusivas que consomem, mas seguem atingindo devires insuspeitos dessa escritura. A vida escrita se expande para se agarrar àquilo que tem, ao mesmo tempo em que os fios criativos não se articulam em fluxo constante, de um modo que não dão conta de organizar os territórios de sua escrita, sendo nesse sentido rizomático seu processo criativo.

A obra *Quarto despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, é um retrato de temas que nunca deixaram e ser atuais, por isso trazemos um recorte de algumas que se sobressaltam durante a leitura e citamos partes da obra, pois é a partir de construções atemporais que se realizou o trabalho do diário de leitura por meio de imagens e legendas.

Entre os temas trabalhados apresentamos aqui alguns trechos da obra que serviram como suporte para as temáticas como o racismo, preconceito, desigualdade social, fome, miséria, denúncia social, relacionamentos, as cores e a natureza, os sentimentos demonstrados, leitura e escrita, pobreza, custo de vida e religiosidade.

O racismo, preconceito, religiosidade e comparações com a natureza são visíveis durante a leitura de uma obra que trata da realidade, para reafirmar Jesus (2014, p. 122), registra uma conversa no supermercado:

Nos gastos quase que vocês empataram.
Eu disse:
— Ela é branca. Tem direito de gastar mais.
Ela disse-me:
— A cor não influi.
Então começamos a falar sobre **preconceito**. Ela disse-me que nos Estados Unidos eles não querem negros na escola.

Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preferir o preto é o mesmo que preferir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da **natureza**. Deus criou todas as **raças** na mesma época. Se criasse negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se (Grifos do autor).

Conforme se pode observar durante a conversa, Carolina deixa claro que não compreende a preferência social pelo não negro, diante da criação de todas as raças, ao mesmo tempo, por Deus. Ela descreve abaixo, situações em que é possível notar a subordinação referente a sua cor e profissão,

Ela disse:

– A única coisa que você sabe fazer é catar papel.

Eu disse:

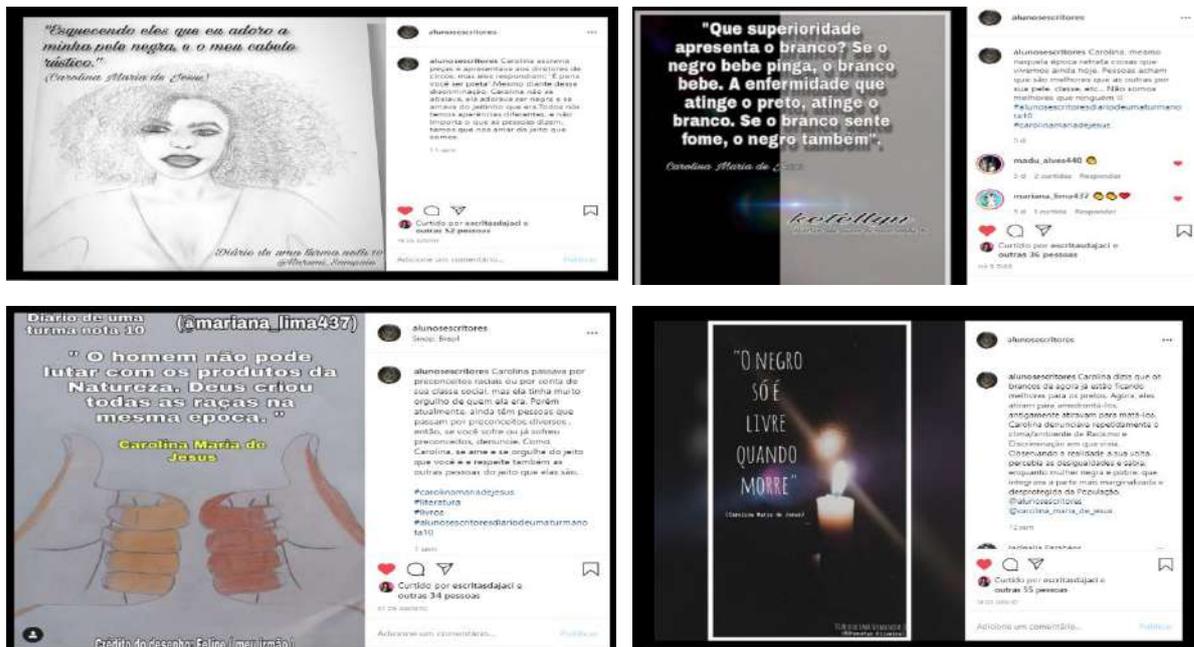
– Cato papel. Estou provando como vivo! (JESUS, 2014, p. 20).

– Antigamente eram os pretos que criava os brancos. Hoje são os brancos que criam os pretos.

A senhora disse que cria a menina desde 9 meses. E que a negrinha dorme com ela e que lhe chama de mãe (JESUS, 2014, p. 24).

Algumas produções dos alunos a partir das temáticas racismo e preconceito:

Imagem 51 – Prints da página @alunosescritores

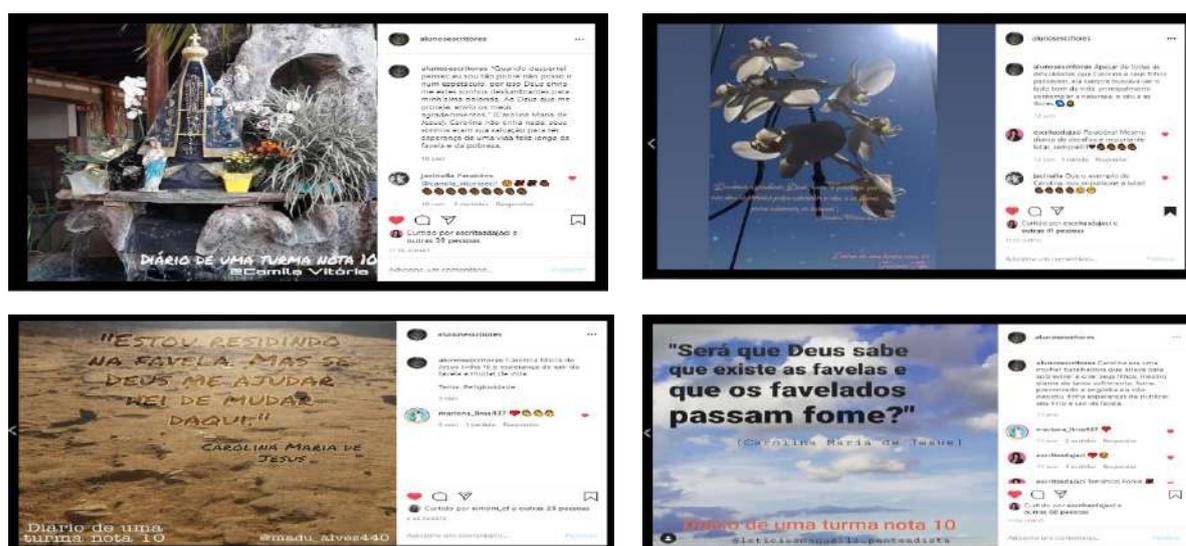


Fonte: Print da página @alunosescritores; arquivo da professora-pesquisadora.

Carolina não se conforma com a diferenciação entre brancos e negros, bem como com a forma de tratamento diferenciada devido a fatores sociais e econômicos. Ela mostra em sua obra, como se pode observar acima no trabalho dos @alunosescritores, a inconformidade e a luta constante pela mudança. Aprendemos com ela a não desistir, a persistir e acima de tudo a lutar, é uma luta com o que se tem à disposição, cadernos que cata no lixo, livros e a palavra de onde advém todo o poder e força para o desprendimento e humanização presentes nesse livro e em toda sua vasta obra literária. É perceptível por meio do retrato fotográfico e comentários dos educandos, a visão atemporal despertada por temáticas ainda muito presentes na sociedade contemporânea. A escrita deles revela que Carolina continua, sua escrita desperta, incentiva, destroça o racismo e pisa no preconceito para surgir, ressurgir uma nova época com novos valores e visões.

Além do preconceito racial é evidente a **religiosidade** de Carolina. A este respeito Jesus (2014, p. 12), reforça que, “Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhar”. A autora demonstra na escrita de seu diário ter suas crenças e, apesar do sofrimento vivenciado, se ampara na natureza, criação divina para buscar conforto diante das situações difíceis do seu dia a dia sofrido na favela do Canindé. É notável a observação dos alunos durante a execução do projeto nas imagens que se seguem:

Imagem 52 - Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Carolina demonstra sua fé, em muitos momentos de sua escrita, evoca Deus e acredita na realização dos seus sonhos. Ela vê Deus no sol, na água, na fome, na pobreza, na miséria, no olhar de seus filhos e demonstra ter a grandeza do mundo bem ali, no seu interior que transforma o que é pequeno na grandiosidade de seus sentimentos.

É evidente a religiosidade de Carolina. Nesse sentido, Jesus (2014, p. 12) salienta que,

“...Eu dormi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas côm de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso”.

Carolina nunca perde a fé, a esperança e o amor. São atitudes que a impulsionam à luta e a fortalecem em cada momento de dor. Acima de tudo, ela tem sonhos e busca realizá-los, mesmo tudo parecendo estar contra, ensina uma lição grandiosa, não existe vitória sem perseverança. O diálogo com a natureza, a luz que emana do universo para ela, as cores e acima de tudo a vontade de viver e superar.

A escritora faz reflexões sobre o cenário em que vive, questiona-se “Porque é que o homem branco é tão perverso assim? Ele tem dinheiro [...] fica brincando com o povo igual gato com rato” (JESUS, 2014, p. 148). O povo a que se refere são os que vivem às margens da sociedade, nas favelas e que não têm o que comer.

A fome é retratada com frequência nos escritos de Carolina, “e assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – **a fome**” (JESUS, 2014, p. 32). Uma referência à libertação dos escravizados, que ainda na atualidade são aprisionados pelas correntes do preconceito, da falta de oportunidades e da fome. No dia 16 de maio ela reforça dizendo: “eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer” (JESUS, 2014, p. 33).

A fome é um retrato constante na obra *Quarto de despejo*, uma realidade triste e que nos move e nos comove rumo à mudança de comportamento, frente a uma temática infelizmente atemporal. Mesmo lançado em 1960, *Quarto de despejo* trata da realidade presente na atualidade, nas favelas, nos pretos, pobres e esquecidos.

A fome se personifica em revolta, transformação social e desejo de fazer algo para modificar uma sociedade, que observa, e, calada nada faz para alimentar, prover

trabalho, sustento, vida aos semelhantes. Ler Carolina é verbo imperativo, é ordem que urge, ultrapassa séculos, gerações e infelizmente permeia o povo que ainda está em silêncio profundo, uma vez que a tontura da fome o impede de lutar. Fernandez (2018, p. 163) reitera que:

Carolina de Jesus, uma mulher negra e favelada, expelle as pústulas em seu devir criativo ao transmutar em forma e conteúdo as pústulas do tornar-se fome amarela para muito além, mas não menos importante, das críticas à sociedade mobilizada por sua escrita. A escritora segue criando algo para dizer o não dito (até então) a partir daquilo que é interdito; sua escrita poética é um agente invasor que, antes inativo, passa a tomar corpo e vai requerendo vida, e exige uma face para si.

Carolina apresenta uma fome que tem cor, a amarela. Explica que só após comer, a normalidade volta aos seus olhos, então volta a enxergar a natureza com cores tão belas como antes. O presente trabalho nos desperta e nos lembra da importância de uma autora que mostra uma linha do tempo dolorosa, urgente, repleta de gente que precisa se alimentar. Sobre essa temática, apresentamos aqui alguns registros fotográficos feitos pelos alunos escritores:

Imagem 53- Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

O que mais nos prende a atenção é perceber uma escrita que está muito além da fome física, visto que mostra uma necessidade de alimentação de conhecimentos

de amor ao próximo como no incidente em que ela descreve a mulher que a presenteia com um pacote de ratos mortos e também da empresa que esmaga os tomates para ninguém catar para se alimentar. São vários os momentos que isso acontece, inclusive relato de pessoas que morrem ao ingerirem alimentos contaminados, uma contaminação que se deve principalmente, à maldade, ao individualismo, à fome de justiça, amarela, que nos deixa tontos diante do caos.

A fome é uma consequência de outro fator também muito retratado na obra, o **custo de vida** que é inacessível e incoerente com a renda dos trabalhadores, é uma temática ainda muito presente na atualidade, visto que, diante do que se ganha, grande parte da população não consegue adquirir bens básicos para viver dignamente devido aos preços que incessantemente crescem. Carolina de Jesus mostra de forma clara em seu diário, as dificuldades enfrentadas para prover o sustento da família. A autora é crítica com relação aos preços, pois mesmo trabalhando muito enfrenta muitas dificuldades. Conforme podemos observar nas postagens dos participantes da pesquisa, @alunosescritores.

Imagem 54 - Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Pensar o **custo de vida** na obra *Quarto de despejo*, é lembrar que ele reflete também as injustiças de viver sem ter o direito de viver livremente, principalmente não ter condições básicas de vida, é um diálogo que mostra a falta do olhar para o outro. Constatamos essa afirmação nos seguintes trechos do diário,

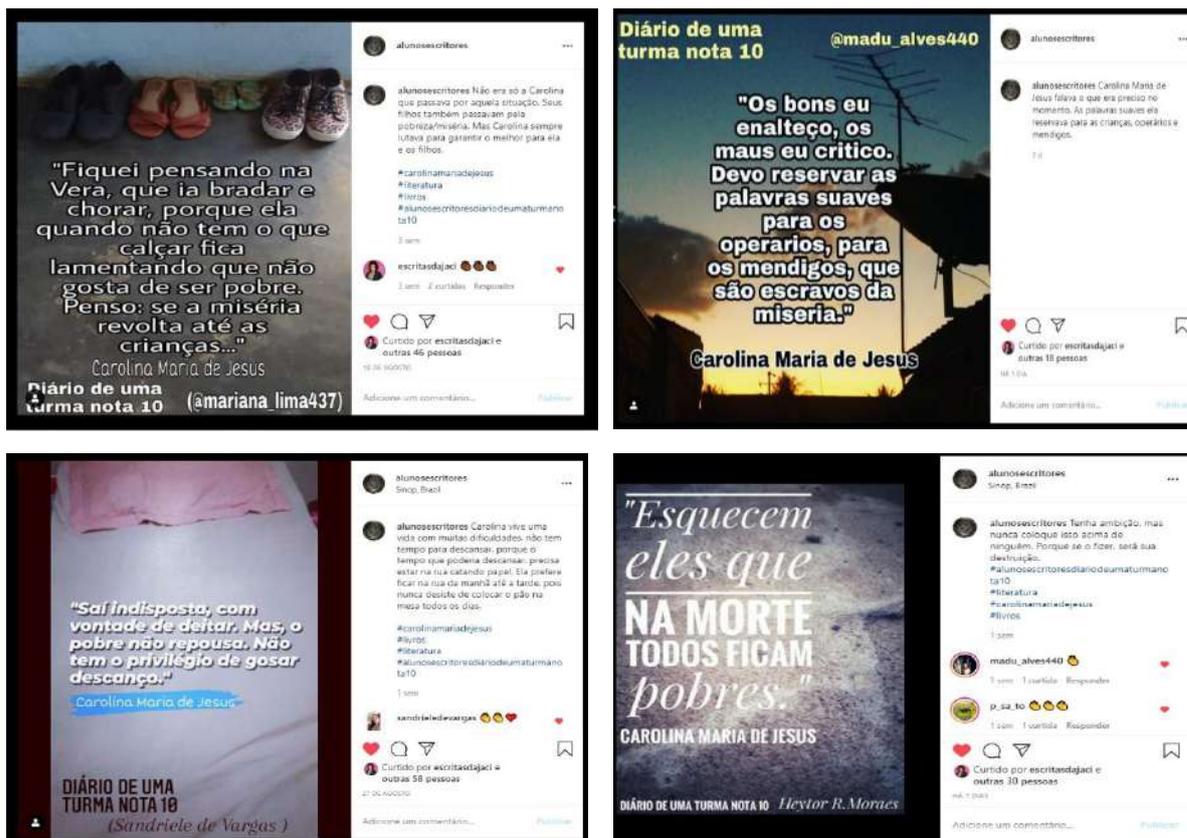
Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi em 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. (JESUS, 2014, p. 11).
O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças (JESUS, 2014, p. 29).

Acompanhando a fome e o custo de vida, é muito forte o cenário da **pobreza e miséria** durante a narrativa, é um misto de desespero em continuamente prover o sustento dos seus filhos e a sensação dolorosa de não alcançar o almejado, conforme observa-se nos excertos abaixo,

Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.
Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.
Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela (JESUS, 2014, p. 41).
Amanheceu chovendo. Tenho só três cruzeiros porque emprestei 5 para Leila ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados (JESUS, 2014, p. 45).

A parte que retrata o aniversário da filha da autora é uma das mais comoventes do diário. A pobreza e a miséria são descritas como a mesquinhez, falta de conhecimento, educação, atenção e amor. Carolina se comove diante de uma riqueza maior, seus sonhos, sua fé, as cores de um mundo que lhe permite olhar adiante e seguir. A respeito dessas temáticas os alunos escritores fizeram diversos registros, entre eles,

Imagem 55- Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Quarto de despejo atrai leitores, atrai sonhos a serem reconstruídos, refeitos, como os de Carolina. A pobreza é pequena, diante da grandeza da escrita de Carolina. *Quarto de despejo* não é retrato de pobreza, além de qualquer necessidade, existe força, determinação e principalmente esperança.

Carolina faz uma reflexão que ainda se encaixa nos moldes da sociedade contemporânea. A autora trabalha e mesmo assim, não consegue manter o sustento de sua família. Surge, então, uma mulher com três filhos de diferentes relacionamentos, apenas dois anos de escola, catadora de papel, negra e favelada, que rompe com todos os estereótipos sob a sua condição e torna-se escritora. Para isso, ela usa os mesmos papéis que cata do lixo para sobreviver e retrata neles seu gosto pela **leitura e escrita**, conforme observa-se no trecho e nos registros fotográficos dos @alunosescritores.

(...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade (JESUS, 2014, p. 16).

Quis saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário.
 – Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler (JESUS, 2014, p. 26).

Imagem 56 - Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

É importante ressaltar que Carolina não é escritora somente do diário ou um livro só. É uma escritora múltipla que nos deixou um legado inspirador, poemas, romances, crônicas, peças teatrais, músicas e provérbios. A autora é a protagonista de sua história, vivências, escritas e superações que estão além da margem social, pois ela cria, inaugura uma nova busca por seus sonhos, é uma escrita repleta de imagens e atemporalidade.

Imagem 57- Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Seus conhecimentos foram construídos de outra maneira, por meio dos livros e cadernos que encontrava no lixo, já que não tinha dinheiro para comprá-los, e no lugar onde estava com todas as dificuldades encontradas ela lutou, leu, escreveu, publicou, espalhando seus manuscritos pelo mundo e hoje a cada dia uma nova surpresa. Em breve será publicada mais uma obra reúne manuscritos inéditos de Carolina. A decolonialidade em Carolina consiste nessa busca da transcendência histórica, uma vez que mesmo lançado em 1960 *Quarto de despejo* traz temáticas atuais de subversão do poder colonial.

Outro tema explorado são **as desigualdades sociais**, e isso já se evidencia no nome da obra, *Quarto de despejo*, pois existe uma relação metafórica entre o título e uma despensa, quartinho da bagunça, encontrado na maioria das casas, Jesus (2014, p. 37) explica da seguinte forma,

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristal, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.

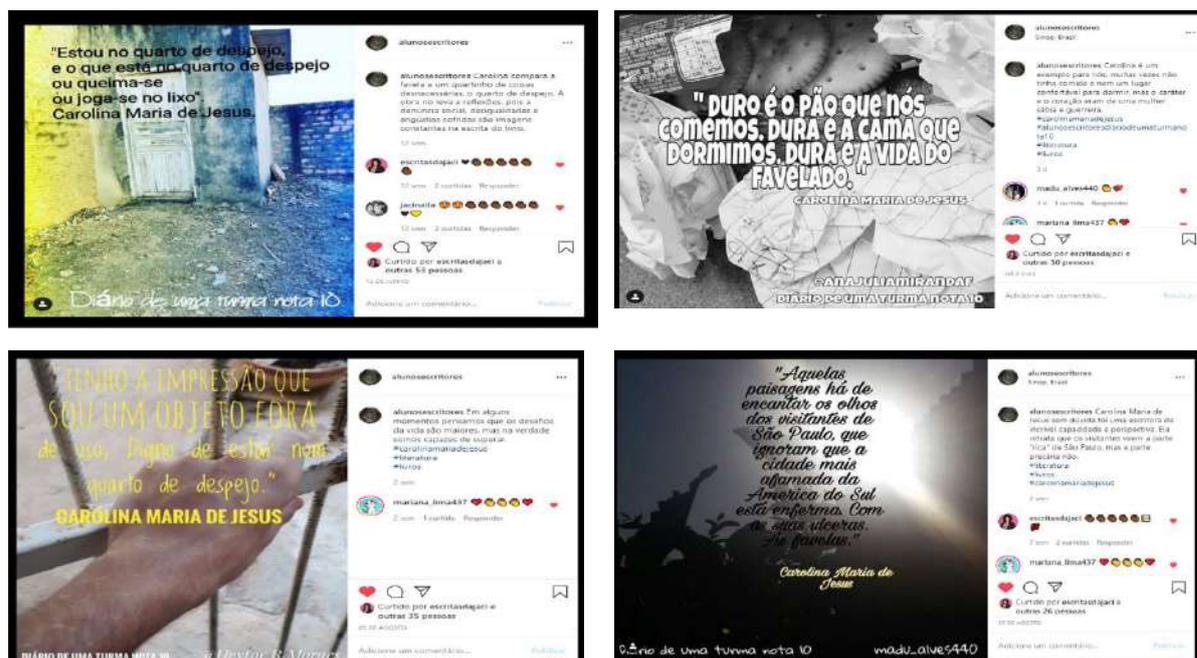
Em seguida, a autora faz uma descrição em uma de suas anotações “eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (2014, p. 32). É notável a diferença, visto que a narradora compara o lugar onde vive ao quintal e as pessoas que ali moram a lixos da sociedade. Carolina se refere várias vezes à favela como o quarto de despejo, “estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (JESUS, 2014, p. 37).

É uma desigualdade visível, na qual Carolina inclui-se e deixa claro que gostaria que fosse diferente, conforme constata-se no trecho,

O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (JESUS, 2014, p. 22).

Para ilustrar o que diz Carolina Maria de Jesus, mostramos aqui produções dos alunos a partir da temática.

Imagem 58 - Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Observa-se aqui, outra temática muito presente em sua obra, a denúncia social por meio da literatura. No dia 1 de julho de 1955, ela faz o seguinte registro:

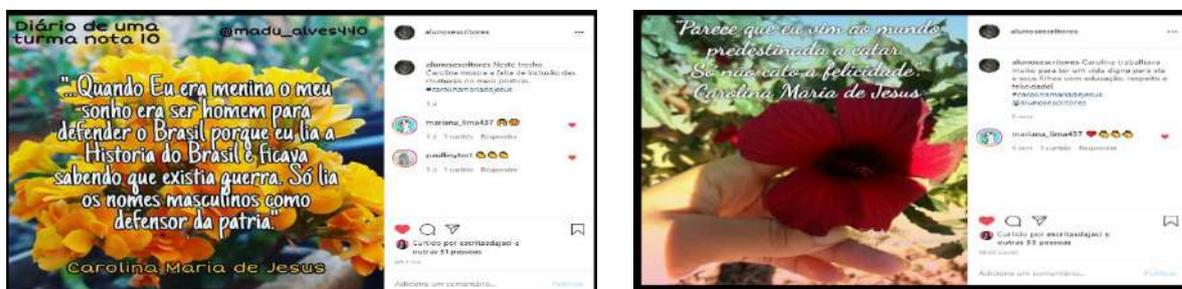
Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoas que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar. – Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (JESUS, 2014, p. 20-78).

Evidencia-se no trecho o fenômeno da metalinguagem presente no livro de Carolina, escrito também, com o propósito de denunciar e buscar por meio da palavra melhorar, trazer mais dignidade e menos desigualdade social no futuro. Ela anuncia para todos que serão denunciados em seu diário e escreve no e para o livro. A comunidade sente-se retraída e com medo, pois sabe que poderão se tornar públicas as desavenças ocorridas na comunidade.

Apesar da vida turbulenta, ela demonstra momentos de tristeza, desânimo, mas também de muita alegria. O diário é permeado também por **sonhos e sentimentos**.

Em um dos registros ela diz: “[...] eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (JESUS, 2014, p. 29).

Imagem 59- Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Em meio às angústias de viver em um quarto de despejo, Carolina nos convida a sonhar! Transparecem nas linhas do diário seus sentimentos, tristezas, alegrias, superação.

É essa forma de sentir o mundo e tudo que está ao seu redor, que permite à autora prosseguir, já que sabe que pode estar no âmago dos seus propósitos e viver um dia a emoção dos sentimentos e sonhos enfim realizados na concretude da esperança e claro, da luta incansável.

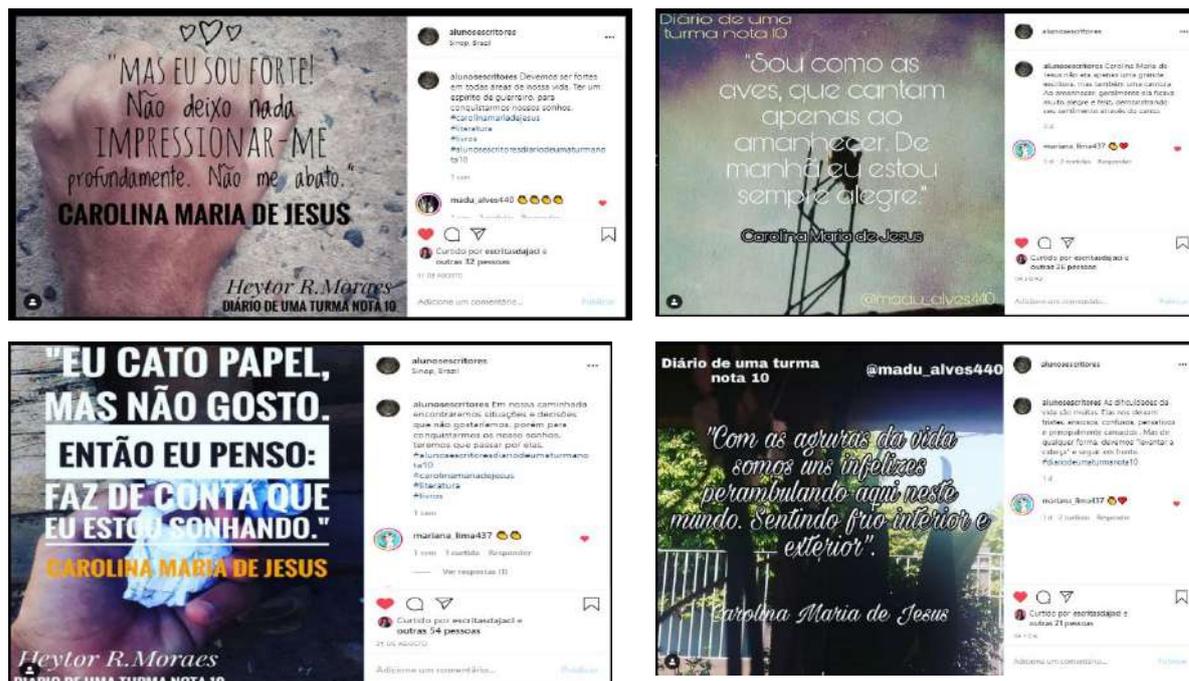
Imagem 60- Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Apresentamos aqui a parte que impulsiona essa obra e a torna única, os ideais de vida de uma autora que vive na atemporalidade, que nos mostra no quarto de despejo onde mora uma joia rara, Carolina Maria de Jesus. Os ideais de vida e transformações contidos nos escritos dessa escritora devem permanecer e ter continuidade nas ações de jovens sedentos por mudança.

Imagem 61- Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Apesar de não gostar do que fazia para sobreviver, a autora demonstra otimismo e uma vida permeada por sentimentos e sonhos. Na sequência, em vários trechos do diário, ela faz declarações que denotam essas sensações de esperança e alegria,

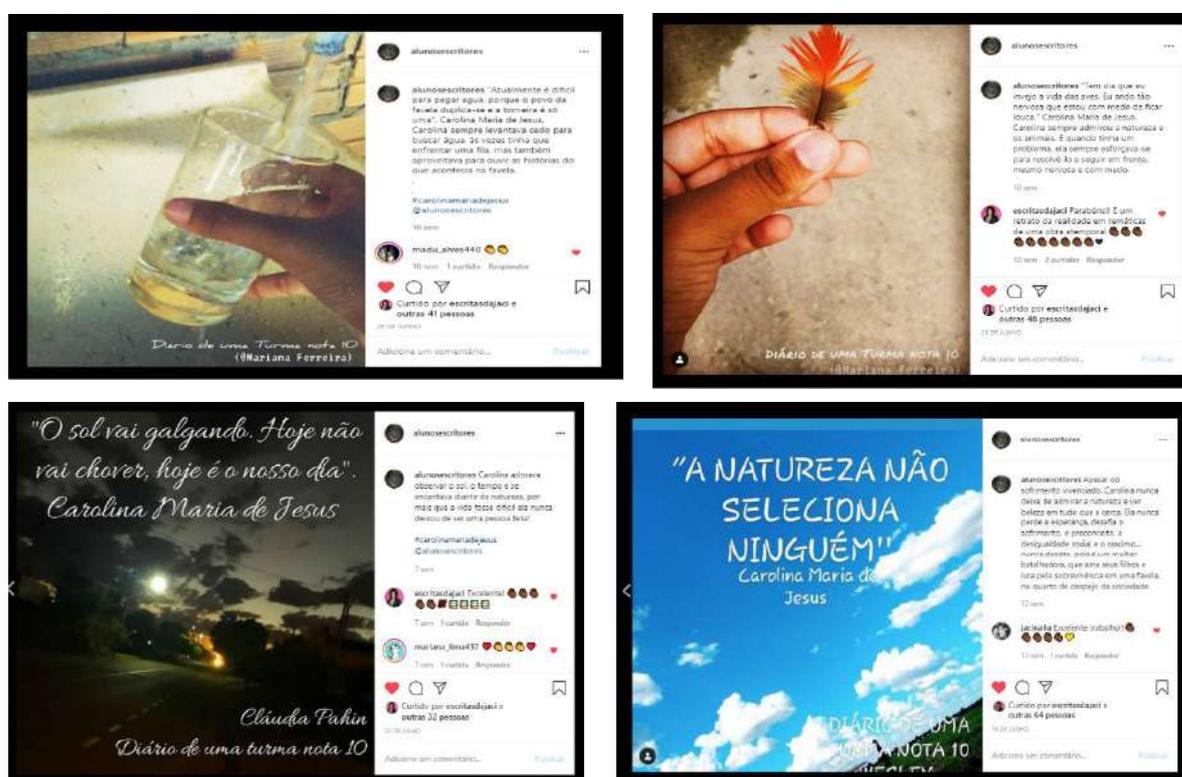
As vezes eu ligo o rádio e danço com as crianças, simulando uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse:
 – Que mamãe bôa! (JESUS, 2014, p. 20).

Além dos sentimentos de alegria e até tristeza, Carolina admira as **cores e a natureza, chegando a dar cor à fome, a amarela.** Contempla a natureza e descreve os tons ao longo de seus registros, conforme observa-se abaixo:

Resolvi tomar uma media⁵ e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos (JESUS, 2014, p. 44).

Quarto de despejo é colorido, tem a cor da alegria, da fome, da angústia de viver, ela é a “Cinderela negra” já citada e conhecida por muitos pesquisadores, que assim como esse grupo passeiam pelos tons pretos de uma pele que urge por clemência, hidratação, bons tratos. Encontramo-nos diante das releituras imagéticas feitas por @alunosescritores,

Imagem 62- Prints da página @alunosescritores

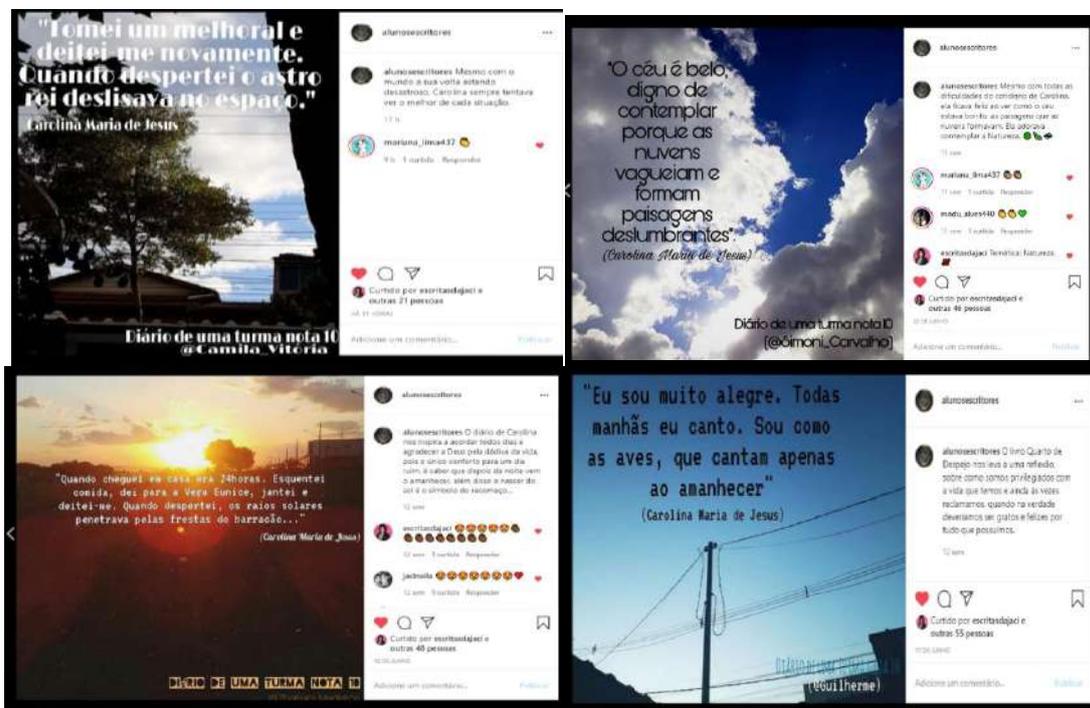


Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Carolina colore tudo a sua volta, inclusive a fome que é amarela, mas logo após ser saciada, volta a colorir tudo ao seu redor. Sem cor não seria possível imaginar, sem as nuances do sofrimento, da dor e da esperança nunca adentraríamos ao quarto de despejo e teríamos a honra de conhecer, não uma favelada, mas uma rainha, uma mulher forte, guerreira, determinada.

⁵ Refere-se a um café com leite em algumas regiões do estado de São Paulo.

Imagem 63- Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

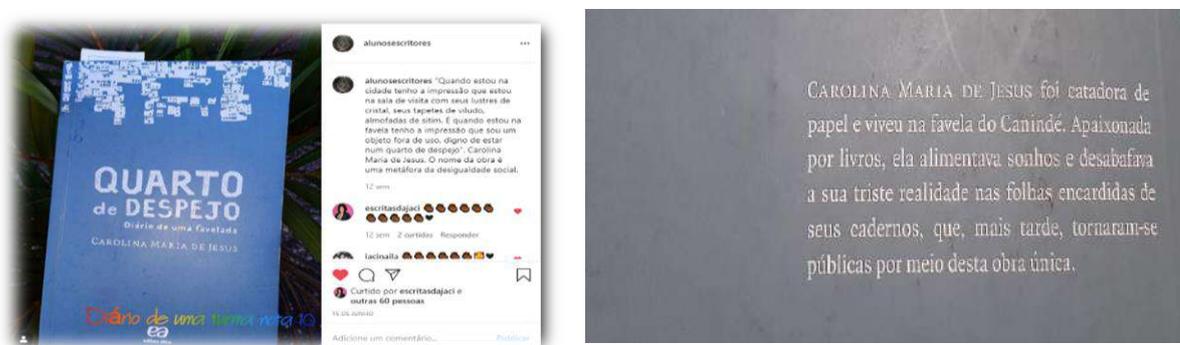
Sobre esta ligação com a natureza, Jesus (2014, p. 12) escreve: “A noite está tépida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido”. Pode-se constatar por meio da leitura, o envolvimento da narradora do diário com a natureza e com a importância da água em seu dia a dia, bem como seu encantamento diante do universo e comparações com a vida, segundo percebemos em várias passagens de seu diário,

Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O sol está tépido. Deixei o leito as 6,30. Fui buscar água (JESUS, 2014, p. 14). Quando cheguei em casa era 24 horas. Esquentei a comida, dei para a Vera Eunice, jantei e deitei-me. Quando despertei, os raios solares penetrava pelas frestas do barracão (JESUS, 2014, p. 15). Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água (JESUS, 2014, p. 21). Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abri a janela e contemplar o espaço (JESUS, 2014, p. 25).

O colorido é surpreendente na vida cotidiana da autora, uma vez que apesar de tudo, consegue ter sonhos, afugentar a tristeza e até enxergar a cor da fome que aos poucos se transforma e tudo volta a ser belo novamente. São temáticas reais, vivenciadas, registradas e o mais importante, deixadas como um verdadeiro legado para a atualidade e gerações futuras.

Recriar a capa e contracapa da obra *Quarto*, surgiu a partir de uma sugestão da pesquisadora de Carolina, Vanessa Poteriko, após participação de uma das videoconferências do projeto.

Imagem 64- Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

O nome original da obra: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* retrata Carolina apenas como favelada, a inadequação está em não considerar que ela está na favela por um curto período de tempo, porém não passou maior parte da sua vida ali, além do mais é mãe, escritora e acima de tudo uma grande mulher. A autora revela em seus manuscritos, de acordo com relatos de pesquisadores, seu descontentamento com o título do livro, visto que como percebemos, é carregado de estereótipos, rotulações. O mesmo acontece quando lemos o seguinte trecho na contracapa da obra (JESUS, 2014, p. 201):

Carolina Maria de Jesus foi catadora de papel e viveu na favela do Canindé. Apaixonada por livro, ela alimentava sonhos e desabafava a sua triste realidade nas folhas encardidas de seus cadernos, que, mais tarde, tornaram-se públicas por meio desta obra única.

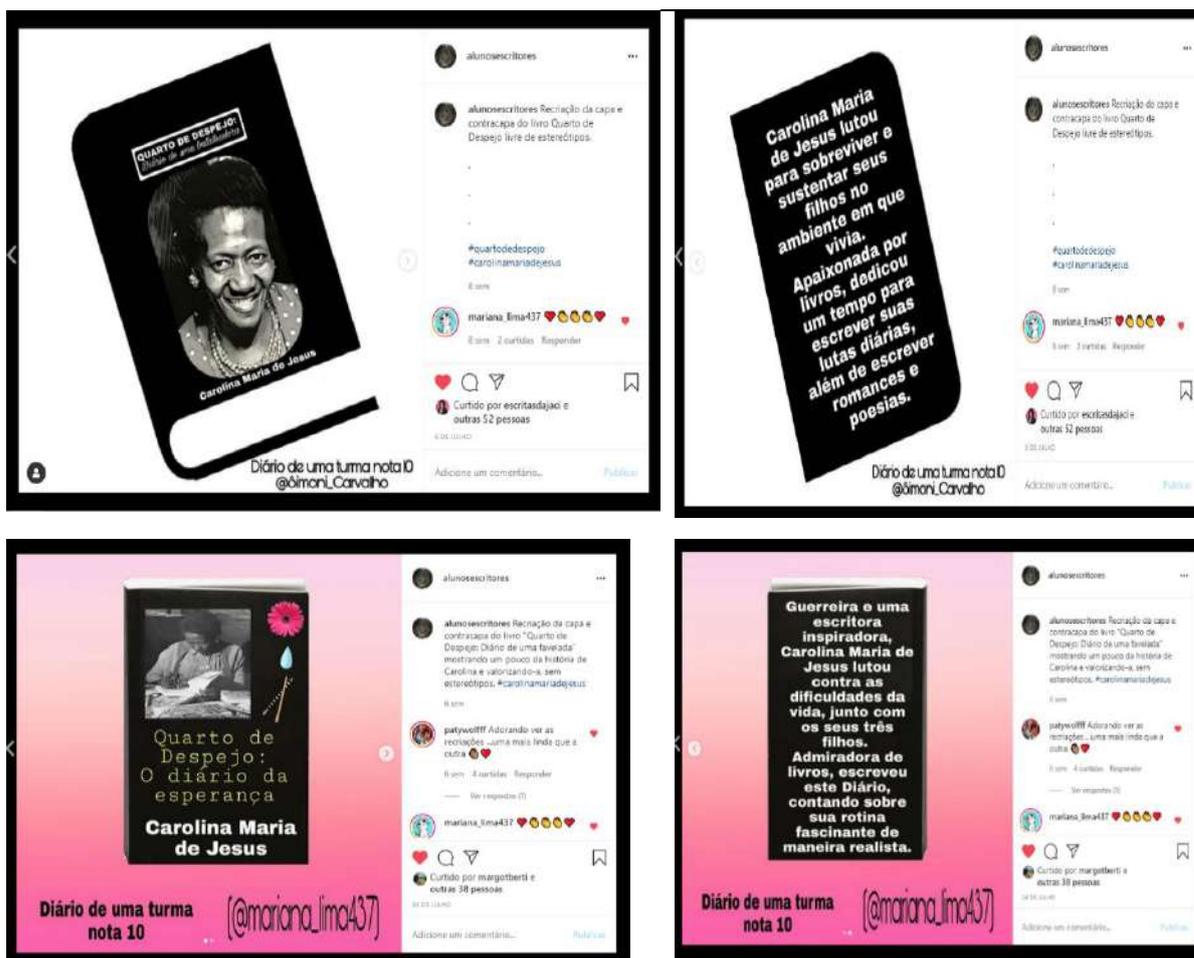
Os alunos trabalharam no intuito de desconstruir a Carolina escritora de diário e de um livro só, pois não fica explícito, na redação da apresentação, a importância e

a riqueza das produções da autora que incluem romances, músicas, poesias, contos, provérbios e muita coisa ainda em pesquisa a serem descobertas. De acordo com Fernandez (2018, p. 289),

(...) Não levando em consideração as contradições que movimentam sua narrativa, fazendo uso de uma ótica redutora que privilegiou a característica testemunhal dos escritos carolinianos e menosprezou a elaboração estética presente em *Quarto de despejo*.

Diante do menosprezo expresso nas partes em análise, os alunos demonstraram, após a leitura da obra e motivação, insatisfação com a capa, o título da obra, que remete ao diário de uma favelada. Podemos constatar a visão deles de Carolina após os estudos em algumas das criações que trazemos aqui.

Imagem 65- Prints da página @alunosescritores

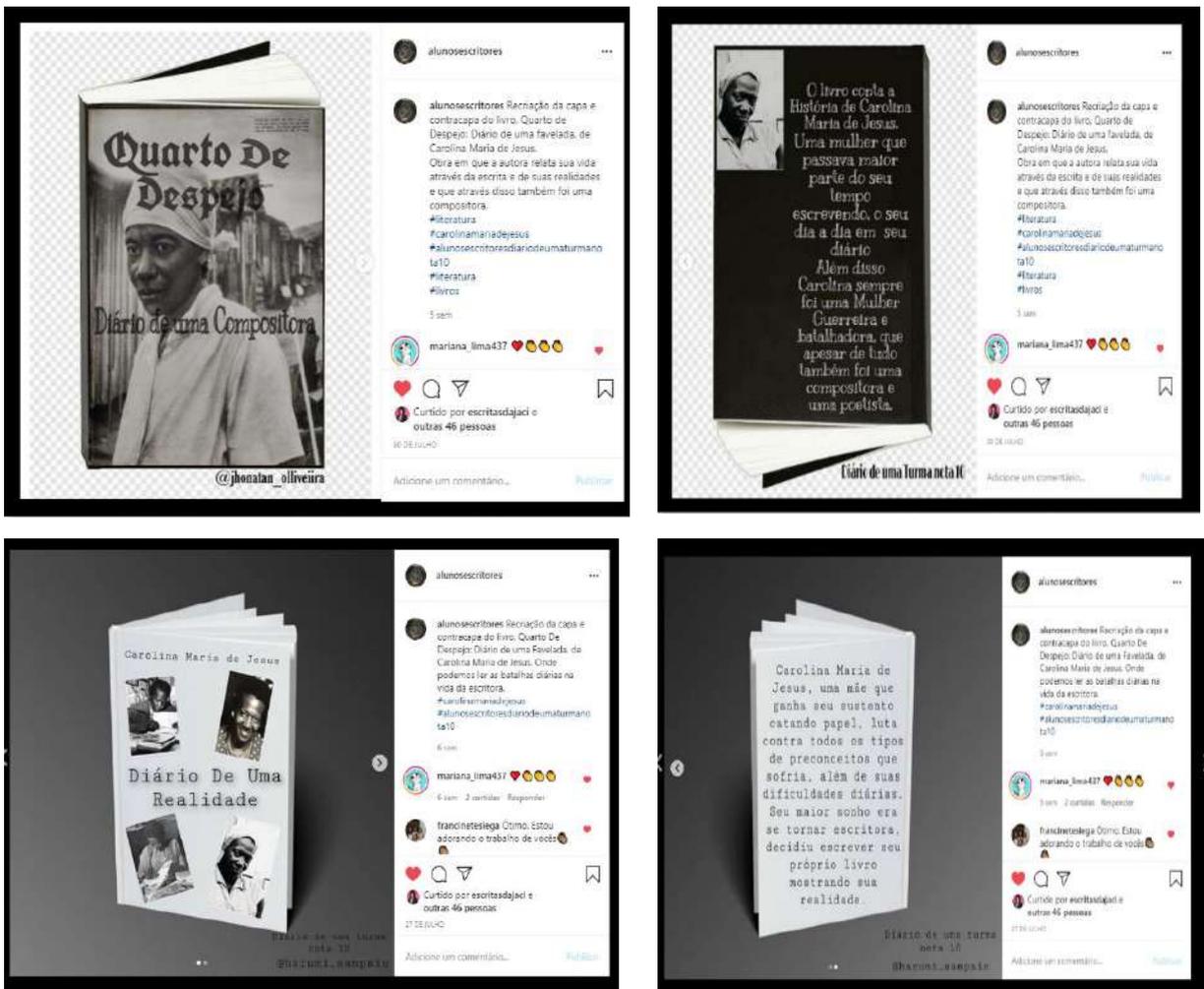


Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

Na missão de recriar sua forma de conhecer, ver e sentir Carolina, os títulos mudaram, as cores, a escrita do texto, a Carolina feliz, que não se conformava com a condição a ela imposta, que em consequência disso lutou e venceu, uma vitória que após 60 anos do lançamento está aqui em 2020.

E agora, aguardamos ansiosos pelos novos manuscritos que em breve serão lançados por uma equipe de garra, entre elas, uma pessoa que contribuiu muito para o desenvolvimento do projeto ao compartilhar sua experiência como pesquisadora da autora há vinte anos, Profa. Dra. Raffaella Fernandez, uma das organizadoras das obras inéditas de Carolina.

Imagem 66- Prints da página @alunosescritores



Prints da página @alunosescritores – acervo da professora-pesquisadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – NOVOS VOOS, NOVAS DECOLAGENS: PESQUISADORA E ALUNOS

Diante de um momento não previsto, em que todos exigíamos urgência em soluções, diante de uma pandemia que desencadeou explosões de sentimentos, até então camuflados pela pseudoliberalidade de ir e vir, tornou-se necessária a busca por novos caminhos e metodologias, nunca antes requeridas sem tempo para um estudo prévio. Debatia-se o ensino *on-line*, porém antes disso, ninguém teve apenas essa opção para aplicação de um projeto de intervenção do mestrado, que exige além da prática, formas diferenciadas que se aproximem dos resultados presenciais.

E para isso, procuramos suprir por meio das conferências, as angústias apresentadas durante a leitura de *Quarto de despejo*, pois ficaram ainda mais evidentes as temáticas reais retratadas por Carolina há seis décadas. A mesma realidade atual, principalmente em um momento de desemprego, fome, falta de saúde, educação, acentuados ainda mais com a chegada do novo corona vírus no Brasil.

Trabalhar Carolina é como despertar de um sono, concretização de sonhos e reinício de histórias que precisam ser contadas, mudadas, superadas e principalmente reinventadas pelos jovens. É importante ressaltar que Carolina não é escritora somente do diário ou um livro só. Ela é uma escritora múltipla que nos deixou um legado inspirador, poemas, romances, crônicas, peças teatrais, músicas e provérbios. Acompanhamos em cada parágrafo dessa conclusão contínua de um ciclo sem fim, depoimentos dos alunos após a leitura de *Quarto de despejo*, considerando que sem eles esse trabalho nunca seria possível. Colocar o aluno no centro da aprendizagem, como protagonista desta ação, é também ceder a ele, o espaço e todos os méritos de realização, sem motivos, motivAÇÃO, nunca existirá.

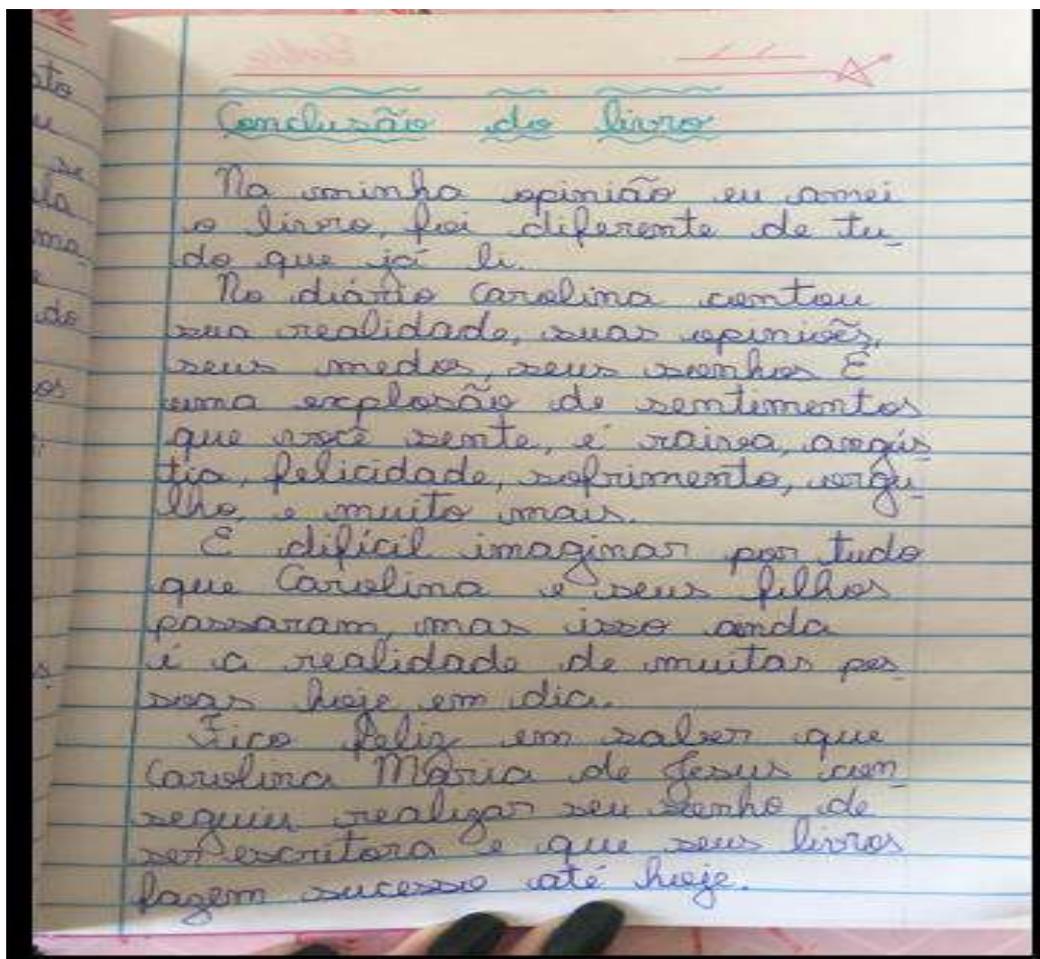
Imagem 67 – Conclusões dos alunos

Terminei a leitura do livro estou emocionada, realmente a Carolina foi uma mulher muito guerreira e que merecia ser conhecida por todo mundo ela fez o possível e impossível para dar o melhor para os seus filhos e tinha um coração bom e eu estou extremamente apaixonada pelo livro e pela pessoa que ela foi.

Conclusão dos alunos. Arquivo da professora-pesquisadora.

A escritora representa em seus escritos, a voz dos subalternos e empreende então, o decolonialismo, que consiste nessas criações artísticas, literárias, sem prazo de validade, mas que exige ação e clama por socorro. São temáticas vivenciadas e infelizmente, atemporais, cujo objetivo é buscar combater a colonialidade impregnada há séculos, mesmo que de forma inconsciente, por meio de arquétipos que atravessam gerações, tão presentes em nossos corpos e mentes.

Imagem 68 – Conclusões dos alunos

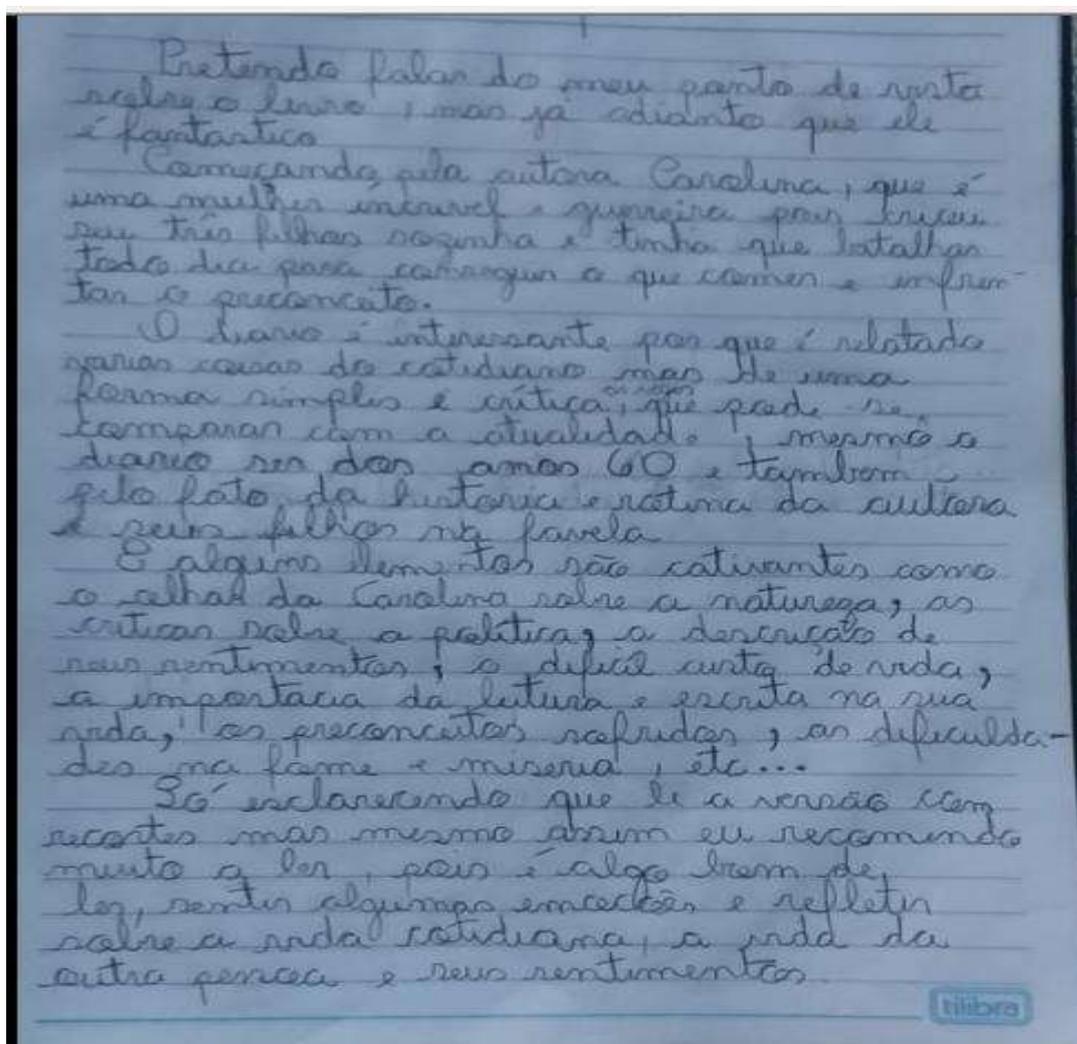


Conclusão dos alunos. Arquivo da professora-pesquisadora.

Carolina empreende esse movimento de lutar por pessoas, brancos, indígenas, portugueses, ciganos, judeus e não só do preto, pois o importante para a autora é libertar-se dos dominadores, ou seja, a preocupação dela é com todos que sofrem com a subalternidade. Isso é notável durante a leitura de *Quarto de despejo*, um retrato de diversidade, uma luta por todos e para todos os que sofrem diante da

desigualdade, a autora representa a aceitação e luta por um lugar por tanto tempo negado na sociedade.

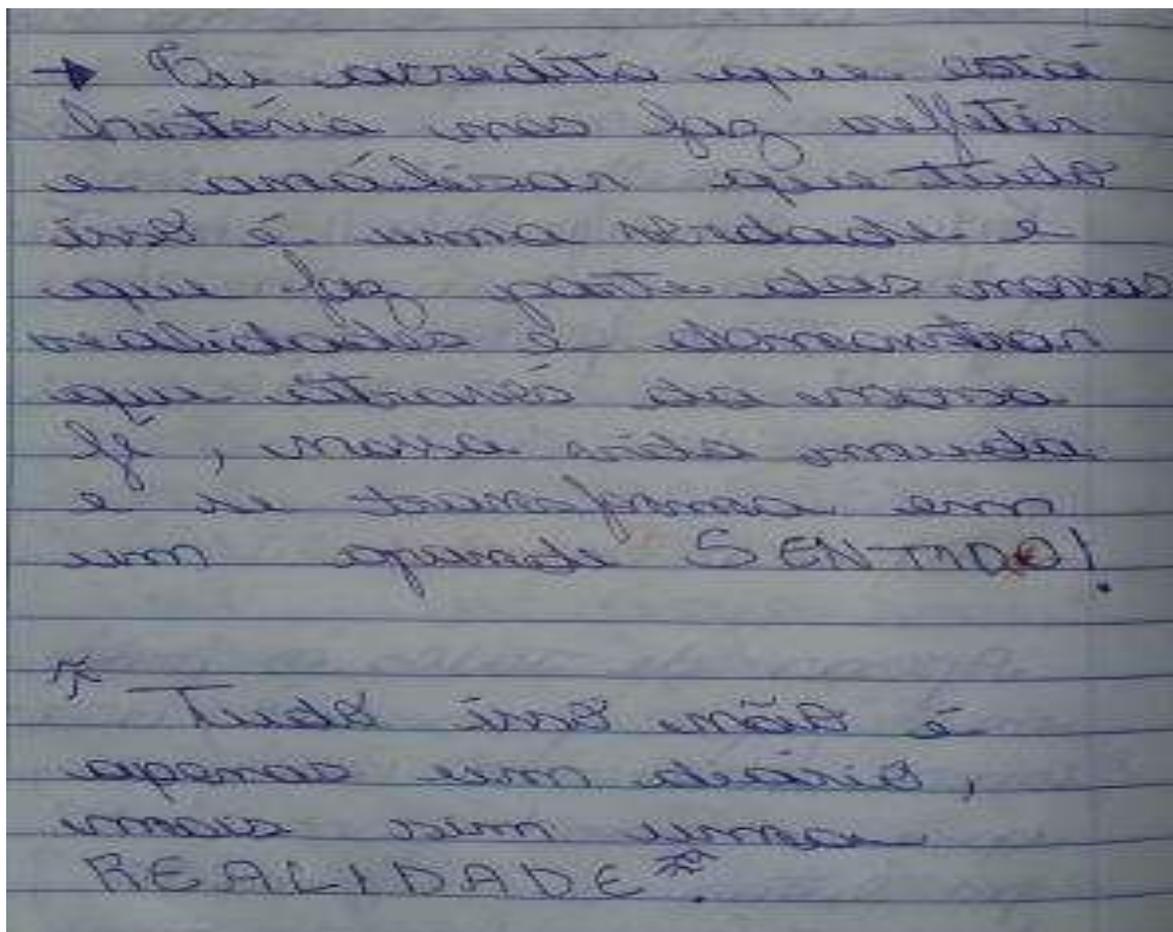
Imagem 69 – Conclusões dos alunos



Conclusão dos alunos. Arquivo da professora-pesquisadora.

Os conhecimentos de Carolina foram construídos de outra maneira, por meio dos livros e cadernos que encontrava no lixo, uma vez que não tinha dinheiro para comprar, e no lugar onde estava com todas as dificuldades encontradas ela lutou, leu, escreveu, publicou, espalhando seus manuscritos pelo mundo e hoje a cada dia uma nova surpresa. Carolina consiste nessa busca da transcendência histórica, pois mesmo lançado em 1960, *Quarto de despejo* traz temáticas atuais de subversão do poder colonial, de liberdade efetivada pela libertação de si e do outro.

Imagem 70 – Conclusões dos alunos



Conclusão dos alunos. Arquivo da professora-pesquisadora.

Ler Carolina, trabalhar e sentir a transformação na ação dos nossos alunos nos fez aprender como nunca aprendi, pois a professora é ela, Carolina Maria de Jesus, e nós somos apenas eternos aprendizes na busca por tudo que ela nos deixou e precisa ter continuidade. “Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade”. (Jesus, 2014, p. 197). Não compreendemos o motivo, mas amor, dedicação e lágrimas foram os principais ingredientes do trabalho, *Quarto de despejo: temáticas atemporais para sala de aula*. Finalizamos apenas essa etapa da pesquisa que não deve parar, com um novo e dialógico verbo apreendido durante esse projeto: **CAROLINEMOS!**

REFERÊNCIAS

ASSIS, Didi. **Carolina Maria de Jesus liryc vídeo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aWnNKlxK1Ho>. Acesso em: 07/04/2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BEZERRA, Lucila. **"O Quarto de Despejo está aí, vivo" afirma filha de Carolina Maria de Jesus**. Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2020/10/27/o-quarto-de-despejo-esta-ai-vivo-afirma-filha-de-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em 06 de janeiro de 2020.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. Edição. Rio de Janeiro. Ouro sobre Azul, 2006.

Clarice Lispector com Carolina no lançamento da obra Quarto de despejo. Disponível em: <http://blog.cintiabarreto.com.br/?m=0>. acesso em 15/12/2020.

Carolina Maria de Jesus: da miséria à fama e de volta à pobreza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OfzC36k1gjo>. Acesso em: 07/04/2020.

Conversa com Pedro Bial na íntegra, conheça Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oK9TiWtIYpE>. Acesso em: 07/04/2020.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSCARELLI, Carla. **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. edição. São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo, **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERNANDEZ, Raffaella. **A poética de resíduos, de Carolina Maria de Jesus**. Brasília: Ações Carolina. 2018.

FERREIRA, Jacinaila Louriana. **Diário de uma turma nota 10: @alunosescritores**. 1 ed. Sinop-MT: Editora Monólito, 2021.

FERREIRA, Jacinaila Louriana. **Instagram, 2021. @alunosescritores**. Página destinada aos alunos para postagens das fotografias autorais. Disponível em: <https://www.instagram.com/alunosescritores/> . Acesso em: 08/05/2020.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 3. ed. Ática S.A. São Paulo, 1994.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 6^a ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JESUS, C. M. Os Feijões. **Transcrição e estabelecimento dos textos: Raffaella Andréia Fernandez**. Disponível no site: <http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/o-escravo-e-os-feijoes>. Acesso em: 21/12/2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. São Paulo: Ed. Áquila, 1963.

JESUS, Carolina Maria de. **Provérbios**. São Paulo: Ed. Áquila, 1963.

JESUS, C. M. de. **Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.

JESUS, C. M. de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, C. M. de. **Antologia pessoal**. J. C. Sebe Bom Meihy (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

JESUS, C. M. de. **Onde estaes felicidade?** Dinha; FERNANDEZ, Raffaella (orgs.). São Paulo: Edições Me Parió Revolução, 2014.

JESUS, C. M. de. **Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos**. FERNANDEZ, R. (org.). São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
MACHADO, Anna Rachel. **O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MATO GROSSO, **Secretaria de Estado de Educação. Documento de Referência Curricular do Estado de Mato Grosso Ensino Fundamental Anos Finais: Área de Linguagens**: Educação Básica. Cuiabá, 2018.

LEVINE, R. M; MEIHY, S.B. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. 2ª ed., Sacramento MG: Editora Bertolucci, 2015.

PINTO, Júlio Pimentel; TURAZZI, Maria Inez. **Ensino de história: diálogos com a literatura e a fotografia**. 6.ª ed., São Paulo: Moderna, 2012.

Prints do vídeo na plataforma Youtube: Flup Digital 2020 - **Cartas para Carolina - Paty Wolff** - disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iExHsEujtWw>
Acesso em: 07 de janeiro de 2020.

ROJO, R.; MOURA, E (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R. **Textos Multimodais**. In: FRADE, I.C.A.S.; COSTA VAL, M.G.; BREGUNCI, M.G.C. (Org.). Glossário Ceale. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>.
Acesso em: 09/05/2019.

ROJO, R. (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, H.R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

ROJO, R. H.R; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola editorial, 2019.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.

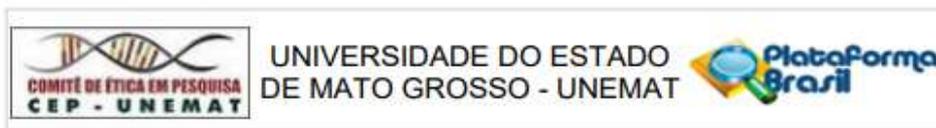
THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo. Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VIEIRA, Paulo Alberto dos Santos. **Africanidades e educação em Mato Grosso**. KCM Editora, 2009.

ANEXOS

Anexo 01: aprovação do projeto de intervenção – Plataforma Brasil



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O GÊNERO DIÁRIO RETRATADO EM FOTOGRAFIAS E NA OBRA QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Pesquisador: JACINAILA LOURIANA FERREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 29118720.2.0000.5166

Instituição Proponente: Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.031.571

Apresentação do Projeto:

A pesquisa se justifica devido à necessidade de enfatizar o dia a dia dos alunos, bem como valorizar sua vida em comunidade e família e a sua escrita. De acordo com estudos realizados nas formações de professores ao longo dos anos e pautados na experiência em sala, comprovamos que o trabalho com a literatura em sala de aula requer um rompimento com alguns estereótipos, como o de que a língua materna consiste apenas no ensino das regras que regem a escrita, ignorando, na maioria das vezes, o contexto de valorização da leitura no processo de aprendizagem e interiorização das próprias regras. O presente trabalho, objetiva mostrar o interesse do aluno, e como consequência positiva, o seu interesse em aprender. Portanto, o que acontece é simples, se algo lhe pertence, rapidamente se apropria e se sente em casa. Uma relação de harmonia entre o sujeito e sua língua materna, que como tal deve acolher sem preconceitos, mas com valorização. A presente pesquisa é de abordagem qualitativa. Para Thiollent (2011, p. 43), "as hipóteses ou diretrizes qualitativas orientam, em particular, a busca de informação pertinente e as argumentações necessárias para aumentar (ou diminuir) o grau de certeza que podemos atribuir a elas". Observamos que, a partir de uma problemática inicial chega-se a resultados que esclarecem a visão anterior sobre algo, ou seja, "a hipótese qualitativa permite orientar o esforço de quem estiver pesquisando na direção de eventuais elementos de prova que mesmo quando não for definitiva, pelo menos permitirá desenvolver a pesquisa" (THIOLLENT, 2011, p. 43). Nosso trabalho trilha pelas orientações da pesquisa-ação. Thiollent (2011, p. 13-14)

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavallhada II

UF: MT

Município: CACERES

Telefone: (65)3221-0067

CEP: 78.200-000

E-mail: cep@unemat.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 4.031.571

pesquisa. Seus nomes ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a permissão do responsável. Ainda garante: Caso, por algum motivo, você sinta-se desconfortável ou constrangido na realização de qualquer atividade da pesquisa, terá o direito de não participar. A equipe pesquisadora dará esclarecimentos, antes e durante a pesquisa, acerca de sua metodologia. O participante tem o direito de acessar os registros utilizados nesta pesquisa a qualquer momento que julgue necessário e conveniente. Os resultados dessa pesquisa serão fornecidos a todos os participantes, assim que tiverem sido devidamente concluídos. Não haverá pagamento pela participação na pesquisa, sendo que os ganhos decorrentes da mesma serão no âmbito da aprendizagem e experiência de participação. O pesquisador pode descontinuar a participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem que em nada seja prejudicado.

Benefícios: Os benefícios da pesquisa estão relacionados com os estudantes participantes no desenvolvimento de atividades de leitura e produção escrita, promovendo a construção dos mais diversos conhecimentos. Com a produção escrita e fotográfica dos alunos, que se transformarão em um livro, os estudantes certamente se sentirão valorizados e irão contribuir para o registro de suas histórias, contribuindo com a melhoria do ensino na Escola Estadual Professora Zeni Vieira e a SEDUC/MT. Além disso, os dados obtidos com a pesquisa certamente poderão ser utilizados para melhorar o desenvolvimento das práticas docentes em sala de aula.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta:

- Respeito aos participantes da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- Relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Nesta Versão todos os termos foram apresentados de acordo com as exigências da resolução 466/2012 e a Norma Operacional 001/2013 do CNS-Conselho Nacional de Saúde.

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095
Bairro: Cavalhada II **CEP:** 78.200-000
UF: MT **Município:** CACERES
Telefone: (65)3221-0057 **E-mail:** cep@unemat.br

Página 03 de 05



Continuação do Parecer: 4.031.571

Recomendações:

Recomendações/Pendências da 1ª Versão:

1. Anexar um novo projeto com o orçamento detalhado, pois foi apenas informado nas Informações Básicas que haveria uma despesa de R\$ 1.000,00. FOI ANEXADO O ORÇAMENTO.
2. Anexar o currículo lattes do pesquisador responsável no processo. FOI ANEXADO
3. Anexar o instrumento de coleta de dados ao processo. FOI ANEXADO DOCUMENTO QUE NÃO FARÁ COLETA DE DADOS.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao final da execução do projeto o pesquisador deverá encaminhar via plataforma brasil o relatório final.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-----------------------------------|----------|
| Cronograma | CRONOGRAMA_ATUALIZADO_jacinaill a.pdf | 16/05/2020 12:43:11 | Severino de Paiva Sobrinho | Aceito |
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P RÓJETO_1416282.pdf | 29/03/2020 13:25:16 | | Aceito |
| Outros | DADOS_JUSTIFICATIVA.docx | 14/03/2020 21:52:09 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PRÓJETO_E_ORÇAMENTO.docx | 14/03/2020 21:50:31 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Orçamento | ORÇAMENTO.pdf | 14/03/2020 21:00:33 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Outros | CURRICULO.pdf | 08/03/2020 19:53:01 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Outros | Consentimento.pdf | 14/02/2020 16:03:54 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095

Bairro: Cavalhada II

CEP: 78.200-000

UF: MT **Município:** CACERES

Telefone: (65)3221-0067

E-mail: cep@unemat.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DE MATO GROSSO - UNEMAT



Continuação do Parecer: 4.031.571

| | | | | |
|---|------------------------|------------------------|-----------------------------------|--------|
| Outros | Instituicoes.pdf | 14/02/2020 16:02:36 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Outros | Responsabilidade.pdf | 14/02/2020 15:57:49 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | Pesquisador_coleta.pdf | 14/02/2020 15:51:01 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Responsaveis.doc | 14/02/2020 15:48:51 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Aluno.docx | 14/02/2020 15:47:56 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | PESQUISADOR.pdf | 14/02/2020 15:40:00 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | Infraestrutura.pdf | 14/02/2020 15:39:11 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Cronograma | CRONOGRAMA.docx | 14/02/2020 15:36:00 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_rosto.pdf | 14/02/2020 15:35:26 | JACINAILA LOURIANA FERREIRA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CACERES, 16 de Maio de 2020

Assinado por:
Severino de Paiva Sobrinho
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Tancredo Neves, 1095
Bairro: Cavanhada II CEP: 78.200-000
UF: MT Município: CACERES
Telefona: (65)3221-0067 E-mail: cep@unemat.br

Anexo 02: algumas comprovações de conferências e apresentações realizadas no âmbito do projeto.

 GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROFESSORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS


DECLARAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Letras (ProFletras), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Sinop, declara que a mestranda **Jacinaia Louriana Ferreira** realizou a mediação durante a webconferência ministrada pela Profa. Dra. **Raffaella Andrea Fernandez** com o tema "**Carolina Maria de Jesus além do quarto de despejo**", no dia 25 de junho de 2020, com carga horária de 2 (duas) horas.

Essa atividade foi realizada com a participação de alunos, professores e leitores da escritora, no âmbito do Projeto de Intervenção QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA SALA DE AULA, em desenvolvimento na Escola Estadual Zeni Vieira - Sinop - MT pela própria mestranda.

Sinop/MT, 29 de junho de 2020.


Genivaldo Rodrigues Sobrinho
Coordenador PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop

 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop
Parque de Expansão Magistral
Avenida dos Ingás, 2050, Sinop/MT – Brasil - CEP: 78.558-000
E-mail: profletras@unemat.br - Telefone: (69) 3011-2137
Site eletrônico: <http://portal.unemat.br/profletreas>

 **UNEMAT**
Universidade do Estado de Mato Grosso

 GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROFESSORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS


DECLARAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Letras (ProFletras), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Sinop, declara que a mestranda **Jacinaia Louriana Ferreira** realizou a mediação durante a webconferência ministrada pela Profa. Dra. **Vanessa Poteriko** com o tema "**Carolina Maria de Jesus: 60 anos de Quarto de despejo**", no dia 03 de julho de 2020, com carga horária de 2 (duas) horas.

Essa atividade foi realizada com a participação de alunos, professores e leitores da escritora, no âmbito do Projeto de Intervenção QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA SALA DE AULA, em desenvolvimento na Escola Estadual Zeni Vieira - Sinop - MT pela própria mestranda.

Sinop/MT, 03 de julho de 2020.


Genivaldo Rodrigues Sobrinho
Coordenador PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop

 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop
Parque de Expansão Magistral
Avenida dos Ingás, 2050, Sinop/MT – Brasil - CEP: 78.558-000
E-mail: profletras@unemat.br - Telefone: (69) 3011-2137
Site eletrônico: <http://portal.unemat.br/profletreas>

 **UNEMAT**
Universidade do Estado de Mato Grosso



DECLARAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Sinop, declara que a mestranda **Jacinaia Louriana Ferreira** realizou a mediação durante a webconferência ministrada pelo Prof. Dr. **Malcon Dias de Jesus** com o tema **"A Intellectualidade de Carolina Maria de Jesus"**, no dia 30 de junho de 2020, com carga horária de 2 (duas) horas.

Essa atividade foi realizada com a participação de alunos, professores e leitores da escritora, no âmbito do Projeto de Intervenção QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA SALA DE AULA, em desenvolvimento na Escola Estadual Zeni Vieira - Sinop - MT pela própria mestranda.

Sinop/MT, 03 de julho de 2020.

Genivaldo Rodrigues Sobrinho
Coordenador PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop
Faculdade de Educação e Linguagem
Avenida dos Jagua, 2000, Sinop/MT - Brasil - CEP: 79.000-000
E-mail: profletras@unemat.br Telefone: (66) 2011-2137
Site eletrônico: <http://www.unemat.br/profletras.asp>

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso



DECLARAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Sinop, declara que a mestranda **Jacinaia Louriana Ferreira** realizou a mediação durante a webconferência ministrada pela artista plástica **Patrícia Wolff Sampaio** com o tema **"Carolina de Jesus: fome de arte"**, no dia 15 de julho de 2020, com carga horária de 2 (duas) horas.

Essa atividade foi realizada com a participação de alunos, professores e leitores da escritora, no âmbito do Projeto de Intervenção QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA SALA DE AULA, em desenvolvimento na Escola Estadual Zeni Vieira - Sinop - MT pela própria mestranda.

Sinop/MT, 15 de julho de 2020.

Genivaldo Rodrigues Sobrinho
Coordenador PROFLETRAS/UNEMAT/Sinop



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop
Faculdade de Educação e Linguagem
Avenida dos Jagua, 2000, Sinop/MT - Brasil - CEP: 79.000-000
E-mail: profletras@unemat.br Telefone: (66) 2011-2137
Site eletrônico: <http://www.unemat.br/profletras.asp>

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

DECLARAÇÃO

Declaramos que **JACINAILA LOURIANA FERREIRA** participou do **CICLO CAROLINA MARIA DE JESUS 60 ANOS DE QUARTO DE DESPEJO**, ministrado por **Vera Eunice de Jesus, Fernanda Felisberto, Bruna Cassiano, Fernanda Sousa, Mário A. M. Silva, Gabriela Gaia, Raquel Alves, Jess Oliveira, Sérgio Barcellos, Verônica Sousa, Conceição Evaristo e Fernanda Miranda**, no período de 04 a 11 de setembro de 2020, no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo.

Carga horária: 09 horas.



Andréa de Araújo Nogueira
Gerente
Centro de Pesquisa e Formação
Sesc São Paulo

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Lavras confere o presente

CERTIFICADO

a

Jacinaila Louriana Ferreira

como Palestrante no(a) **Quarto de despejo: Temáticas atemporais para sala de aula** promovido pelo(a) **DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM/ DEL/ UFLA** realizado no dia **11/7/2020** com duração de **2 horas**.

Lavras (MG), 5 de novembro de 2020

JACKSON ANTONIO BARBOSA
Pró-Reitor de Extensão e Cultura

GASPERIM RAMALHO DE SOUZA
Coordenador Geral



Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Pró-Reitoria de Extensão Assuntos
Estudantis e Comunitários - PREX
Mestrado Acadêmico em Letras
Núcleo de Estudos Literários e Gênero - NELG



**V COLÓQUIO INTERNACIONAL
DE LITERATURA E GÊNERO**
II COLÓQUIO NACIONAL
DE IMPRENSA FEMININA

CERTIFICADO

Certificamos que JACINAILA LOURIANA FERREIRA apresentou o trabalho Quarto de Despejo: Temáticas atemporais para sala de aula no evento V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LITERATURA E GÊNERO / II COLÓQUIO NACIONAL DE IMPRENSA FEMININA, que ocorreu durante os dias 01/10/2020 e 03/10/2020.

Algemira de Macêdo Mendes
Coordenadora geral do evento
Prof. DRA. Algemira de Macêdo Mendes



• Li 6 páginas do livro (ch 14 à 19)

* "Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas têm marido. Mas, são obrigadas a pedir comida. São sustentadas por associações de caridade".
- Nesse trecho percebi que Carolina de vê muito feliz do que as mulheres dos outros bairros, pois, elas são sustentadas por associações de caridade, não lutam para conseguir o alimento para a casa, são obrigadas a pedir e sempre se queixam disso.

* "Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu encontro qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apertam. Para também".
- Vejo que ela se sente orgulhosa de si mesma nesse trecho. Ela vê a situação que as outras mulheres (reparadas anteriormente), que elas mendigam e ainda apertam passivamente dos seus esposos, por isso essa comparação com o tempo, no tempo "apanha" de quem o está tocando. Carolina se sente orgulhosa em ter mais que difícil seja sempre quem coloca comida na mesa.

* "Eu mesma peço e apresento aos doutores de circo. Eles respondem-me".
- É como se fosse um teatro".
- Vejo nesse trecho o preconceito sendo muito bem retratado, pois por mais que não seja naturalmente que precise o teatro, a conta do peço, elas não aceitam apenas por ela ser negra. Apesar disso, Carolina não aceita a situação.

- Carolina também fala que sua filha Vera não conhece o pai e que Vera se casou a filha.

18/06/2020

- 1400kg
- Reunião da turma + 2 convidadas (Deyse Ginsimil e Elizabete de Jesus).
- Alguns assuntos abordados:
- Desigualdade Social, de gênero...
- Racismo Estrutural - ligar a uma raça e dizer que ela teria.

Obs: Gostei muito da reunião!

mas Carolina. Ela relata que se há algumas mais assim um pouco diga que não usa para fazer (mas) mexer nas mesmas Carolina "deu a boca" e falou várias coisas para a Carolina que a tinha chamado de Malaguisa. Ela ficou quieto e foi embora.

- Carolina relata mais uma coisa que aconteceu na festa.

• Anedoto que de uma vez mais Carolina estava de suas fofocas, em um dia ela está que fez suas fofocas.

25/06/2020

Livro às 19:00h com Raphaelle Fernandes e Professor Genivaldo
o tema é Carolina, Além do Quarto de Deyse

Desde 1999 publicando sobre Carolina. Ela conta que o livro foi recitado para o "diário" de Carolina era muito grande, mas que eles contaram tudo que tinham no diário.

• Escrita 7 poemas, 10 poemas, 35 composições musicais e outras...

Carolina continua falando da reunião. Ela relata que ela está gostando delas. Ela saiu da festa e foi para um outro lugar. Carolina, tanto mesmo dela se embora discubra como ela realmente era.

- Carolina contou um pouco sobre a festa que ela viu quando ela.

• Ela ainda relata que saiu com um repórter (anedoto que ela também contou) suas fofocas.

• Carolina diz que gosta de S. Manuel.

- Bugoso

- Carolina se sentiu muito feliz quando saiu no momento "O Cordeiro".

17/07/2020

- Terminei de ler o livro;

24/07/2020

- Terminei de ler o livro "Favela" que Carolina Maria de Jesus escreveu.

- O conto é maravilhoso, Carolina conta desde quando chegou em São Paulo, ela descreve a vida lá, quando os seus filhos nasciam e que ela viveu que passou principalmente a sua família.

- Assisti uma entrevista com Raffaella Fernandes, no canal do youtube "Univesp".

- Na entrevista, Raffaella falou sobre Carolina Maria de Jesus. Ela relatou que possui mais de 15 mil manuscritos! Em relação a ela "Cano de Alencar", ela diz que a escritora fez muitos vídeos em bingos, palestras etc.

- Raffaella ainda conta como foi começar a escrever em São Paulo, de como começou a estudar sobre ela e ainda conta sobre livros, vídeos e outras coisas muito de Carolina.

Nome: Jonathan Oliveira da Silva

Turma: 9º A

Assunto: Quanto de

Despajo

Dicas de uma

Favelada

Carolina Maria de Jesus

9 de Junho de 2020

Com relação aos vídeos, pensei no que é relato do nome Biografia, que descreve sobre a vida de Carolina Maria de Jesus.

Nos vídeos conto que Carolina Maria de Jesus, conhecida popularmente que nasceu em uma favela chamada Penha, no bairro de São Paulo.

Na descrição de Carolina Maria de Jesus, ela fala sobre a vida lá, a pobreza, a fome, a fome, mas qual ela queria um dia de sua vida.

Assim como histórias foram publicadas em uma revista de jornal e depois, e assim um livro que foi publicado em 1960, e esse livro ficou conhecido de "Quanto de Despajo".

Assim quando foi lançado o seu livro, foi muito sucesso. Carolina Maria de Jesus foi a mulher brasileira mais publicada e conhecida no mundo.

→ Com muita rapidez, esta história tornou-se muito a popularidade. Apesar de ser uma história que relata,

12/06/2020

Continuo a leitura do livro e estou indignada, a vizinha dela fica brigando com a Carolina e seus filhos e até joga as coisas neles e na casa.

Em mais um trecho do livro retrata a violência psicológica e física ela disse que as vizinhas apanham e de noite pedem Socorro, ela também diz sobre uma mulher alcoólatra que todas as vezes que ficava grávida os bebês nasciam e morriam.

Uma parte do livro também diz de um homem bêbado e quando ele estava inconsciente as pessoas roubavam ele e rasgava os documentos.

Ela retrata também que ela tem que pagar a luz Mesmo não tendo para usá-la.

Ana Júlia Miranda Ferreira 9ªA

31/07/2020

A Carolina está revoltada e com muita razão, Pois foi comprar carne e a mulher disse que não tinha mas para outro homem vendeu, eu fico muito triste ao ver que existem pessoas racistas e sem amor no coração.

A Carolina e os filhos estão felizes porque comeram carne...

Ana Júlia Miranda Ferreira 9ªA

03/08/2020

“... A vida é igual um livro só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preto e a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. “

“ O céu está maravilhoso. Azul claro e com nuvens brancas esparsas.”

Ana Júlia Miranda Ferreira 9ªA

29/07/2020

" Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da Terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançava ao meu Redor e formavam um risco luminoso."

Essa frase eu achei muito linda por quê foi um sonho que a Carolina teve durante a noite e no livro Ela agradece a Deus por sonhar coisas bonitas já que a realidade dela não é como nos sonhos...

Ana Júlia Miranda Ferreira 9ªA

30/07/2020

A Carolina reclamou Porque o padre disse que quando precisarem de pão podem ir buscar na igreja mas ela precisa de roupa e calçado também não é só de comida.

Ana Júlia Miranda Ferreira 9ªA

17/07/2020

Estou bem triste com uma parte do livro que a Carolina conta que uma mulher pediu esmola e a mulher deu ratos mortos. É triste ver a maldade das pessoas...

Ana Júlia Miranda Ferreira 9ªA

17/07/2020

Estou indignada porque as pessoas que a Carolina retratada no livro começam a brigar e jogam as crianças recém nascida no chão. Não consigo imaginar o que passa no coração e na mente de umas pessoas dessas para não ter amor às vezes nem pelos próprios filhos.

Ana Júlia Miranda Ferreira 9ªA

22/07/2020

" Estou sem ação com a vida. Começo a achar a minha vida insípida e longa demais. Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual a minha alma."

Estou indignada pelo fato de como a violência é retratada tão forte com mulheres e Crianças, o que infelizmente ainda tem na nossa atualidade.

É muito triste a Carolina relatar que tem dois dias que não consegue comer ela sente vontade de suicidar...

Ana Júlia Miranda Ferreira 9ªA

27/07/2020

O livro retrata uma realidade muito dura onde mostra o qual mal muitas pessoas são. A violência, a fome está muito presente na vida de Carolina.

Ana Júlia Miranda Ferreira 9ªA

Anexo 9 – Declaração da execução do projeto on-line enviada para o e-mail do Profletras no dia 09/06/2020.

Declaro que devido a situação da pandemia vivenciada no momento e suspensão das atividades presenciais na rede estadual de ensino do estado de Mato Grosso que a aplicação do projeto, Quarto de despejo: Temáticas atemporais para sala de aula, ocorrerão de forma online, por meio de aplicativos disponíveis e acessíveis pelos envolvidos na pesquisa.

Jacinaila Louriana Ferreira 08/06/2020

Jacinaila Louriana Ferreira

Anexo 10 - Modelo do termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Seu (sua) filho (a) está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, em que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável.

Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode

Endereço e telefone para contato: Rua das tamareiras, nº 57, Jardim Botânico/Sinop – Mato Grosso, Brasil, CEP: 78.556-002, Fone: (66) 9 9959-9440. E-mail: profjacinaila@gmail.com

Equipe de pesquisa: Jacinaila Louriana Ferreira

Objetivo geral: Despertar o hábito de ler e promover o letramento literário por meio da leitura e interpretação da obra: *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, com o gênero diário em uma perspectiva textual verbal e aliado à imagem fotográfica.

procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: “O GÊNERO DIÁRIO RETRATADO EM FOTOGRAFIAS E NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS”.
QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA SALA DE AULA.

Responsável pela pesquisa: Jacinaila Louriana Ferreira

Riscos da pesquisa: Um dos riscos que a pesquisa poderá oferecer aos participantes é em relação à dimensão intelectual, social e cultural. Os desconfortos podem ocorrer quando os participantes compartilharem algumas informações pessoais ou em algum tópico da pesquisa que possa vir a lhes incomodar. Este estudo apresenta risco mínimo, pois será desenvolvido, na maior parte das atividades, em âmbito escolar, a partir de atividades rotineiras como: leitura, assistir a filmes e documentários, produção escrita em sala de aula, digitação dos textos no laboratório de informática (ou na própria sala de aula) e outras estratégias voltadas ao projeto. A gestora escolar e a coordenação pedagógica serão convidadas para auxiliar os participantes, se ocorrer algum desconforto ou situação em que os participantes necessitem desses profissionais.

Além disso, durante cada etapa da pesquisa, todos os participantes serão estimulados com diversos métodos de participação para que possam concluir todos os passos do processo, mas cada um é livre para sugerir, responder ou não participar em qualquer parte do processo do estudo. Os resultados estarão à disposição dos participantes quando finalizada a pesquisa. Seus nomes ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a permissão do responsável. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável e posteriormente serão destruídos, observando-se o período de 5 anos.

Benefícios: Os benefícios da pesquisa estão relacionados com os estudantes participantes no desenvolvimento de atividades de leitura e produção escrita, promovendo a construção dos mais diversos conhecimentos. Com a produção

produção escrita, digitação de textos e publicação de um livro.

- Caso, por algum motivo, eu me sinta desconfortável ou constrangido na realização de qualquer atividade da pesquisa, terei o direito de não participar.
- A equipe pesquisadora me dará esclarecimentos, antes e durante a pesquisa, acerca de sua metodologia de pesquisa.
- Reconheço que tenho o direito de acessar os registros utilizados nesta pesquisa a qualquer momento que julgue necessário e conveniente.
- Os resultados dessa pesquisa serão fornecidos a mim e aos demais participantes, assim que tiverem sido devidamente concluídos.
- Os dados coletados durante o estudo poderão ser utilizados para fins científicos, publicações e participações em eventos científicos, atentando para a ética no proceder científico.

escrita e fotográfica dos alunos, que se transformarão em um livro, os estudantes certamente se sentirão valorizados e irão contribuir para o registro de suas histórias, contribuindo com a melhoria do ensino na Escola Estadual Professora Zeni Vieira e a SEDUC/MT. Além disso, os dados obtidos com a pesquisa certamente poderão ser utilizados para melhorar o desenvolvimento das práticas docentes em sala de aula.

Ao assinar este termo de consentimento livre e esclarecido, entendo que:

- Os dados por mim gerados serão submetidos à análise da equipe pesquisadora, com vistas ao alcance do objetivo do estudo acima exposto.
- O trabalho de pesquisa ocorrerá no ano de 2020 e inclui atividades de leitura, assistir a filmes e documentários, fotografias do cotidiano do aluno,

- Não serei pago pela minha participação na pesquisa, sendo que os ganhos decorrentes da mesma serão no âmbito de minha aprendizagem e experiência de participação.
- Posso descontinuar minha participação nesta pesquisa a qualquer momento, sem que eu em nada seja prejudicado.
- Autorizo a publicação dos meus dados e imagens apenas para fins da pesquisa e do livro da turma organizado pela pesquisadora, produto final da pesquisa.

Local e data:

Nome:

Anexo 11: Tarde de autógrafos, entrega da obra e produto final da pesquisa – *Diário de uma turma nota 10 - @alunosescritores*

Tarde de autógrafos! Entrega da obra: “Diário de uma turma nota 10 @alunosescritores”.







alunosescritores



Entrega do livro, 'Diário de uma turma nota 10 @alunosescritores'. Parabéns, aluna escritora Maria Eduarda @madu_alves440 🥰📖📚
Maria Eduarda e sua mãe♥♥
Gratidão!
#carolinamariadejesus
#vamoslácarolina
#alunosescritoresdiariodeumaturmanota10



9 sem



marliwalker 🍌🍌🍌🍌



Curtido por desenhosdeumpobre e outras 76 pessoas

12 DE MARÇO



Adicione um comentário...

Publicar





alunosescritores
Sinop Mato Gosso



alunosescritores Entrega da obra,
'Diário de uma turma nota 10'
@alunosescritores 📖 Parabéns, aluna
escritora @anajuliamirandaf 📖
Ana Júlia sua mãe e irmão 😊❤️
Gratidão!
#carolinamariadejesus
#vamoslácarolina
#alunosescritoresdiariodeumaturmano
ta10
@escritasdjaci 📖
Resultados da página
@alunosescritores 👉
Vamos lá, Carolina!

10 sem



caetano.silvia4 Parabéns! Fiquei
encantada com o projeto e com o



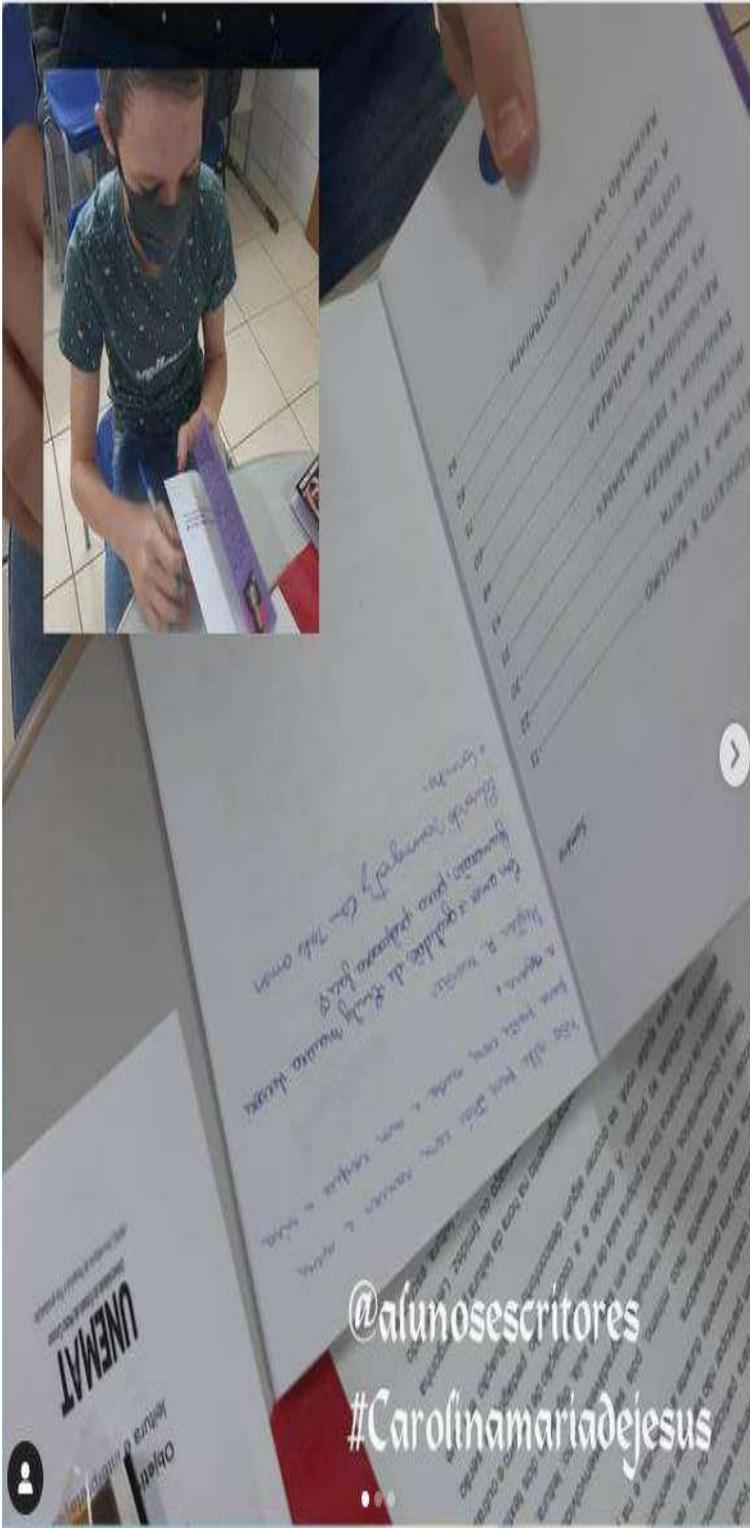
Curtido por desenhosdeumpobre e
outras 85 pessoas

7 DE MARÇO



Adicione um comentário...

Publicar



@alunosescritores
#Carolinamariadejesus



alunosescritores

Sinop Mt Grosso



alunosescritores Entrega da obra, "Diário de uma turma nota 10 @alunosescritores". Parabéns, aluno escritor @eduardo.baumgratz ! #carolinamariadejesus #vamoslácarolina #alunosescritoresdiariodeumaturmanota10 @escritasdajaci 📖📖

10 sem



karina_paes Parabéns 🍌🍌



10 sem 1 curtida Responder

— Ver respostas (1)



madu_alves440 🍌🍌🍌🍌



Curtido por desenhosdeumpobre e outras 48 pessoas

10 DE MARÇO



Adicione um comentário...

Publicar



 alunosecritores
EE Zeni Vieira

 alunosecritores Entrega do livro,
"Diário de uma turma nota 10"
@alunosecritores 📖📖 Parabéns,
aluna escritora @harumi_sampaio 🍪
🍪📖📖
Harumi e sua mãe ❤️❤️
Gratidão!

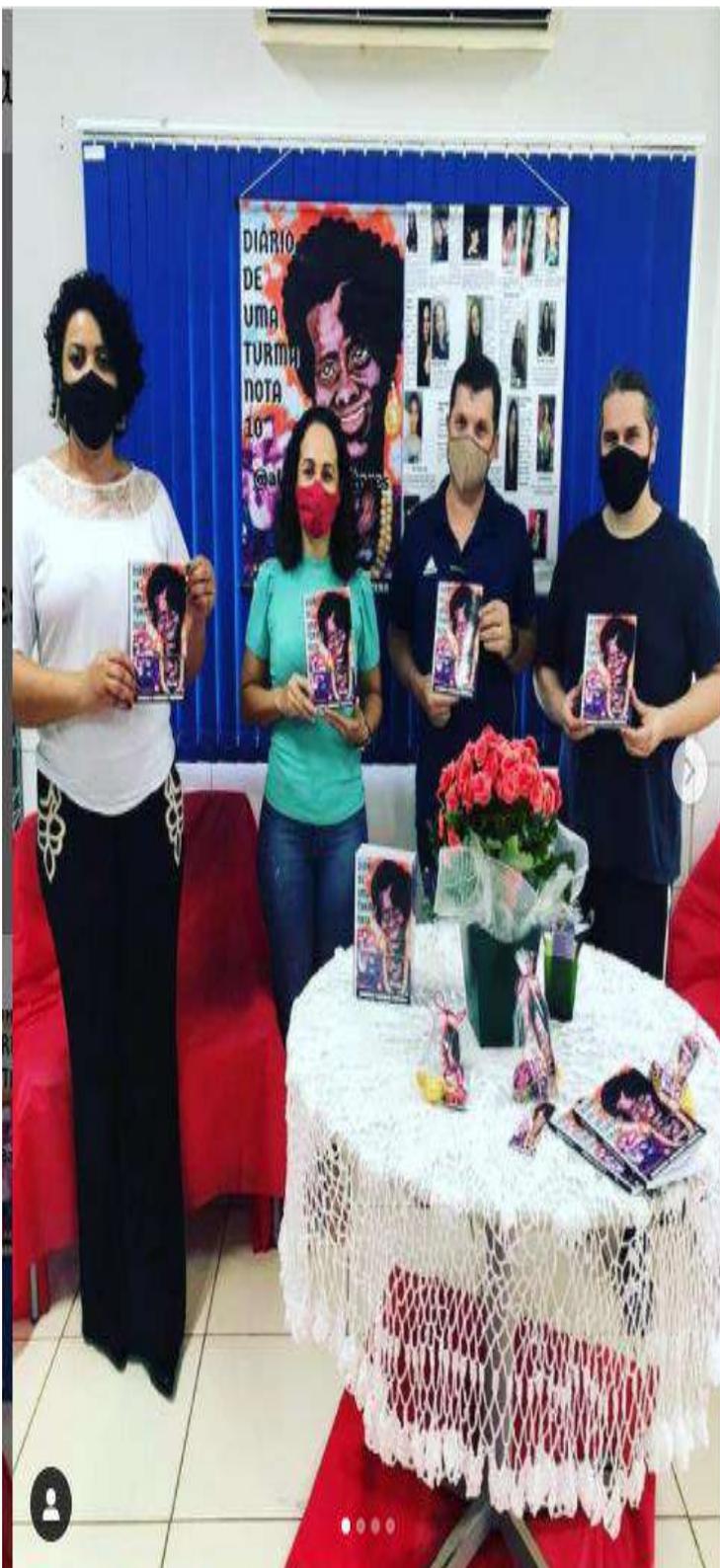
#alunosecritoresdiariodeumaturmano
ta10

 Curtido por desenhosdeumpobre e
outras 39 pessoas

18 DE MARÇO

 Adicione um comentário... [Publicar](#)



alunosescritores

EE Zeni Vieira



Entrega da obra, "Diário de uma turma nota 10 @alunosescritores", para os professores gestores e também responsáveis pela aplicação e sucesso do trabalho realizado. Uma equipe unida, sempre vencerá! Toda nossa gratidão e carinho a todos da Escola Estadual Professora Zeni Vieira!

Direção: Profa.

@rozangelacristina.oliveira

coordenação: Profs. Fábio,

@sandramarcar_i_ e @odineibarpi 📖

#vamoslácarolina

#carolinamariadejesus

#alunosescritoresdiariodeumaturmanota10

Obrigada @profletrasnacional

@giovaldarodriguescristina



Curtido por [desenhosdeumpobre e](#) outras 63 pessoas

4 DE ABRIL



Adicione um comentário...

Publicar



alunosescritores

Sinop Mato Grosso



alunosescritores Entrega do livro, "Diário de uma turma nota 10 @alunosescritores". Parabéns, alunos escritores! Minha eterna gratidão por tudo que aprendi com todos vocês. #vamoslácarolina #carolinamariadejesus #alunosescritoresdiariodeumaturmanota10



.

.

.



6 sem



madu_alves440 ❤️❤️



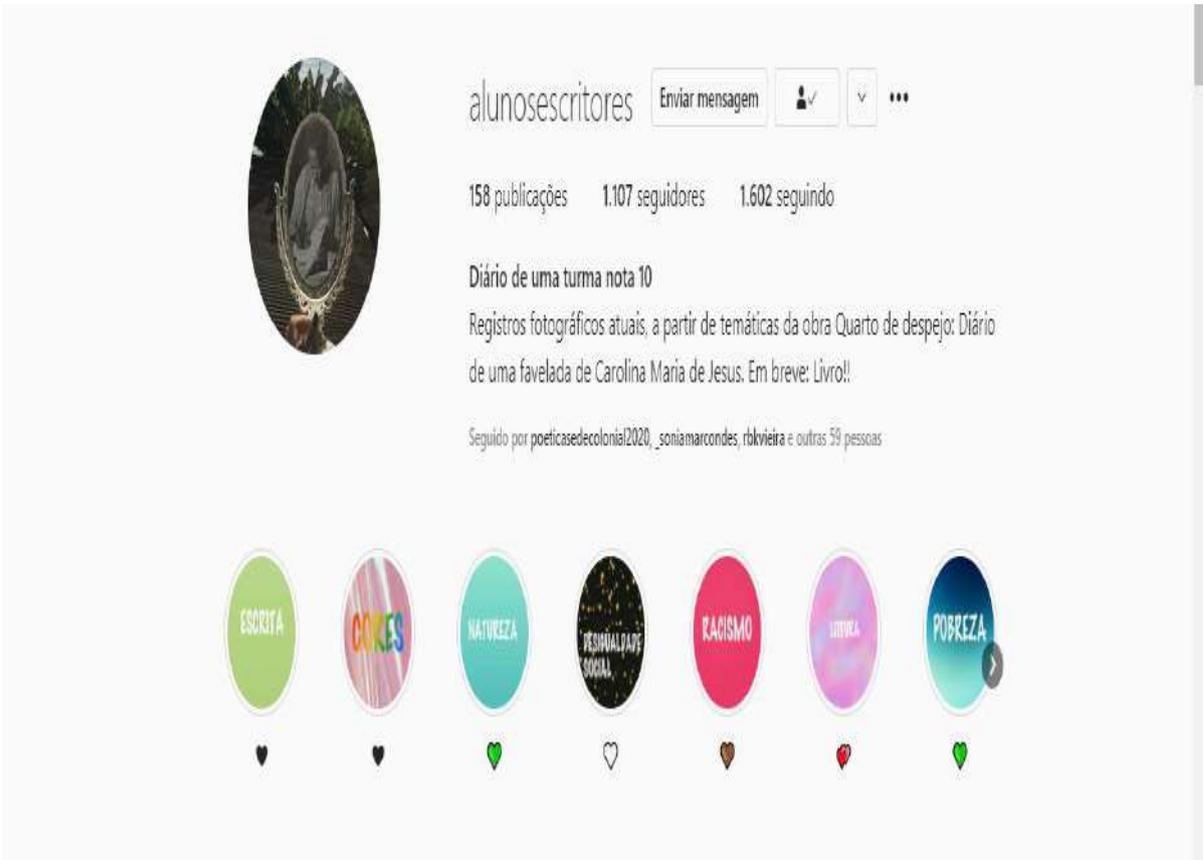
Curtido por desenhosdeumpobre e outras 61 pessoas

4 DE ABRIL



Adicione um comentário...

Publicar



alunosescritores Enviar mensagem

158 publicações 1.107 seguidores 1.602 seguindo

Diário de uma turma nota 10
Registros fotográficos atuais, a partir de temáticas da obra Quarto de despejo: Diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus. Em breve: Livro!!

Seguido por poeticasedecolonial2020, _soniamarcondes, rbkvieira e outras 59 pessoas

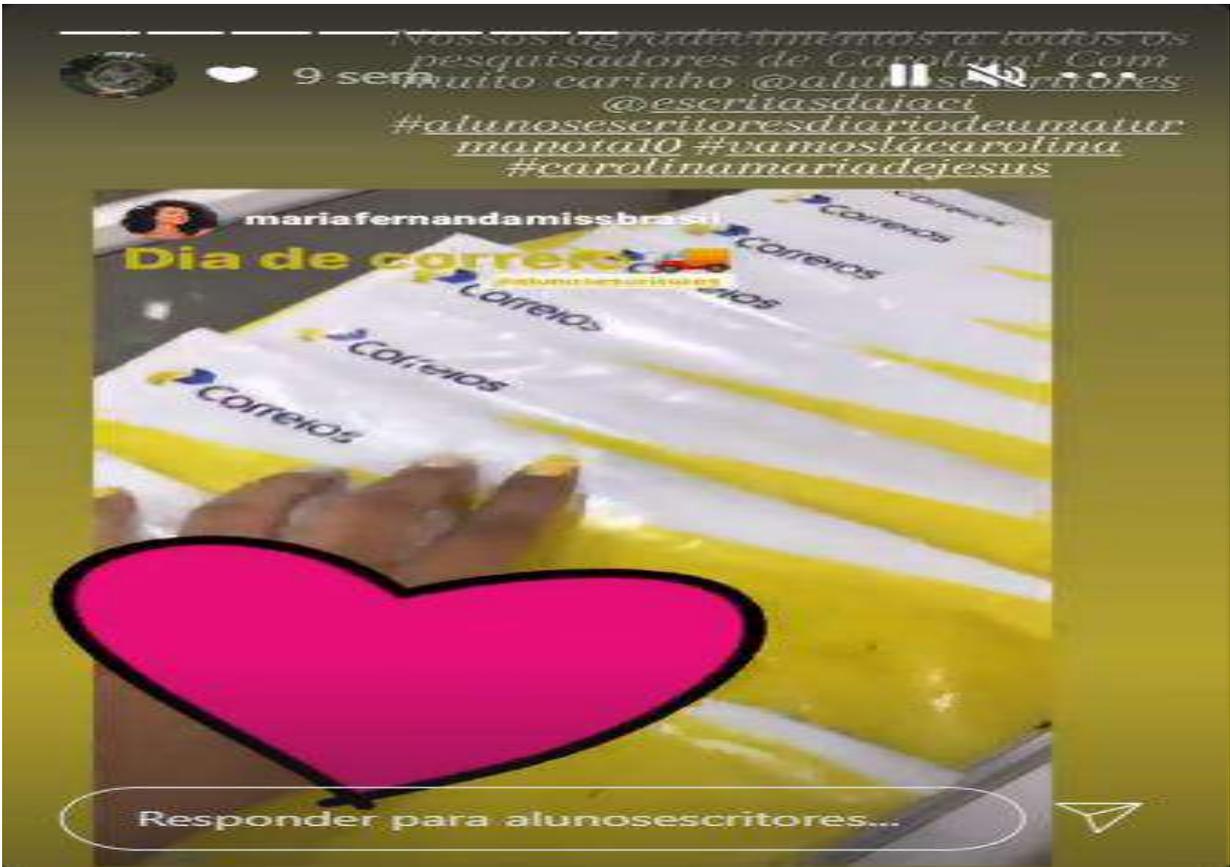
ESCRITA CORES NATUREZA PESSOALIDADE SOCIAL RACISMO LITURA POBREZA

Nossos agradecimentos a todos os pesquisadores de Carolina! Com muito carinho @alunosescritores @escritasdaiaei

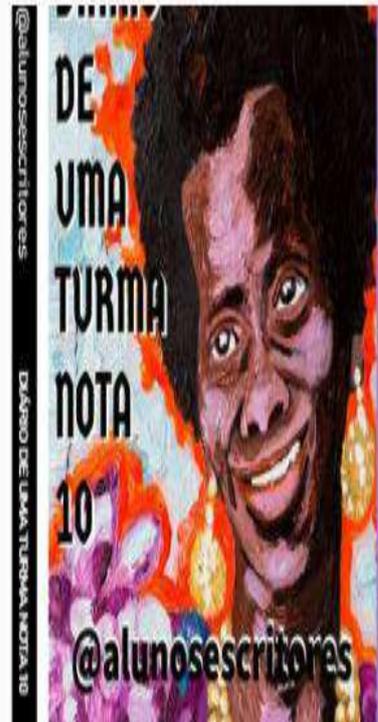
#alunosescritoresdiariodeumaturmanota10 #vamoslácarolina #carolinamariadejesus

mariafernandamissbrasil

Dia de Correios



Responder para alunosescritores...





alunoscritores
Sinop Mato Grosso



alunoscritores Tarde de autógrafos!
Entrega do livro, "Diário de uma turma
nota 10 @alunoscritores ". Parabéns,
aluna escritora @mariana_lima437 🍪
🍪👩🏻👩🏻👩🏻👩🏻👩🏻👩🏻👩🏻👩🏻
👩🏻👩🏻👩🏻

Mariana e sua mãe! Gratidão!

8 sem



madu_alves440 🍌👩🏻👩🏻



8 sem 2 curtidas Responder

— Ver respostas (1)



Curtido por desenhosdeumpobre e
outras 41 pessoas

23 DE MARÇO



Adicione um comentário...

Publicar



alunosescritores
Sinop Mato Grosso

alunosescritores Entrega do livro, "Diário de uma turma nota 10 @alunosescritores". Parabéns, aluna escritora @emily_versori 🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷🍷
#carolinamariadejesus
#vamoslácarolina
#alunosescritoresdiariodeumaturmanota10

8 sem

emily_versori 😊😊😊

8 sem 2 curtidas Responder

— Ver respostas (3)

madu alves440 🍷🍷🍷

📖 🗨️ 📌

Curtido por **desenhosdeumpobre** e outras 36 pessoas

22 DE MARÇO

😊 Adicione um comentário... [Publicar](#)



alunosescritores

EE Zeni Vieira



alunosescritores Entrega da obra,

"Diário de uma turma nota 10

@alunosescritores 📖📖📖📖

Parabéns, aluno escritor @heytor_r.m



#carolinamariadejesus

#alunosescritoresdiariodeumaturmano

ta10

#vamoslácarolina

9 sem



madu_alves440 🍊🍊🍊



9 sem 1 curtida Responder

— Ver respostas (1)



Curtido por desenhosdeumpobre e outras 44 pessoas

17 DE MARÇO



Adicione um comentário...

Publicar



 alunosescritores
EE Zeni Vieira

 alunosescritores Entrega do livro, "Diário de uma turma nota 10 @alunosescritores". Parabéns, aluno escritor @viniciuswilkeguilherme 📖📖👏
Vinícius e sua mãe ❤️❤️
Gratidão!
#vamoslácarolina
#alunosescritoresdiariodeumaturmanota10
#carolinamariadejesus

9 sem

 madu_alves440 🍊🍊❤️❤️ 
9 sem Responder

 Curtido por desenhosdeumpobre e outras 47 pessoas

17 DE MARÇO

 Adicione um comentário... [Publicar](#)

SIGAA - Sistema x Caixa de entrada x Caixa de entrada x (46) WhatsApp x Slide 01 x Webquest no z x Meet wvs-t x

meet.google.com/wvs-tpiq-roy

GRAVANDO

15:16

Voce

Antonio Aparecido Mantov...

Detalhes da reunião ^

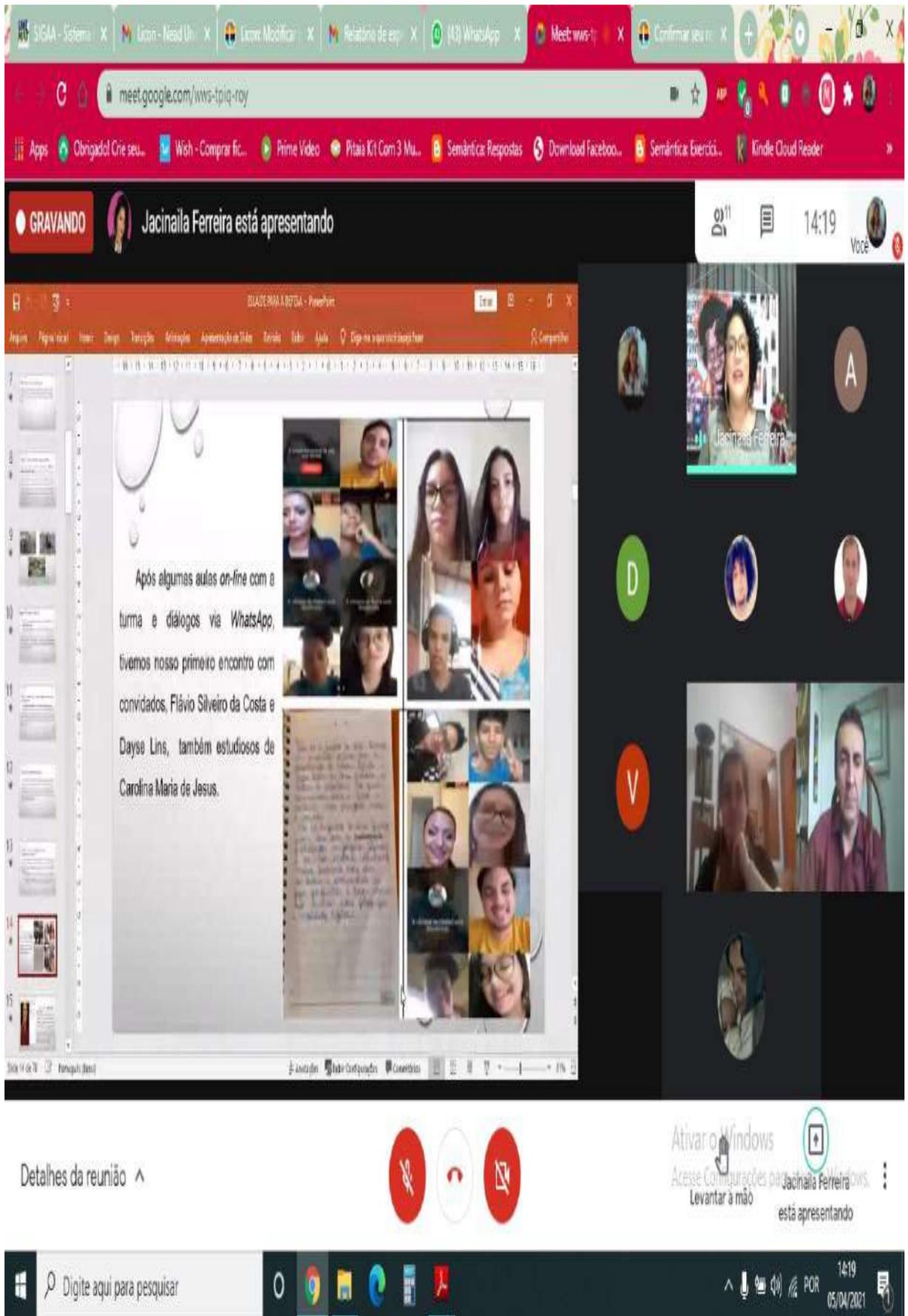
Levantar a mão Apresentar agora

Ativar o Windows

Justificativa.docx Modelo de Relato...doc

Digite aqui para pesquisar

15:16 05/04/2021



- Ana Julia Miranda Ferreira
- Camila Vitória Evangelista do Carmo
- Claudia Santos Pahin
- Emily Maiara Versory Guimarães
- Eduardo Baumgratz
- Guilherme Vinicius Wilke
- Harumi Sampaio Miquita Tojo
- Heytor Rodrigues Moraes
- Julia Vitória Rodrigues Strapasson
- Jhonatan de Oliveira Silva
- Ketellyn Mundins Antonio
- Letícia Emanuelli Zelo Eco
- Maria Eduarda Alves de Souza
- Mariana Ferreira Lima
- Nikoli Werlang
- Paola Nandrya de melo Barbosa
- Sandrielle de Vargas Cruz
- Simoni Carvalho Forneck
- Thainara Medeiros Fernandes



MONÓLITO

No dia três de novembro de 2020, tivemos a honra de encerrar esse projeto com a presença da filha amada de Carolina, Vera Eunice de Jesus Lima, que é professora de Língua Portuguesa, profissão que a mãe valorizava e sonhava para sua filha. Entre muitas histórias vividas ao lado da autora, ela nos mostrou o essencial, a luta, a busca pela realização e mudança de uma realidade, infelizmente, ainda atual. Quando uma das escritoras desse grupo pergunta: “Você tem interesse em escrever romances como a sua mãe tinha ou coisas do tipo? Vera, atenciosamente, responde, “hoje eu preciso escrever a biografia”, ela reforça que tem a obrigação de fazer isso, colocar a verdade de sua mãe, quem ela foi e não deixar as pessoas escreverem o que querem sobre ela. A convidada e tão conhecida de todos nós fecha o livro com chave de ouro e nossos corações com uma gratidão imensa. Ela concluiu e nos emocionou, ao reafirmar uma frase dita por Audálio Dantas, “não houve e nunca mais haverá uma escritora como Carolina Maria de Jesus no Brasil e no mundo...”. Finalizamos e dedicamos essa obra à Vera Eunice de Jesus Lima e à memória da escritora Carolina Maria de Jesus.

@alunosescritores

DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10

MONÓLITO

DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10

@alunosescritores

ORGANIZADO POR

JACINAILA LOURIANA FERREIRA



Jacinaila Louriana Ferreira

É mestranda do Profletras pela UNEMAT, Câmpus de Sinop, casada, mãe de dois filhos, apaixonada pela família e pela literatura. Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Especialização em Docência do Ensino Superior, professora efetiva na rede estadual de ensino, SEDUC/MT. Escritora de poesia e contos, já participou em mais de dezesseis antologias e recentemente faz parte juntamente com seis escritoras negras mato-grossenses da obra *Rasuras negras* (2020), autora do livro *Nuances* (2020), *Mãe e Filha* (2020), com sua filha Maria Fernanda.

DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10
@alunosescritores
Organizado por Jacinaila Louriana Ferreira

DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10
@alunosescritores
Organizado por Jacinaila Louriana Ferreira



PROFLETRAS

Monólito

Copyright © Os autores, 2021

Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução no todo ou em parte, sem autorização prévia do autor, sejam quais forem os meios empregados. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido no Código Penal.

Editoração: Antonio Cesar Gomes da Silva
Imagem de capa: Patrícia Wolff Sampaio (Paty Wolff)
Revisão: Genivaldo Rodrigues Sobrinho
Organização: Jacinaila Louriana Ferreira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diário de uma turma nota 10 : @alunosescritores /
organização Jacinaila Louriana Ferreira. -- 1.
ed. -- Sinop, MT : Editora Monólito :
Proletras, 2021.

ISBN 978-65-991016-3-2

1. Escrita 2. Leitura 3. Literatura brasileira 4.
Português - Estudo e ensino 5. Textos I. Ferreira,
Jacinaila Louriana.

21-54523

CDD-469.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Português : Estudo e ensino 469.07
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

MONÓLITO EDITORAL
CNPJ: 26.611.403/0001-60
SINOP - 78.553-270
FONE (66) 99222-9964
aces4r@gmail.com

Dedicatória
Em memória de Carolina Maria de Jesus

Sumário

| | |
|---|----|
| <i>PRECONCEITO E RACISMO</i> | 13 |
| <i>LEITURA E ESCRITA</i> | 22 |
| <i>MISÉRIA E POBREZA</i> | 30 |
| <i>DENÚNCIA E DESIGUALDADES</i> | 35 |
| <i>RELIGIOSIDADE</i> | 43 |
| <i>AS CORES E A NATUREZA</i> | 48 |
| <i>SONHOS/SENTIMENTOS</i> | 60 |
| <i>CUSTO DE VIDA</i> | 75 |
| <i>A FOME</i> | 82 |
| <i>RECRIAÇÃO DA CAPA E CONTRACAPA</i> | 92 |

Prefácio

Uma palavra escrita não pode nunca ser apagada. Por mais que o desenho tenha sido feito a lápis e que seja de boa qualidade a borracha, o papel vai sempre guardar o relevo das letras escritas. Não, senhor, ninguém pode apagar as palavras que eu escrevi.

(Carolina Maria de Jesus)

O trabalho de pesquisa-ação de Jacinaila Louriana Ferreira, *Quarto de Despejo: Temáticas Atemporais Para Sala de Aula*, desenvolvido no seu programa de mestrado PROFLETRAS, pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT-Campus de Sinop, é um catalizador de leitura e escrita de alunos da escola pública do nono ano do Ensino Fundamental.

Por intermédio da leitura e da interpretação da obra: *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus (19?-1977), a professora-pesquisadora

consegue afetar os alunos que mobilizados pelos textos dessa autoria negra da diferença são impulsionados a responder a narrativa de Carolina Maria de Jesus. Assim, numa perspectiva textual verbal e aliada à imagem fotográfica e à utilização das mídias, a saber, do *Instagram*, eles partem para criatividade e reflexão da leitura conduzida.

Além do trabalho em sala de aula ou via *Google Meet*, diversos foram os momentos mediados pela leitura com as conferências de especialistas da obra da escritora em vários domínios, da fotografia, oficinas, e, inclusive, a presente memória viva da escritora, sua filha Vera Eunice de Jesus Lima. Uma presença ímpar, provocadora e mobilizaradora de questionamentos, perguntas e comentários dos alunos, refletidos em suas postagens posteriores no *Instagram*, conforme apresentadas nesse livro.

Os alunos envolvidos no projeto não apenas foram acionados para o hábito da leitura e escrita, como apresentaram seus pontos de vistas individuais em

linguagem verbal e escrita. A crítica ao racismo estrutural e às desigualdades sociais foi privilegiada pelas postagens no *Instagram* e nas perguntas levantadas durante as palestras realizadas como parte do processo formativo. As temáticas foram se aprimorando ao longo do trabalho, de modo que, a denúncia e os sofrimentos também expressados pela autora de *Quarto de desejo*, foram cedendo lugar para a autora de poemas, romances, contos, peças teatrais, provérbios, composições musicais, ou seja, para as Carolinas além do diário de favela. Nesses momentos, tanto as fotografias, quanto os textos da autora selecionados para as postagens no *Instagram* versam sobre a inspiração poética, natureza e o sonho de escrever e ser publicada patente na discursividade da autora.

Os alunos passaram a se dedicar integralmente no espaço de construção do diário virtual @alunosescritores na plataforma digital *Instagram*. Nas imagens postadas com frequência, fica evidente o modo como Carolina Maria de Jesus tocou esses alunos, que passaram a militar,

apreciar, se inspirar e cultuar a autora. O desejo de conhecer toda a obra dela, de legitimar sua escrita, produzindo livros que Carolina não pôde publicar em vida, e assim, inclusive jamais permitir que suas palavras fossem apagadas, fica patente.

Talvez, se Carolina Maria de Jesus tivesse conhecido esse trabalho, teria a sensação de dever cumprido, pois sua literatura carrega os princípios de transformação social sem jamais perder de vista a literariedade. Esse trabalho caminha ao lado da escritora, ao mesmo tempo, em que transforma o espaço escolar, a concepção de literatura e traz esperança para aqueles que poderiam passar pela escola sem desfrutar do universo literário e suas possibilidades.

O diário dos alunos escritores representa mais um passo rumo ao reconhecimento dessa grande escritora brasileira e à decolonialização dos saberes e das práticas escolares. *O papel vai sempre guardar o relevo das letras escritas* desses jovens, da professora-pesquisadora e de Carolina Maria de Jesus.



Raffaella Fernandez, autora de *A poética de resíduos, de Carolina de Jesus*, resultado de sua pesquisa de doutorado em Teoria e História da Literatura pela Universidade de Campinas (Unicamp). Organizou os três últimos livros de Carolina intitulados, *Onde estaes felicidade?* (2014), *Meu sonho é escrever* (2018) e *Clíris* (2019). Atualmente é pós-doutoranda em Estudos Culturais na UFRJ e compõe o conselho editorial da Companhia das Letras que irá publicar os manuscritos inéditos de Carolina Maria de Jesus.

PRECONCEITO E RACISMO¹

A obra *Quarto Despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, é um retrato de temas que nunca deixaram de ser atuais, por isso trazemos um recorte de algumas que se sobressaltam durante a leitura e citamos partes da obra, pois é a partir de construções atemporais que se realizou o trabalho do diário de leitura por meio de imagens e legendas.

Percebemos ao ler a obra *Quarto de Despejo*, as denúncias de momentos em que o racismo e o preconceito se sobressaem e ficam nitidamente

¹ As apresentações antes de cada temática foram feitas pela pesquisadora e organizadora da obra: Jacinaila Louriana Ferreira.

claras, como no registro de uma conversa de supermercado:

Nos gastos quase que vocês empataram.

Eu disse:

— Ela é branca. Tem direito de gastar mais.

Ela disse-me:

— A cor não influi.

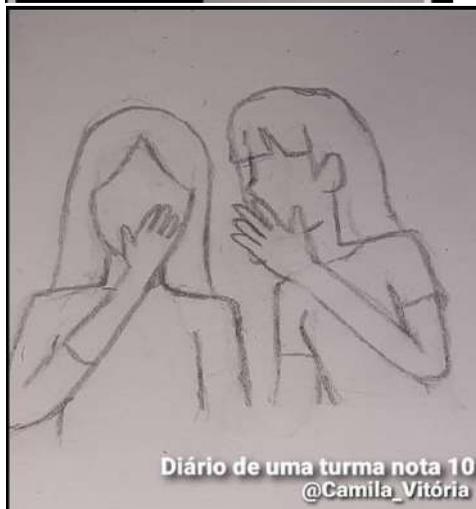
Então começamos a falar sobre preconceito.

Ela disse-me que nos Estados Unidos eles não querem negros na escola.

Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se (JESUS, 2014, p. 122).

Carolina não se conforma com a diferenciação entre brancos e negros, bem como com a forma de tratamento diferenciada devido a fatores sociais e econômicos. Ela mostra em sua obra, como verão a seguir no trabalho dos alunos escritores, a inconformidade e a luta constante pela mudança.

Aprendemos com ela a não desistir, persistir e acima de tudo lutar, é uma luta com o que se tem à disposição, cadernos que cata do lixo, livros e a palavra de onde advém todo o poder e força para o desprendimento e humanização presentes nesse livro e em toda sua vasta obra literária. É perceptível por meio do retrato fotográfico e comentários dos educandos, a visão atemporal despertada por temáticas ainda muito presentes na sociedade contemporânea. A produção dos alunos escritores revela que Carolina continua, sua obra desperta, incentiva, destroça o racismo e pisa no preconceito para surgir, ressurgir uma nova época com novos valores e visões.



Diário de uma turma nota 10 (@mariana_lima437)

" O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. "

Carolina Maria de Jesus

Crédito do desenho: Felipe (meu irmão)

alunosescritores Sinop, Brazil

alunosescritores Carolina passava por preconceitos raciais ou por conta de sua classe social, mas ela tinha muito orgulho de quem ela era. Porém atualmente, ainda têm pessoas que passam por preconceitos diversos. então, se você sofre ou já sofreu preconceitos, denuncie. Como Carolina, se ame e se orgulhe do jeito que você é e respeite também as outras pessoas do jeito que elas são.

#carolinamariadejesus
#literatura
#livros
#alunosescritoresdiariodeumaturmanota10

1 sem

Curtido por escritasdajaci e outras 34 pessoas

31 DE AGOSTO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Diário de uma turma nota 10 (@mariana_lima437)

" No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não me entristeço. "

Carolina Maria de Jesus

alunosescritores Sinop, Brazil

alunosescritores Infelizmente, Carolina já foi uma vítima do racismo, e não foi só uma vez, porém ela não se entristecia. Mas ainda hoje em dia acontece essa prática irracional que não tem nem fundamento, se você sofre ou já sofreu, denuncie. E respeite as pessoas independentemente do jeito que elas são.

#carolinamariadejesus
#literatura
#livros

1 sem

mariana_lima437

Curtido por escritasdajaci e outras 45 pessoas

27 DE AGOSTO



Diário de uma turma nota 10
@Camila Vitoria



alunosescritores



alunosescritores "Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me - É pena você ser preta." (Carolina Maria de Jesus) Créditos da imagem na sacola: Artistas do Brasil @titoferrara. Carolina tinha um talento incrível para a escrita, mas não lhe deram o devido respeito simplesmente por sua cor. Carolina foi uma autora injustiçada.



Curtido por escritasdajaci e outras 17 pessoas

HÁ 11 HORAS

Adicione um comentário...

Publicar



LEITURA E ESCRITA

A escrita e a leitura são aliadas inseparáveis de Carolina na superação de todos os problemas que se apresentam, pois alegre ou triste ela escreve, lê e vê o mundo sob uma nova perspectiva, a de romper com as amarras, lutar por seus ideais e também de todos que a cercam. Notamos e sentimos a determinação da autora no trecho abaixo e em muitos outros retratados pelos alunos nas fotografias do cotidiano.

(...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade. Quis saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diário.

– Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você. Todo tem um ideal. O meu é gostar de ler (JESUS, 2024, p. 16-26).

É importante ressaltar que Carolina não é escritora somente do diário ou um livro só, é uma escritora múltipla que nos deixou um legado inspirador, poemas, romances, crônicas, peças teatrais, músicas e provérbios. A autora é a protagonista de sua história, vivências, escritas e superações que estão além da margem social, pois ela cria, inaugura uma nova busca por seus sonhos.

Seus conhecimentos foram construídos de outra maneira, por meio dos livros e cadernos que encontrava no lixo, uma vez que não tinha dinheiro para comprá-los, e no lugar onde estava com todas as dificuldades encontradas ela lutou, leu, escreveu, publicou, espalhando seus manuscritos pelo mundo e hoje a cada dia uma nova surpresa, pois em breve mais uma obra reúne manuscritos inéditos de Carolina. A decolonialidade em Carolina consiste nessa busca da transcendência histórica, visto que mesmo lançado em 1960 *Quarto de despejo* traz temáticas atuais de subversão do poder colonial e de despertar para a continuidade da luta.





"Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade."

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma turma nota 10
(Sandrielle de Vargas)

alunosescritores
Sinop, Brazil

alunosescritores Carolina não teve oportunidade de terminar os estudos; mas mesmo assim, tem um caráter exemplar, porque onde vive não existe história de solidariedade, é praticamente cada um por si.

#carolinamariadejesus
#Literatura
#livroseleitura
#alunosescritoresdiariodeumaturmanta10

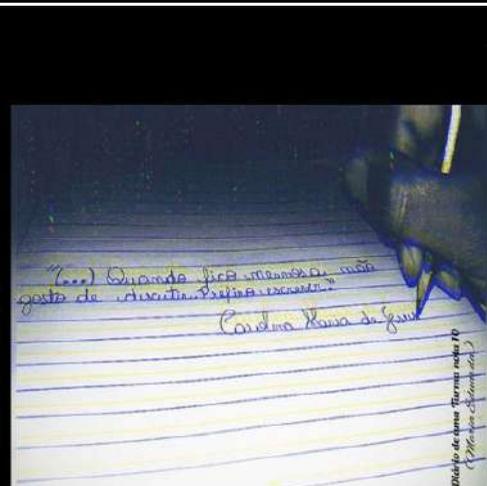
1 sem

mariana_lima437 🍌🍌🍌🍌🍌
1 sem 2 curtidas Responder

📖 Curtido por escritasdajaci e outras 55 pessoas

27 DE AGOSTO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



(...) Quando fico cansada não gosto de chorar. Prefiro escrever.

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma Turma nota 10
(Mariana Lima)

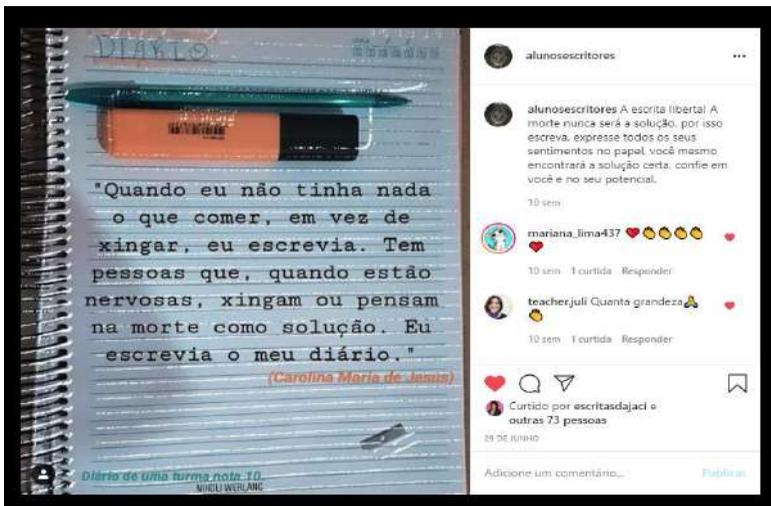
alunosescritores

alunosescritores A escrita é a esperança que impulsiona Carolina a levantar todos os dias e não desistir dos seus sonhos! Ela luta com a caneta e os papéis que encontra no lixo, rompe todas as barreiras e torna-se escritora. Aquela que coloca a dor no papel e transforma vidas com seu exemplo! #vidasimportantes #carolinamariadejesus

📖 Curtido por escritasdajaci e outras 53 pessoas

12 DE JUNHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



"A VIDA É IGUAL A UM LIVRO. SÓ DEPOIS de ter lido é que sabemos como encerra."

Carolina Maria de Jesus

DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10 @HEYTOR R. MORAES

alunosescritores
Sinop, Brazil

alunosescritores Nossa vida é uma história que será compartilhada com os nossos filhos e netos. Carolina é um grande exemplo de como enfrentamos as lutas do cotidiano.

#CarolinaMariaDeJesus
#Literatura
#livros
#alunosescritoresdiariodeumaturmanota10

2 set

mariana_lima437

2 set · 1 curtida · Responder

Curtido por escritasdjaci e outras 37 pessoas

03 DE AGOSTO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10 @Camila Vitória

alunosescritores

alunosescritores "Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler." (Carolina Maria de Jesus)
Carolina era apaixonada pela leitura, ela preferia a companhia dos livros do que das pessoas.

40 min

Curtido por escritasdjaci e outras 2 pessoas

PARA OS MENORES

Adicione um comentário... [Publicar](#)



MISÉRIA E POBREZA

A pobreza e a miséria são descritas além do sentido habitual, pois são mostradas também como a mesquinhez, falta de conhecimento, educação, atenção e amor. Carolina se comove diante de uma riqueza maior, seus sonhos, sua fé, as cores de um mundo que lhe permite olhar adiante e seguir.

Quarto de despejo atrai leitores, sonhos a serem reconstruídos, refeitos, como os de Carolina. A pobreza é pequena, diante da grandeza da escrita da autora. *Quarto de despejo* não é retrato de pobreza, mas além de qualquer necessidade existe força, determinação e principalmente esperança.

A necessidade de superação surge em meio a um cenário de muita pobreza e miséria, no entanto, é justamente o momento em que ocorre a busca pelo

conhecimento, as denúncias por meio da sua principal aliada na favela, a palavra.

Poderão agora comparar as temáticas de *Quarto de Despejo* à realidade atual, mesmo depois de sessenta anos. Os alunos escritores, comovidos e movidos pela leitura, nos presenteiam com registros fotográficos que comprovam a atemporalidade de algo que nos deixa impactados, um dos autores desta obra relatou sentir vergonha de suas atitudes antes de conhecer a fome e a miséria retratadas na obra de Carolina. É com o sentimento e a esperança de mudança que lhes apresentamos mais um capítulo da leitura e criação por meio das sementes plantadas por ela no coração fértil de alunos escritores.

"Fiquei pensando na Vera, que ia bradar e chorar, porque ela quando não tem o que calçar fica lamentando que não gosta de ser pobre. Penso: se a miséria revolta até as crianças..."

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma turma nota 10 (@mariana_lima437)

alunosescritores

Não era só a Carolina que passava por aquela situação. Seus filhos também passavam pela pobreza/miséria. Mas Carolina sempre lutava para garantir o melhor para ela e os filhos.

#carolinamariadejesus
#literatura
#livros
#alunosescritoresdiariodeumaturma10

3 sem

escritasdjaci

3 sem 2 curtidas · Responder

Curtido por escritasdjaci e outras 46 pessoas

18 DE AGOSTO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

"Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operarios, para os mendigos, que são escravos da miséria."

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma turma nota 10 @madu_alves440

alunosescritores

Carolina Maria de Jesus falava o que era praído no momento. As palavras suaves ela reservava para as crianças, operários e mendigos.

1 d

Curtido por escritasdjaci e outras 18 pessoas

HÁ 1 DIA

Adicione um comentário... [Publicar](#)





DENÚNCIA E DESIGUALDADES

A capa do livro *Quarto de despejo*, já expressa por meio de uma metáfora a desigualdade social e Carolina durante a narrativa compara o quarto de despejo, favela, a sala de visitas, região central da cidade de São Paulo. A figura de linguagem visa comparar e mostrar as diferenças, desigualdades dentro de uma só cidade, repleta de pessoas boas, porém outras muito más e sem compaixão.

Nas citações aliadas às fotografias da criação dos alunos escritores, perceberão as injustiças de um povo que está além das margens de uma sociedade egoísta que finge não ver e por isso torna invisível e

inaudível. O corpo e a voz que clamam por horas, décadas, séculos de um sentir-se diferente, menosprezado, desamparado, “digno de estar em um quarto de despejo”.

Carolina esteve na favela, onde proporcionou mudanças de comportamento, atitudes, sonhos. Nunca foi favelada, sua escrita tem objetivos e não consiste somente em um diário, pois foi uma grande escritora de romances, poesias, provérbios, compositora de músicas reais e atuais, sim atuais, as temáticas da escrita caroliniana são atemporais, visto que a mudança, infelizmente, caminha a passos lentos e por isso convocamos você a ler alunos escritores, uma turma de nono ano, desbravando quaisquer limites impostos pela academia ou pela sociedade.

"Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as pssimas qualidades de vocês. E eu vou contar ao reporter."

(Carolina Maria de Jesus)

Diário de uma turma nota 10 (@juliavit_a)

alunosescritores

alunosescritores Mesmo com todas as dificuldades, Carolina se expressava por meio da escrita e colocava no papel tudo o que passava e as dificuldades enfrentadas para que de alguma forma fosse ouvida. Ela mostra não só a sua realidade, mas a de todos que estavam na mesma situação que a dela.

10 sem

mariana_lima437

10 sem 1 curtida Responder

p_sa_to Tão atual

1 curtido por escritasdjaci e outras 55 pessoas

1 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

"Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo".

Carolina Maria de Jesus.

Diário de uma turma nota 10

alunosescritores

alunosescritores Carolina compara a favela a um quartinho de coisas desnecessárias, o quarto de despejo. A obra no leva a reflexões, pois a denúncia social, desigualdades e angústias sofridas são imagens constantes na escrita do livro.

12 sem

escritasdjaci

12 sem 2 curtidas Responder

jacnaila

12 sem 2 curtidas Responder

1 curtido por escritasdjaci e outras 53 pessoas

15 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

"TENHO A IMPRESSÃO QUE SOU UM OBJETO FORA DE USO, Digno de estar num quarto de despejo."

CAROLINA MARIA DE JESUS

DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10 @Hector R. Moraes

alunosescritores

alunosescritores Em alguns momentos pensamos que os desafios da vida são maiores, mas na verdade somos capazes de superar.
#Carolinamariadejesus
#literatura
#livros

2 sem

mariana_lima437

2 sem 1 curtida Responder

Curtido por escritasdjaci e outras 35 pessoas

05 DE AGOSTO

Adicione um comentário... Publicar

"Aqueles paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas."

Carolina Maria de Jesus

DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10 madu_alves440

alunosescritores
Sinop, Brazil

alunosescritores Carolina Maria de Jesus sem dúvida foi uma escritora de incrível capacidade e perspectiva. Ela retrata que os visitantes veem a parte "rica" de São Paulo, mas a parte precária não.
#literatura
#livros
#Carolinamariadejesus

2 sem

escritasdjaci

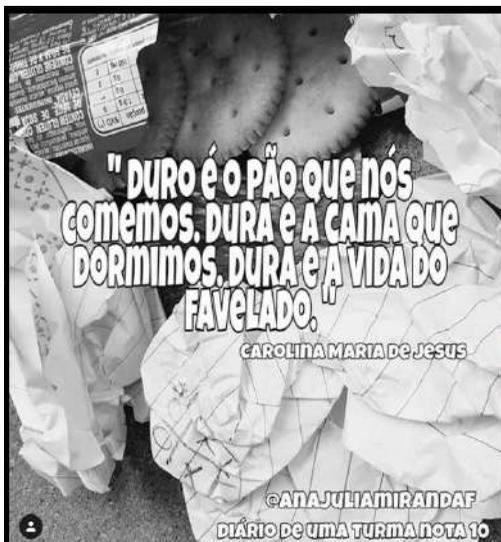
2 sem 2 curtidas Responder

mariana_lima437

Curtido por escritasdjaci e outras 26 pessoas

05 DE AGOSTO

Adicione um comentário... Publicar



Diário de uma turma nota 10 (@mariana_lima437)



“...Comecei queixar para a Dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos. Eles não tem roupas nem o que calçar.”

Carolina Maria de Jesus

alunosescritores Sinop, Brazil

alunosescritores Carolina passava por vários problemas por causa da pobreza. Como por exemplo, às vezes que ela ficava doente por conta da fome ou quando pensava em dar uma vida melhor para os filhos, mas lembrava que não tinha condições. No entanto ela sempre lutou para ter uma vida melhor, e conseguiu.

#carolinamariadejesus
#literatura
#livros
#alunosescritoresdiariodeumaturmano ta10

1 sem

mariana_lima437

Curtido por escritasdajaci e outras 45 pessoas

Adicione um comentário... Publicar

Diário de uma turma nota 10



“Abri a janela e vi as mulheres que passam rapidas com seus agasalhos descartados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes pailol que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituidos por outros.”

Carolina Maria de Jesus

@madu_alves440

alunosescritores

alunosescritores Eles não tinham condições de comprar roupas, as que tinham foram doadas. Eram os politicos que sempre davam a eles, e Carolina se incluía porque estava no "quarto de despejo".
#quartodedespejo
#carolinamariadejesus

3 d

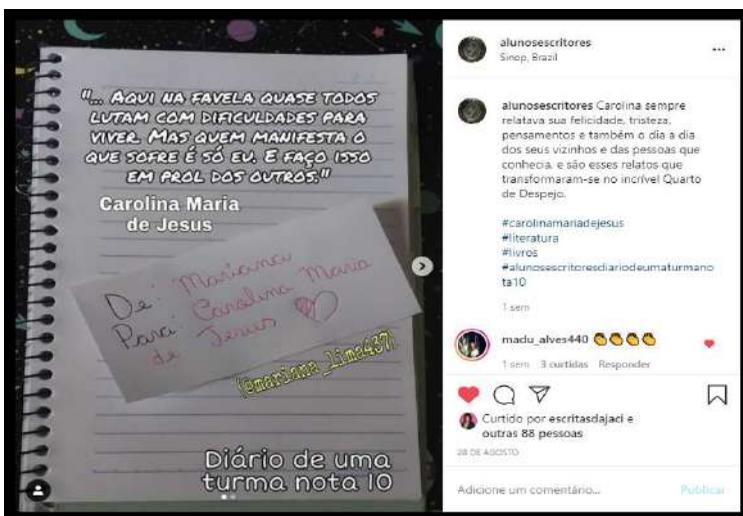
mariana_lima437 Lindo 🥰👍❤️

1 d | Curtido | Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 26 pessoas

Há 3 dias

Adicione um comentário... Publicar



Diário de uma turma nota 10 (@mariana_lima437)



alunosescritores
Sinop, Brazil

alunosescritores Carolina sempre descrevia a situação dela e das outras pessoas na favela, e ainda existem pessoas que passam por essas dificuldades e muito mais. Porém algumas pessoas nem ligam para esse problema que acontece não só no Brasil, mas no mundo.

#carolinamariadejesus
#literatura
#livros

1 sem

mariana_lima437  

1 sem 1 curtida Responder

 Curtido por escritasdjaci e outras 54 pessoas

20 DE AGOSTO

Adicione um comentário...

Publicar

RELIGIOSIDADE

Carolina demonstra sua fé, em muitos momentos de sua escrita evoca Deus e acredita na realização dos seus sonhos. Ela vê Deus no sol, na água, na fome, na pobreza, na miséria, no olhar de seus filhos e demonstra ter a grandeza do mundo bem ali, no seu interior que transforma o que é pequeno na grandiosidade de seus sentimentos. É evidente a religiosidade de Carolina. A este respeito, Jesus (2014, p. 12) reforça que,

Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado”. “...Eu dormi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que eu era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas côr de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso.

Carolina nunca perde a fé, a esperança e o amor. São atitudes que a impulsionam à luta e a fortalecem em cada momento de dor, acima de tudo ela tem sonhos e busca realizá-los, mesmo tudo parecendo estar contra e ensina uma lição grandiosa, não existe vitória sem perseverança. O diálogo com a natureza, a luz que emana do universo para ela, as cores e acima de tudo a vontade de viver e superar. Apresentamos aqui a observação atenta sob o olhar desse grupo de alunos que veem em Carolina um exemplo a ser seguido.



"ESTOU RESIDINDO
NA FAVELA. MAS SE
DEUS ME AJUDAR
HEI DE MUDAR
DAQUI."
CAROLINA MARIA DE
JESUS

Diário de uma
turma nota 10

@madu_alves440

alunosescritores

alunosescritores Carolina Maria de Jesus tinha fé e esperança de sair da favela e mudar de vida.

Tema: Religiosidade

5 seg

mariana_lima437 ❤️👍👍👍❤️

5 seg 1 curtida Responder

3 DE AGOSTO

Curtido por simoni_cf e outras 23 pessoas

Adicione um comentário... Publicar

AS CORES E A NATUREZA

Quarto de despejo é colorido, tem a cor da alegria, da fome, da angústia de viver... ela é a “Cinderela negra” já citada e conhecida por muitos pesquisadores, que assim como esse grupo passeiam pelos tons pretos de uma pele que urge por clemência, hidratação, bons tratos.

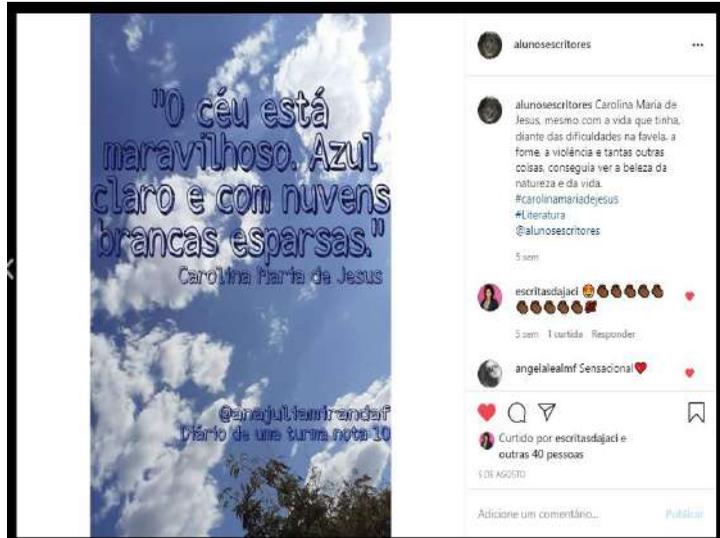
Carolina colore tudo a sua volta, inclusive, a fome que é amarela, mas logo após saciada, volta a colorir tudo ao seu redor. Sem cor não seria possível imaginar, sem as nuances do sofrimento, da dor e da esperança nunca adentraríamos ao quarto de despejo e teríamos a honra de conhecer, não uma favelada,

mas uma rainha, uma mulher forte, guerreira, determinada.

Conhecerão aqui alunos de todas as cores, que veem por meio do olhar de Carolina, um mundo colorido que chama sua atenção, pare e venha apreciar esse trabalho, colorido e repleto de muita dedicação, logo abaixo você será capaz de observar um arco-íris composto por jovens esperançosos.







"Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar fui buscar água".
(Carolina Maria de Jesus).

Diário de uma turma nota 10
@whay_medeiros2

alunosescritores

alunosescritores Carolina sempre contemplou a natureza, talvez seja por isso que ela nos traz paz e dá forças para continuar travando nossas batalhas de cada dia.

11 sem

escritasdajaci 🥰🥰🥰🥰🥰🥰❤️

11 sem 2 curtidas Responder

Ver respostas (1)

jacinaila Parabéns @alunosescritores ❤️

11 sem 2 curtidas Responder

20 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

"O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes".
(Carolina Maria de Jesus)

Diário de uma turma nota 10
[@simoni_Carvalho]

alunosescritores

alunosescritores Mesmo com todas as dificuldades do cotidiano de Carolina, ela ficava feliz ao ver como o céu estava bonito, as paisagens que as nuvens formavam. Ela adorava contemplar a Natureza. 🌿🌿🌿

11 sem

mariana_lima437 🥰🥰❤️

11 sem 1 curtida Responder

madu_alves440 🥰🥰🥰❤️

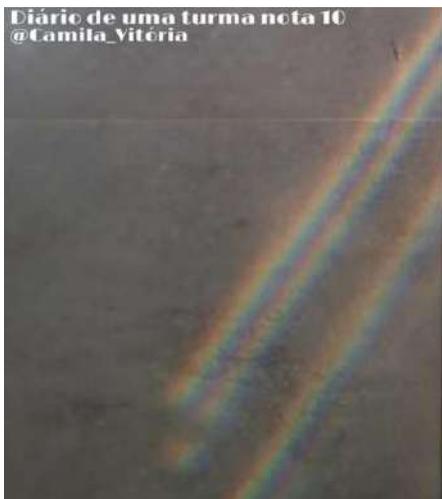
11 sem 1 curtida Responder

escritasdajaci Temática: Natureza. ❤️

20 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar





alunoscritores

alunoscritores "Quando o arco-íris surgiu eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre se distanciando" (Carolina Maria de Jesus). Carolina desde criança era uma pessoa animada, que corria atrás do que queria, seja como Carolina e um dia você chegará no arco-íris.

17 h

mariana_lima437

9 h Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 23 pessoas

HÁ 17 HORAS

Adicione um comentário...

Publicar

"Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvens. O sol está tepido".

(Carolina Maria De Jesus)

@Emily_Versori
Diário de uma turma nota 10

alunoscritores

alunoscritores Mesmo diante de situações difíceis, Carolina Maria de Jesus, nunca deixou de apreciar o que era bom e buscar forças na natureza! #carolinamariadejesus @alunoscritores

6 sem

mariana_lima437

6 sem 1 curtida Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 37 pessoas

22 DE JULHO

Adicione um comentário...

Publicar

"Deixei o leito as 4 horas, liguei o rádio e fui carregar água. Que suplicio entrar na água de manhã"
 Carolina Maria de Jesus

Diário de uma turma nota 10

Ketellyn

alunosescritores

alunosescritores Carolina nunca desistiu, mesmo com as dificuldades e problemas ela nunca desistiu. Ela era uma mulher incrível!

3 d

mariana_lima437

3 d 1 curtida Responder

Curtido por escritasdjaci e outras 22 pessoas

HÁ 3 DIAS

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Diário de uma turma nota 10
 @Camila Vitória

alunosescritores
 Sinop/MT "A Capital do Noroeste"

alunosescritores "Deixei o leito, fui buscar água. As mulheres já estavam na torneira. As latas em fila." Carolina Maria de Jesus. Carolina era uma pessoa culta, cuidava de si e não se importava com fofocas, ela é um verdadeiro exemplo de pessoa.
 #alunosescritoresolarioiodeumaturmano1a10
 #carolinamariadejesus
 #literaturanegra

4 sem

mariana_lima437

4 sem Responder

Curtido por escritasdjaci e outras 24 pessoas

11 DE SETEMBRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Levantei cinco horas para ir buscar água. Hoje é domingo, as favelas recolhem água mais tarde, mas, eu já me abituei-me a levantar cedo.

Diário de uma turma nota 10
Carolina Maria de Jesus

alunosescritores Sinop, Brazil

alunosescritores Carolina Maria de Jesus se levantava cedo todos os dias para buscar água, pois a água é como ler essa obra que transborda vida e sacia a sede.
#carolinamariadejesus
#quartodedespejo
#alunosescritoresdiariodeumaturmantota10
#literatura

4 sem

escritasdajaci Parabéns! 🍌🍌🍌🍌🍌🍌
4 sem Responder

lacinaia Fyrelentel 🍌🍌🍌🍌🍌🍌

Curtido por escritasdajaci e outras 40 pessoas

15 DE SETEMBRO

Adicione um comentário... Publicar

Diário de uma turma nota 10

"... Eu ando tão preocupada que ainda não contemplei os jardins da cidade. É época das flores brancas, a cor que predomina."

Carolina Maria de Jesus

alunosescritores Sinop, Brazil

alunosescritores Sempre que tiver algo que te deixe nervoso (a) ou estressado (a), faça como a Carolina, admire o lugar ou a paisagem ao seu redor, pois talvez assim você ficará muito melhor.

#carolinamariadejesus
#literatura
#livros
#alunosescritoresdiariodeumaturmantota10

4 d

mariana_lima437 🍌🍌🍌🍌🍌🍌❤️

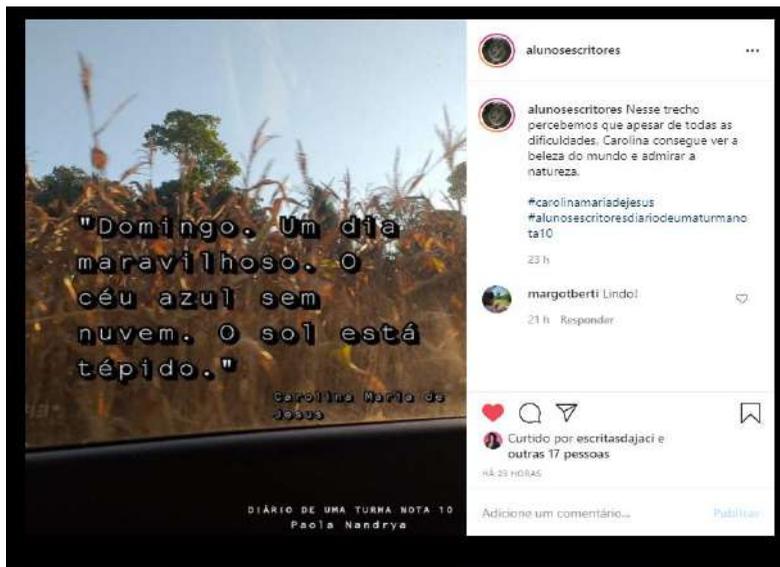
4 d 1 curtida Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 26 pessoas

11.4 DEUS

Adicione um comentário... Publicar

@mariana_lima437



SONHOS/SENTIMENTOS

Em meio às angústias de viver em um quarto de despejo, Carolina nos convida a sonhar! Transparece nas linhas do diário, seus sentimentos, tristezas, alegrias, superação.

É essa forma de sentir o mundo e tudo que está ao seu redor, que permite a autora prosseguir, pois sabe que pode estar no âmago dos seus propósitos e viver um dia a emoção dos sentimentos e sonhos enfim realizados na concretude da esperança e, claro, da luta incansável.

Apresentamos aqui parte que impulsiona essa obra e a torna única, os ideais de vida de uma autora que vive na atemporalidade, que nos mostra no quarto

de despejo onde mora uma joia rara, Carolina Maria de Jesus.

Alunos escritores, eu vos saúdo em pé, aplaudo e afirmo, esse sonho deve continuar. Os ideais de vida e transformações contidos nos escritos dessa escritora devem permanecer e ter continuidade nas ações de jovens sedentos por mudança.

Diário de uma turma nota 10 @madu_alves440

"...Quando Eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da patria."

Carolina Maria de Jesus

alunosescritores

alunosescritores Neste trecho, Carolina mostra a falta de inclusão das mulheres no meio político. #carolinamariadejesus

1 d

mariana_lima437 🇧🇷 🇧🇷

1 d 1 curtida Responder

pauillynort 🇧🇷 🇧🇷

1 d 1 curtida Responder

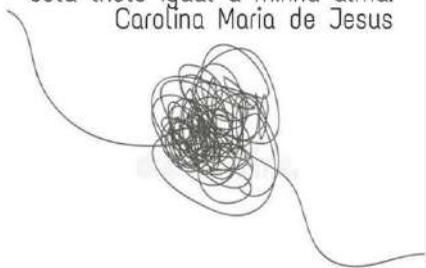
Curtido por escritasadjaci e outras 31 pessoas

há 1 dia

Adicione um comentário... Publicar

"Estou sem ação com a vida. Começo a achar a minha vida insipida e longa demais. O dia esta triste igual a minha alma."

Carolina Maria de Jesus



Diário de uma * 1 10
 @anajul.tamirandaf

alunosescritores Sinop, Brazil

alunosescritores Carolina também tinha dias ruins, dias que pareciam estar tudo em preto e branco, mas ela foi guerreira, não desistiu da vida, ela conseguiu achar motivos pra viver mesmo quando tudo parecia perdido, seja como Carolina, ou pelo menos tente, não desista, sua vida importa. #carolinamariadejesus #alunosescritoresdiarioideumaturmano ta10 #literatura #quartodedespejo #livros

4 sem

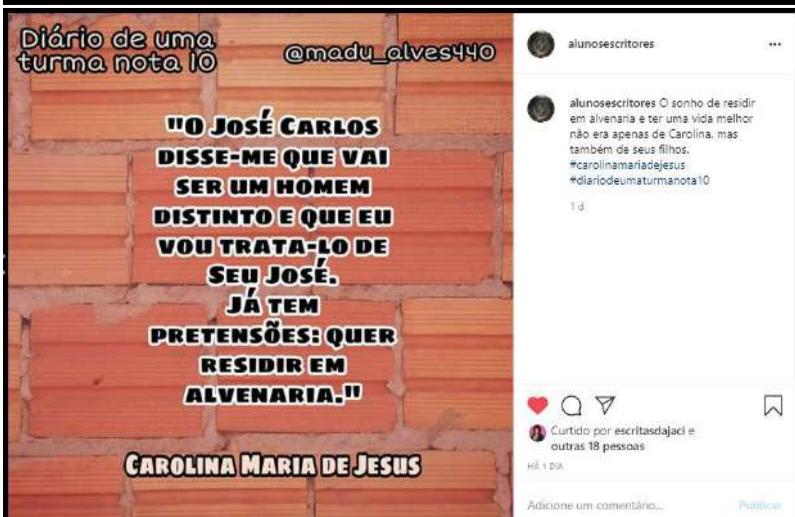
mariana_lima437 🇧🇷 🇧🇷

Curtido por escritasadjaci e outras 38 pessoas

13 DE SETEMBRO

Adicione um comentário... Publicar





**"EU CATO PAPEL,
MAS NÃO GOSTO.
ENTÃO EU PENSO:
FAZ DE CONTA QUE
EU ESTO SONHANDO."
CAROLINA MARIA DE JESUS**

Heytor R. Moraes
DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10

alunoscritores
Sinop, Brazil

alunoscritores Em nossa caminhada encontraremos situações e decisões que não gostaríamos, porém para conquistarmos os nossos sonhos, teremos que passar por elas.
#alunoscritoresdiariodeumaturmano10
#carolinamariadejesus
#literatura
#livros

1 sem

mariana_lima437 🍌🍌
1 sem 1 curtida Responder
Ver respostas (1)

Curtido por escritasdajaci e outras 54 pessoas

31 DE AGOSTO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

**"QUANDO EU CRESCER
EU COMPRO UMA CASA
DE TIJOLOS PARA A
SENHORA."
(Carolina Maria de Jesus)**

Diário de uma Turma nota 10
@Canil_Vitoria

alunoscritores

alunoscritores Para ter o amor de seus filhos, não é preciso ser o mais rico ou ter o melhor emprego, só é preciso amá-los do fundo do coração.

11 sem

Curtido por escritasdajaci e outras 50 pessoas

18 DE JUNHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Diário de uma turma nota 10 @madu_alves440

*"Com as agruras da vida
somos uns infelizes
perambulando aqui neste
mundo. Sentindo frio interior e
exterior".*

Carolina Maria de Jesus

alunosescritores

alunosescritores As dificuldades da vida são muitas. Elas nos deixam tristes, ansiosos, confusos, pensativos e principalmente cansados. Mas de qualquer forma, devemos "levantar a cabeça" e seguir em frente. #diariodeumaturmanota10

1 d

mariana_lima437 🍷❤️

1 d 2 curtidas Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 21 pessoas

HÁ 1 DIA

Adicione um comentário... Publicar

"Quando percebi que eu sou poetisa fiquei triste porque o excesso de imaginação era demasiado."

(Carolina Maria de Jesus)

Diário de uma turma nota 10
@nikoli_werlangx

alunosescritores

alunosescritores Pessoas talentosas, escondidas pela desigualdade social, perdem grandes chances na vida, pois nunca tiveram as mesmas oportunidades.

7 sem

mariana_lima437 🍷🍷🍷🍷🍷❤️

7 sem 1 curtida Responder

portalcriativopravc 🍷

7 sem 1 curtida Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 35 pessoas

16 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

Diário de uma turma nota 10

"Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre."

Carolina Maria de Jesus

@madu_alves410

alunosescritores

alunosescritores Carolina Maria de Jesus não era apenas uma grande escritora, mas também uma cantora. Ao amanhecer, geralmente ela ficava muito alegre e feliz, demonstrando seu sentimento através do canto.

3 d

mariana_lima437 🍌❤️

3 d · 2 curtidas · Responder

👍🗨️🔍🔖

👤 Curtido por escritasdajaci e outras 26 pessoas

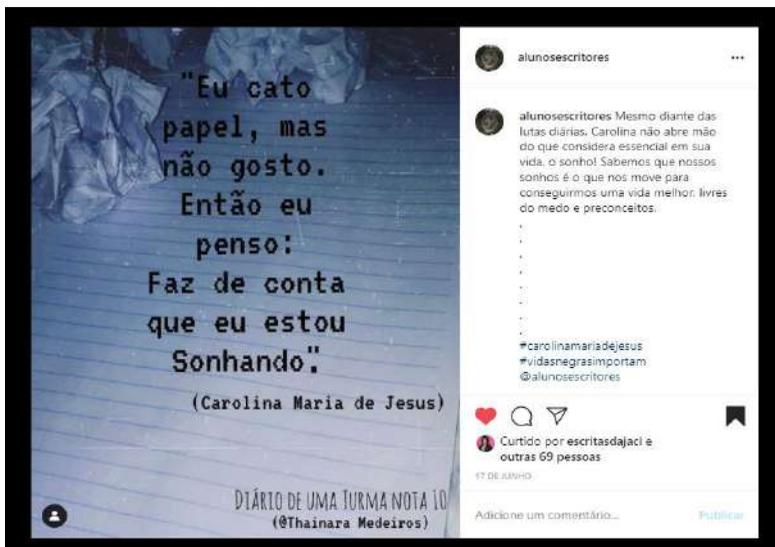
HÁ 3 DIAS

Adicione um comentário... [Publicar](#)

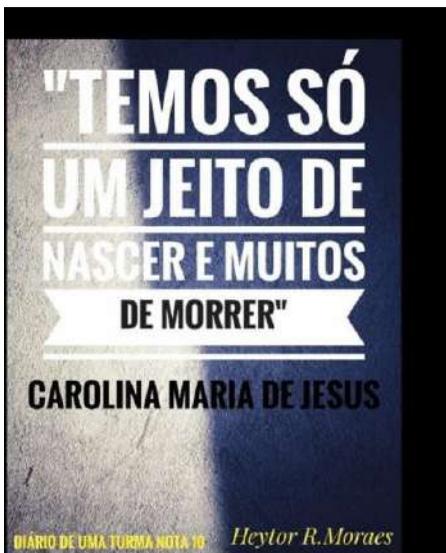


2

² Foto disponível em: <https://www.jornalspnorte.com.br/flinksampa-carolina-de-jesus/>. Acesso em: 15/07/2020.







♡♡♡
 "MAS EU SOU FORTE!
 Não deixo nada
 IMPRESSIONAR-ME
 profundamente. Não me abato."
CAROLINA MARIA DE JESUS
Heytor R. Moraes
 DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10

alunoscritores
 Sinop, Brazil

alunoscritores Devemos ser fortes em todas áreas de nossa vida. Ter um espírito de guerreiro, para conquistarmos nossos sonhos.
 #carolinamariadejesus
 #literatura
 #livros
 #alunoscritoresdiariodeumaturmanota10

1 sem

madu_alves440 🍌🍌🍌🍌🍌

1 sem 2 curtidas Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 32 pessoas

31 DE AGOSTO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

" Hoje estou cantando. Estou alegre e já pedi aos vizinhos para não me aborrecer. Todos nós temos o nosso dia de alegria. Hoje é o meu ! "

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma turma nota 10 (@mariana_lima437)

alunoscritores
 Sinop, Brazil

alunoscritores Carolina tinha vizinhos que sempre implicavam com ela e os filhos, mesmo quando eles não faziam nada. Mas Carolina não se abalava e tinha pessoas que auxiliava e ajudava ela e os seus três filhos.

#carolinamariadejesus
 #literatura
 #livros
 #alunoscritoresdiariodeumaturmanota10

1 sem

mariana_lima437 🍌🍌🍌🍌🍌

1 sem 2 curtidas Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 52 pessoas

27 DE AGOSTO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

"Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as
agras da vida somos uns infelizes
perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio
interior e exterior."

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma
turma nota 10

(@mariana_lima437)



♡♡♡
"QUANDO PERCEBI QUE
sou poetisa fiquei
TRISTE PORQUE O
excesso de imaginação era
demasiado."

CAROLINA MARIA DE JESUS

@Heitor R. Moraes



"Amanheci contente. Estou cantando. As únicas horas que tenho socego aqui na favela é de manhã."

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma turma nota 10 (@mariano_lima437)

alunoscritores
Sinop, Brazil

alunoscritores Mesmo quando os vizinhos a incomodavam, Carolina cantava e batallhava, pois ela não se deixava entristecer com a vida.
#carolinamariadejesus
#literatura
@alunoscritores
#alunoscritoresdiariodeumaturmanota10

9 DE AGOSTO

Curtido por escritasdajaci e outras 28 pessoas

Adicione um comentário... **Publicar**

"Eu estou tão alegre! Parece que a minha vida estava suja e agora estão lavando."

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma turma nota 10
Paola Nandrya

alunoscritores

alunoscritores Esse era o sentimento de Carolina, quando seu diário foi publicado no jornal "O Cruzeiro", era a realização de um sonho e ela mostrou muita satisfação após o acontecimento.
#carolinamariadejesus
#alunoscritoresdiariodeumaturmanota10

MÁ 22 HORAS

Curtido por escritasdajaci e outras 11 pessoas

Adicione um comentário... **Publicar**

CUSTO DE VIDA

Esta é uma temática ainda muito presente na atualidade, visto que, diante do que se ganha, grande parte da população não consegue adquirir bens básicos para viver dignamente devido aos preços que incessantemente crescem.

Carolina de Jesus mostra de forma clara em seu diário, as dificuldades enfrentadas para prover o sustento da família. A autora é crítica com relação aos preços, pois mesmo trabalhando muito enfrenta muitas dificuldades.

O custo de vida é retratado por meio de citações e fotografias dos alunos escritores, estão aqui como uma forma de mostrar, demonstrar a dificuldade, bem

como a diferença entre o valor do que se produz e o preço dos itens básicos para sobrevivência.

Pensar o custo de vida na obra *Quarto de despejo*, é lembrar que ele reflete também as injustiças de viver sem ter o direito de viver livremente, principalmente, não ter condições básicas de vida, é um diálogo que mostra a falta do olhar do e para o outro.

"Somos escravos do custo de vida."

Carolina Maria de Jesus



Diário de uma turma nota 10
@Camila_Vitória

alunosescritores

alunosescritores Mesmo trabalhando dia e noite, Carolina ainda sofria dificuldades financeiras e passava fome. a escravidão pode ter acabado, mas a nova escravidão é o custo de vida.
#carolinamariadejesus
#alunosescritoresdiariodeumaturmantato10
#livros
#literatura
#literaturafrobrasileira

1 sem

mariana_lima437 🍌🍌🍌🍌❤️

1 sem 1 curtida Responder

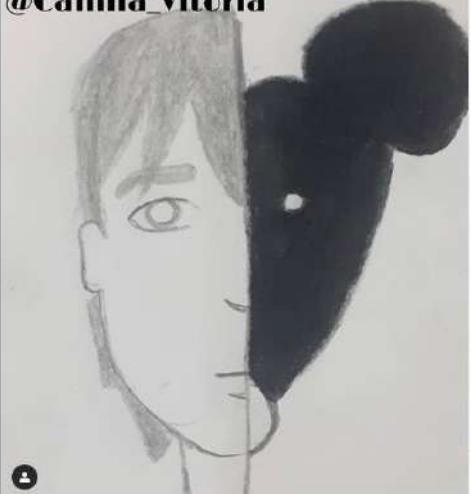
👍🗨️🚩

👤 Curtido por escritasdajaci e outras 53 pessoas

HÁ 7 DIAS

Adicione um comentário... Publicar

Diário de uma turma nota 10
@Camila_Vitória



alunosescritores Sinop/MT "A Capital do Norte"

alunosescritores "O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animais". Carolina Maria de Jesus.
As condições dos favelados eram desumanas, chegou ao ponto de terem que comer lixo, e ninguém tinha piedade, os tratavam como lixo, é decepcionante ver a falta de solidariedade da humanidade.
#carolinamariadejesus
#alunosescritoresdiariodeumaturmantato10
#literaturabrasileira
#livros

4 sem

arillaevannaliete 🍌🍌🍌

👍🗨️🚩

👤 Curtido por escritasdajaci e outras 32 pessoas

12 DE SETEMBRO

Adicione um comentário... Publicar

Diário de uma turma nota 10 @madu_alves440

"Antigamente era os operários que queria o comunismo. Agora, são os patrões. O custo de vida faz o operário perder a simpatia pela democracia."

Carolina Maria de Jesus

alunosescritores

alunosescritores Nesta imagem, as formigas representam os operários e a flor a simpatia. Carolina mostra através dessa frase que o custo de vida era muito e como os políticos não olhavam para o povo, eles começaram a perder o gesto pelo voto, pela democracia.

1 d

silvana.dal5 1 d 1 curtida Responder

mariana_lima437 1 d 2 curtidas Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 21 pessoas

Adicione um comentário... Publicar

Diário de uma turma nota 10 @nikoll_werlang

"Antigamente o que oprimia o homem era a palavra calvário; hoje é o salário."

(Carolina Maria de Jesus)

alunosescritores

alunosescritores Um dos maiores problemas de uma pessoa nas condições de Carolina Maria de Jesus, é a falta de dinheiro, pois na sociedade que vivemos somos incapazes de viver despreocupados. Algumas famílias têm muitos filhos, contas, pouco dinheiro e preconceito para todos os lados.

7 sem

mariana_lima437 7 sem 1 curtida Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 41 pessoas

16 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

♡♡♡

"ANTIGAMENTE O QUE
oprímia o homem era
A PALAVRA CALVÁRIO;
Hoje é salário."

CAROLINA MARIA DE JESUS

Heytor R. Moraes
DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10

alunosescritores
Sinop, Brazil

alunosescritores Em algumas situações o salário é uma corrente que nos impede de conquistar o que queremos.
#carolinamariadejesus
#livros
#alunosescritoresdiariodeumaturmanota10
#literatura
#quartodedespejo

1 sem

mariana_lima437
1 sem · 1 curtida · Responder

cantanhedejosy

Curtido por escritasdajaci e outras 35 pessoas

HÁ 7 DIAS

Adicione um comentário... Publicar

"Todos os dias é a mesma luta. Andar igual um judeu errante atrás de dinheiro, e o dinheiro que se ganha não dá pra nada."

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma turma nota 10 (@mariana_lima437)

alunosescritores

alunosescritores 60 anos de Quarto de despejo, viva!!! Carolina trabalhava honestamente, não importava se fazia sol ou chuva, porém o dinheiro que juntava não dava para ela e os filhos, mas ela fez o que podia e se tornou uma autora maravilhosa.

#60anosdequartodedespejo
#carolinamariadejesus
#literatura
#livros
#alunosescritoresdiariodeumaturmanota10

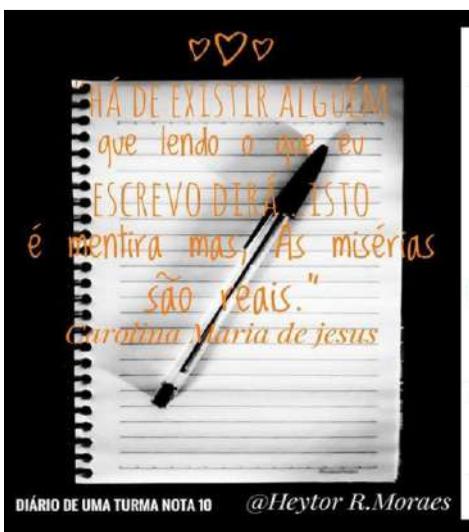
2 sem

madu_alves440

Curtido por escritasdajaci e outras 32 pessoas

20 DE AGOSTO

Adicione um comentário... Publicar



"NÃO NOSSO PAÍS TUDO ESTÁ ENFRAQUECENDO. O DINHEIRO É FRACO. A DEMOCRACIA É FRACA E OS POLÍTICOS FRAGUÍSSIMO. E TUDO QUE ESTÁ FRACO, MORRE UM DIA."
(CAROLINA MARIA DE JESUS)

DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10
@CAMILA VITÓRIA

alunosescritores ...

alunosescritores Carolina entendia de política, sabia que os políticos cobigavam apenas dinheiro e não o país e o povo, países que têm políticos egoístas infelizmente morrem. #carolinamariadejesus

0 sem

mariana_lima437 🍌🍌🍌🍌❤️❤️
6 sem 1 curtida Responder

❤️ 💬 📌

Curtido por escritasdajaci e outras 35 pessoas.

28 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

A FOME

A fome é um retrato constante na obra *Quarto de despejo*, uma realidade triste, que nos move e comove rumo à mudança de comportamento, frente a uma temática infelizmente atemporal. Mesmo lançado em 1960, *Quarto de despejo* trata de realidade presente na atualidade, nas favelas, nos pretos, pobres e esquecidos... A fome

A fome se personifica em revolta, transformação social e desejo de fazer algo para modificar uma sociedade, que observa e calada nada faz para alimentar, prover trabalho, sustento, vida aos semelhantes. Ler Carolina é verbo imperativo, é ordem que urge, ultrapassa décadas, gerações e infelizmente permeia o povo que ainda está em silêncio profundo, uma vez que a tontura da fome os impede de lutar.

Carolina apresenta uma fome que tem cor, a amarela. Explica que só após comer, a normalidade volta aos seus olhos, então volta a enxergar a natureza com cores tão belas como antes. Alunos escritores nos presenteiam com recortes atemporais da escrita de Carolina de Jesus, uma escrita aliada a fotografias, recriações do dia a dia de uma turma, que nos desperta e nos lembra da importância de uma autora que mostra uma linha do tempo dolorosa, urgente, repleta de gente que precisa se alimentar.

O que mais nos chama a atenção é perceber uma escrita que está muito além da fome física, pois mostra uma necessidade de alimentação, de conhecimentos, de amor ao próximo como no incidente em que ela descreve a mulher que a presenteia com um pacote de ratos mortos e também da empresa que esmaga os tomates para ninguém catar para se alimentar. São vários os momentos que

isso acontece, inclusive, relato de pessoas que morrem ao ingerirem alimentos contaminados, uma contaminação que se deve, principalmente, à maldade, ao individualismo, à fome de justiça, amarela, que nos deixa tontos diante do caos.

Fui na feira da rua Carlos de Campos catar qualquer coisa, ganhei bastante verduras, mas fiquei sem afeição porque eu não tenho gordura. Os meninos estão nervosos por não ter o que comer.

Carolina Maria de Jesus

@Eduardo.Baumgratz

Diário de uma

alunoscritores

alunoscritores Carolina Maria de Jesus batalhava todos os dias para conseguir o alimento para sua família.

2 sem

marilana_lima437

2 sem · Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 28 pessoas

30 DE SETEMBRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Diário de uma turma nota 10

@madu_alves440

"(...) Quando passei perto da fábrica vi vários tomates. Ia pegar quando vi o gerente. Não aproximei porque ele não gosta que pegue. Quando descarregam os caminhões os tomates caem no solo e quando os caminhões saem esmaga-os. Mas a humanidade é assim. Prefere vê estragar do que deixar seus semelhantes aproveitar."

Carolina Maria de Jesus

alunoscritores

alunoscritores Infelizmente isso é verdade. Os seres humanos são animais racionais que muitas vezes parecem não ser. Como Carolina disse, preferem ver estragar do que dar, deixar os seus semelhantes fazer proveito.

1 dia

Curtido por escritasdajaci e outras 15 pessoas

HÁ 1 DIA

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Diário de uma turma nota 10

"Eu estava tenta do fome devido ter levantado muito cedo."

Carolina Maria de Jesus

emadu_alves440

alunosescritores

alunosescritores Sim, a fome é um problema!
Carolina Maria de Jesus possuía uma força, um motivo para continuar batalhando: seus filhos. Um exemplo de mulher, que levantava cedo para conseguir alimento para sua família.

#carolinamariadejesus
#alunosescritoresdiariodeumaturma10
#literatura
#livros

2 sem

escritasdjaci

Curtido por escritasdjaci e outras 39 pessoas

25 DE AGOSTO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

"Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou aos meus olhos."

Carolina Maria de Jesus

Ketellyn

Diário de uma turma nota 10

alunosescritores

alunosescritores Quando estava com fome, Carolina viu tudo amarelo. E ela via tudo amarelo com frequência, Carolina mesmo com essas dificuldades nunca desistiu.

3 d

mariana_lima437

3 d 1 curtida Responder

emadu_alves440

3 d 1 curtida Responder

Curtido por escritasdjaci e outras 25 pessoas

HÁ 3 DIAS

Adicione um comentário... [Publicar](#)

"A tortura da fome é pior do que a

DO ÁLCOOL. A TORTURA DO ÁLCOOL NOS IMPELE A cantar. Mas a da fome nos faz tremer.

PERCEBI QUE É HORRÍVEL ter só ar dentro do estômago."

CAROLINA MARIA DE JESUS *Heytor R. Moraes*
DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10

alunosescritores
Sinop, Brazil

alunosescritores A fome é o pior sofrimento que o ser humano pode passar. Porque destrói de dentro para fora.
#carolinamariadejesus
#alunosescritoresdiariodeumaturma nota10
#livros

1 sem

Curtido por escritasdajaci e outras 39 pessoas

31 DE AGOSTO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

alunosescritores

alunosescritores "Os meus filhos não são sustentados com o pão da igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los." Carolina Maria de Jesus.
Mesmo quase desmaiando de fome, todos os dias Carolina se levantava para trabalhar. Carolina dava sua vida pelos seus filhos, seu esforço para dar uma vida feliz para eles é admirável.
#carolinamariadejesus
#alunosescritoresdiariodeumaturma nota10
#literaturaafrobrasileira
#livros

4 sem

mariana lima497 🍀🍀🍀

Curtido por escritasdajaci e outras 30 pessoas

11 DE SETEMBRO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Diário de uma turma nota 10
@Camila Vitória

"Eu que antes de
COMER VIA O
CÉU, AS ÁRVORES,
As aves. Tudo amarelo.
Depois que comi, Tudo
NORMALIZOU-SE AOS
MEUS OLHOS."

CAROLINA MARIA DE JESUS

Heytor R. Moraes
DIÁRIO DE UMA TURMA NOTA 10

alunosescritores
 5 nov, Brazil

alunosescritores Muitas vezes reclamamos de um prato de comida e nos esquecemos que todos os dias, muitas pessoas vêem o mundo... amarelado de fome.
 #carolinamariadejesus
 #literatura
 #livros:
 #alunosescritoresdiariodeumaturmanota10

1 sem

mariana_lima437 🍌🍌🍌🍌❤️

1 sem 2 curtidas Responder

madu_alves440 🍌❤️

Curtido por escritasdjaci e outras 34 pessoas

31 DE AGOSTO

Adicione um comentário... Publicar

"O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou do lixo".

(Carolina Maria de Jesus)

Diário de uma turma nota 10 ketellyn

alunosescritores

alunosescritores várias famílias passam por isso. Um problema atual, mas no país onde é o dinheiro quem manda quem se importa com a fome? Mesmo diante disso Carolina nunca desistiu, continuou firme... Ela era uma mulher incrível!

6 sem

escritasdjaci Uma leitura incrível e atemporal. Parabéns @alunosescritores: 🍌🍌🍌🍌

6 sem 1 curtida Responder

mariana_lima437 🍌🍌🍌🍌❤️

6 sem 1 curtida Responder

Curtido por margotberti e outras 33 pessoas

24 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

"O povo não tolera fome. E preciso conhecer a fome para saber descrevê-la..."
(Carolina Maria de Jesus)

Diário de uma Turma nota 10
@camila.vitoria

alunosescritores

alunosescritores Desde o primeiro dia da vida de um ser humano, obstáculos são inevitáveis. Mas cabe a cada um de nós, torná-los oportunidades para que o brilho chegue a nossa alma.
@alunosescritores
@carolina_maria_de_jesus

12:5em

teacherjuli Que lindo 🥰🥰

12:5em 1 curtida Responder

Ver respostas (1)

escritasdajaci Parabéns! Vocês são maravilhosos! Orgulho de prof! 🥰

Curtido por escritasdajaci e outras 58 pessoas

18 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

Diário de uma turma nota 10 (@mariana.lima437)

CAROLINA MARIA DE JESUS

"Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome."

alunosescritores

alunosescritores Carolina batalhava e fazia de tudo para garantir comida para ela e os filhos. Por meio da força e determinação tornou-se uma grande escritora.

#carolinamariadejesus
#literatura
@alunosescritores

4:5em

teacherjuli Que forte 🥰

4:5em 1 curtida Responder

Jequicy Muito triste.

4:5em 1 curtida Responder

Curtido por escritasdajaci e outras 47 pessoas

6 DE AGOSTO

"Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos."

Carolina Maria de Jesus

Diário de uma turma nota 10
Paola Nandry

alunoscrittores ...

alunoscrittores Esse trecho, mostra como a fome é algo triste e horrível de suportar e com toda a certeza é uma das piores coisas a serem suportadas, por isso Carolina viu a cor amarela da fome.

#alunoscrittoresdiariodeumaturmano ta 10
#carolinamariadejesus

23 h

👍 🗨️ 📌

👤 Curtido por escritasdjaci e outras 14 pessoas

HÁ 25 HORAS

Adicione um comentário... [Publicar](#)

RECRIAÇÃO DA CAPA E CONTRACAPA

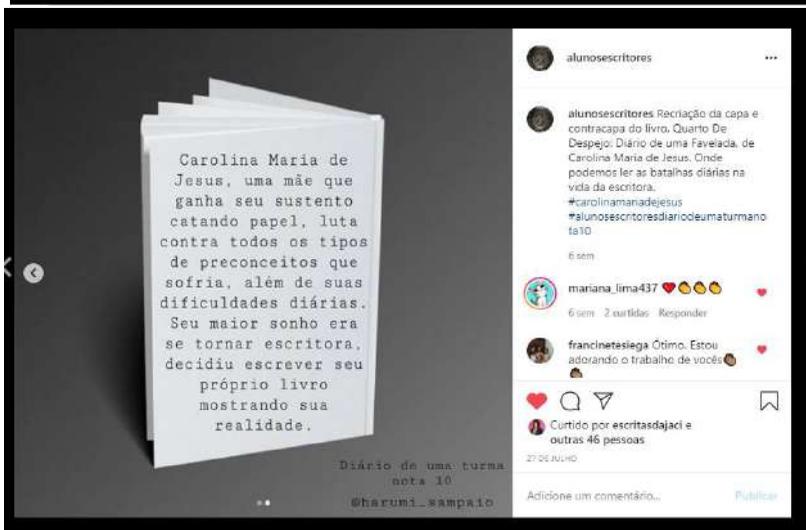


Recriar a capa e contracapa da obra *Quarto de despejo*, surgiu a partir de uma sugestão da pesquisadora de Carolina, Vanessa Poteriko, após participação em uma das videoconferências do

projeto. Os alunos demonstraram insatisfação com a capa, o título da obra, que remete ao diário de uma favelada.

Na missão de recriar sua visão de Carolina, os títulos mudaram, as cores, a escrita do texto, a Carolina feliz, que não se conformava com a condição a ela imposta, que em consequência disso lutou e venceu, uma vitória que após 60 anos do lançamento está aqui em 2020, ansiosos pelos novos manuscritos que em breve serão lançados por uma equipe de garra, entre elas, uma pessoa que contribuiu muito para o desenvolvimento do projeto, ao compartilhar sua experiência como pesquisadora da autora há vinte anos, Profa. Dra. Raffaella Fernandez, uma das organizadoras dos manuscritos inéditos de Carolina. Apresentamos na sequência a parte final deste livro, um recomeço, novos olhares a partir do olhar dessa escritora e seu grandioso legado.





Carolina Maria de Jesus

Quarto de sonhos

Diário de uma guerreira

@anajuliamirandaf
Diário de uma turma nota 10

alunosescritores

alunosescritores Recriação da capa e contracapa do livro, Quarto de despejo: Diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, obra em que a autora retrata sua vida e mostra a guerreira incrível que foi e continua ainda em nossos dias.

5 sem

mariana_lima437

5 sem 3 curtidas Responder

— Ver respostas (1)

uchoa4245 Trabalho magnífico, professor! Continue plantando as sementes, alunas irão

Curtido por escritasdjaci e outras 41 pessoas

27 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

Carolina Maria de Jesus, uma mulher batalhadora que com muito estorço e amor fazia de tudo para criar seus filhos, tinha um paixão por livros e por isso escreveu o seu próprio, onde ela mostra o que guerreira ela é e o quanto amava livros, pois apesar das lutas nunca desistiu.

@anajuliamirandaf
Diário de uma turma nota 10

alunosescritores

alunosescritores Recriação da capa e contracapa do livro, Quarto de despejo: Diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, obra em que a autora retrata sua vida e mostra a guerreira incrível que foi e continua ainda em nossos dias.

5 sem

mariana_lima437

5 sem 3 curtidas Responder

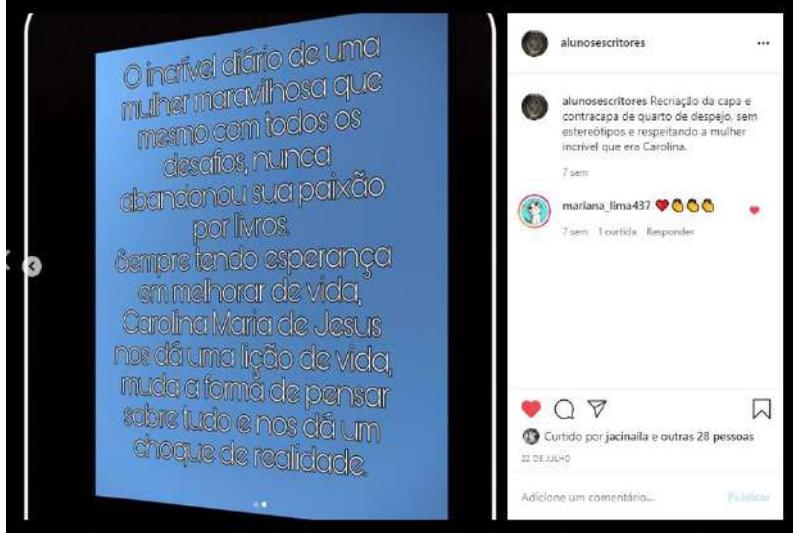
— Ver respostas (1)

uchoa4245 Trabalho magnífico, professor! Continue plantando as sementes, alunas irão

Curtido por escritasdjaci e outras 41 pessoas

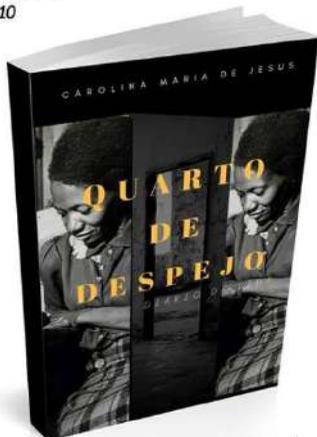
27 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)





Diário de uma turma
nota 10



@madu_alves440

alunosescritores

Recriação da capa do livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada" livre de estereótipos, valorizando o grande potencial da escritora Carolina Maria de Jesus.

#CarolinaMariaDeJesus
#quartodedespejo

7 sem

Muito lindo @madu_alves440 parabéns pelo trabalho 🥰👍

7 sem 3 curtidas Responder

Ver respostas (1)



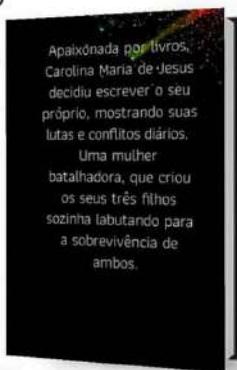
Curtido por escritasdajaci e outras 59 pessoas

19 DE JULHO

Adicione um comentário...

Publicar

Diário de uma turma
nota 10



@madu_alves440

alunosescritores

Recriação da capa do livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada" livre de estereótipos, valorizando o grande potencial da escritora Carolina Maria de Jesus.

#CarolinaMariaDeJesus
#quartodedespejo

7 sem

Muito lindo @madu_alves440 parabéns pelo trabalho 🥰👍

7 sem 3 curtidas Responder

Ver respostas (1)



Curtido por escritasdajaci e outras 59 pessoas

19 DE JULHO

Adicione um comentário...

Publicar

**Quarto de Despejo:
O diário da
esperança**
**Carolina Maria
de Jesus**

**Diário de uma turma
nota 10** .. (@mariana_lima437)

alunosescritores

alunosescritores Recriação da capa e contracapa do livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada" mostrando um pouco da história de Carolina e valorizando-a, sem estereótipos. #carolinamariadejesus

6 sem

patywolfff Adorando ver as recriações ...uma mais linda que a outra 🥰❤️

6 sem · 4 curtidas · Responder

— Ver respostas (1)

mariana_lima437 ❤️👍👎👏❤️

Curtido por margotberti e outras 38 pessoas

24 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

Guerreira e uma escritora inspiradora, Carolina Maria de Jesus lutou contra as dificuldades da vida, junto com os seus três filhos. Admiradora de livros, escreveu este Diário, contando sobre sua rotina fascinante de maneira realista.

**Diário de uma turma
nota 10** .. (@mariana_lima437)

alunosescritores

alunosescritores Recriação da capa e contracapa do livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada" mostrando um pouco da história de Carolina e valorizando-a, sem estereótipos. #carolinamariadejesus

6 sem

patywolfff Adorando ver as recriações ...uma mais linda que a outra 🥰❤️

6 sem · 4 curtidas · Responder

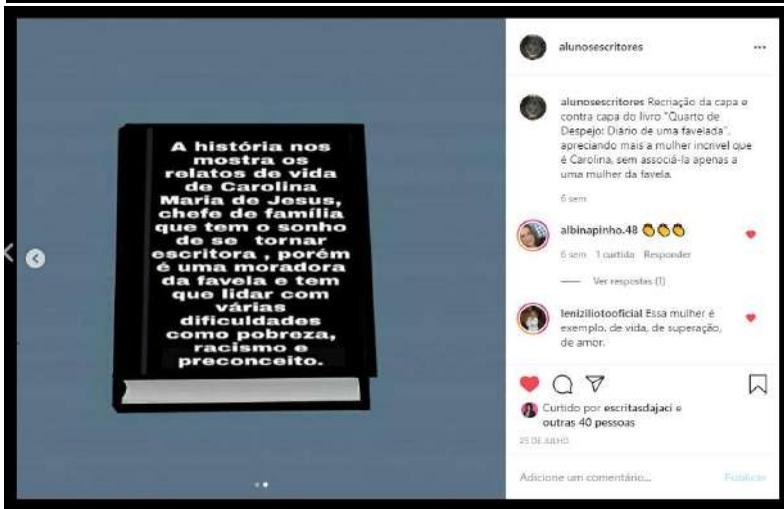
— Ver respostas (1)

mariana_lima437 ❤️👍👎👏❤️

Curtido por margotberti e outras 38 pessoas

24 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar





Ana Júlia Miranda Ferreira

15 anos, estudante, escritora do livro Diário de uma turma nota 10, aluna dedicada.



Camila Vitória
Evangelista do Carmo

15 anos, irmã de duas garotas, natural de Goiânia-GO, porém criada em diferentes regiões do Mato Grosso. Hoje reside em Sinop-MT e faz parte da Escola Estadual Professora Zeni Vieira, uma aluna que tenta na maioria das vezes ser dedicada, ela se interessou pelo projeto graças a uma de suas professoras e assim se tornou uma das participantes do projeto, "alunos escritores" que tem como regente a professora que a fez participar, Jacinaila, a qual foi responsável pela iniciativa do projeto e participação ativa de nós alunos com a escrita e leitura literária do livro de Carolina Maria de Jesus.



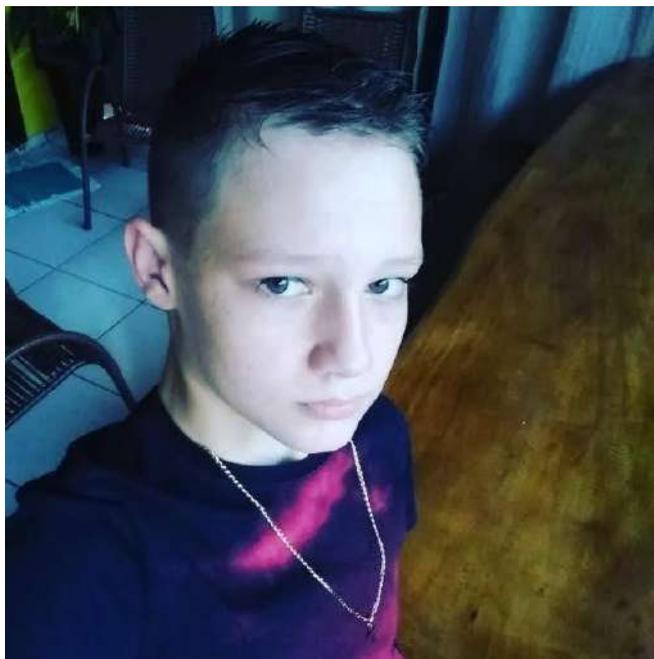
Emily Maiara Versory Guimarães

15 anos, estudante, família de cinco pessoas, escritora de contos e poesias (publicados pela editora Ações Literárias em Antologias de Escritores Contemporâneos (2020)).



Claudia Santos Pahin

Tenho 14 anos, estudante, ajudo meus pais em casa, filha única, gosto muito de ler e sou uma pessoa focada.



Eduardo Baumgratz

Eu sou o Eduardo Baumgratz tenho 15 anos de idade, gosto muito de jogar futebol, sou estudante, e dedico esse livro para minha família.



Guilherme Vinicius Wilke

Eu sou o Guilherme Vinicius Wilke, tenho 15 anos e estudo na escola Zeni Vieira há 3 anos. Tenho uma irmã, e estou participando do projeto do livro dos alunos sobre a Carolina Maria de Jesus e dedico minha participação no livro a minha mãe Zilene da Silva.



Harumi Sampaio Miquita Tojo

15 anos, nascida no Japão, cursando o ensino fundamental, minha cor favorita é verde Tiffany, gosto muito de sair com minhas amigas e dedico essa obra para minha amada mãe Nerielle Sales.



Heytor Rodrigues Moraes

Eu sou Heytor Rodrigues Moraes, tenho 15 anos e estou participando desse projeto onde tentamos resgatar uma história perdida na Literatura Brasileira.



Jhonatan de Oliveira da Silva

15 anos, estudante, gosta de escrever contos, escritor integrante do grupo @alunosescritores, aluno dedicado e esforçado, filho único.



Julia Vitória Rodrigues Strapasson

Sou Julia Vitória Rodrigues Strapasson, estudante, mato-grossense, tenho 15 anos e sou a mais nova de três irmãos. Contribui com uma foto para o livro e dedico a minha família, professora e a todos que gostam e admiram Carolina e toda sua trajetória. Espero que gostem.



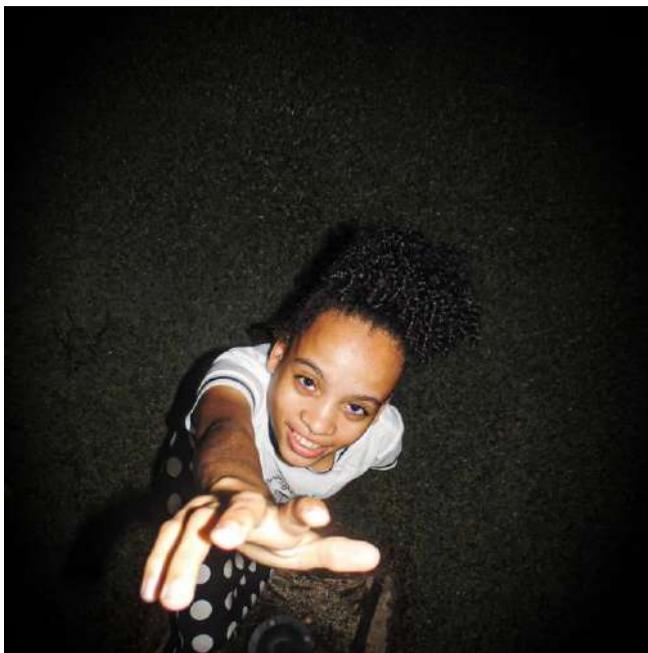
Ketellyn Mundins Antonio

15 anos, estudante, escritora do conto Sophia e sua canção (2020), aluna dedicada, amante de livros, um irmão. Dedico a obra a minha família e, principalmente, a minha madrinha de quem eu herdo a paixão por livros.



Leticia Emanuelli Zelo Eco

14 anos, estudante, primeiro lugar nas Olimpíadas de Matemática UNEMAT, vereadora mirim na cidade de Sinop/MT, escritora integrante do grupo alunos escritores, dedicada aos estudos, aprecia muito a leitura e escrita, dedica essa obra a sua família.



Maria Eduarda Alves de Souza

15 anos, estudante, escritora de poesias e acima de tudo, uma menina de fé e com sede de aprendizado. Dedico este livro aos meus amados pais Eli e Maria, a minhas queridas irmãs Flávia e Daiane e a todos vocês leitores. Abraços.



*Mariana Ferreira
Lima*

15 anos, sou estudante, mato-grossense, tenho pais, um irmão e meus avós. Eu sou uma menina bastante esforçada e que gosta de estudar todas as matérias. Eu contribuí com algumas fotos e legendas para esse livro, dedico essa obra para a minha

família, os que admiram a escritora Carolina Maria de Jesus e a todos vocês leitores. Espero que gostem.



Nikoli Werlang

Meu nome é Nikoli Werlang, tenho 14 anos, admiro muito a leitura e escrita, especialmente a leitura, eu felizmente desenvolvi o hábito da leitura muito cedo e digo com certeza que sem a leitura eu não saberia nada

sobre o mundo e seus aspectos, esse projeto foi um ótimo jeito de me ensinar como funciona as coisas no mundo lá fora, espero que te mostre também.



*Paola Nandrya
de Melo Barbosa*

14 anos,
estudante, o
que eu mais
gosto de fazer
é observar as
estrelas e ficar
com a minha
família, minha
cor preferida é
ciano,
escritora do
diário de

leitura da obra Quarto de Despejo, aluna dedicada, três irmãos. Dedico a obra a minha querida mãe Eva.

*Sandriete de
Vargas Cruz*

Tenho 14 anos,
estudante,
escrevo poesia,
sou escritora
integrante do
grupo alunos
escritores, aluna
extremamente
dedicada, tenho
2 irmãos. Dedico
essa obra a
minha mãe
Caroline Luisa de
Vargas.



*Simoni Carvalho
Forneck*

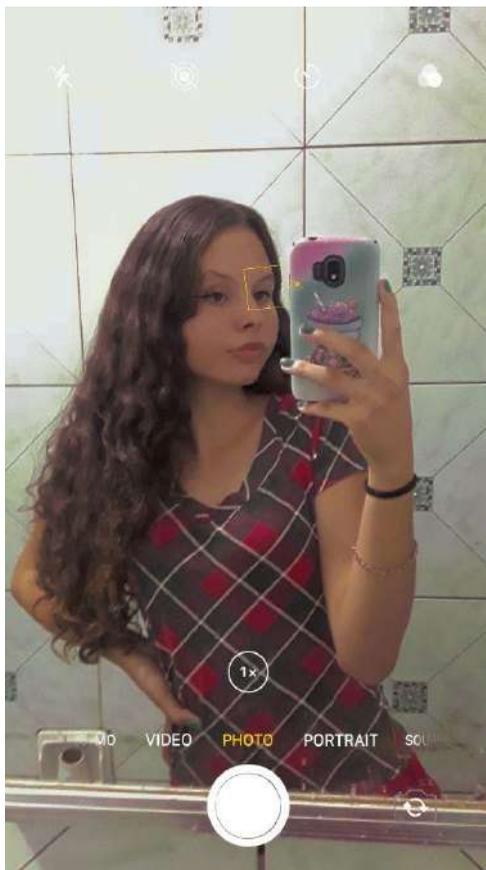
14 anos, estudante e participante desse projeto que me ensinou tanto.

Dedico o nosso livro a todos os amantes de Carolina Maria de Jesus.



Thainara Medeiros Fernandes

Tenho 14 anos moro com meus pais e dois irmãos, gosto de ler e escrever pequenos contos / relatos / poemas sobre meu dia a dia, me considero estudiosa e bem focada no que faço. Gostaria de dedicar a obra à pessoa que mais amo nesse mundo; minha mãe Elisangela Braga.





PROFLETRAS

Monólito